



DALCÍDIO JURANDIR

MARAJO

CEJUP
1992

1

*Na grande boca
do rio das Amazonas
está atravessada uma
ilha de maior
comprimento e
largueza que todo o
reino de Portugal...*

.....
.....

...
*É a ilha toda
composta de um
confuso e intrincado
labirinto de rios e
bosques espessos;
aqueles com infinitas
entradas e saídas,
estes sem entrada nem
saída alguma...*

Padre Antônio
Vieira — “Carta ao
Rei”

À Luciana Vieira

[9] — Missunga, ó Missunga!

Coronel debruçara-se no parapeito. Um sossego no casarão. D. Ermelinda tinha ido ver a doente no Araraiana. Um pica-pau martelava a velha macacaubeira.

Com a cisma de haver tatu perdido ou alguma cotia nas toíças, Missunga entrava no capoeiral vizinho, seguindo o cão. Exibia ao ombro a espingarda e espreitava os esconderijos mais próximos. As tocas desertas, os ocos de pau vazios. Detinha-se, vencido, diante do mato virgem.

— Missunga, ó Missunga!

A terra parecia subir pelos homens, bichos e árvores com o calor.

Solidão.

Famaleal farejava entre as folhas moídas. Missunga voltou.

O casarão do Paricatuba, com o seu escuro telhado entre coqueiros e bacabeiras, lhe dava uma impressão de fadiga e de quase ressentimento.

— Bem que podia comer carne de cotia hoje. Não sei como tirar esta caninga.

Benedito já vinha ao seu encontro e Famaleal caçava borboletas.

Arriou a espingarda na mesa grande, como se também arriasse o azar e o medo do mato, soprou o calorão, estirou-se no banco.

Cruzou as mãos sobre o peito, cerrou os olhos. Fechar os olhos assim era, em alguns dias do seu tempo de menino, sentir [10] as mãos viscosas daquele cego do Arapinã, apalpando-o. O escuro que havia nos olhos do cego avançando sobre ele. O menino sentia ao mesmo tempo como que uma febril necessidade de experimentar a cegueira, certo de que podia, com delícia, abrir os olhos, de repente, afastar as mãos do cego, e ver. As antigas folhinhas que seu pai

deixava marcando um tempo morto nas paredes, entre as aranhas e as osgas tão tranquilas e íntimas, como pessoas da família; ver as mangueiras, como se tivessem amadurecido os frutos subitamente; o cachorro dormindo nos velhos alguidares cheios de raízes e ervas, feito animal fabuloso e os negros braços, ao sol, de Rosália, a cozinheira, partindo lenha com o seu indolente vagar. A claridade era violenta, nela riscava uma asa, plantas e porcos encostados nas tábuas se deixavam dominar por um mágico torpor. Mas nenhuma realidade era mais viva que a do colo de Mariana em seus olhos fechados, o mau menino naquele colo se encolhia e pecava.

Ver sua mãe também, depois de um instante de cegueira. O rosto dela, mais nítido, confessava melhor a amargura e a ruma crescente.

De olhos fechados, muito bom ouvir sá Rosália bater carne cantando, apelar as galinhas, conversar com os carneiros tão sujos, ensinar nome feio ao periquito, ralar, batendo o pé, com o vento que, mexendo nas mangueiras, vinha tirar a roupa das cordas.

Voices isoladas no tempo e no espaço, como aquelas folhinhas, autônomas, se enchendo de uma inexplicável doçura na treva. Missunga, nessa interina cegueira, punha-se a indagar se as aranhas o espiavam ou se podiam desprender as folhinhas ao vento, desfolhar os dias, as semanas, os meses, soltar o tempo, recuperando-lhe a vida sem limite.

Sobre todas as coisas e os seres, sobre aquilo que ele chamava a escuridão da consciência, que se confundiam nessa viva sensação de treva, o cego do Arapinã voltava com as mãos inchadas. E o seu grito, no Paricatuba, quando, ao atravessar o igarapé seco, numa estiva alta, tombou na lama? Seria assim, talvez, a voz dos homens primitivos gritando o seu medo e a sua dor? Esse grito atravessou o mato e caminhou em Missunga, até hoje, [11] subterrâneo, quando os olhos se fecham e quando o receio detém o caçador diante do mato virgem.

Longe, o mesmo pica-pau lavrando a macacaubeira. O escuro

crescendo, crescendo até o limite em que tememos encontrar-nos unicamente conosco. A sombra do sangue dentro do olhar, as imagens do tédio e da infância misturando-se. O desejo de uma inércia em que todos os desalentos se afundassem, todos os vagos ímpetos morressem para sempre. Seria assim, talvez uma verdadeira experiência da morte, um sono no fundo do rio, o retorno àqueles terrores de menino diante do sono que o assaltava na sombra da rede sem embalo, dos sustos que Mariana lhe dava, dos latidos do cão naquela noite chuvosa em que, no barco do pai, subiu o rio morto, passando por um trapiche abandonado onde (por que teria suposto?) devia haver um menino morrendo.

— Missunga, vai na vila pra mim. E o diabo daqueles papéis. Vai que estou me sentindo mofino-mofino. A modo de uma quebreira. E, viste? O Lafaiete que acabe logo aquela escritura.

Abrindo repentinamente os olhos, Missunga soltou sem querer:

— Papai, fal...

Mas se conteve.

— Que você ia dizendo?

— Nada.

A pergunta do pai, num tom indiferente, traía uma hesitante censura, como se houvesse entendido o filho, o que o surpreendia. Para que quer saber? Entende alguma coisa disso? Conhece lá o mundo, o que nos força a lei das circunstâncias? No entanto, jamais podia acreditar que seu filho seria capaz de interpelá-lo. Talvez mesmo nem o filho quisesse dizer o que inexplicavelmente entendeu. Inexplicavelmente? E por que se preocupar com isso, logo com as vagas e supostas interpelações do filho?

Missunga espreguiçou-se no banco. O pai lhe parecia mais volumoso de ventre, o bigode cinza, a pele queimada, o anel que sempre lhe foi uma obsessão na infância. Uma tarde, viu o pai com o dedo sangrando, o anel tornara-se tão vivo, mais rico, mais obsessivo naquele sangue. Como se lembra muito bem. [12] Cer-

lrou novamente os olhos. Seu pai! Com essa exclamação que fez a si mesmo, Missunga invejou-lhe aquela velhice ciosa ainda do seu ardor, quase insinuante e tocada, muitas vezes, daquela patriarcal jovialidade com a qual Coronel Coutinho sabia dominar os sítios e a vila de Ponta de Pedras, os lagos e as fazendas de Cachoeira. Continuou com os olhos cerrados. O pai desapareceu. Como seria a morte ou esta é a consciência mesma? Um par amoroso de osgas caiu da parede. Que pensam as aranhas? E as osgas caíndo no amor? As sensações da morte, de culpa iminente, do amor físico, do medo, da inércia, do estranho desalento e da extrema passividade diante do pai enchiam o escuro e imaginou um sono na beira do mato, à noite, os passos da onça à espreita... Era preciso ir à vila e apressar Lafaiete em mais uma daquelas escrituras que seu pai sabia mandar fazer de maneira tão fácil e habitual.

Não quis ir à vila na Borboleta, a lanchinha-motor. Queria a inércia que o rio parado lhe dava, profundamente, quando viajava em montaria. Mandou Benedito limpar o casco.

— É só limo.

Missunga escorou o remo do lado e o casco deslizou na água retinta. Não deixou que Benedito remasse. Pensou logo num banho, num longo mergulho, o sono dentro do rio. Logo devolveu o remo a Benedito e com a sua pesada lassidão estirou-se ao longo da pequena montaria. Aquele igarapé era escuro, igual poço de cobra grande. Curvavam-se os açazeiros na beirada como para matar a sede ou espiar também o que havia de mistério na maré. Lombos de tabatinga, nas margens, rachavam-se quase soltos. Aquele ingazeiro grande, com as raízes saltando da terra, como chifres de algum monstro enterrado, deixaria ouvir amanhã o barulho do seu tombo.

O sol mordía a água que se arrepiava toda, reverberando. À sombra dos matos, que se espalhava no igarapé, Missunga olhava a mataria grossa de onde saltavam japiins.

O casco deslizava, ganhou o pequeno estirão — Benedito é um

índio no remo — saindo no rio.

O rio parecia crescer, mundiado pelo sol. Missunga [13] pendurava os olhos nos cachos, verdes ainda, de açaí. No leve vento, sob o céu baixo do estirão, os açazeiros bailarinos.

Metia a ponta dos dedos n'água como no seu tempo de menino, quando imaginava bichos do fundo dormindo. O rio ao sol parecia com febre. Pudessem os rios correr para o sol com o sonho dos homens, a força das árvores, o espanto e a curiosidade dos bichos! Ficara estirado nas águas como um peixe-boi envenenado no timbó. Bem podia pensar, dentro de sua inércia, sob o vago rumor daquele remo tão ágil e flexível na água, nalguma namorada de Belém, o rosto subitamente belo de uma desconhecida, a voz de alguma antiga amante, o grito das mulheres do mundo num beco, à noite, entre babados e cães ladrando. A terra lhe transmitia uma espécie de estupidez amorosa e invencível, lama gostosa na alma, o hálito de Alaíde, calor, frutas rachadas no chão.

Por que viera da cidade para aquele torpor? A solidão derramava-se nele como num poço sem fundo. Por que as imagens da infância, do desalento, daquela fartura que seu pai lhe dera, até as imagens da morte? Pensava tirar as visagens confusas, o medo, a quebreira da solidão, ficando horas de molho no igarapé, chupando taperebá, fazendo, de espingarda no ombro, imaginárias caçadas. Ou brincando com Alaíde. E voltava com uma nova pergunta: isto, afinal, não é considerar-se feliz?

D. Ermelinda, no Araraiana, com a doente. Só depois de um silêncio, em que lastimava ter vindo, pôde maquinalmente perguntar:

— E não melhorou?

— Senhora?

— Estou lhe dizendo se melhorou.

A voz de D. Ermelinda era sem curiosidade, quase irritada.

— Mande fazer uma fumentação mas nada. Uma dor que qual! Peguei ela na ajuda que fiz pro Bernardino na tapage. Também

remédio não se acha, pensa? Bernardino, a senhora sabe...

As palavras cansadas da enferma caíam sem eco no silêncio da visitante.

— Foi pro Coronel lá na Fábrica. Então, eu disse; vou ver [14] se minha comadre Isidora tem um remédio. Gito, mêmo com aquela dor danada, no dente, foi lá, coitado. Comadre me mandou um... A mamona.

Ermelinda calada. Comadre me mandou um. A mamona. O cheiro da mamona lhe trouxe o quarto velho, os pesados castiçais no armário cheio de drogas de seu tempo de solteira. Não, não dava para visitar doente. Sobre tudo naquele calor, e doente daquela pobreza, embrulhando aquela rede que era um trapo. Lembrava-se de suas irmãs, amarelas de icterícia, solteironas, e da sua mãe, quando caíam de cama. Quanto aborrecimento, quanta impaciência por estar ali, à cabeceira, e dando um chá e mudando um pano, tolerando gemidos e queixas. A visita a um doente fazia-a reavivar aqueles dias cruéis em que sua mãe adoeceu, depois do que se passou entre as duas, de maneira tão imprevista. Já no fim, os olhos da mãe na agonia fixaram-se na filha numa desesperada acusação. A boca parecia afundar-se, escura e inerte, no esforço vão de exprimir aquele ódio, “aquela maldição, como compreendeu a filha. Fazia recordar sombriamente a noite em que sua mãe a surpreendeu, então recém-casada, nos braços do tio, um oficial da Polícia. Não esquecera aquela súbita expressão de espanto, náusea e rancor e logo sua mãe se volveu tão rapidamente como se fosse apanhada por um redemoinho. Depois foi o silêncio em que permaneceu, tão inexplicável que parecia cumplicidade, uma cumplicidade tão hostil que a humilhava continuamente. Isso as separava cada vez mais. Guardavam entre as duas uma reserva que ninguém compreendia e por isso Ermelinda era ainda mais odiada pelas irmãs. Muitas vezes, em casa de sua família, ao lado do marido, sentia até os ossos o olhar de sua cúmplice, aquela demorada contemplação tão meticulosa e escarninha que não só a despia toda

como a envelhecia e prostituía. Era ódio antigo, pensava Ermelinda — “aquilo” foi, apenas, um pretexto, para a revelação desse ódio. Antes a tivesse espancado, denunciado ao marido. Sua mãe era orgulhosa de um passado de que as próprias filhas não tinham bem noção. O marido, um marinheiro, morrera em viagem. Ermelinda viu-a uma vez queimando papéis no fundo do quintal. As duas filhas [15] doentes mereciam dela mais pena que simpatia. Era pobre com uma paciente e formal dignidade. Ermelinda odiou-a e com esse ódio lançou-se mais uma vez ao oficial de polícia. Sua indiferença pelo marido — aquele Josias que lhe veio de Abaeté contra os seus sonhos de um grande casamento — crescia apesar daquela maldosa compaixão com que a mãe dela o tratava.

Quando a mãe adoeceu sentia-lhe a soturna hostilidade dos agonizantes que não perdoam. Com o medo crescente, teve impulsos de gritar e de a estrangular, ou, com uma sede infinita de piedade e perdão, ajoelhar-se diante daquele embrulho quase frio de carnes e cabelos imóveis, denegrido pela sombra e pelo aniquilamento. Desejos de cair sobre o peito, sobre aquele estertor, aquela voz sem palavras. Os soluços a sufocavam. Pôde afastar-se e procurou a paz que havia lá fora, morna e indiferente. Dominou-se com intenso esforço e voltou porque a agonizante a fascinava. E dura, tensa, assistiu àquela morte, surda ao pranto das irmãs e cega à luz da vela que ardia sobre a face da mãe. Foi talvez o instante mais alto na vida de Ermelinda. Aqueles dias a esvaziaram e a morte de sua mãe a restituía ao marido.

Olhando a comadre, D. Ermelinda quer dar um consolo qualquer, lembrar um remédio, prometer uma rede. Não se lembra, não sabe, aumenta a irritação que lhe dá uma certa agonia, pois necessita varrer a lembrança de sua mãe. Estava agora no mundo para se estirar na rede e ficar se embalando, se embalando — ai que calor! — as carnes soltas no roupão cheiroso, sentindo-se nua contra o mormaço e as más lembranças na varanda do casarão. Sua comadre, entretanto,

lhe merecia alguma estima. Torrava bem o café, passava bem uma roupa, moqueava que era um gosto um peixe e lhe contava histórias do Coronel com as mulheres do sítio que não lhe inspiravam ciúme, mas a faziam conhecer melhor o fazendeiro. Necessitava esquecer tudo aquilo, divertir-se com as caçadas de Missunga.

— Bem, minha comadre... o que precisar...

Anastácio rema e a montaria vem em cima da maré. Sob o toldo de panacaria, arrepende-se D. Ermelinda daquela visita. Ver doentes! Preferia antes preparar um defunto, enfeitar um [16] cai|xão, acender vela nos castiçais, à cabeceira do cadáver, a sensação de extrema impotência que o crucifixo lhe transmitia, o prazer de acompanhar entre amigas e as flores um enterro concorrido. Como se podia viver naquele chiqueiro, naqueles trapos de rede e por que naquele abafado falar em mamona? Quando chegasse ao Paricatuba — rema, Anastácio — tomaria um banho, com sabonete e oriza, a rede a esperava, branca, rendada, macia.

Na rede, esperando-a, Coronel Coutinho assoava-se.

Andava pela casa, mofino, pondo em dia as folhinhas atrasadas, com um desejo de sossego que sempre achou em Piracatuba longe da cidade, da marchanteria, das fazendas de gado e das próprias estações de água que de dois em dois anos ia procurar no sul. Ali seu avô fundara um velho engenho e seu pai reformou a casa grande. Faltava apenas a capela como havia em Itacuã. Os jornais de Belém amontoavam-se embaixo da rede. Um cansaço nas pernas e na vontade. Não sabia porque tão mole, que dia cabuloso aquele! Há uma semana em Paricatuba, o corpo na rede, a cabeça no braço, no colo de Ermelinda, aos embalos, morrinhando e o sossego não vinha. Mandara Missunga à vila para ver em que pé estava a complicação daqueles papéis do primo Guilherme. Desejava não brigar, não ficar mal com seu primo por pedaços de terra. Sim, que o primo era o que se sabia: bastava dizer que depenava a fortuna de um surdo-mudo que vivia em Belém, num velho palacete, rosnando e arrastando os

chinelos. O filho também deveria se ocupar nalguma coisa, sair daquela indolência de Paricatuba. Bem que podia mandá-lo fiscalizar os embarques de gado no Alto Acari, o que seria um desgosto para o seu administrador. Ou mandá-lo para Belém tomar conta da marchanteria, o que daria maior trabalho aos seus empregados. E a tentar fazer perguntas...

Sozinho na varanda, metido na rede e na moleza, Coronel Coutinho com o espanto de saber que D. Ermelinda visitava a sua comadre no Araraiana, Comadre Engrácia! Naquele verão, — quanto tempo já! — Bernardino, o compadre, pelas tapagens, nas coivaras ou enfeixando lenha para o Paricatuba, Coronel mandava riscar o casco no rumo do Araraiana. Finado Estanislau era [17] o seu velho remeiro. Ficava num sovaco do igarapé, o casco amarrado no pau da aninga, esperando o branco que dormia a sesta com comadre Engrácia.

Um galo cantou. Um tiro na mata, longe, afastou a questão com o primo Guilherme. Uma buzina no rio; e a canoa, novos jornais e as passas para Ermelinda que vêm chegando. A rede parou de embalar.

Os olhos do Coronel Coutinho deram com a estampa de N. S. de Nazaré meio descolada da parede. Ouvia-se vagamente um rumor de remos pelo igarapé. A necessidade que teve de mandar prender três homens que pescavam nos seus lagos em Cachoeira. E a pergunta que se tornou tão inesperada e completa no pensamento: falsa, papai?

— A canoa vem chegando com as encomendas, não? Queria que você visse a sua comadre — disse Ermelinda, num tom de lástima, subindo rapidamente para o quarto.

— Como? Por quê? Que é que tem a comadre?

Coronel deteve-se no meio da varanda, coçando os pés nos chinelos. Ouvia-se abrir e fechar a grande mala das roupas de cheiro de Ermelinda. Ela voltou, de roupão, indagando:

— Seu filho tirou o selo da espingarda nova, desta vez? Come-se, enfim, paca no jantar? Venha me ver nadar um pouco, ande.

Desceu atrás dela, via-a soltando os cabelos, caminhar, vagarosamente, entre as bacabeiras, na direção daquele braço escondido do igarapé que a esperava com a maré cheia. Ficou olhando, quase alheio, no mesmo abatimento. Ela foi escorregando no limo da estiva e, de súbito, tombou no primeiro mergulho, como apanhada por um bicho.

2

[18] Releu a carta de Hilda, soprou a saudade num bocejo. Ora, a Hilda. Para caçoar, se lembrou da velha modinha:

*Mataram a pobre da Hilda
Com dezesseis navalhadas...*

e da última festa da Assembléia Paraense, em que dançou com Hilda. Um garçom, ao servir os músicos, caiu botando sangue pela boca, o cadáver retirado pelos fundos do clube e o baile continuou “esplendoroso e seleta”, como disse depois a crônica do Manfredo.

*Hilda, Hilda,
Deixaste tanta saudade*

Já o rio liso o enervava, o estirão da ilha defronte, a mancha de uma barraca noutra margem dentro do açail. Seu pai era o dono daquele rio, daquela terra e daqueles homens calados e sonolentos que, nos toldos das canoas, ou pelas vendas, esperavam a maré para içar as velas ou aguardavam quem lhes pagasse a cachaça. Na cidade, longe da vila, quanta noite de champanhe, espremido do suor e do sangue daqueles caboclos, dos vaqueiros que fediam a couro e a lama ouvindo nos campos os tambores do Espírito Santo.

Invejava em certas horas o que os Salmões faziam na fazenda em Chaves; as brutas farras com caboclas, delegados de polícia, promotores de justiça, tabeliães, tesoureiros municipais e carne de novilha gorda assando na brasa debaixo das árvores. Missunga sentia-se como aquela tarde, oco e morno. A pequena igreja [19] olhando o rio, o coreto, os banquinhos do largo, dois benjamins que Coronel plantara no dia da Pátria e os guris jogando piso. Em Piracatuba o mato dava-lhe um receio sem nome. Naquelas verdes espessuras estava a fatalidade, espiando entre os paus, assobiando com os quinquíós. Missunga apanhara no ar a grande palavra: Fatalidade, para explicar os champanhes, o surdo-mudo que o seu parente Guilherme explorava, a morte do garçom e as crônicas do Manfredo.

Dois guris, que se atracavam por via do pino, o atraíram. Missunga, vivamente, gritou como sempre gritava aos seus cachorros:

— Eta! Isca! Isca! Ei! Isca!

A gurizada fechou o círculo.

— Golpeia, Pedrinho!

Missunga divertia-se. Seus gritos excitavam os guris que rolavam na poeira, sujos e escuros como porcos.

— Pela nuca!

O prazer de vê-los brigando era talvez pelo que deixara de fazer quando menino. A vontade e ao mesmo tempo o temor de lutar corpo a corpo, as lembranças ruins e inconfessáveis, com os moleques do seu tempo, deixavam-no sob a opressão de uma infância mutilada.

Uma velha surgiu e com um cipó avançou sobre os moleques que debandaram como leitões enxotados levantando poeira.

— Seus demônios!

— Ora deixe, nhá Felismina, os meninos se divertirem.

— Foi já isso, então, que aprendeu no colégio?

Fez deslizar a mão na cabeça da velha, rindo. Sua ama de leite! e viu-lhe os pés descalços, rachados. Talvez fosse também uma das vítimas de seu pai. A filha dela, a Orminda, não seria irmã? Sob a

blusa encardida e rota, os velhos peitos e Missunga sentiu um vago remorso, qualquer coisa de alheio em si mesmo, alguma coisa que furtara àquela velha, que a faria feliz, e espedaçara pelo mundo.

A poeira no ar faiscava. Ardiam-lhe os olhos. Como tudo lhe parecia morto naquela vila tão vazia como o seu destino. Sentou-se no banco do largo, desejando, com uma crueldade de [20] criança, ver um curumim daqueles com a cabeça sangrando, a perna partida... E sorriu quando se pôs a rever Lafaiete matando a sua fome na mesa patriarcal da casa grande da vila, exclamando:

— Seu filho, Coronel, vai longe... e com os recursos que tem será uma grande carreira!

Tentando estudar em Belém, tinha pensamentos doces, rever o seu Paricatuba. Como estaria Guíta? As cheirosas goiabas, bichadas, o cacau, onde, nu entre as mulheres, as pernas pra cima, os alaridos, montava nas costas de Mariana. Entre os foliões de S. Sebastião tocava reque-reque e acompanhava a folia. As máquinas a vapor feitas de relógios que Ovídio ensaiava, no banheiro do trapiche da vila, os barquinhos de miriti, o medo dos peixes tralhotos como se fossem os penetrantes candirus. E o grito do preto Janjão, maldosamente, uma tarde na casa grande:

— D. Branca, vá vê o que Missunga tá fazendo com os outros no capinzá!

E o juju n'água, depois os demorados carinhos, tão adormecedores, de Mariana que lhe dizia: Olhe, chave na boca, em? — quando na frente dele brincava com tanta intimidade com os caboclos. Na manhã em que Mariana partiu, Missunga abriu a boca no mundo e esperneava como gato brabo nas mãos de D. Branca. Queria-porque-queria Mariana com ele. Então o pai com a mão no ombro do pequeno:

— Resolvido, Branca. E é ainda este mês. A Mariana que tu queres, seu safado, é o colégio dos padres. E o Carmo!

Logo que pôde se livrar do Carmo onde, entre o castigo do

catecismo, o enjôo das rezas e o desencanto das aulas, chorou a morte de Mariana no Arari, iam as madrugadas deixá-lo exausto e bêbado à porta do palacete, na S. Jerônimo, as mulheres gritando nos carros, o cão dinamarquês ladrando no gradil. E o que não fez por Adelaide, batizada com champanhe, vinda do Baixo Amazonas, linda e arisca como garça emplumando nos lagos do Nhamundá. O banho com ela, ao luar, no Iúna, o reservatório d'água da cidade. O que, por Adelaide, não gastou com o Batista, o marítimo da Guiana, que até cocaína lhe trazia. E quando Adelaide lhe atirou, entre palavrões e gritos, o copo de uísque: tu [21] me deixaste mas tu te arrependes, vais ver quanto valho! — nem podia imaginar que ela, no carnaval, havia de tomar veneno por aquele marinheiro negro.

Foi, enfim, o adeus ao Ginásio e na chuvosa madrugada, cambaleando, pôde ainda atirar na secretária do pai o roto e sujo canudo de preparatórios.

Ao insistir com o pai: — É que, enfim, necessito ver coisas no Rio, Coronel resistia: — Meu filho, eu quero ver você doutor. Saiba o que se passa dentro de mim por sua causa. Já basta o que dizem da nossa família... que é composta de asnos... que até um surdo-mudo faz a fortuna do nosso parente Guilherme.

— Mas, papai, quantos doutores Antônio e Manoéis já há na família? Um cavalo que o senhor mande...

O velho abandonava a cadeira de embalo e remexia nervosamente os papéis da secretária. Seu desejo era ver o diploma e comprar, ter o gosto de comprar o anelão de bacharel. Missunga advogando as suas questões. Ou de beca, no júri, defendendo os réus amigos. Era deputado pelo PRF, o filho não poderia substituí-lo com melhor capacidade? Missunga secretário-geral, deputado federal, líder da câmara... Visse como aquele moço esperto, o Teodoro, subiu. Não se incomodava de gastar mais para isso. Era o filho único. Ao menos no sul aprendesse de perto o que um diploma valia, mesmo na vida de um rapaz que, graças a Deus, tinha ainda onde cair morto.

E como naquela Semana Santa, mandasse pedir, com urgência “para ver mais coisas” outros vinte contos de réis, Coronel estourou, recusando o jantar e até os filhós de jerimum que tanto apetecia;

— Nem mais um tostão! Nem um tostão mais! Faço o peralta voltar imediatamente! — clamava que os “carnavais do peralta” o levavam à falência. Acabaria dando um tiro na cabeça! Com o prato de filhós na mão e os úmidos olhos alarmados, D. Branca advertia-os:

— Também que é isso! Tamanha sexta-feira da Paixão, Manoel!

O domingo da páscoa trouxe a S. Jerônimo um telegrama [22] não assinado por Missunga. Desfigurado, amarrotando o telegrama, Coronel gritou:

— Branca, nosso filho!

Da cadeira de embalo para a rede, a pedir o livro de cheques, Coronel nem sabia como acudir sua mulher com a falta de ar, as criadas com leques abanando. Telefonassem para o Cipriano avisar a bancada no Rio. O melhor hospital. Procurassem a maior sumidade. Se quisesse tratar-se na Suíça, não hesitasse. E em largos passos, gesticulando, telefonava, de vez em quando, ao seu médico.

— Sim. Tem de ficar uns seis meses. Mais, se for necessário. Contanto que venha bom. Sim. Sintomas de congestão cerebral. Sim. Uma congestão cerebral!

Os passarinhos revoavam em torno do coreto. Missunga levantou-se. Seis meses de congestão cerebral! Trouxera atestados médicos ao pai que insistia na pergunta: — E por que não consultou a maior sumidade que houvesse? E à sua mãe que o metera em confissão e lhe dizia: — Pra-o-quê meu filho, você agonia tanto seu pai... — Missunga repetia sorrindo: — E a sífilis paterna, mamãe, a sífilis paterna...

Já na calçada da casa grande da vila, palpando os azulejos da parede, Missunga ia pensando: — E sua mãe? Aquele ar de desgosto que ela tentava esconder. A serenidade na doença. A morte

inesperada.

Os passarinhos saltavam pelo grosso muro da casa de azulejos portugueses, baixa, de muitas janelas, que seu avô mandara construir na praça, os fundos com o trapiche para o rio, a loja ao lado.

Noutro ano, na festa da Conceição...

Missunga olhou a cadeia defronte, junto à Intendência fechada. Nas grades, duas mãos escuras se agitavam. Devia ser um bêbado. Gritou:

— Ei Levindo! Ei! Ó guarda! Soltem esse homem aí! Não é o Ângelo?

Voltou à festa da Conceição, o encontro do pai, de luto ainda, com D. Ermelinda. Ela perdia os olhos no velho, alto, que ao lado do padre, passeava no largo, discutindo vinhos, com o [23] Carvaló e perseguiu-lo para aumentar os lances no leilão. Noites depois, tomando cerveja no Meira, com ela, Coronel:

— Então é casada, não? Seu marido em Abaeté?

— Não, Coronel, foi para o Arari. Deixou-me aqui para passar a festa.

O bumbo da banda chamava os músicos no coretinho. Lafaiete mastigava pastéis e o comentário entre os amigos: — Aquilo para o Coronel é um negócio.

Os olhos do tabelião. Um movimento rápido nas suas mãos vazias. Parou de mastigar. Era o volume de notas que Coronel puxara. D. Ermelinda olhou, pasmada ficou. Viu a mãe, os amarelos castiçais no quarto abafadiço, a sua indiferença pelo casamento, a farda cerzida do oficial de polícia, o azar dos negócios de Josias pelo Arari, com ar pateta, vendendo farinha, mel cachaça a troco de boi velho, capivara, peixe seco e até pluma de garça. Outros abaeteuaras eram benzidos para o negócio, prosperavam.

Ao voltar do Arari — nessa viagem lhe apodreceram umas arrobas de capivara — Josias das Mercês quis, de espingarda e dois tripulantes armados, buscar a esposa no Paricatuba. Ao meio da

viagem o abaeteuara começou a refletir.

— Hum. Sabem duma coisa? Tenho ainda uma velha mãe. Dobrem a canoa, dobrem.

A espingarda escorregou-lhe das mãos. Josias das Mercês chorava. Os japiins vaiavam da beirada.

A essa mesma hora, com o seu ir e vir da varanda para a cozinha ou para o quarto onde, como nos seus instantes mais graves, tentava pentear os raros cabelos grisalhos, Coronel Coutinho pedia café e gritava:

— Ó Benedito, e nem água nesta moringa, rapaz!

Que lhe deu na cabeça para ficar com “ela” no Paricatuba, tirar aquela D. Ermelinda do marido, senhor! O remédio seria dizer-lhe, que já estava farto... (que cheiro a oriza o de Ermelinda, como sabia combinar o impudor de uma amante com o ar sério, tão natural, de uma senhora, como fácil e deliciosamente soube plantar-se em Paricatuba).

[24] — Ermelinda...

Coronel, limpando o suor com a manga do pijama, tentava dizer-lhe que daria vinte contos se fosse embora (vinte? muito. Mas dez). Vinte contos se teimasse. Estava desgovernado, sem a sua gente em Paricatuba. E o filho, que diria, o filho que o viu aos soluços, fazendo cena, sobre o cadáver de D. Branca?

— Ermelinda...

Ela abriu os olhos, em que ia a tranqüila decisão e a contagiosa indolência. Que macia a espreguiçadeira!

— Em? Como você... o senhor, está pálido.

— Quero um lenço e...

D. Ermelinda espreguiçou-se e foi buscar o lenço. Coronel deixava fugir a exclamação: — Como os seus quartos balançam, Deus do céu!

— Tome... Em que está pensando, homem?

— Ermelinda... Antes da nossa amizade, tenho a minha posição

social. É um escândalo. Esse homem... pensei muito. Posso dar-lhe um tiro. (Veio-lhe, então, a cena de há vinte anos no baixo Arari: a caça aos porcos bravios, com Gonçalinho, o tiro no caboclo que sempre lhe recusara devolver uma espingarda velha. A cabocla agarrou-o nas pernas fê-lo descarregar o rifle no chão, caindo também com a coxa baleada. O réu no Júri fora Gonçalinho.)

D. Ermelinda voltou à espreguiçadeira.

— E depois é também a tua honra que está em jogo. A dele...

— E mesmo o senhor que está me dizendo isso, Coronel?

— Mas, Ermelinda, reflete. Reflete pelo amor de Deus.

— Não tem mais amor de Deus, Coronel. E com medo do Josias, santo Deus!

— Medita. Ermelinda... Minhas responsabilidades meu filho... Meu luto...

— Mais vergonhoso não é ter medo do Josias?

Ermelinda fitou-o, com malícia, tão tranqüila e segura, que o desesperou.

— Mas, Ermelinda, não há armas. Meus empregados não estão. Queres?...

[25] — O quê?

Coronel, num desalento, sentiu um súbito pudor de concluir. Ermelinda insistiu com um olhar em que fingia condescendência.

— Queres, então, Ermelinda, que esse covarde me assassine miseravelmente?

D. Ermelinda dobrou a cabeça para trás numa gargalhada. Coronel, vermelho-vermelho, desabou na cadeira de vime. As carnes de D. Ermelinda caíram em cheio na rede de embalo. O vento arrancava as folhinhas, remexia os jornais, soprava para dentro as folhas da mangueira. O relógio parado.

E descanse seu coração que ele não vem. Não sei quem é dos dois que tem mais valentia.

— Ermelinda! Não sabe que já matei um homem, um homem,

que faço e aconteço dentro do que é meu?

O olhar da amante o desorientava. A pergunta que ela fazia a si mesma: matara mesmo ou... — riscava nos seus olhos. Coronel pediu uma grande coragem para enfrentar o rival. Contavam que seu avô matara um homem numa aventura semelhante. Uma grande coragem.

A noite caiu, a solidão que vinha das árvores, do grosso capoeiral, do igarapé enchendo, das aves noturnas, da impressão de castigo a que estava ameaçado e que o relacionava com a morte do caboclo, as surras que dera, lhe trazia também um homem cego e doido. Subiu um grande luar. Uma grande coragem para Coronel Coutinho. A janela do quarto onde Benedito dormia estava aberta. Por que não encarregara o caboclo da defesa, não o mandou buscar reforço... tudo uma confusão, foi, uma confusão. Mesmo Benedito, muito novo ainda que era, sem experiência, e quem sabe se Ermelinda não lhe fez uma cilada para extorquir dinheiro, em cumplicidade com o marido? Coronel parou à porta do quarto, falou baixo:

— Benedito.

A cabeça do caboclo surgiu como suspensa no luar que entrava pela janela. O sono, o espanto, o luar o transformavam em um verdadeiro índio, seminu, o ar à espreita... Coronel recuou. Benedito dominou o luar e se aproximou, humilde e solícito.

[26] — Pega o casco e vai me levar já-já, à Campinina.

Noutro dia, ao anoitecer, Ermelinda examinava, na varanda, umas velhas louças cheias de pó que encontrara numa grande mala quando romperam tiros no igarapé, logo um motor roncou e instantes depois Coronel Coutinho, com um revólver à cinta, as pernas negras, o luto, o chapéu preto, o ar bravio, estacava diante dela. E em seguida lentos, surgiam caboclos armados de espingardas e rifles, espiavam por todos os cantos. Um deles fixava o olhar nas latas de sardinhas do aparador. Houve um silêncio, Coronel fez um sinal, os capangas foram descendo lentamente a escada que dava para as goiabeiras em flor. Caiu extenuadamente na cadeira de vime.

Ermelinda até aí muda, ia perguntar-lhe se queria alguma coisa, água, café, rede; quando se deu a confusão lá fora, rumor de armas, gritos subindo casa adentro, homens correndo entre árvores, um brado rouco: — E de paz! — e uns passos precipitados invadiram a varanda. Com a espingarda no ombro, o punhal no cinto, Capitão Lafaiete assomou e Coronel se pôs num salto como se visse diante de si o inimigo, o marido. Ermelinda acudiu e Coronel sorriu, desapontado e vexado, se abatendo e de novo na cadeira de vime:

— Quero a rede.

— A mágoa Coronel, que eu tive de não vir mais cedo acudi-lo. Mas o senhor, que me permita, deve propor ao governo a demissão do Úrsulo. Aquele tenente nunca foi seu amigo, nunca que foi delegado de polícia neste ou noutro mundo!

Falava ansiadamente, D. Ermelinda contemplou Capitão Lafaiete de alto a baixo. Era seco, a cara engelhada, os cabelos branqueando, os olhos sem cor, as orelhas como que tremiam. Parecia mais vergado com as armas, as mãos mais ossudas. Encostou aliviado a espingarda à parede e depôs o punhal entre as velhas louças na mesa. D. Ermelinda, então, arrastou a cadeira de embalo para ele e como tomada de repentina lembrança dirigiu-se à janela para ver os capangas que conversavam, as armas no chão, sob as goiabeiras em flor:

— Olhem. Só quero que não me apanhem as goiabas verdes!

As recordações de D. Branca ficaram dependuradas naquele [27] povo como contas de rosário. Tardes de domingo, sentada na sua poltrona, no velho alpendre (que D. Ermelinda mandou retirar para ali plantar os seus canteiros de cravos e girassóis), D. Branca recebia as velhas comadres, as afilhadas que sentavam pela escada, nos bancos, nas esteiras, contando casos, lhe pedindo roupa velha, retalhos de seda, sapatos usados, remédios. Algumas traziam almofadas para tecer renda que D. Branca comprava. Ali no alpendre ela combinava com as velhas rezadeiras a ladainha para S. Miguel Arcanjo e as

novenas de Maio. Os curumins lhe traziam ingênuos feixes de miriti com que ela mandava fazer gaiolas, barquinhos, presentes da terra para os amigos em Belém. Traziam frutas silvestres, plantas, um filhote de quati-puru, uma ariranha e pediam em troca latas de biscoitos vazias, caixas vazias de figo, vazios carretéis de linha, os papéis coloridos dos embrulhos de D. Branca que tanto os maravilhavam. D. Branca não escondia o seu ar de senhora de engenho, de protetora, de madrinha do povo.

Coronel Coutinho para fazer o gosto da senhora, nos primeiros anos de casamento, moveu engenho na Campinina que possuía escravos no tempo do pai, Coronel Joaquim Álvares Coutinho. Uma tarde, Coronel deu com o furto de algumas frascas de cachaça:

— Agora, sim, acabei mesmo, Branca, com a tua teimosia deste engenho. Estes caboclos só a muxinga. Meu pai que os conhecia e sabia como os tratava.

Ateou fogo nos canaviais, despediu os moradores, mandou queimar as barracas abandonadas.

Os trabalhadores dobraram a cabeça, ajeitaram os chapéus de carnaúba e foram se despedir de D. Branca que chorava. Veio o cerrado, os morcegos foram morar na casa do engenho. O apito da Campinina nunca mais apitou. No seu alpendre, em Paricatuba, D. Branca suspirava pelo engenho perdido. Quanto gostava de andar entre os canaviais, chupar cana que ela escolhia entre as mais doces, ver os tachos, a garapa espumando, o mel — que prazer mandar potes de mel grosso que seu tio, em Belém, lhe encomendava sempre. O engenho de Itacuã com aquela [28] casa grande, como um convento, à beira do Arari, a capela, havia sido de seu avô. D. Branca não se esquecia de visitar em Santana, Araquicaúba e no Alto Arari as ruínas de engenhos que os frades coloniais deixaram em Marajó.

Quando seu pai agonizava em Ponta de Pedras já estava Coutinho escolhido para substituí-lo na Intendência. Não fez mais do que herdar a propriedade e o título do Coronel. Em política, acentuava o

velho tabelião Marcelino, Coronel sabia se aprumar, em pé, no fundo do casco na maresia. Continuou com as fazendas no Arari e duas casas de negócios: a loja da vila e a Intendência, que não lhe davam, na verdade, grandes lucros, conservava-as, como objetos de estimação, dizia. Seu melhor empenho era ter gado, numeroso, à solta nos vastos campos. Ganhar com o menor esforço possível, aumentar suas terras e os seus rebanhos era, afinal, uma modesta preocupação que não ofendia a Deus nem ao próximo. Devorara pequenas fazendas em Cachoeira, estreitando cada vez mais o cerco em torno das últimas e teimosas pequenas propriedades que deixavam, enfim, de lutar com o grande domínio rural. Marajó para Coronel Coutinho e alguns fazendeiros grandes era um mundo à parte, privado, lhes pertencia totalmente. Qualquer pensamento para aliviar as condições do vaqueiro e das fazendas, era como um ato de invasão à propriedade.

Quando D. Ermelinda começou a plantar os seus cravos e girassóis, os pobres de D. Branca se afastaram, resmungando. Então a nova senhora de Paricatuba se divertia contando ao Coronel Coutinho as histórias do povo contra ela.

Pajés metidos no meio, Coronel recebe o feitiço dormindo e acorda nos braços da mulher do canoeiro.

Ele sentiu a ausência das afilhadas de D. Branca que iam a Paricatuba aos domingos tomar a bênção. Suas afilhadas! Coronel dizia aos amigos em Belém que sabia povoar os seus matos, cruzar o seu fidalgo sangue português com o das índias, encher a terra de povo com a marca dos Coutinhos. De que serviam as vacas e as mulheres senão para aumentar os rebanhos?

3

[29] Soprou a preguiça e estirou os braços na manimolência da tarde. Longas sestas na rede cor de ouro do Ceará. Suas caçadas, a pesca de onde voltava sem um camarão no fundo da montaria, os

robes de D. Ermelinda, com o seu ar a família e a serrallo, tentando parecer uma boa e verdadeira madrastra, o separavam ainda mais de Paricatuba, das goiabas bichadas, das lembranças de Guíta, do colo de Mariana e lhe aumentavam a solidão.

Pertencia, afinal, perguntava, por fatalidade aos insultos de Adelaide, às crônicas de Manfredo, às elegantes partidas de tênis no Pará Clube, entre ingleses, norte-americanos e os melhores cavalheiros de Belém? Lera, com tão íntimo prazer, a nota esportiva da “Folha” a respeito de “seus dotes magníficos de discípulo digno de Suzanne Lenglen” e o cronista destacava os recursos técnicos, os golpes, o “arremesso agressivo do exímio raquetista da dupla Missunga-Abelardo, campeã no Pará Clube”. Queria era aprender golfe de verdade. E isto valia uma viagem à América do Noite, pensava. No tênis estava sem competidor em Belém, o que o enfasiava um pouco. Já não contemplava com o mesmo entusiasmo e alguma inveja o retrato de Suzanne Lenglen na moldura em seu quarto de S. Jerônimo. Nem mesmo entre os turistas ingleses apareciam bons competidores. O mal da fartura, o sucesso no tênis e o desengano nos estudos, o namoro de Hilda — como este objeto o queria prender, entregar-se, engatar na sua herança! — o empurravam para aqueles matos, fazendas, aquela Alaíde que fedia a peixe, a lama da várzea na vazante.

Seu pai se danava com as súbitas manias. Ser soldado, ser aviador, cursar uma universidade nos Estados Unidos.

[30] — O grande mal, papai, foi o senhor não seguir a tradição dos velhos pais paraenses.

— Como?

— De 1900 a 1914, os pais mandavam os filhos para Oxford. Paris, Lisboa, Londres eram, nesse tempo, dez vezes mais perto de Belém que o Rio. Que importava ignorar o Pão de Açúcar se conheciam o Quartier Latin e o Moulin Rouge, o British Museum e o foot-ball? Agora, atraí-me — dizia com ar de troca — a carreira das

armas... Necessito aventurar. Imagine se eu tivesse... Na sua família de além-mar consta algum capitão? Imagine se eu chegasse a general. Em, que me diz? General Manoel Coutinho Filho. Os galões... estúpido, mas digno da família!

Limpava tranqüilamente a virgem e custosa espingarda. O pai sustentava: não ficava bem que seu filho se demorasse tanto na vila, dando liberdade ao povinho. Perdia o ar de necessário respeito e distância que deve haver entre pessoas de categorias diferentes. Também a presença de Missunga não só o tolhia um pouco nas suas liberdades em Marajó — e ate mesmo no seu a vontade com Ermelinda — como o humilhava o povinho mais de perto ver, maldosamente, o fracasso do filho.

Conversando com Lafaiete e Primo Nélon e em presença do filho insinuava que a vantagem do prestígio está em manter certa distância entre o prestigiado e prestigiadores.

— Por exemplo, o Papa. Que seria do Papa se estivesse sempre aparecendo ao povo? Imagine o Papa andando, todos os domingos, a pé pelas ruas de Roma ou comendo macarrão num restaurante! O Rei Jorge da Inglaterra jogando dados com um mineiro! Tomo por exemplo, o Papa. Que seria do Sumo Pontífice se não tivesse a guarda suíça, a pompa, o Vaticano? E uma exigência da religião.

— Realmente, realmente, Coronel uma coisa que não me vinha, de modo tão exato, me passando pela mente — afirmava Lafaiete que, no íntimo, se divertia com os argumentos do seu amigo.

Missunga, com um volume de “A Cultura dos Campos”, de Assis Brasil, contemplava o tio Nélon taciturno que mexia a [31] ca-beça, sem saber se confirmava ou se andava com o pensamento no seu gado da Primavera e nos gastos do filho no Rio.

Certa noite, jantavam em Paricatuba, Coronel, de repente, perguntou ao filho:

— E que fim levaram teus livros?

Missunga estranhou que o pai lhe falasse assim à vista de Er-

melinda. Afinal pensava que seu pai...

— Ora, papai, dei. Dei todos.

— E. Muitíssimo bem.

Quis Missunga perceber no olhar de D. Ermelinda uma censura de família, como se quisesse lhe mostrar que sabia de tudo, Coronel não tinha segredos para ela. Ela achou apenas divertida a resposta dele.

Ele via, com pena, muito estudante pobre copiando dos livros que não podiam adquirir. Desgraçados! Se espreguiçava com os seus cigarros e as suas contas a pagar. Decorar noventa pontos! — estava já, veja só, no primeiro ano da Faculdade de Direito, um imprevisto e ousado passo que dera!

Respeitável, incômoda sabedoria! Sombrios, pesadões compêndios de direito, como vocês o atiravam, com furor, para o seio de Adelaide!

Aquele professor de matéria, que julgava mais odiosa na Faculdade, era seu amigo. Andava às voltas com o câncer da esposa no hospital e com as dívidas ganhas no jogo. Um homem atarracado e pelado, o redondo ventre erudito, lia a Odisséia e admirava Clemenceau.

Uma vez, em companhia de Missunga, depois de citar o episódio do velho cão no regresso de Ulisses e um discurso do Tigre, o mestre confessou-lhe o câncer e o jogo.

Missunga soube, então, como passar na Faculdade. O direito não era conquistado através daqueles compêndios hostis e daqueles inacessíveis ventres que se petrificavam nas cátedras e sim pela honrosa possibilidade que o estudante obteria, junto ao mestre amigo, de pagar-lhe o hospital, as letras do jogo e o enterro da mulher.

No primeiro dia das provas que o promoveriam tão fácil e brilhantemente ao 2.º ano, nem Adelaide, aos puxões e gritos, [32] pôde acordá-lo, tirá-lo da cama naquela manhã. Que estopada ter ainda de passar nas provas! Vai, Adelaide, passar por mim... Só

estudaria se tivesse de copiar como aqueles desgraçados copiavam.

— Tamanha vadiação me comeu não sei quantas barcadas de gado, repetia Coronel, em suas habituais confidencias, ao primo Nélson que se consolava um pouco porque seu filho era igual — igual.

Missunga, uma tarde, andando atrás de uma mulher, num fundo de triste e paludoso arrabalde, descobriu, entre velhas vacarias e campos de futebol, aquela Escola de Agronomia e Veterinária.

Um professor, exibia-lhe o risonho algébrico, o seu ar de cão ensinado e teimava em explicar-lhe surda e confusamente trigonometria.

Melhor voltar às estradas do Paricatuba, descobrir talvez a sua vocação entre os bichos, com a espingarda no ombro e o Benedito. Os cachorros farejavam as sumutumas, sapopemas e as tocas de tatu. Tinha era muita borboleta. Pareciam mais impacientes quando Missunga, sem explicação, lhes fechava a portinhola, de miriti, da barruquinha de Alaíde.

Então Benedito inventou: Missunga, com efeito, encaiporava os matos. Tinha medo das aturiás onde moravam as sursorijus, dizia ele, e ao mesmo tempo que desejos de ir até lá! Atiçava os cães atrás de caça que ninguém via. Para caçar, a bicharada toda se escondia e mandava os pássaros bem-te-vi e cancan ficarem de aviso nos caminhos. O Príncipe não havia de comer um tatu com a bala de sua espingarda. (Benedito ouvira Coronel dizer: — Lá vai o Príncipe para as suas caçadas reais, ele pensa que é no tempo das Cortes de França...) Os bichos perdiam o tempo brincando com o Príncipe aparando as balas com as folhas das árvores. Caçadores da redondeza não se podiam conter, desolados, ouvindo tanta munição se perder. Lhe traziam, no aturá, veado gordo, cotia, paca. Missunga exclamava, risonhamente despeitado:

— Vocês são uns curados, seus diabos!

Pedia defumação, ia ouvir lições de seu Felipe, usava quanto

amuleto havia para caçador e nem um periquito por desgraça.

[33] — Aposto que esses cachorros têm culpa. São empanemados. Mulher prenha comeu embiara deles, aposto.

Foi quando os cachorros grevaram. Deixaram o Príncipe sozinho com as suas caçadas nos bosques reais. “Ele nos desonra e nos culpa! Sua caça é aquela, aquela...” — Benedito, às risadas, divertia os companheiros, ousou mesmo contar sua história a Alaíde, com quem tinha liberdades e acabou foi ela bem achando graça.

Ficava horas e horas na enchente do igarapé, chupando taperebá, roendo miriti, brincando com as ucuúbas, como lontra. A velha mangueira deitava n’água os galhos gordos, baixos, da gente sem pular sentar em cima. Aí Missunga se deixava ficar lendo jornais, revistas agrícolas, ou à toa, fumando, se lembrando de migar tabaco para o curupira.

Alaíde chegava, descalça, por entre as sororocas. Atravessava o igarapé na maré seca, deslizava os paus lisos de lodo, pisando siris e camarões. Trazia uma rosa no cabelo.

Era cunhantã de primeira lua quando Missunga dançou com ela numa festa em Paricatuba. Depois, no mormaço da tarde, cansado de errar pontaria nos bichos do mato, ele ia ver aquele corpo crescer, verdeengo e macio que nem filho de bananeira. Era na barraquinha da tia de Alaíde. Às vezes, em pé, debruçado no jirau onde os tajás, como plantas sagradas, esperavam o pajé para as misteriosas noites de atuação, Missunga ficava mundiando a pequena. Alaíde, debaixo duns cajueiros meninos que começavam a dar flor, colocava-se, ora de frente ora de costas, no tronco do cajueiro mais alto. Desfolhava e mordida as flores do cajueiro num desleixo de cunhatã mesmo nova. Pulava, se enganchava no tronco, roçando-se toda para firmar a perna no galho mais baixo e vergar o ramo mais flexível até o chão de folhas. De vez em quando, um ai: mordida de formiga. Com o ramo que balançava ela fazia adeus a Missunga e soltava um riso. Colada ao tronco, enganchada no galho, meio sumida entre as folhas,

balançando o ramo, Alaíde parecia possuída pelo cajueiro.

Levou-a uma noite para o igarapé. As folhas pingavam luar como sereno. A maré vinha vagarosa do rio, parecia descer na lua cheia. Trouxera Alaíde, como uma filha das águas brancas, [34] os cabelos de prata, o corpo de peixe, o cheiro de aninga. Não pode evitar que Missunga a despisse, como descascasse uma fruta, tentou escapulir-se dos braços dele, as águas caíam da lua, branca era a terra, o homem, e só a noite, com peludo e escuro mistério, era o que Alaíde cobria com as mãos.

— Sou sua irmãgaa! Sou sua irmãgaa! Seu pai é meu padrinho! Sou sua irmã. Me largue. Sou sua irmãgaa...

Missunga, ao voltar naquela noite para a casa grande de Paricatuba, ficou subitamente dominado pela pergunta: — Sua irmã?

Sob a capa de padrinho, seu pai escondia filhos e filhos, todo mundo sabia. Pelas informações de Benedito (não, não passava de padrinho), pôde ficar, ao certo, aliviado. Podia ter acontecido, pensava. Teve, assim mesmo, uma esquisita sensação de culpa. Estivera tão próximo que, se lhe viesse logo a suspeita naquele momento, através das palavras de Alaíde, teria forças, seria possível evitá-lo?

Alaíde continuou a despescar o cacuri de sua tia. Noites tranquilas, sem aquela dúvida, — ó delícia pelo desespero que não teve e se o tivesse que terrível, inevitável saudade pelo condenado prazer, — tardes e noites com Alaíde no chão de palmas de açai.

Mais tarde havia de sentir-se fatigado. Um caboclo o substituiria. Para Alaíde a sorte era aquela, tão natural como a de subir os açazeiros, pescar camarão, entrar no cacuri onde os peixes se debatiam, que nem ela sob o ardor de Missunga, o luar abrindo os olhos do mato e a água escorrendo pelos paus no choro da vazante. Sentindo delícia, doce alívio! — por tamanha suspeita passada, Missunga achava Alaíde, por isso, mais preciosa, restituída às suas mãos com um inesperado encanto.

Ia ver seu Felipe e D. Januária, moravam não muito longe da casa grande. Eram restos dos velhos parentes da família que iam se apagando por aqueles matos. Os dois velhos, se restava farinha, batiam no papo o triste mingau de açai. Isto se o pequeno da Feliciano podia tirar um cacho de açai no mato e fazer o vinho para eles. D. Januária não tinha mais forças para amassar. Pareciam felizes, pensava Missunga. Coronel dizia: — Esse [35] Felipe é o tal da história:

— Preguiça, queres mingau?

— Quero.

— Então vai buscar a cuia.

— Não quero mais...

O homem tinha adoecido de indolência. Nem ânimo para se levantar de onde estava e procurar uma cuia. Coronel os tolerava generosamente, era do “contrato firmado no cartório” ficarem naquelas terras até que fechassem os olhos. Sempre os tratou como parentes, respeitava a sua fartura perdida e quando eles e outros posseiros se espantaram, estavam feitas as escrituras por Lafaiete.

Coronel queria ter o povo na mão. Terra por terra ele tinha que enjoava. Queria terra que tivesse povo. Povo ficava agarrado a ele como turu dentro do pau, dizia seu Felipe que, com seu desalento, procurava entre as folhas da Bíblia, o pequeno e já apagado retrato de D. Branca. Fracassaram-lhe todos os desejos, ficou ali, bambo, na rede cor de poeira, opilado e cabeludo. Não via mais o mato se aproximando e envolvendo a barraca. Trabalhar? Mas, pelo amor de Deus, para que? Lia na Sagrada Escritura que o mal do homem é a cobiça. Seus livros espíritas assim também lhe falavam.

Missunga aparecia, à noite, pelo igarapé, com Benedito remando devagar. No portinho, um coqueiro se dobrava sobre as águas, como a cabeça de um bicho na sombra da noite. Num monte de palha, velhos cachorros fomeavam. Seu Felipe contava, tio, do seu tempo. Tinha uma voz de seu tempo. Tinha uma voz de remanso. Muito povo

os olhos dele viram passando por ali, se acabando. Ah! quando se fazia farinha, ah! quando se mandava buscar mel na Campinina e a mocidade caía nos caminhos tanto beber cachaça de D. Branca. Ah! as eleições, o seu pequeno eleitorado, a fome e gula do eleitor, as festas daquele tempo. Mandara construir um barracão para as festas. Não eram como as que fazem por aí, findando na polícia, em mortes. Homem liberal, o que tinha dava. Por ser assim um era que estava contando as palhas podres de sua barraca. Felipe silenciava a questão das terras. Ah, os haveres que perdera quando o Isidoro Antunes se [36] par|tiu nas pedras das Lavadeiras. Não contava a Missunga que o pai do Coronel sortira a loja de Ponta de Pedras mandando tirar as mercadorias alheias no porão do navio. Podia-se muito bem dizer: a loja do Isidoro Antunes.

Queria cobrar a tostão as vezes que foi juiz de festa de santo na vila. E os fatos de alpaca? Calcule quanto uma camisa naquele tempo? Seu Felipe tinha o gosto da imaginação. D. Januária no quarto, parava de se embalar, dizia, cuspindo:

— Assim, Felipe, já não. Tu já passa do limite. Faz por menos.

Rangiam as cordas da rede na viga. A voz dela atravessava a parede esburacada e escura, como se viesse daquele antigo tempo de que Felipe falava. Ela rezava pelas almas, pensava nas possibilidades de ter roçadinho. Tempos antigos de farinhar, que bom umas macaxeiras, um tucupi, mandiocas para ralar, goma para tacacá, beijos. Ao lado da rede a sem bilros, quanta renda fizera! Debaixo da rede, o cachimbo vazio.

Nem vela havia mais para o oratório, o pesado oratório, grande como um altar. Seu Felipe em compensação contava de visagens. A lembrança dos mingaus se misturava na correria dos bichos que malassombravam caminhos, roçados, trapiches, as noites de pesca. Era o lobisomem com os botos atravessando a floresta. Mundiadas com a serenata dos botos brancos, fugiam mortas de amor e de feitiço as mulheres em tempo de lua e as moças mal-a-mal nascendo os

peitos. Catitus pulavam do mato saltando e dançando. Irapuru vinha cantar nas bacabeiras e quem deixaria de acreditar que a cobra grande encostava, meia-noite, no Porto Santo para carregar lenha como um navio todo iluminado?

D. Januária tinha insônia, e se, por vezes, censurava no marido o exagero das histórias, não negava a si mesma que ele sabia muitas e muitas coisas deste mundo. Nem uma cera para que os santos lhes mandassem o sono, o esquecimento daquela fome miúda que lhe doía até os ossos. Só o fumo aliviaria a fome e a insônia. E agora, ó santos do grande oratório, como passar a noite?

Seu Felipe parecia atuado na mundiação da boiúna. Esquecia a Escritura Sagrada, a reencarnação e virava pajé. Não lhe dissessem isto, se zangava e com voz mandona dizia que pajés só [37] no tempo dos índios. Desencarnaram, são hoje espíritos de luz, guias.

Caía um silêncio como um sopro do velho oratório, Seu Felipe cochilava. Missunga erguia-se. A vazante ia deixá-lo no casarão, debruçado na pergunta: ate onde ia parar a sua vida, aquele medo de solidão, o tédio e ao mesmo tempo a saudade do Ri e de Mariana?

Seu Felipe despertava, sobressaltado, procurando o rapaz, chamando por D. Januária, pelos cachorros famintos. Parava o olhar surpreso na mesinha onde a lamparina a azeite dava uma luz mansa e triste como se fosse a única luz do mundo. Havia uma grande e redonda moeda brilhando em cima da Bíblia.

4

[38] Desejos de ver Guíta no Campinho. Estava, diziam, uma verdadeira moça. Foi primeiro à Loja do pai e sorriu à hipótese, que lhe ocorreu, de ficar ali caixeiro vendendo sabão, tabaco e cachaça para aqueles caboclos. Apareciam à Loja os homens que batiam

capim das ruas da frente. Vinham com a garrafinha de querosene, pediam sal, uma quarta de café em grão, os dois dedos de tabaco. Estavam ganhos os dois mil réis da Intendência. Que pensarão de mim? — indagou Missunga a si mesmo.

Eles davam boas tardes e o tratavam com uma espécie de dignidade que Missunga não entendia bem. Alguns passavam por ele, com um certo alheamento arrogante. Saíam cuspiendo o ardume do mata-bicho. Missunga tentou pedir a um deles qualquer coisa, falar-lhes para que uma intimidade os unisse, não pensou bem no que queria, pelo menos teve desejos de ir com eles armar camboas para peixe nas praias de Mangabeira e Jaguarajó.

Viu passar o porteiro da Intendência, com os seus tamancos, um feixe de varas no ombro. A casa do Benedito em ruínas, o casão onde o extinto Clube Lítero Musical ostentava umas festas com foguetórios, recitativos e quadrilhas. Adiante o Disco de Ouro, aos pedaços — um palacete que foi — a dona enlouqueceu com o naufrágio do Isidoro Antunes.

As casas caindo. As casas caindo.

Pensou em Ciloca, o leproso, fantasma de toda noite em Ponta de Pedras. O povo evitava os postes de luz de carbureto em que Ciloca costumava encostar-se para contar aos meninos anedotas obscenas, ensinar-lhes maldade, envenenar-lhes a curiosidade. [39] Muitas vezes, os meninos ouviam histórias com um silêncio diferente. Ciloca sabia oração de S. Cipriano, a Bela Adormecida do Bosque, o Ali-Babá, contos de feitiçeiros, cortes e meninos encantados. Fora padeiro da vila. Quando não pôde mais esconder a moléstia, o povo havia comido muito pão amassado com aquelas mãos. Na padaria — lembra-se Missunga quando passava as férias na vila — Ciloca, os dedos na massa do pão, suando, a cara lustrosa, contava amores que inventava, vícios que não tinha, padre que vira agarrado às devotas na sacristia, charadas d' "O Malho" que decifrara, bruxarias de S. Cipriano que o livro do santo bruxo não contava. Falava do Pedro

Malazarte e de proezas que o herói nunca fizera.

Velho Nélsion se desesperava sempre com a lembrança do Ciloca padeiro. Olhava pensativamente o povo esvaziando Ponta de Pedras, em lenta e triste migração. Trabalho mais não havia. Em Belém, era o apito das fábricas chamando pessoal de todas as vilas abandonadas do interior.

— Só fica a baixa categoria de gente. Ninguém mais.

Se os homens iam para Abaeté, Tocantins, para os garimpos, escolhiam as olarias, serrarias, a pesca na contracosta, a vida dos barcos, partiam para as Ilhas. Coronel Coutinho se queixava:

— Isso é falta de amor à terra!

Lamentava que a Intendência lhe devesse já seis meses de vencimentos. Nas festas de Dezembro dava para o dia do Círio, aos caboclos, a frasqueira de cachaça, a grossa de foguete e o padre.

— A vila mesmo vira tapera — foi como tio Nélsion encontrou Missunga na rua do cemitério. As barracas se esfarelavam nas capoeiras. Tio Nélsion lembrou o engenho de Campinina que há muito deixou de soltar o seu apito na remota espessura do mato. Falou na falta de camarão e na necessidade de mandar Ciloca para o leprosário.

— Não sei pra onde vai isto, meu filho.

— O Sr. é do tempo dos navios de roda, tio Nélsion. Não se acostuma... — brincou Missunga.

— Vamos pra casa.

Caminhavam lentos e mudos como se caminhassem no [40] pas|sado: os velhos navios de roda descarregando pipas de vinho, latas de azeite de Portugal e peças de linho H. J. A Intendência caiada. A luz de carbureto funcionando.

Tio Nélsion via hoje os trapiches se arriando, vapor era novidade de ano a ano. Ciloca espalhando o livro de S. Cipriano pelo povo. Os carneiros entravam e saíam do muro grande.

— Até o sírio Felipe mudou de loja para Belém. Agora quem substitui ele no Marajó é esse outro ladrão, o Calilo.

Apesar de fazendeiro, tio Nélsion gostava da vila e das fazendas. Nascera ali, e dali se ausantara na mocidade: uns vagos estudos em Belém e um passeio ao Rio. Envelheceu em Ponta de Pedras e nos campos. Todas as tardes sentava nos paus caídos defronte de casa, à rua do cemitério, mal rebocada de terra amarelenta e esteios escuros, as janelas pintadas de negro.

Estou cansado de partir uns paus, disse. Costume muito seu, esse, de partir lenha. Estava sem camisa, com as suas velhas calças de mescla. Com aquele corpo teso como os bacurizeiros, a pele dura, as mãos avantajadas, os olhos escondidos na cara grande, *velho* Nélsion era mesmo o antigo tempo, a Ponta de Pedras do “O Zephyro” e do “O Zenith”, dois jornais do Pereira, o vogal sempre reeleito e do finado Marcelino, o tabelião.

— E a tipografia que era sua, tio Nélsion?

— Aqueles patifes me furtaram ela quase toda. O resto de caixas e tipos o mato comeu. A casa desandou toda, uma noite. A erva de S. Caetano cobriu o resto. Hoje o jornal daqui é “O Vento”.

— “O Vento”?

— Sim, que aquele bebedor escreve a mão e tira três exemplares nos domingos. Só imoralidade e mexerico. E tal qual um testamento de Judas.

Missunga hesitou ainda, com algum receio ou vexame de ir até à casa do seu tio. Velho Nélsion o levou pelo braço, por entre as mangueiras que seguiam em fila como num enterro para o cemitério. O cemitério jazia numa paz doce. Ali o antigo tempo, dentro do velho muro, orgulho de Ponta de Pedras, em Cachoeira o cemitério era de estacas. As plantas como cruces, os [41] passari|nhos, os velhos caboclos contando ainda, nas sepulturas, suas histórias de cabanos e de ouro enterrado. Missunga chegou a ter uma vaga vontade de uma sesta definitiva debaixo daquele chão.

— Quem te viu quem te vê. Ponta de Pedras!

Uma velha frase de seu Nélsion. Achava bem precioso dizer que

o povo era da mais baixa categoria. Chegava até essas alturas do falar difícil e já chegava cansado como se tivesse escalado montanhas e montanhas do bem falar. Enchia o seu cachimbo de patriarca e cachimbava como um pajé abandonado, sem que ninguém mais acreditasse nele, acabando os seus dias a defumar aqueles paus caldos, o capim seco, o cemitério, as árvores fiéis, aquele pé grande de bacurizeiro, um ou outro porco fossando por ali perto. Defumando o próprio silêncio em que guardasse, como numa urna funerária, as cinzas do antigo tempo. Se lhe agradava saber que cresciam os seus rebanhos da Santa Inês, ficava cada vez mais inquieto com as escovações do primo Guilherme ao querer lhe passar o bolo numa venda de gado do Arari. É o pai escrito e escarrado. Não digo que o que ficou nesta vila foi gente da mais ínfima? — Velho Nélsion quando chegava a murmurar a “ÍNFIMA CATEGORIA” estava nos seus grandes dias amargos de falar difícil! Tinha subido uma altura imensa. Limpava com as mãos grossas o suor do peito, dos sovacos e com a vassoura enxotava as galinhas, como se também varresse da vila a gente ínfima que ficara. Os periquitos ainda faziam zoada nas mangueiras. Li adiante a curva do rio, o mato cobrindo o igarapé, e um pedaço de várzea onde se exibiam, na lama, com o luxo de seus leques vistosos, os miritizeiros carregados.

Viram os acenos de Lafaiete na esquina, pararam.

— Sim, senhor. Em casa de um pobre tabelião filho de nababo não vai. Esperei para um café e até agora.

Missunga lhe havia já, na loja, transmitido o recado do pai, não vira a cumplicidade e o ar maligno de confidente que pensava descobrir em Lafaiete na questão das escrituras. Espantoso seria para o tabelião se fosse obrigado a fazer uma escritura legítima. Como o pai e a justiça se entendiam muito bem!

Tio Nélsion arrastou cadeiras para a frente da casa.

[42] — E a vida, ein, Lafaiete?

— Apodreci num cartório, amigo... E pensar que Ernesto, meu

colega de Liceu e que colava as minhas composições é, hoje, deputado federal. Galeão, outro, que é diretor do Tesouro, dei-lhe cascudos um dia porque me furtara no pôquer.

D. Marta trouxe o café e dirigiu-se tão naturalmente a Missunga que este se surpreendeu. Havia, na verdade, passado algum tempo mas esperava por parte dela — que estúpida aventura! — alguma reserva, um constrangimento, uns olhos baixos pelo menos. Sorriu para D. Marta e desceu o olhar para as mãos de seu Nélsion que pareciam mais pesadas e rudes sobre as coxas. E Lafaiete contemplou D. Marta, alguns segundos, viu-a cheia, saída há pouco do banho, os jasmims murchando nos molhados cabelos. Lembrara-se do frio com que vinha, nas madrugadas, depois de um mergulho no trapiche, acordar a pequena Marta, cria de casa.

D. Marta o encarou com indiferença. Seu braço se estendeu, abundante, entre os três amigos para recolher as xícaras. Espalhou-se um cheiro a sabonete e a baunilha.

Enquanto conversavam, D. Marta voltava à sua máquina de costura no corredor.

— Ah! lançadeira tu estás de lua, hoje.

Tentou cantar baixinho, ouvia a voz de Missunga e se pôs a pensar naqueles dias loucos de dezembro que ela tudo fizera para esquecer. Tão sem vontade de costurar, tão mole, tão irritada mesmo com a presença de Missunga, Lafaiete e do próprio seu Nélsion resmungão e pensativo. Se ao menos Elmirinha estivesse viva, foi o seu quase obscuro e aflito pensamento. Uma saudade, morte de Elmirinha, o primeiro filho tão desfigurado, a morte de Laura, a faca de Beltrão com o sangue de Laura, o grito do filho de Laura, pensamentos e lembranças indistintos e confusos.

Criara-se em casa do pai de Guilherme onde Lafaiete a encontrou.

Uma noite, D. Guilhermina avançou, os olhos crescidos, para Marta que se acuou a um canto, com as mãos instintivamente sobre o

ventre, os lábios trêmulos. Lafaiete, que surpreendera a cena, logo compreendeu e gritou:

[43] — Vendo, Guilhermina? Eu já suspeitava, eu já suspeitava... porta da rua com ela, porta da rua...

Caminhando para a sala, sob a dúvida: Guilhermina suspeitará? Marta confessará? — bradava que a cabocla procurasse a vida, os homens, o mundo, contanto que saísse de casa. Saísse já.

— E em casa de família! E em casa de família!

D. Guilhermina suspeitou, teve medo ou hesitou em interrogar a pequena e dela ouvir o que não queria saber. Ao mesmo tempo compreendeu que talvez estivesse sendo injusta com o marido. Melhor nada saber e deixou que as palavras de Lafaiete enchessem aquela noite sobre Marta e a obrigassem a partir.

O medo de Marta! E o berro: — E em casa de família! E em casa de família! — enchia-a de pânico. Aquele homem era dos brancos, falava de peito cheio, protegido pelos grossos livros na mesa que ela custava a arrastar quando ia varrer a sala do cartório. Aqueles livros sombrios a condenariam se por “ele” fossem abertos para acusá-la. Aquele berro vinha daqueles papéis em pilha que ela não podia tocar. Medo, o mesmo medo das visagens quando a mandavam perseguir os ratos e matá-los a vassoura na cozinha sem luz.

O filho de Marta a verminose levou. Depois, quanta noite em montaria, remando, entre homens que bebiam e cantavam, a insultavam e amavam, a baeta de roupa, o chapéu de pano na cabeça, as pernas tuíras de lama, subindo o sítio ao clarão da lamparina que o dono da festa suspendia num paneiro para o desembarque dos convidados. Quanto medo, naquela festa de St. Ivo, quando o amante, bêbado, quis atirá-la na lama, alagar a montaria no estirão, naquela escura e tão infeliz madrugada da morte de Laura no terreiro da festa. Foi quando a senhora do seu Nélsion enlouqueceu. Seu Nélsion andava atrás de uma pequena que cuidasse da casa e da louca. Marta sentiu medo da sorte de Laura, não a podia esquecer, ouvia o grito do filho

de Laura diante da faca de Beltrão. Preferia tratar de uma louca mansa.

Um ano depois, Marta teve de seu Nélsion, já viúvo, uma menina, a Elmira, nasceu com os olhos azuis do pai. Tão crescida que estava, uma tarde no banho desaparece na maré.

Uma e outra palavra de Missunga, lá fora, a levava de novo [44] para aquele baile que Capitão Guilherme oferecera no aniversário da filha. Pecado que ela não tinha: ir em bailes da sociedade. Foi à festa por insistência de Guilherme. Não era casada mas em casa dele podia dançar como uma senhora. E pela primeira vez não pôde resistir àquela súbita ansiedade, ao ardor, diante do olhar de Missunga que a invadia toda, examinava-lhe as carnes ságicas [rijas]. Dias loucos de Dezembro. Caíra como moça donzela. Noites depois, o encontro atrás do cemitério, formigas de fogo os atacaram e ele murmurando: — É que seu corpo, D. Marta, é doce, tem rapadura... E afinal a cena também atrás do cemitério:

— Não volto mais, estou praticando uma infâmia a Tio Nélsion. Você deve se compenetrar de que o desonra.

Como se arrependera tanto de haver respondido quase aos gritos e aos soluços. Vontade de esbofeteá-lo diante de seu Nélsion quando ele ordenou: — Não grite.

Suspendeu a costura. Esqueceu os dias de Dezembro, os passos de Missunga fugindo por entre os galhos.

Tinha de aquecer a janta. A empregada não viera, andava com uma febre, febre mesmo misteriosa. Lafaiete e Missunga se despediam, o tabelião falava num Afonso da Espanha, num rei popular e dizia que a sua paixão era ver as touradas, ver Sevilha, — as vozes se apagavam pela rua do cemitério.

Anoitecer de sábado. Já as corujinhas piavam. Tio Rafael vagarosamente se dirigia para os sinos que se penduravam nuns esteios ao relento junto da igreja. Sino macho e sino fêmea, dizia o povo. Coronel os trouxera do Itacuã e os apresentou à diretoria da Festa e a

comissão zeladora da Igreja com uma conta de sinos vindo novos da Alemanha. Tio Rafael apanhou os badalos do macho e fêmea e tocou Ave Maria. Taberneiros se benzeram, depois de negarem ao sacristão da Santa, um quilo de farinha fiado. Caboclos, com o copo na mão à porta das vendas tiraram o chapéu. D. Maria fez o pelo sinal sobre a panela que fervia. Missunga e o tabelião caminhavam em silêncio.

Seu Néelson bateu o cachimbo, olhou o tempo e persignou-se. Pôs o seu velho boné na cabeça contra o ar da noite. Tentou animar o caraxué que se encolhia todo na gaiola sem cantar. Que [45] perseguição aqueles ratos num gui-gui-gui pelo telhado. Na parede descascada, oscilando na aragem que entrava, o retrato do Barão do Rio Branco a quem seu Néelson, comendo bacuri, exclamava.

— Ah, Barão, que inveja estou lhe dando. Você que gostava tanto de doce de bacuri do Pará!

Depois de enfiar-se na camisa curta, sentar na velha poltrona, deu o seu pequeno brado habitual:

— Apressem a janta, gente.

Branco, alto e curvo tinha um ar histórico de velho bandeirante.

Os sinos ao relento anunciavam ladainha. Vinha do cemitério a doçura da noite.

5

[46] Olhou o céu da vila, as estrelas murchas, o silêncio que exalava de tudo. Teve um desejo do muito longe, das outras distâncias que o mato fechava. Agora a vila pobre lhe parecia boa e macia como rede de embalo. O pio das corujas era como acalanto. Como estava ficando sem gente. Se os rapazes iam embora, para quem ficavam as mulheres? Bem podia ter ele o direito de ser o pai da futura meninada do Marajoaçu. Seria mais tarde o patriarca da vila, um tio Néelson barbudo, fazendo raça com as cunhatãs, os afilhados lhe tomando a

bênção. Missunga enchia a noite com aquele informe desejo. Sim, o padrinho abençoando o povo, feliz, com a sustância daquelas sumaumeiras de Paricatuba.

Tomou o rumo do Campinho, mandara dizer a nhá Benedita que ia tomar açai, apanhado na hora e amassado por ela. Viu uma sombra desaparecendo na capoeira. Palpitou que era Ciloca. Foi atrás e parou diante do sororocal maciço. Sabia da história de Ciloca contada, com todos os exageros, pelo povo.

No sororocal, o leproso rebojava-se num desespero. Era sempre assim quando a saudade de Sinhazinha o angustiava, lhe coçava a carne podre, lhe mordida os nervos, contava o povo. Sinhazinha viera fugida. O pai, Dr. Batista, juiz de direito, fincou pé contra o namoro. Não entregava a filha a um serenatista, um padeiro, um tocador de violão, um “frasqueira”. A pequena bateu o pé que casava, saiu de casa do juiz para o amor debaixo do sororocal. Morreu de parto.

A vila soube pela voz toda da família de Sinhazinha que a moça havia morrido de uma terçã maligna. Para esconder a vergonha [47] — a vila comentou — Dr. Batista dera, ele mesmo, um leite na mamadeira ao pequenino que ficara. Enterraram o anjo, uma hora da madrugada, no fundo do quintal. Cresceu em cima um tajazeiro muito bonito, de noite piava coma um choro fraquinho de criancinha de leite.

Ciloca, falava o povo, se deitava nas sororocas teimando recuperar aquela manhã de amor, ouvir o gemido de Sinhazinha, os soluços. O cheiro de Sinhazinha lhe ficou na alma e nas chagas como um visgo. No breu da noite, Sinhazinha lhe aparecia das orações de S. Cipriano, como um corpo feito de mangaba, leitoso e travoso restituindo-lhe aquela manhã nupcial.

Missunga esperava que nhá Benedita amassasse o açai. Ciloca tinha lhe tomado tempo. Pensou em Alaíde. Alaíde se delia no braço dele como sapolilha madura. Gostava d'água como filha de lontra, tomava banho no pino da maré como se a maré enchesse só para ela.

Ficava com água até o peito lambendo-lhe os seios e cantava. Missunga dizia que era o canto da maré cheia que Alaíde cantava. Nhá Benedita, a preta doceira, amassava o açaí. Os quartos dela se mexiam, peitos, braços indo-e-indo no velho alguidar. Nhá Benedita! Suas cadeiras de almofada buliam rebuliam no tempo do lundu, do coco. Tempo de vapor de roda. Era nova e por isso cativoiro de sua mãe bom tempo era.

— Axi! que trocava mea mocidade com a moçarada mole de agora.

Tinha a boca torta de cachimbo. Guardava no oratório atrás da imagem de S. Benedito a carta de alforria que o Coronel Coutinho, muito novo ainda, lhe dera quando a escrava ia ter o Elesbão, filho dele, morto aos 12 anos.

Sua filha Estefânia cantava no coro da igreja, contam que morreu estuporada. Missunga tomou açaí, apanhado à tardinha, e amassado com aquelas mãos ásperas, grosso, espumando na farinha de tapioca. E verdade, é verdade, aquela velha negra foi amante de seu pai, seus filhos meus irmãos.

O açaí de nhá Benedita trazia o sabor do antigo tempo quando havia escravos em Ponta de Pedras, que fim levaram Catarina, Margarida, Maria de Nantes, netas de escravas? Batiam algodão [48] nas madrugadas com dois maços de palmeira caraná sobre um almofadão. Torcido e fiado saía o algodão para os velhos e rústicos teares em que as negras trabalhavam fazendo redes. Era a “batição”, como um rumor de tambor surdo nas palhoças, acordando a vila nas madrugadas.

— Eu lhe conto porque nunca mais você pega desse tempo, meu filho. Hoje quem é que faz rede, quem bate mais algodão? Não quer mais açaí? Não? Então não gostou.

— Gostei sim, tia Benedita. — Missunga carrega em seu coração não a história, mas a carta de alforria que Benedita guardava.

Voltou. A noite escura despovoava Ponta de Pedras, Missunga

sentia-se como em pleno mato virgem. Seu pai continuava não se incomodando de mandar consertar os canos de luz do carbureto. Aos poucos, gente apalpando na escuridão ou trazia lamparinas, candeeiros, riscando fósforos, acendendo fachos. No Campinho, Picapau, que tinha os pés torcidos e era escrivão de polícia, principiou a ensaiar na flauta uma das suas valsas sentidas amolecendo a rude treva que vinha das capoeiras, do rio, da noite que se orvalhava. Missunga ia ouvir a ladainha. Os sinos chamavam.

Tio Rafael, de manga de camisa, pôs toalha nova no altar de Nossa Senhora. Camisa de tio Rafael podia sair aos fanicos, Nossa Senhora havia de ter sempre roupa nova. D. Ermelinda deu uma toalha linda, de promessa para a santa. Tio Rafael desinteressava-se de si mesmo para dedicar-se, tratar bem de Nossa Senhora, da sua igreja, rezando as suas novenas. Padre era luxo que só vinha em dezembro. O jeito era ir arremediando para que o povo de todo não ficasse esquecido de fazer ao menos o pelo sinal.

Tio Rafael acendeu dois. castiçais. Tocou os sinos para a segunda chamada. Começou a entrar gente. Na igreja, cheiro de alfazema se misturava ao fedor dos morcegos que ofuscados na luz dos castiçais esvoaçavam na sombra. Siá Felismina se benzeu e foi admirar a toalha nova do altar.

— Uma beleza. Também D. Ermelinda pode...

Missunga bateu no braço de siá Felismina. Ela se voltou espantada.

— Se espantou, mea mãe?

— Por que não? Você então já não me conhecia. Veja! Como tá Coronel, D. Erme...

— Mea mãe sempre falei consigo, mea mãe. Não fale. Não falei com a senhora hoje?

— Missunga, sempre te lembra que fui tua mãe. Tu te esquece de me tomá a bença, seu malagradecido. Defumei muito ele com alfazema. Queimei o umbigo quando caiu. D. Branca coitada sem um

pingo de leite. Quem te viu, esse chorão. Agora, faz é parte que não vê a gente. Branco, em?

— E sua gente e Orminda?

Para que estar contando histórias de pobre? Sua vida, depois da morte de Francisco? Tanto que não queria Francisco sentando praça:

— Ouve tua mãe, meu filho. Ouve. Dudicia tua.

— Quero servir a Pátria, mamãe. Que faço aqui? Ser eleitor do Coronel Coutinho? Apanhando açaí toda a vida? Já criei calo de tanto trepar no açazeiro, mamãe. E só desgosto. Só temos esta miséria. Até tesouro enterrado já escavaquei.

Siá Felismina se calava, fiando no seu cansado tear. As redes de siá Felismina eram fadadas. Fazendeiros e doutores lhe mandavam fio, as redes saíam bonitonas, grandes.

— Meu filho morreu na revolta e os políticos bem como querem. Meu filho com a barriga aberta na rua como qualquer desgraçado e os mandões se abraçando. Me contaro que ele pedia água, água, quando morria. Até água não quisero dar pro pobre do meu filho.

Daí por diante, as redes de siá Felismina eram feitas também com os fios de suas lágrimas, numa revolta contra os brancos. Com esse ódio, tecia as redes para branco ter amor, ter sossego, dizia ela.

Missunga ficou na porta da igreja, pensando na sua ama de leite Felismina. A revolta levou-lhe o filho (seria também irmão dele?) barriga aberta no meio da rua em Belém. Dizia que não chorava a morte de Francisco. Chorava a sorte. Se morresse doutro modo, sim, mas daquela forma? Era o seu arrimo. Os outros coitados: um andava por aí inchado, o Marcelino, flechado de bicho do fundo. Só prestava para ladrão. Não sabia porque Deus [50] deixava aquele infeliz neste mundo. Para estar padecendo assim flechado de bicho... O outro perdido no Jari. Estevão, barqueiro na contracosta, nunca aparecia. Restava Oriunda.

Siá Felismina amaldiçoava a tal de Pátria. Chamava os caboclos e os caboclos iam morrer em defesa duns homens que desonravam a

pátria. Se eles voltavam, mãe terra estranhava os filhos. Filho não queria mais bem à mãe terra. Vitorino voltara perdido. Vadiava pela vila armando briga nas farras. Os vícios visguentos da cidade o envenenaram para sempre. Vitorino voltara besta, ordinário, torcendo o nariz ao seu povo e a terra. Para ele a vila era um buraco entupido de mato. A sua gente não podia imaginar o que era Rio de Janeiro, o que era andar no bondinho do Pão de Açúcar, correr da ronda no Mangue, falar a gíria carioca. Então sentava na soleira das portas, inventava casos, ponteava violão, punha as raparigas lado a lado com as suas namoradas donzelas, acendia a bagana e se estirava numa indolência de soldado em folga, pensando no Corcovado, nos trens da Central, nos distúrbios da gafieira. Mãe terra criava filho para servir de pasto aos brancos sem vergonha. Pátria ficava aí de cara no chão. E a Bandeira servia para abanar o ardume das feridas abertas e espantar os urubus que iam afiar o bico nos cadáveres insepultos. Os brancos se banqueteavam reconciliados.

Siá Felismina sabia que um parente lutara ao lado dos cabanos. Por causa do filho achava que se devia fazer uma nova Cabanagem para acabar com muito branco. Missunga perguntou se ele fora menino mamador.

— Meu filho, você quando me mamava mordida meu peito por demais. Um dia ficou roxo. Cadê antão que se alembra?

Os rezadores já estavam ao pé do altar. Tio Rafael era o capitulante. Pela última vez os sinos chamaram. Missunga começou a reconhecer gente. Pessoal do Ponto Certo. A filha do Bernardino, os Almeidas, povo do Campinho. O Rodolfo. Tia Esperança.

Sentado, muito devoto, seu tio Guilherme devia estar pensando como lograr seu Nélon e como tomar as terras do seu compadre Jango. A ladainha ia começar. O contralto era Vítor Néua, alto, o pescoço longo e estático, o mesmo Vítor que tanto o [51] impressionara na sua infância, com a sua voz aflita e cansada. O baixo era Manoel Vilar, escrevia o programa das festas de dezembro, professor

em ladainha. Tio Rafael puxou o latinório.

Vinte séculos de fé amassados de superstição e humildade saindo com um travo na voz dos rezadores. O latim perdia o mofo, a árida exatidão, a rabugem de sua velhice para ficar mesmo língua de ladainha na boca dos capitulantes. Missunga deu com a velha Benedita. Como rezava! Como sua cabeça de bilro, cabeça de negra, estava bonita. Os doces da velha Benedita, nas festas de dezembro, tinham um sabor do afago da mãe preta, o sabor da ladainha que tio Rafael rezava. Missunga não podia esquecer o que fez com a negra velha, não podia esquecer, o canto de ladainha lhe reconstituía a cena. Chefiava uni bando de guris, a esperar nhá Benedita no meio do caminho quando ela viesse pro largo com o charão de doces na cabeça. Nessa noite vinha retardada. Ninguém no caminho. Os guris, acuados. Nhá Benedita com o peso do charão grande na cabeça. Missunga pôs dois dedos na boca e assobiou. Rasteira na velha a gurizada em cima dos doces. Missunga, mais tarde, lambuzado, sujo, cansado e com medo apareceu no largo. Logo se espalhou a proeza do menino e a zanga do Coronel.

— Mas, seu Missunga, você é um menino herói. — Já é um homem. Na certa velha Benedita lhe fez alguma maldade. — Exclamou Lafaiete.

Missunga recorda como viu uma cédula escapar-se das mãos do seu pai, cair na poeira e Benedita apanhar. E os olhos de Lafaiete perplexo, que insistia:

— Vê lá, Benedita, se não estás exagerando o prejuízo, diante da generosidade do Coronel.

Arrastado e aos gritos, com as palmadas do pai, foi ainda a negra Benedita:

— Chega. Não bata tanto nele, foi coisa de criança.

Não esquece aquelas mãos de preta na cabeça, aqueles braços que o protegeram do pai. Velha Benedita fazia doces melhores do que os que perdera, melhores e de graça.

— Não chore pra sua mãe não saber. Ela está doente...

[52] Ele se deixou ficar naquela pura bondade. Com aquelas mãos esqueceria o catecismo, a gramática no Carmo e o desalento de sua mãe que lhe dava uns carinhos cada vez mais tristes como se despedindo. Se pudesse levaria nhá Benedita para tratar dele no colégio.

Agnus dei... qui tolis...

Ouvia com indefinível azedume o *ora pro nobis* monótono pingando daquelas bocas fiéis a Nossa Senhora. Sentia-se como despojado daquela religião com latim errado e fé bem certa. Belém era Adelaide morrendo pelo marinheiro negro, era a Hilda, o tênis, o garçom. Os trenzinhos da Estrada de Ferro tuberculosos tossindo pelos apitos. A Basílica exibindo em mármore e vitrais da Itália a vaidade e o temor de Deus dos fazendeiros, advogados e comerciantes. Tudo ali parecia apodrecer. As últimas chuvas amoleciam o resto de caráter daquela gente de cima. Belém crescia na várzea lodenta sob as chuvas, os carapanãs e a Fé na Virgem de Nazaré. Missunga preso ao seu mundo, desovando na solidão o seu pensamento desasado e miúdo. Rico e inútil, sem saber coisíssima; não dava para nada. Para nada. Sua família tinha um vitral na Basílica, tinha um altar, um automóvel, nos domingos de maio, com uma criada para distribuir pelas igrejas as esmolas anuais que Deus pedia. A ladainha lhe trazia a voz de Orminda fazendo coro, aquela voz o denunciava, ia contar outras histórias aos escravos mortos, raízes no velho cemitério, não ouviam mais. Seus sofrimentos, humildes demais para subirem ao céu, ficavam sangrando no chão. Ouvia Agnelo que, ainda bêbado, rezava, como um bêbado de Deus, com uma voz quase um grito num tom de blasfêmia como se promettesse derrubar os altares e arrancar o manto de Nossa Senhora para os curumins, que cada vez mais entristeciam na poeira do Campinho. Não rezes mais, Agnelo. Não cantes mais, Orminda. Tua

voz nasceu para o coro pobre da velha igreja. Talvez rezes pelo teu irmão na contra-costa. Seu pensamento fixou-se na imagem da Santa no altar, a cara de boneca, o manto brilhando. Quase todos os anos Capitão Guilherme mandava encarnar a imagem em Belém. O coro sereno na voz sumarenta de Orminda. Deus transbordava nas vozes. Velho Deus [53] da doceira Benedita, não és mais o meu Deus. Meu Deus é o da Basílica, é de um Papa que também chamam Pontífice ou Santidade, Pio ou Leão, num trono de ouro fala difícil para o mundo. Nossa Senhora não ouvirás meus irmãos sem nome nem as prostituídas pelo meu pai e pelos meus tios, santa do Agnelo, o bêbado, do Marcelino, o ladrão e do Ciloca, o leproso. Es também a santa do meu pai, lhe dás boi gordo, vaqueiros mansos e alta nos preços da carne para que haja mais altar e mais vitral na Basílica. Missunga lembrou-se de Adelaide. Quis sair. Por que Guíta não viera? A voz de Orminda era a de uma irmã perdida, a voz de Agnelo, a dos que pedem contas a Deus. Nunca mais pudera reavivar a vontade de pedir à Nossa Senhora uns dias menos sujos e um imaginário perdão às suas culpas comuns. Rico, mas como queria ser feliz!

A ladainha também lembrava a voz de Mariana e a história da tia Esperança, a negra benzedeira: Quando D. Branca morreu, não foi S. Pedro quem lhe abriu a porta mas Nossa Senhora. O povo, ouvindo a história contada pela negra, via D. Branca entrar no céu de braço dado com a Senhora da Conceição. Voz de Mariana, história de tia Esperança e logo sua mãe tentando imitar siá Felismina no acalanto:

*Cavaleiro de meu pai
Dá-me um jarrito d'água...*

No último banco, Marta, alisando o catecismo que trazia como um adorno, olhava os morcegos, as pretas de siá Feliciano cochichando, abafavam o riso com as mãos. Um rezador voltou-se, com um gesto ordenou mais respeito. Missunga reconheceu o folião

Arnaldo, coxo (aquilo foi uma luta com cobra sucuriju) remeiro velho, bebendo, cochilando e remando dias e noites nos longos rios. Sua cabeça à luz das velas dominava o altar. Tio Rafael repuxou o latinório.

Os rezadores se levantaram, fizeram o pelo sinal deram as boas noites e meninos lhes tomaram a bênção. Os sinos bateram e os rapazes que, no escuro da rua, esperavam as pequenas, com o cigarro vagalumeando na boca, ficaram atentos. A escuridão dos [54] calminhos foi levando os pares não se sabia para onde. Ciloca no poste da esquina, olhava o povo passar e murmurou chasqueando:

— Vão... Vão... S. Cipriano bote a peste neles.

Saudade de Sinhazinha como se as suas próprias chagas de leproso doessem.

— Rafael, Rafael, olha quem chegou atrasado para a ladainha.

A vaca muito mansa espiava pela porta lateral da igreja, os olhos esbugalhados pela claridade.

— A vaca quer rezar também, Rafael.

— Credo. Esses bichos só faltam, Deus me perdoe, obrar na igreja, urrar e parir. Uma praga. Pra-o-que tem intendência?

Interrompido por um abraço e a risada de Missunga. Os olhos do leproso ficaram corujando na sombra. Tio Rafael e Missunga juntos enxotaram a vaca.

— Então, Rafael, não te enjoaste da igreja, não?

Rafael não respondeu, só fez sorrir. Tratava-o com reserva, sem humildade ou reverência. Era mesmo quase seco. Enjoar-se de Deus, repetiu ele consigo, como se Deus fosse comida, alguma fruta, festa, mulher, estudos. Desde curumim preso aos santos. Brincava de fazer santo de miriti, de barro, de madeira. Dunga para armar igrejinhas e altares debaixo dos cajueiros, no terreiro, na barraca, à beira do igarapé. Reunia companheiros para festejar os santos de brinquedo. Enfeitavam o terreiro com palmas de açaí, tajás, faziam andor para a calunga de miriti, atiravam talas de panieiro no ar imitando foguetes.

Os cajueiros se ornamentavam de papel de cor. Nhá Benedita saía de seus cuidados para fazer mingaucutuba que os meninos, felizes, bebiam em tigelas de barro e cuja pitinga. Cantavam folia, faziam procissões pelos caminhos do mato, tiravam esmolas pelo Campinho. Foi vendo isso que a madrinha do Rafael, a mãe do Coronel Coutinho, lhe presenteou uma coroa da Santíssima Trindade. Para ele e seus parceiros fazerem a devoção. E já crescido, embora não soubesse ler, Rafael decorava folia e ladainha ouvindo os foliões e as puxadeiras de reza. Principiou tocando reque-reque para depois vir a ser o mestre folião do tambor na tiração de esmolas da Virgem Padroeira. Sua religião era alegre, festeira, bem enfeitada de folhas e fitas, ao som do tambor [55] e da viola, muito mingau, arroz doce e pastel com azeitona, no terreiro. Depois trocou a Coroa pela imagem do Menino Deus. Se metia na canoa em que seu mano Antônio andava embarcado e ia a Belém pelo tempo do Natal para ver presépios e pastorinhas da cidade. Voltava triste porque tempo não havia para isso e ainda não sabia andar na cidade. Até que uma noite, em janeiro, seu irmão o levou ao subúrbio e Rafael viu um presépio, moças vestidas de pastoras adorando o menino, lindas. Não, não eram como as chochas pastorinhas de Ponta de Pedras. O presépio, que encanto o presépio.

O sonho de armar um presépio de Natal na vila, festejar Menino Deus, cresceu, cresceu. Quando pôde formar a sua turma de foliões, prepara o primeiro presépio, reza a primeira ladainha na barraca do seu pai, Rafael não esconde as suas lágrimas e foi o que se falou naquele fim de ano em Ponta de Pedras, o presépio do filho do Calafate no Campinho.

Seu pai, velho Florêncio, o Calafate, sentado no terreiro, tecia os seus vistosos paneiros de jacitara. — Não sei a quem esse um puxa, dizia, referindo-se a Rafael. — Mãe dele não era assim. Santo é com ele, eu já não. Nunca virei a cabeça com coisa de igreja. Agora quem tiver a sua sessão de experiente me chame.

Rafael foi tomando conta da igreja, toca sino, conserta goteira, tira casa de caba no telhado, até vestir Nossa Senhora. O pai dizia que aquilo não dava futuro. — Não via que passava fome, os santos ficavam aí para os brancos e os padres engordarem? Rafael já estava de trouxa arrumada para ir embora quando Senhora da Conceição lhe apareceu:

— Mas Rafael e quem cuida de mim, de minha igreja, das minhas festas, das ladainhas? Fica. Não morrerás de fome. Terás sempre uma camisa para vestir e uma rede para o teu sono. Fica com o teu Menino Deus no Campinho armando todos os anos o presépio.

Rafael desmancha a trouxa e conta o sonho para o povo.

Ao depedir-se, Missunga abraçou-o e prometeu um presente para o presépio. Rafael ganhou a estrada do Campinho. Na [56] bar|raca — seu pai roncava — acendeu o toco da vela e ao deitar-se na rede esfregou os pés para tirar a poeira e rezou.

O casco de Missunga ia embora na maré. O rio, na foz, arquejava com a ladainha das ondas nos pedrais. Longe, lá fora, a baía debatia-se. Nossa Senhora estaria enchendo de peixe as canoas de pescadores?

Antes de entrar no igarapé do Paricatuba, o casco balançou embalado pelas mãos da maré cheia. Missunga parecia adormecer. Viu, Guíta no macuru, como um berço, em que ela se embalava. O sono sob a voz de Mariana, a toada de Víctor Néua, o folião, tão aflita, subia no embalo das águas, ó mortas ladainhas!

6

[57] Mandou Benedito aproar a montaria para o Calilo. A manhã parava as águas como um remanso.

— Vamos tomar café no sino.

Aquilo pertencera ao velho Tenório. Roçados grandes, fruteiras, muita criação. O pai de Tenório morre cheio de dívidas. Coronel

Coutinho cobrou-as apossando-se da maior parte dos terrenos. O filho ficou sem animo, com a mulher bêbada gritando, toda noite, na beira do rio. As fruteiras, a criação, os roçados grandes, tudo acabou. Tenório ficou mandriando, vendo a casa, — boa para os isguetes do outro tempo! — ruir, vagarosamente, parede por parede.

Ficou folião de Sto. Ivo. Atrás dele, o Calilo, um sírio que andava comprando ouro quebrado no Marajóacu.

— Seu Tenório, lhe dou em mercadoria o valor do seu sitio. Faça o negócio.

— Não.

— Queira.

— É de herança, seu Calilo. Meu pai estimava a terra.

— Olhe que é negócio, aproveite.

Tenório remanseou, remanseou, faz não faz o negócio. Abanou a cabeça, respondeu confusamente que mais cedo ou mais tarde podia ser que se resolvesse para ver se dava certo.

— Mas peça pro Coronel aquela ponta de terra ali. Também dá pro seu negócio. Era de meu pai.

Coronel cedeu a ponta de terra.

— De maneira, seu Calilo, que não me venha a pepinar, ein?

[58] Tenório começou, então, a comprar no Calilo. Era, só, vai, Enedina, no Calilo. Vai, Prudência, no Calilo.

Meses depois, Enedina grávida.

Deu-se no tempo em que Santo Ivo desaparecera e Tenório perdera, por isso, as suas viagens de folião pelos sítios, vilas e fazendas, entre rezas, folias e danças. Ah, as gordas carnes do Alto Arari lhe faziam esquecer o pirão de farinha azeda, a xicrinha do ralo café, a tristeza que encontrava pelos caminhos do Anajás, pelos campos sem gado e sem caça, com os lagos secos, a terra rachada no sol duro, os pescadores sem peixe e as mulheres sem força de parir os filhos. Quando a mãe perguntou à filha: — Quem foi, anda? Enedina voltou-se como que instintivamente para o pai e isso fez a mãe olhar

também para o companheiro, com um sinistro pressentimento.

— Desembuche isso direito, Enedina.

A mãe baixou a cabeça tão aliviada que não perguntou mais nada à filha, sentou-se no soalho da velha casa. Tenório então tomou o casco. Desembarca no trapiche de Calilo:

— Seu Calilo, minha filha. Foi o senhor.

Difícil atirar o sírio n'água, pisá-lo na lama, sangrá-lo devagarinho, fácil atear fogo no barracão. Naquele resto de honra ou vingança rompe um súbito desejo de negociar, cobrar a perdição da filha a troco de uma calça nova, um cinturão, uma saia nova para a mulher. Calilo acenou para o seu empregado Hemetério, o cavador de ouro, perna apoiada na balança grande de pesar borracha, cacéu, e peixe.

— Hemetério, diz pro pai de Enedina qual o macho que ela ainda não conhece nesta beira de rio.

Tenório arrancou a portinha de miriti do único quarto da casa velha:

— Ordinárias, mãe sem préstimo pra guardar a filha! Saiam! Saiam!

Pôde desabafar com voz cansada em que havia mais indiferença que revolta. A filha não se mexeu. A mãe largada no soalho, seminua, bêbada. Naquela mesma noite ela correu para o mato aos gritos. Tenório, noutro dia, com três companheiros, foi encontrá-la morta, num atoleiro entre mangues e aningaís onde bandos de cigarras saltavam.

[59] Tenório saiu então à procura de santo para trabalhar no seu ofício. A filha doente, com as pernas em chagas, foi ter a criança na barraca de um tio no rio da Fábrica. Morreu, como lhe disse um conhecido, a bem dizer, podre. Nenhum santo havia para foliar, tirar esmolas, correr terras.

Voltou ao seu sítio para receber, uma tarde, a visita do Coronel Coutinho, o delegado de polícia, Lafaiete, Calilo, que chegavam de

motor.

— Tenório, assine isto.

O olhar de Tenório era de uma passiva surpresa, de tímido ressentimento. Assinar o quê? Que papel era aquele? Tão doente, tão desamparado, tão ausente de si mesmo, ficou naquela inércia com que, diante dos oratórios, mexia os lábios na folia a Sto. Ivo. Pôde ainda dizer:

— Se é aquela conta... Não é a terça parte do que vale o sitio. Calilo você é sem alma...

— Assine isto, Tenório. Comeu, pagou. Não tente protelar...

— Vocês quando pegam um creditozinho perdem a cabeça. Comem, comem e depois... Não são econômicos. Brasileiro e assim mesmo — disse Capitão Lafaiete, desembrolhava uns papéis, com impaciência.

Tenório quebrou o silêncio:

— Mas nem assinar o nome sei, Coronel.

Capitão Lafaiete deixou cair os braços para exprimir que era uma objeção tão pueril, um obstáculo tão fácil. O delegado considerou o grande mal do Brasil, o de só pensar na comida e não na instrução.

— Assina-se a rogo. O que não quero é bandalheira no meu município, sentenciou Coronel Coutinho.

Tenório só sabia ler quando Capitão Lafaiete assinava o nome dele no livro de eleitores. O tabelião assinou o papel, a firma reconheceria depois. Calilo e Coronel no terreiro conversavam sobre a necessidade de educar os caboclos a obedecer leis. Tenório, num caixote, olhava o chão, uma formiga passeava num pedaço de miriti. Lembra-se do sítio de D. Mariazinha que Coronel também tomou. A mulher aparecia na vila variada do juízo. Coronel falava na Suíça, na educação da Suíça. Aquilo sim, é que é país!

[60] Sem mulher, sem filha e sem terra, Tenório, mudo e inerte ficou a um canto, num soturno alheamento. Ao ver-se só, arrumou

seus trapos, ateou fogo na velha casa. Desamarrou o casco da estiva. Sentou-se no banquinho do casco. Tomou o remo. Tinha um vagar em tudo. De repente suspeitou. Quem sabe a finada mulher não guardara, entre panos velhos, no fundo do baú, a cabeça de Sto. Ivo desaparecido da casa de Manoel Rodrigues?

O fogo sobre o rio iluminava-lhe a suspeita.

7

[61] Subiu o trapiche: sim, senhor, tinha feito negócio aquele sírio.

O barracão de telhado novo, um mastro pintado de verde e amarelo em que içava, aos domingos e feriados, a bandeira do Brasil. O porto alto e bem acabado. De lá a gente via a baía luzir, ao pino do sol, fumaçando no longe. A coluna indicava o baixio onde soçobrou o Izidoro Antunes, o caldeirão espumava nas pedras da Lavadeira. Ouvia-se a buzina das canoas que entravam, enxotadas pelo temporal, para o sossego do rio acolhedor. Nas tardes de trovoadas rolava o mar lá fora, surdamente, e a maresia vinha quebrar-se no tijuco da praia e mexer com os camarões nos parís.

Calilo, que engordara, recebe Missunga como a um filho de seu chefe. O rapaz olhava as cunhatãs que iam comprar cheiro e tabaco a troco de açaí e lenha. Iam, descalças, entremostrando o corpo, flor no cabelo, brincos baratos e vistosos na orelha. Montaria no porto, remo no fundo da montaria, subiam ajeitando a saia, a blusa rota, carregando o paneiro de açaí, o feixe de lenha ou a caixa de ucuuba, alguma garrafa de azeite de andiroba. Aquelas cunhatãs, dizia Calilo na sua língua aos patrícios, se comprava por um paneiro de farinha. Menos até: um trancelim de 1\$500. Por que Alaíde não foi atrás do paneiro de farinha nem do trancelim pensava Missunga.

Calilo viera de Belém lhe contava Benedito, com doença do mundo que espalhava pelas caboclas. Todo o estirão andava

contaminado. Calilo, então, exibia as drogas contra a doença e os caboclos nem podiam regatear.

— Bom dia, sô Calilo.

[62] Arriavam o peso. As mulheres tiravam da cabeça o chapéu de carnaúba ou de pano e apertavam a mão de cada um dos presentes: — Como vai, bem, e o senhor? — estendiam, rápido, a mão e recuavam escorando-se nas portas, sentavam nos bancos do trapiche, mudas. Olhavam de revés o filho do Coronel Coutinho.

— Você já está rico, Calilo.

O sírio ria. Havia mulheres que sorriam e outras olhavam como sem compreender. Ficavam à espera que Calilo as despachasse.

— Puxa, Calilo custa despachar a gente.

— Ah, é uma paciência.

Entreolhavam-se lentas como sombras. A presença de Missunga as constrangia mais sob o silêncio. Quando falavam eram monossílabos ou contavam casos da roça, febres, apanha de caroço ou sonhos. Acendiam cachimbos, cigarros ou mascavam tabaco. As velhas com ar sério de velhas mães, cenho franzido, cachimbavam, empapuçando as bochechas, cuspiendo grosso, saião arrastando, os rosários e a tristeza. As antigas voltas no pescoço. Alguns brincos da monarquia. A mão pronta para abençoar.

Deitados no trapiche, os curumins, remo ao lado, amolengavam ao sol, espiando passarinho pelas seringueiras, nus e sua cor os confundia com os couros de cotia ali estendidos e os paneiros de cupuaçu. Alguns deles se aproximavam do balcão e olhavam, com um secreto desejo, as empolas vazias como pingentes em roda do farol suspenso no teto, idéia de Hemetério para dar um enfeite na casa. Missunga se lembrou que Alaíde lhe pedira certa vez todas as ampolas que ele encontrasse em Piracatuba. Uma pele de jibóia, esticada na vara, fiscava de escamas. Os porcos, embaixo, focinhavam no lamaçal.

Junto ao balcão, cabeludo e sujo, uma rodilha na cabeça, Tomás

do Mato esperava o gole. Era a besta de carga do estirão. Sacos enormes na costa, caminhava léguas no mato atravessando pinguelas, igarapés, aturiás. O povo gostava também que ele imitasse com o seu grito o som do clarinete. Missunga lhe pagou a cachaça sob condição de imitar o clarinete de Manuel Paraense. Tomás do Mato rasgando os beijos grandes num riso pediu o gole primeiro. Depois gritou. Era o som do clarinete. Então as [63] mulheres riram, a conversa parecia animar-se. Trataram de estas, lembrar que Tomás do Mato passava noites e noites na capoeira. Ao rirem desencostavam-se das paredes, espichavam a perna, se deixavam ficar meio arriadas como se ainda lhes pesasse a carga nos ombros e na costa.

Subindo o trapiche, com o remo na mão, a saia enrolada no cós, Alaíde parou confusa. Não esperava Missunga àquela hora, no barracão de Calilo. Ele foi ao seu encontro entre os curumins e os caboclos que aguardavam a maré. Com os lábios levemente caldos, como se reprimisse o riso, Alaíde desviou o olhar para as seringueiras, para qualquer coisa que aparentemente a entretivesse. As mulheres mal disfarçavam a curiosidade. Calilo riu. Alaíde, cada vez mais arrependida de ter vindo, envergonhada e lisonjeada ao mesmo tempo, sabia que as outras falavam mal dela, a invejavam e isso lhe deu forças para responder à pergunta de Missunga.

— Vim comprar sal.

Calilo atendeu-a logo e ela desceu o trapiche sem despedir-se de Missunga.

Calilo media tabaco, querosene, pesava a farinha.

— Seu Calilo, não corte o dedo. Demais grande esse cruzado de tabaco.

Calilo naquela sua língua de sírio, os olhinhos ágeis, o lápis atrás da orelha:

— Que nada, dona Márcia, é tabaco do Acará, do bom, chêre, chêre, fique sabendo, que tal? Só uma cachimbada desse vale uma sesta.

— O senhor fez promessa?

— Por trazer essa especialidade?

— En, en.

— Não, capricho. Que diabo, freguês não deve fumar coisa ordinária. Mas do bom.

As mulheres se aproximaram. Missunga, dentro da loja, tudo fazia para deixá-las à vontade.

— Chêrem! Chêrem. Tomem.

Calilo ia de nariz a nariz, estendendo o meio molho de tabaco.

— Especial, mulherada, especial.

[64] — Até que o senhor criou vergonha.

— Criei, dona Laura, criei. E tabaco mesmo de encomenda.

Uma cabocla, com o filho nailhado, cochichou à outra:

— Foi com um tabaco desse que ele pegou a Laurinha do mestre Zeca.

— E a Enedina, então, hum?! — acrescentou a outra.

Ambas taparam o riso com a mão logo se voltaram para Calilo que exclamou, partindo o meio molho de tabaco:

— D. Ernesta, não quer migar? Dar um trago? Uma cachimbada?

D. Ernesta, alta e gorda, com um pano no ombro, aproximou-se vagarosamente. Era mulher de falar pouco. Cachimbeira de fama. Conhecida tabaco de longe.

— Vá lá. Se você me der, me dê. Mas me deixe cherar primeiro. A velha aspirou fundo. Rolou o tabaco nas narinas, considerou a taniça e a cor, tornou a aspirá-lo. Todos aguardavam o seu julgamento. Calilo sorria no balcão, esfiando o bigode. Missunga fingia ler um jornal velho. D. Ernesta devolveu o tabaco, espirrou, limpou o rosto com a ponta da saia e olhou em torno, muito seria:

— Ruim não é.

Calilo, então, cortou o tabaco e ela migou, esfarelou o fumo na palma da mão, soprou o cachimbo, encheu-o, acendeu no fósforo que

o sírio lhe estendia. Depois, vagarosa, foi ver se a maré já ponteava. Começou a cachimbar, olhando a água tufar na praia, siririgando...

A mulherada avançou sobre o balcão reclamando o tabaco.

— Com uma condição, disse Calilo, de levarem o pirarucu.

Várias mulheres espalmaram as mãos no rosto num ar de lástima.

— Mas podre como está?

— Podre. Podre. Acham podre? Vocês já perderam o sentido do olfato. Sabem o que é olfato? Na França se come queijo podre e é sobremesa de fidalgos. Nem me digam na frente do doutor esta palavra “podre”. Palavra feia. Se ele não estivesse aqui, eu bem sabia o que dizer.

[65] — Que então o senhor dizia?

— Dizia que podre era a mãe. Não era? A mãe.

— Qual a mãe?

— A mãe, a mãe, ora esta. O pirarucu não está podre. Podre é a santíssima mãe.

Algumas caboclas soltaram um ah!, e outras riram. O pirarucu em cima do caixão já fedia, bichado? sob as moscas. As mulheres abanavam a cabeça. O tabaco, pelo menos, podia compensar aquilo. O fumo aliviaria o fedor, enganaria a fome.

— Seu Calilo não corte o dedo tirando esse tamanhinho de tabaco. O senhor mesmo perdido no mato era capaz de não dar um trago pro curupira.

— Podia me perder mil vezes no mato. Curupira que viesse me pedir cigarro. Mandava que ele fosse pedir à mãe. Ele que não ia me ensinar a sair do mato. Isto é pra vocês que acreditam nele. Levam ou não levam o pirarucu?

— Podre?

— Como está vendo, doutor, esta é a vida de um negociante.

Missunga ergueu-se rápido, silenciosamente, apanhou os restos do peixe podre e atirou na lama onde os porcos fossavam. Calilo não

fez mais um *só* gesto. As mulheres entreolharam-se no espanto geral. O rapaz encaminhou-se para o trapiche, o sábio o alcançou.

— Doutor, eu estava brincando com elas. Eu não ia vender, não, não ia.

Missunga bateu-lhe, de leve no ombro:

— Não foi nada. Estava podre, não estava?

Afinal seu pai era culpado, ele, como filho, também culpado. De resto, gostaria que Alaíde tivesse assistido à cena, e Guíta, e os amigos de Belém que o aplaudiriam. Já no rio, sentia vergonha daquele impulso sem platéia, daquele gesto inútil.

8

A esperar o remeiro, que o levaria à vila, deu um embalo na rede e olhou os próprios braços esticados: falhei.

— Ó Benedito.

As roças que mandara iniciar estavam abandonadas. Tentou levantar o engenho da Campinina, só havia ferro-velho e o pai negara-se a fornecer dinheiro. Ateou fogo nos canaviais que restavam e em Paricatuba ao ouvir o carão do velho, respondera:

— Para que canaviais se o negócio é para o Calilo?

— Depois era bonito ver uma queimada no meio do mato.

Benedito dizia que era vingança de caçador sem sorte.

A um novo grito chamando o remeiro, Coronel lhe apareceu, com um jornal na mão:

— Estás com uma vida, rapaz... Tens de voltar para Belém. Vila não é vida. E é preciso acabar com a história daquela cabocla.

— Que cabocla, papai?

— Não sabes, então? Todo o mundo a par. Ermelinda me falou. Você não nasceu para isso.

— Mas até D. Ermelinda se metendo?

— Ein?

O filho calou-se. Lembrou-se da pergunta que tentara fazer a propósito das escrituras.

— Você não sabe que uma cabocla besta dessa lhe pode fazer mal?

— Mal?

— Não sabe o que é mato, não sabe o que é uma cabocla quando pega rapaz... assim... Você lá conhece o que é ruindade de índio. De índio! Afinal você deve partir, meu filho.

[67] O pai alterado e ao fim com aquele inesperado “meu filho” de reconciliação e brandura. Havia uma intenção nas palavras do velho que se queria vingar, talvez, da interpelação daquela tarde. O rapaz não disse mais coisa alguma e lhe veio, embora absurda, a suspeita: será que ela é mesmo sua filha? Não, não era. E por que a suspeita? Ela mesmo contara: o pai dela morrera no rio da Fábrica, a mãe já grávida, ao colher um cacho no açaizeiro, — pois era disso que vivia — tombara e teve o aborto ao mesmo instante no chão. Alaíde contava a morte da mãe com os olhos enxutos, só o silêncio, depois, que vinha de seus lábios, de seu olhar parado, de seus cabelos agrestes, das mãos ainda vermelhas dos urucus que espremera, parecia fluir como uma envergonhada dor anônima entre as folhagens, os pássaros, as águas de onde subia o cheiro dos taperebás maduros.

Somente em pleno rio, em presença do remador, ele pôde desabafar:

— É, papai fala de mim. Querem ver é só ir perguntando pelo Marajóacu adentro: Quem é teu pai, guri? É meu padrinho, Coronel Coutinho. E o teu? E meu padrinho Coronel...

O remeiro surpreso às primeiras palavras, não conteve o riso, suspendendo o remo que brilhou fora d'água.

— Rema, rema, Benedito, quero dar uma prosa com o meu

sogro.

Benedito não se atreveu perguntar quem era o sogro, pressentiu a ameaça sobre Guíta. Certamente... Remando pensava nas donas Florências, Valentinas, que Coronel distribuía pelas fazendas no Arari. Foram as amantes mais felizes. Cadê que levava D. Ermelinda para os campos? Elas criavam porcos e patos, salgavam carne, tinham os seus teréns, até gado ferravam. Apareciam às festas de fim de ano em Cachoeira, o ar de senhoras, as largas saias de cambraia e matinês de tricoline, com os afilhados berrando na igreja em torno da pia, à espera do batismo. Já estavam maduronas, quase da idade do Coronel (ele segredava ao primo Guilherme — vacas velhas que não dão mais cria, primo), e viviam nas fazendas menores como S. José, Sta. Catarina, Tojal... Coronel corria os campos do Arari dirigindo a matança dos jacarés, as malhadas e [68] as ferras, tomando terras, surpreendendo vaqueiros no amor com as velhas éguas e as vacas mansas nos encobertos, fechando os lagos para os pescadores e os próprios vaqueiros. Um pescador, Marcelino, antigo vaqueiro do “Paraíso” ousara entrar num lago da fazenda e foi morto a tiros pelo vigia.

— O vigia tinha ordem para assustá-lo, dizia o Coronel. Foi um tiro de rifle mal calculado. A gente lastima. Mas de que modo se pode ensinar esse povo a respeitar a propriedade, a deixar de ser índio?

Coronel atravessando currais e porteiras, boiadas, cavalarias, feitorias de pesca, mondongos, lagunas, procissões nas vilas, condução de foliões, onde erguia a cabeça de seu alazão era para laçar nos ranchos e na beira do rio, entre as lavadeiras, a assustada moça donzela.

Benedito soltou um curto riso.

— Que é isso, Benedito?

— Me rindo por nada.

Missunga olhou a manhã caindo em cheio no rio. Parecia neblinar, lá no longe faiscando de sol. O casco ia embora em cima da

maresia branda. Missunga olhava o estirão, uma ou outra sumaumeira grande e pensava: Pudessem derrubar tudo isto. Estender minhas plantações. Ali um trapiche. O sírio expulso. Adiante o armazém, casas de colonos, o arrozal nas baixas. Algodoads branquejando na luz da manhã. A trepidação dos tratores. Caminhão buzinando longe na estrada e a felicidade entrando pelos olhos de toda gente. O mato, a gente com a sua miséria, a bicharada, tudo isso pertencia ao Coronel Coutinho, Senhor seu Pai.

— Dê cá o seu abraço, mestre Amâncio.

Velho Amâncio, mestre-carpina, morava no Campinho. Trabalhava com os dois filhos, Zé Cruz e Venâncio.

— Sente, doutor, neste banco. Coronel, bem?

O velho estendeu uma velha esteira no terreiro da barraca e sentou-se, cachimbando.

— O seu cutitiribazeiro está carregado, mestre Amâncio.

— É.

Amâncio ergueu o olhar para a árvore.

[69] — Ainda não tem maduro se tivesse o doutor levava.

— Não gosto muito, mestre. E enjoado. Agora caiu do mato comigo.

— Lá atrás da casa do João da nhá Euzébia tem uma árvore boa. Cada um.

— Eu sei. Que há dos dois?

— Do Zé e Venâncio? Estão, paresque aí. Ah! Foram pro igarapé.

Guíta, nem sinal de aparecer. Missunga vexava-se de perguntar por ela. Por que não lhe vinha dar ao menos bom dia? Mestre Amâncio foi lhe contando dos seus trabalhos, Missunga alheava-se para pensar em Guíta, a Guíta de seu tempo, bem menina ainda. Caía das árvores um silêncio cheirando a fruta, a resina.

Um pouco maior que ela quando foi para o colégio. Mestre Amâncio trabalhava por conta do Coronel Coutinho, em Paricatuba.

Se Mariana era o acalanto, o pegadio, Guíta brincava de cabra cega com ele, do tome esse raminho, do lobisomem. Ela escondia travessura do Missunga, salvava-o de situações críticas. Era D. Branca fazer um gesto para dar uma palmada no menino, logo a menina ia pedir. Pedia com uni tom de voz de quem nasceu para saber pedir e alcançar o que pede:

— Madrinha não dê, a culpa não foi dele. Não dê.

E D. Branca, cadê raiva? Lá abraçava a pequena, beijava-a e dizia:

— Tu, minha filha, nasceste para ser boa. Missunga, esse impossível, tem uma santinha por ele. Esse malcriado.

Se o menino, nas suas danações, partia a unha do pé, a bichinha aí amarrava o pezinho dele, curava:

— Não chore, Missunga, senão, tua mãe vem.

Era tirando espinho da mão, esfregando o sujo das pernas, ensaboando a cabeça, ajeitando a gola do seu fato comprado feito na loja, abotoando o sapato. Porque ele gostasse, trazia-lhe duas saúvas, uma agarrada à outra. Missunga, batendo palmas, achava que era uma briga, e tomava o seu partido. Se a sua saúva perdia, ele vingava. Apanhava as saúvas mortas e atirava-as no cabelo de Guíta.

[70] O dente de boto, que desde criança de peito usava no pescoço, ela deu de presente ao amiguinho. Ele o perdeu tomando banho, no igarapé do Arapiná, meio-dia, quando Coronel Coutinho foi ver um amigo, muito mal de febre. Missunga só fez foi chorar a perda do dente de boto que tanto protegia as crianças. Guíta, logo que soube, lhe disse:

— Deixe, Missunga, eu peço outro e te dou.

O menino acreditava nos poderes do dente de boto. Já o primeiro dente que sua mãe lhe colocara no pescoço até hoje não sabia como perdeu. Sem o dente podia apanhar quebranto. Mariana lhe falava muito nisso. Nhá mãe Felismina, era o que conversava, e Missunga sentiu o medo do quebranto aumentar. O segundo dente, o

bonito dente de tanta estimação de Guíta, ele também perdeu. Ficou assim como quem anda pelos balcedos sem ser curado de cobra.

— E trabalhamos com aquele pau.

Missunga está com os olhos na boca de Mestre Amâncio não lhe entende as palavras. Teria sido mesmo Guíta que lhe dera aquele apelido de Missunga? Uma bobagem de Mariana que D. Branca acreditou, achou tão curiosa e inocente, nunca mais chamou o filho por outro nome. Contava que Mariana correria à varanda:

— D. Branca. Ouça o nome que Guíta chamou pro menino...

Guíta, efetivamente, ou invenção de Mariana? Guíta mesma jamais confirmara. Somente Coronel considerava absurdo, inexplicável que o apelido pegasse tão facilmente como pegou e para sempre. Guíta ou Mariana, não sabia, um nome sem explicação nem origem, um nome de brincadeira ou faz-de-conta. Por isso Missunga sentia Guíta presa mais à sua vida, como se nela pudesse recuperar ou encontrar qualquer coisa, o mistério daquele nome, Mariana restituída e outros sentimentos inesperados.

Aprendia com Guíta a lição dos cinco dedos:

— Pai de todos, fura bolo, mata piolho.

— Mata piolho...

— Não, Missunga, upa! Vamo...

— Pai de todos, fura bolo...

— Isto. Qual o outro? Anda.

[71] O dedinho de Guíta ia andando pelo braço de Missunga até que encontrava o rato — quiu, quiu, matei o rato! Missunga se desmanchava em riso, o vento fazia cócegas nas árvores também. Era ele tirar um dente-de-leite e já Guíta dizia:

— Joga no telhado pro rato trazer outro.

D. Branca tinha que jogar o dente-de-leite no telhado. Por que o rato escondido nas telhas era sempre mau para os meninos? Tudo que Missunga pedia, de impossível, a mãe logo apontava para o telhado:

— Rato levou, meu filho.

Rato encantado, dono de tudo que Missunga desejava e que jamais podia ter.

História boa para Missunga era da lua. A lua que ela havia guardado na caixa de fósforos. Invenções de seu Felipe para iludir as crianças. Quando anoitecia e era lua cheia, Guíta dizia ao amigo:

— Olha, a minha lua é igualzinha àquela. Eu tinha duas. A outra fugiu da caixinha e é aquela do céu. Te juro.

A lua cheia parecia tão perto da terra, tão viva como uma menina que viesse cair em cima dele, cair na palma de sua mão. A lua era uma medalha, a moeda que tinha a cara da Princesa Isabel ou o Coração de Maria? Seu Felipe contava que era a medalha de uma menina que se afogara no mar. Por quê? Se a medalha era a lua, tinha subido e ficava por cima do rio? Seu Felipe não respondia. Missunga queria era a lua da caixa de fósforos que Guíta gostava sempre de esconder dentro de um sapato velho.

— Mostra, ao menos. Mostra.

— Seu Felipe me disse que não se deve abrir a caixa senão a lua foge com a outra. O mundo ficava sem luar porque a lua que está nos alumando agora, está é por causa da outra da caixinha, que é companheira. Soltando, as duas vão embora, assim seu Felipe disse.

Seu Felipe lembrava a história da cascavel, companheiro dela fora morro por um caçador num caminho de Paricatuba. A fêmea veio atrás, no rastro e picou o caçador na própria rede. Encontraram-na morta noutra dia no mesmo lugar em que seu companheiro morreu.

[72] Mas o menino queria abrir a caixinha, ver a lua.

— Não, não abro! Que teimoso!

Brigaram. Se agatanharam. Guíta cobriu com a mãozinha os arranhões do rosto.

— Não me puxa o cabelo, mano!

Fugiu e foi soluçar escondido. Missunga num berrero correu a contar a D. Branca:

— Mamãe, ruindade da Guíta, não quer mostrar a lua. Eu quero

a lua. Eu quero. Peça, mamãe, pra ela.

— Mas onde está a lua, meu filho?

— Ela tem numa caixa de fósforo. Tem. Peça mamãe, onde.

— Mas mano... Faz mal.

Levou um minuto com o dedinho na boca e resolveu-se.

— Espera.

Guíta voltou com a caixa de fósforos vazia.

— Ah!, mano, pois o rato não levou? Pronto! Rato levou e agora, mano, em? O rato levou a lua.

O rato comeu a lua. O rato se encantou no telhado. Então Missunga não pediu mais a lua. A outra que no céu aparecia clareando a rede que Mariana ia embalando até ele dormir, não era a verdadeira lua, não era. A verdadeira estava alumando a barriga do rato encantado.

Mestre Amâncio conversava. O vento embalava as árvores, e a conversação.

Missunga se lembrava bem que, uma noite, à beira do igarapé, com o Coronel Coutinho, maré cheia, luar, ele viu uma lua boiando no sossego das águas.

— Olhe, papai, olhe a lua da Guíta. O rato vomitou a lua que comeu. Ela está de bubuia. A do céu está olhando ela. A gente não pode pegar? Ande, papai, pegue senão peixe come.

Sonhou que pescava a lua das águas, com a isca feita dos cabelos de Guíta. Peixe engolia a lua, e a lua, pelos olhos redondos do peixe, mirava o céu perdido. Contou isso para Guíta que ficou com os olhos tão redondos como os do peixe, roendo a unha.

Quando ao fim das férias se despedia dela, na partida para o colégio, a menina se recusava a abraçá-lo, como D. Branca pedia, [73] sentindo-se, a um tempo, vexada e sem compreender porque ele, afinal, partia.

— Guíta! Guíta! Aí um café pro doutor, anda.

Missunga ergueu-se.

— Não, não, mestre... Eu não demoro.

— Mas é meu hábito. Espere. Sente é que é.

— Ora... E tem pau, madeira por aqui perto?

— Não há pau por perto, bom de machado. É preciso ir longe. E preciso que a Guíta leve a comida pra lá pra esses centro.

— É preciso?

— É, doutor.

Veio o café.

— Como vais, Guíta, bem?

— Bem, e o senhor, como vai Coronel, D. Ermelinda...

— Todos indo. (Que voz vagarosa e como o tratava de senhor, imaginem, de senhor, de senhor, hum-hum.)

Ela se encostou na parede de juçara, bandeja na mão. Para Guíta, era o filho do Coronel Coutinho, o moço que estudava para doutor. O que passou, passou, babau! Gostavam de dizer as velhas do Campinho. Estava descalça, com um vestido de chita desbotado, salpicado de tijuco. Os olhos pareciam machucados de insônia. E ele tomou o café bebendo aqueles olhos também.

Os tucumãzeiros carregados guardavam o caminho para o igarapé. Lá dentro os cipoais, o escondido, os folhedos macios cheirando a lacre e a baunilha, os puruizeiros davam seus frutos silvestres parecidos com uvas. Chupavam puruí juntos. Agora havia dois puruís bem pretos, desfazendo-se de maduros, naqueles olhos. Maré enchendo, a ansiedade subindo. Exibia um porte de filha de tuxaua, alta, carnuda, peito cheio.

O velho continuava a conversar, sumia-se nos matos atrás de madeira. Tirava muita encomenda de casco, canoa, batelão. Era neto de nordestino flagelado, nasceu no Alto Amazonas, abateu cedreiros reais, bem assobiando, sentindo a terra tremer com o baque monstro agitando os ecos no espanto da floresta. Andou pelas Ilhas, lutou com onça, fez roça, cortou seringa, morrendo e vivendo com a febre no lombo. Dez filhos nasceram e logo [74] mor|reram pelos seringais,

nos trapiches, debaixo do toldo de canoa, nos tapiris de Breves. A mulher, cabocla de Mazagão, acabou-se nas Ilhas, entre partos e febres.

Veio para Ponta de Pedras com os dois zinhos e a Guíta nos braços, a convite do Coronel que o conheceu num porto de lenha em Muaná. Armou barraca e foi para a lida dos paus com o seu machado batalhador. Fosse contar as árvores que abateu podia dizer que abatera uma floresta. Puxava os toros num rolar lento pelos caminhos encharcados, ora na terra firme, ora varando cipoais, rolando, ele e os filhos, roídos de saúvas, golpeados de espinhos, e urtiga e frieira, estropiados. E agora daqueles sofrimentos e trabalhos surgia Guíta com aquela leve penugem nos braços. A nesga de carne saindo do colo tinha um moreno que devia ser macio, fácil de arrear. Havia aqueles olhos machucados, cor de insônia. Sua voz sem o acento nordestino do pai, era talvez a fala da mãe, das Ilhas, lenta, com uma ponta de ternura em certas palavras, num certo jeito esquivo de dizer. Pegar Guíta pelo braço, levá-la arrastando para o fundo do mato, mesmo que imediatamente viesse mestre Amâncio, partissem com o machado os dois pelo meio.

Guíta agora devia estar no quarto com aquele distraído impudor de mulher na intimidade. Estaria mudando a roupa? O quarto cheio daquele odor de virgem corpo suado. O punho da rede roçaria os seios, curvada remexia a roupa na mala procurando uma anágua. A mala aberta se enchendo daquele sexo inocente que crescia como... Missunga via pela porta uma saia dela estendida na pimenteira, uma saia encarnada.

— Como foi que o senhor disse, mestre Amâncio? Ah! O senhor diz certo.

— O doutor parece que está mesmo com vontade no cutitiribá.

— Não. Ando com uma dor de cabeça pau. Do sol quente. E falando nisso, mestre Amâncio, já vou. Vou chegando.

Guíta lhe estendeu a mão que se amoleceu indiferente na dele.

Não havia mais a lua, as saúvas, o rato encantado naquele sorriso, naqueles olhos, naquela voz de remo maneiro cortando a água quieta, e ninhos desfazendo-se ao vento. Missunga viu que ela trazia no pescoço um trancelim — de 1\$500 — com uma medalha.

[75] — Essa medalha é a lua? E ainda gostas de puruí, Guíta?

— Como?

Ela como que desfez a insônia dos olhos surpreendidos. Sua voz se tornou mais límpida, o olhar a dizer: por que essa pergunta sem sentido? No mesmo instante ela fez um ah!, como a lembrar-se e seus dentes como espuma encheram o riso que lhe dominou todo o rosto. Não era a menina que ria, mas a moça que, por não compreender, tivesse por isso mesmo só motivos para rir. Aquela medalha era a lua já morta. A menina devia estar esquecida no fundo do baú. Aquele corpo de moça tinha misteriosamente desassossegos. Em vez de uma lua na caixa de fósforos havia um corpo naquela saia encarnada da pimenteira, um quarto, o banheiro de folhas de açazeiro para esconder no banho aquela intimidade tão conhecida pela mala aberta, e pelos santos do oratório de miriti. Guíta não devia ser possuída pelos brutos da terra. Não devia casar. Ele a ensinaria a amar, a fazer de seu corpo uma perfeita máquina de prazer. Alaíde era mansa como a terra sentindo as raízes, as marés, a inquietação das árvores sob a trovoada. Se abandonava com um jeito um pouco distraído, tão tranqüilo, tão natural com uma animalidade inocente, tão inocente em certas horas, que havia naquilo a sensação quase do incesto. Guíta seria assim? E ela fitou-o com o olhar da menina de Paricatuba que lhe falava de D. Branca e Mariana.

Viu ainda Guíta, junto ao poço, encher o balde e aí ficou imóvel, o balde na mão, bisbilhotando algum ninho oculto nas folhagens. O papagaio voou da cozinha, pousou no ombro dela. A saia encarnada, sobre a pimenteira, lembrava o olhar espantado dos santos no oratório, a mala aberta no quarto, as plantas grelando no banheiro de folhas. As pimentas se tornariam maduras mais depressa debaixo

da saia encarnada.

Queria caminhar, caminhar e passou pela barraca da velha amade-leite Felismina. Aí morava a Ormindá, talvez sua irmã, sua amante, amanhã, quem sabe?

9

[76] Lafaiete viu-o voltando do Campinho, suspeitou. Era, por certo, Ormindá. E esfriou, não esperava que o rapaz lhe fosse disputar “uma coisa que já estava, a bem .dizer, nas suas mãos”. Já há tempos rondava a barraca de velha Felismina. Ponta de Pedras, à noite, para Lafaiete, não tinha mais cobra grande boiando no meio do rio como uma ilha à frente do trapiche nem porca encantada grunhindo nas ruas e sumindo para os lados do cemitério. Lafaiete ia à barraca da velha Felismina para admirar o jirau — dizia ele.

O jirau era ao lado da barraca, com um pé de amor crescido, o bogari, tajás e um amor dos homens, flor que muda três vezes ao dia: branca, encarnada e cor de rosa. Lafaiete prometia sementes de rosa e hortênsia para o jirau — ah, adorava flores! — com os olhos em Ormindá, sem ouvir siá Felismina contar que a barraca estava para cair, jeito não havia para comprar um cento de palha, chuva caía na sua rede feita de sacos de trigo. Fazia redes bonitas para os brancos mas como comprar fio para fazer a dela? O que ganhava, não dava. Lafaiete desconversava, fazia-se um silêncio e voltava a prometer as sementes de rosa para que o jirau se tornasse um jardim.

— Não há como rosas.

Por cima da barraca a mangueira sacudindo os galhos, estalando nas noites de trovoada. Felismina sempre pensava na praga [77] de sua inimiga, a velha negra Felicianá. Filhas da Felicianá eram umas pretas levadas do diabo. A mangueira podia arriar um dos galhos

sobre o casebre. Tanto que pedia ao Coronel para mandar derrubá-la.

— Aquela boca é de cobra, a boca daquela preta. Ela sempre teve raiva porque não pariu uma filha como Orminda. Queria uma filha menos escurinha.

Estalavam os bilros da almofada de Orminda. A velha continuava a falar da encardição da pele das filhas de nhá Feliciano. O tabelião ajudava-a a enxotar os porcos que invadiam o terreno.

— Se são do senhor, Capitão Lafaiete, por que não manda talhar? Há tanta falta de mercado. Não era, Orminda?

— Não sei, mamãe. Ele está presente, pode dizer.

Os alfinetes espetavam o papelão. Orminda erguia-se para ajeitar melhor a almofada, sacudiu o vestido procurando alfinetes. Lafaiete via o limo de igarapé esverdeando-lhe os olhos ladinos, o corpo magro e liso que nem pele de mandubé, peixe que ele tanto gostava e Guilhermina fritava tão bem.

Lafaiete despidia-se prometendo mandar derrubar a mangueira, a moça só dizia: — Boa tarde, Capitão Lafaiete — sem desviar os olhos da almofada. Tinha de acabar a renda que se atrasara com a sua viagem a Mangabeira donde voltara naquela tarde. Vira as mulheres de peito a mostra correndo no mato, fazendo farinha, lavando roupa na praia. Andara entre os caboclos na gapuição. A maré trazia peixe para as velhas camboas. Pescadores subiam o mutá para arpoar um peixe-boi que comia o capim da praia.

Rezou ladainha na casa do Horácio:

*As contas do seu rosário
são balas de artilharia
que combate nos infernos
rezando Ave-Maria...*

Comia sardas gordas de espeto, ia com as mulheres bater gergelim no roçado, escaldava farinha no forno, bebe mingau com ma-

nicuera, caminha para o poço de pedra que os frades deixaram e onde se diz que tem dinheiro enterrado. Só mato, pedra e terra [78] revolvida o poço. Até gente de outras terras viera cavar no pé do taperebazeiro. Era impossível que naquele antigo domínio dos frades coloniais não houvesse dinheiro para desenterrar.

Orminda, ao chegar à beira do poço, dá um grito para o fundo:

— Ei! Tu tem dinheiro, em, poço? Cada teu ouro?!

Capitão Lafaiete também passara dois dias e duas noites mandando cavar e lhe prometera um anel, um par de brincos e um vistoso broche, com ouro daquele poço. Dormindo a sesta nas areias da praia, debaixo das árvores, Orminda esquecia a insistência de Lafaiete, as queixas de sua mãe e as indiretas das filhas da negra Feliciano.

Voltara a pé pelo caminho da Mangabeira. Conversara e brincara com as moças do Arapiná para quem lia e ensinava as modinhas novas, trazia novidades da vila, um molde de blusa, amostra de renda, a carestia das roupas, gente conhecida que foi, embora de uma vez. Para decorar modinhas, estava só. Aprendera o seu pedaço de cartilha na casa do mestre Alfredo. Podia até ser uma professora, lhe diziam as moças do Arapiná. Comeu em jejum no igarapé muito miolo de japiim, repetia nhá Felismina, para ter boa memória. Gostava de fazer lenha com as caboclas, lançar rede pros camarões, carregar os puçás para a gapuia. De peito pra cima na maré sentia o friúme gostoso.

— Olha, um sucuriu! Um homem ali espiando! Êvem, êvem!

Todas, mais que depressa, corriam em bando, se escondendo pelas toças de lacre, espantando as guaribas que dormiam. Consentiam que os guris tomassem banho com elas. E eles ouviam, surpreendidos e menos assustados o grito das moças quando nadavam de costas:

— Olhem uma aranha caranguejeira, olhem a barba de bode bem em cima, no meio do corpo da Orminda.

Elas ficavam, aos risos, de bubuia, os seios em cima, jogavam água nos olhos dos curumins, gritavam que eles acabariam era rei-

nando contra as aranhas e as barbas de bode. Nhá Felismina não se cansava de prevenir que essas brincadeiras de menino se misturando com moças no banho acabavam em conversa no mercado, em aleive na língua da preta Feliciano. Ah, Orminda, Orminda, [79] olha o caminho em que a tua irmã se perdeu. Dois filhos que restavam, um era leso e ladrão outro, também ladrão em Belém, deportado para Jari. O da contra-costa nem lembrança mandava.

— Um mea filho tá pagando por ser pobre. E escravo do Duca, no Jari. Notícia dele, nem depois de morto.

Orminda voltara para os bilros fazendo renda. Junto à janela um pé de murtinha dava flor. Nhá Felismina tentou varrer o terreiro. Não mudava mais aquela saia. Não penteava mais aquele cabelo. Fedia a sarro e a sujo. Doença, desgosto, as goteiras na barraca, a falta de farinha, por vezes tomava o seu gole e descompunha todo mundo. Jogou a vassoura para dentro do corredor. Até o tear se encontrava desarmado.

As corujinhas começavam a piar no anoitecer.

Os braços cansavam. Suas cadeiras doíam, a cabeça tinha um fogo por dentro. Uma tristeza miúda, seca, lhe roendo e aquela mangueira nas noites de vento sacudindo os galhos pesados... Orminda aguardava o anoitecer, se prometera a um homem quando voltasse a Mangabeira... Pensou nas histórias de Calilo.

Hemetério quando vinha à vila contava para Orminda: Eu sempre digo pro Calilo que naquele sítio do Tenório tem fortuna enterrada.

— Aqui tem ouro, seu Calilo. Tem. Tem ouro. Frade entrou por essas baixas. Agora saber o lugar é que é o buraco.

Finado avô de Hemetério dizia. No tempo da cabanagem enterraram foi ouro. A casa do seu Bonifácio levantada sobre umas sepulturas de cabanos. E havia ouro muito, mas muito ouro entre as ossadas.

— Não acredito, Hemetério.

Calilo fingia não acreditar. Afinal os frades tinham dinheiro. Os cabanos também tinham. E quando na vila via Orminda, esta lhe dizia com um olhar: — Valho muito mais do que um trancelim. Valho todas as peças de fazenda de sua loja.

Hemetério tinha um contão no Calilo.

— Devo até a vergonha.

E excitava o sírio para os tesouros. Tinha um cacuri de bom peixe. Todo peixe era do Calilo. A dívida só podia ser paga se desenterrando ouro. Numa noite Calilo se decidiu.

O rio, na noite alta, ofegava como um mal-assombrado. Facho aceso, os dois deslizavam, se atolando na sombra, no lameiro da várzea. Um corujão ria grosso.

— Por aqui, seu Calilo.

— E por aqui?

— Aí eu já abri.

— Tu abriste, em? Não me disseste nada, ein?

— Pra experimentar, seu Calilo. Depois lhe dizia.

— Cachorro... Por onde? Por onde?

— Venha por aqui.

— Diabo que me espinhei. Diabo! E tem, Hemetério, tem mesmo?

— A questão é se dá com o lugar. Se achar.

De repente, Hemetério se assustou: uma cova aberta.

— Como? Tem cova por aqui? Essa não fui eu...

— Foste tu, sim. Quem mais?

As covas quem tinha cavado fora o próprio Calilo, sozinho, na véspera. Agora queria culpar Hemetério, ver se podia arrancar do caboclo o verdadeiro segredo. Na certa Hemetério sabia. A beirada, com aquelas covas abertas, era cemitério saqueado.

Pararam. O ferro bateu no chão, baque surdo inchou no silêncio. Hemetério, à luz do facho, começou o trabalho como um ladrão de sepultura. Quem tinha aberto as covas? O próprio Calilo? Calilo já

teria arrancado algum ouro? Talvez. E Tenório? A desgraça deste não seria a de ter tentado cavar, neste chão dos defuntos? Hemetério parou. Calilo, de cócora, segurava o facho.

— Cava, cava, Hemetério.

Não tinha sossego. Podia ter trazido o candeeiro grande do barracão.

— Mais. Mais! Hemetério. Este ferro parece que não cava.

— Cava sim...

— Ah, cava?

Calilo se transfigurava. Aquele ouro saltando das ossadas, da poeira dos defuntos. Viesse o ouro e Orminda não falaria mais com ele como falava, de cara torcida. E verdade que ele não podia abandonar o negócio para viver só atrás dela. Um tabelião tem [81] mais folga que um negociante. Sim, era quase certo que Lafaiete andava também caçando aquela cutia nova. O ouro faria crescer um barracão na boca do rio. Calilo maginava. De repente pulam esqueletos do fundo do fosso. O ouro chispava das caveiras. Enormes frases fosforejavam entre o faiscar das facas e a raiva, dos banos, as dentuças escorriam lodo e ouro.

— Ande, ande, seu Calilo, não pense, não magine.

O rio parou olhando aquilo. A cova se abria numa gargalhada silenciosa, engolia cobiça, miragem, Hemetério lá no fundo cavando. O facho na mão de Calilo era um fogo-fátuo. Orminda se distanciava. Seu corpo nas águas e nas folhas desaparecia. Ele tinha mais dinheiro que Lafaiete, por que ela preferia o tabelião? O ouro seria decisivo. Lafaiete cobri-a com as folhas dos livros e dos autos do cartório. O medo da justiça fazia Orminda ceder ao tabelião. Deus meu, me tirai Orminda da cabeça, me tirai o ouro das covas. Vontade de se ajoelhar e pedir a Deus. Mandaria rezar missas pela alma dos cabanos. Daria gratificações a Lafaiete que em troca lhe mandaria Orminda. Depois, um lento e próspero passeio à Síria.

— Nada, Hemetério?

Lera em jornais velhos que baús de dinheiro foram encontrados no Acará nas plantações de fumo. E ali no fundo, Hemetério cavando como se aquela terra lhe pertencesse. Se Hemetério no último momento se apossasse do tesouro? Em todo o caso tinha o revólver no bolso. Contavam que Orminda foi achada na praia ao nascer da velha Felismina. Orminda nasceu da mãe d'água e com isso Hemetério excitava a imaginação do sírio. Lá do fundo, Hemetério gritou:

— Seu Calilo, pensando em Orminda?

Calilo abeirou-se mais da cova, olhou para o fundo, ávido.

— Seu Calilo, Orminda é como bota.

O caboclo começou a explicar enquanto cavava, que a bota se parecia com mulher. Quando morta na praia o caboclo não pode fugir à tentação.

— E ah, seu Calilo. É por demais bom, mas bom mesmo que mata. Não tem mulher igual. Mata. É uma areia gulosa. [81] Arranca|ram uma vez um pescador de cima de uma bota morta na praia. Estava quase morto. Mata, seu Calilo.

— Chega. Vamos embora.

Hemetério pulou da cova como um Lázaro. Extenuados, curvos sob a derrota, pareciam fugir do fosso aberto, dos ecos soltos na solidão. As covas se escancaravam como bocas do silêncio vaiando e com fome daquelas duas sombras que coleavam na sombra espessa.

Orminda achava que Hemetério exagerava essas histórias de ouro: — Como tu és cínico, Hemetério, tua cara não treme?

Com o anoitecer, as velhas foram cachimbar, de cócoras, no terreiro de siá Felismina. A terra ainda sufocada de sal. Poeira pelas ruas e nos caminhos. As cigarras se calaram. As velhas romperam o silêncio, nhá Felismina se levantou com o cachimbo no ar diante de um cão que surgia da capoeira queimada, com um olho vazado e a perna sangrando.

— Ah, preta do inferno! Que fizeram com o pobre de Boaventura.

Um cachorro criado pelo finado meu filho!

Felismina mostrou o braço para o lado da casa de Feliciano e prometeu vingar-se. Falou sobre a falta de polícia em Ponta de Pedras. Bem o Capitão Lafaiete gostava de dizer que aquilo não passava de uma aldeia.

Orminda, antes que a mãe entrasse na barraca para tentar socorrer o Boaventura, tratou de guardar a almofada, fez pitó no cabelo, calçou uma chinela velha, bebeu um gole d'água no caneco do pote e falou para o terreiro:

— Mamãe, vou ali.

Saiu cantando para o fundo do mato.

Caminhou, caminhou, andou por cima duns paus, — parecia anoitecer mais rápido — atravessou a capoeira, viu a cobra correr para debaixo de uma folha de anajazeiro caído. Afinal por que se decidira, por que caminhava como se fosse para uma festa, um encontro com Minervino, de quem recebeu o primeiro cartão postal? Parou, hesitante, Os mortos retornam, Minervino podia aparecer... Um homem surgiu de trás da sumaumeira.

Orminda tentou correr, a mão do homem lhe apanhou o braço. O caminho descia para o igarapé, Orminda avançou num [83] abandonando de si mesma. Não sabia o que tinha, talvez precisasse era andar, andar, embora já houvesse andado tanto na viagem da Mangabeira.

— E nesta hora não tem ninguém?

— Adonde?

— No igarapé.

Ela não respondeu.

— Tem que passar o igarapé?

— Maré tá seca.

— Mas os paus estão lisos agora.

— Que que tem? Eu lhe seguro pela mão.

— Orminda, mas tu ainda és moça, pequena?

— Prenda essa língua, ó perguntador!

— E é longe assim?

— O senhor... Hum!

— Parece que você tem experiência disso, não? Pra-o-quê, então, vive encoberta?

— Abom! Olhe que eu volto!

Um cajueiro do mato amadurecia os frutos sagicas como seios virgens. Um cheiro hesitante de bananeiras em flor. Apaizeiros meninos desciam para a várzea sob o emaranhamento dos cipós fofos de folhas. Tucumãzeiros carregavam-se de cachos cor de brasa e porcos varavam os cipós, assustados. As jurubebas eriçavam de espinhos as moitas mais agasalhantes. Pontas de cipó agarravam-se pelos taperebazeiros. Um apuizeiro se esparramava sobre a bacabeira morta. Gemia ainda uma pomba rola e as corujinhas começavam a piar.

Orminda continuava na frente, já descalça, guardara as chinelas numa touça de capim. Sentia o cansaço da viagem de Mangabeira. E atrás, num esgar freqüente, meio derreado, a bengalinha, a mão de vez em quando nos rins, Capitão Lafaiete caminhava. Tinha esquecido os f6sforos, bolas! Ouvia-se partir lenha atrás da barraca da velha Feliciano. Siris andavam pelos paus do igarapé. Orminda parou.

Agora tinha que levá-lo pela mão por cima do ananizeiro caldo no igarapé.

— O senhor veio todo ensapatado, eh!

Capitão Lafaiete ia responder quando ela, de súbito, o largou no meio da estiva, corre ligeira pelo tronco e desaparece. O tabelião [84] tenta apoiar-se com a bengalinha, escorrega e se abraça ao tronco, afundou os sapatos na lama. Pôde erguer-se, avançou de gatinhas pela estiva, ofegante, chamando baixo por Orminda, que acabasse com aquela brincadeira, visse que era um homem de respeito, visse... Limpou a lama do rosto as calças pesavam. Chamou. Como atravessar de novo o igarapé na escuridão que crescia, como se deixou enganar... chamou mais alto. Um pânico o invadiu. Os sapatos encharcados. O

gosto de lama na boca. Abriu os braços num gesto de desamparo e voltou a gritar na escuridão:

— Orminda, Orminda, ó Orminda!

Nem sombra nem rastro de Orminda.

10

Tranqüilo azul da tarde imóvel entre as árvores Missunga esperava Alaíde na barraca. Guíta lhe aparecia da infância entre goiabeiras e saúvas. As goiabas bichadas eram doces, a lua brincava com os peixes, o machado do mestre Amâncio, reluzindo de seiva, sangrava os troncos. Mandara Benedito levar uma carta para Guíta. Ela não compreenderia certamente. Sim, que ali só havia cilada, o jogo de se falar na infância... Guíta, naquela tarde, estaria inclinada sobre o poço como se a água lá do fundo a fascinasse.

Alaíde, acabara de despescar o cacuri, surgia com a enfiada de peixes no ombro e o cheiro da maré, das pescadinhas vivas, do mangue. Missunga via Guíta levando o balaio de comida para o pai e os irmãos madeireiros. No caminho um caboclo saltaria da capoeira a agarraria a moça, carregando-a sobre as estivas de juçara. Depois, na barraquinha mal coberta e mal tapada, Guíta acenderia a lamparina, uma candeia de azeite de andiroba. O homem arma a rede, o vento faz tombar os taperebás na maré, espantando os camarões, as guaribas rezam uma reza nupcial. O vento soprando pelas palhas da parede apaga a lamparina, e o amor, talvez fosse para Guíta o mesmo que cair de repente no poço. Que frio, diz Guíta, na madrugada. Mas o homem lhe dá um puxão para que ela vá acender o fogo e fazer ao menos um chá se não tiver café. Ele partiria para a praia de Mangabeira, para a lanceação. Uma noite, D. Ana no armazém iria pegar o filho de Guíta. Como não houvesse um [86] vintém para o vinho, o açaí mesmo seria o mijo da criança em sinal de

contentamento.

O cigarro caiu no chão. Descia pelas árvores um silêncio mole, morno. Alaíde descarnava os peixes. Brilhavam escamas até pelo cabelo, de vez em quando ela passava o braço na boca, suas mãos hábeis trabalhavam, distraídas, tratando o peixe com aquele amoroso vagar com que fazia as panelas e pratos de barro de sua barraca. Como se queixasse que Calilo queria tomar o cacuri de sua tia, Missunga lhe respondeu:

— Isso porque dele não aceitaste o trancelim nem o sabonete.

Brincando com uma guelra de peixe, Alaíde olhou de soslaio, tentou abafar o riso, Missunga viu que os lábios dela estavam ainda tintos de urucu que usara na véspera e que tanto o surpreendera, ate mesmo com certo agrado.

— Você quer ir pras fazendas, Alaíde?

Alaíde deixou escapar o peixe de suas mãos e sorriu, dando a entender que ele fazia a pergunta por fazer, à toa, à toa.

— Alaíde, escrevi uma carta que não devia escrever.

Ela apanhou o peixe, abriu-o, silenciosa. Sem querer ele deixou escapar:

— Benedito terá voltado?

— Rasgue, então, a carta.

Disse ela e nada mais compreendia. Por que os brancos, pensava, gostam das complicações no papel? Sentia-se um pouco lisonjeada pela confiança. Quem era ela, para tanto? E preveniu, quase inquieta:

— Mas rasgue. Não bote a carta no fogo senão fica com a letra feia.

Missunga desdobrou o jornal apanhado do chão, se aproximou de Alaíde que lhe pediu:

— Leia, ande.

O jornal lhe dava tanta confusão aos olhos. Naquele papel grandes as letras tão miúdas, tão juntas, tão numerosas, dançavam, eram

como muitos caroços de açaí espalhados numa esteira, como as estrelas do céu. Pediu a ele: leia. Me conte o que diz isso, apontando com o dedo sangrento as letras mais graúdas e as legendas das [87] gravuras que lhe podiam interessar. Perguntava com uma hesitante e pueril curiosidade, com uma espécie de desconfiança ou pudor que era, às vezes, mais do que indiferença, desdém. Prazer íntimo de dar trabalho à língua dele, de achar estúrdio e sem jeito que aqueles sinais, riscos e pingos fossem nomes, coisas, casos, histórias, palavra nunca escutada, cada palavra tão sua conhecida. Fazia um gesto de quem se lembrava, ao mesmo tempo enxotava o cão que lhe disputava os peixes:

— Ache aí “Açuca”. Cate a palavra “pêxe”.

Ele fixou o olhar naqueles lábios: pareciam mais grossos, mais vermelhos, o urucu os tornava ásperos, selvagens.

— Não acho.

Mas se você não tirou o olho do meu beijo como que podia achar. Queria achar no meu beijo? Nunca viu? Abom! Procure “doce”.

— Pronto. Achei açúcar.

— Hum. Deixe ver. Não vejo nem uma açuca nessa letra. Xa vê se é doce...

Provou as letras e obteve, com a graça, um triunfo sobre Missunga.

Os peixes prontos para o fogo, Alaíde pediu um quilo de farinha. Sua tia não voltava do mato onde fora colher plantas para remédio e cera de juta-irica para polir uma panela de barro.

— Um quilo de farinha, só?

Devia àquela cabocla um palacete em Belém, as passas, os grandes pães de forma que D. Ermelinda mandava buscar. Imaginava luvas para aquelas mãos que arrancavam guelras, escolhiam camarão, reviravam lama, apanhavam turu no buraco dos paus podres. Um Luís Quinze para aqueles pés endurecidos e chatos que caminhavam léguas

no mato, pé de caçadora e mateira.

— Não queres também um trancelim, Alaíde?

Ela não respondeu. Muita coisa queria mas não sabia pedir. Um trancelim, um cinto, uma porção de fitas, a saia para a tia. Desejou aquele vestido que viu no figurino de Orminda, na vila. Ao pensar em Orminda quis pedir a Missunga, quando fosse à vila, trouxesse a amiga. Se deu com ela desde a primeira vez que conheceu, nem [88] trancelim nem cinto queria se Orminda aparecesse para comer um peixe com ela, conversarem, Orminda a lhe ensinar a fazer um friso na blusa, ou dobrar uma alça. Missunga continuou: batom também compraria. Alaíde, no palacete, teria saudade do cacuri, do peixe pulando no fundo da montaria ou na sua mão. Os pensamentos vêm e vão como aqueles galhos do pequiazeiro no vento.

Peixe cozido, sal, alfavaca, limão. Guíta teria jogado a carta no poço? Dado a carta para o papagaio brincar? Ou guardado entre os seios? Bom, guardada entre os seios. Por que escrevera, por que tamanho e ridículo impulso se nada mais havia de sua infância naquele corpo curvo sobre o poço? Ela fizera com as recordações de Paricatuba, o que faziam certas mães, no Pará, com o nó umbilical de seus filhos quando cai: queimam no fogareiro para que as crianças sejam felizes. Guíta, por certo, para ser feliz, teria de queimar aquele nó de infância que os ligara e caíra, do contrário haveria de se lembrar sempre de Missunga e assim a carta seria o primeiro sinal da partida da moça para o mundo onde, estorcendo-se com o veneno, acabaria aos pés do marinheiro negro. Levaria Alaíde para a América do Norte. Ela e duzentos contos, — algumas boiadas — e seria uma sensação em Nova York ou Paris! Alaíde exibindo pena de arara na cabeça, nua entre peixes num aquário, índia marajoara, dada de presente dentro de uma igaçaba de Pacoval a qualquer naturalista alemão.

Sesta, os peixes, o sonho — mais chicória e mais pimenta no molho, Alaíde. Iriam para os campos de Arari domar jacaré nos lagos

e laçar os búfalos bravios.

— Saia desse seu sono, abão!

Missunga escutava como se ela falasse do meio do rio, numa embarcação ao sabor da vazante. Aos poucos, cenas de vaqueiragens, as escrituras do pai, Marta acuada no muro do cemitério, donzelas que seu pai deixava, no campo e na beirada, caídas e abertas como os peixes de Alaíde, despertaram-no confusamente. E deu com o olhar de Alaíde, tão parado, não entendeu o que havia nele, de triste, um olhar que não se repetiria mais, logo mudou, como surpreendido ou culpado.

Bateu a mão na testa, se levantou:

— Ah! Nem me lembrava mais. Tenho que ir com o Benedito para a sessão, hoje, do Manuel Rodrigues na casa de seu Felipe.

[89] A tia de Alaíde, que chegava com o paneiro cheio de ervas, arregalou os olhos de espanto ao ouvi-lo:

— Vou me encontrar com as almas esta noite.

Benedito teve sorte ao encontrar Guíta sozinha na barraca.

— Taqui.

— Que é então isso? Vê lá...

— Pega, aquela menina. Não tá vendo?

— Te conhece, Benedito. Vá brincar com outra, tenho mais o que fazer.

— Mas, Guíta, eu trouxe de Paricatuba. Não meto o bico no que há entre vocês dois.

— Benedito, vocês dois uma história! Estás muito enganado, Benedito. Ou tu anda leso... Olha, dá um tiro de uma vez numa conversa dessa que não quero que caia no ouvido de papai, nem pense que ando me gabando do que nunca me passou pela cabeça... Benedito, sai daqui, com as tuas brincadeiras...

Benedito não insistiu mais, deixou a carta em cima da pimenteira e correu, com um secreto prazer, quase vingativo, de levar uma resposta que Missunga não esperaria. Estava certo que ela apanharia a

carta e jogaria no fogão. E isso se deu no momento em que o velho Amâncio aparecia no caminho do lado dos bacurizeiros grandes, com um feixe de lenha no ombro. Guíta assustou-se e apanhou, mais-que-depressa, a carta, guardou dentro da blusa e logo foi ver o açai de molho, ajudou o pai a arrumar a lenha, longe o grito do tucano trazia o anoitecer, passavam asas por cima do cutitiribazeiro, vinha do terreno vizinho um cheiro de cupuaçu.

— Vem cá, mea filha, me tira este espinho.

Velho Amâncio sentou-se no mocho, brincando com o papagaio e estendeu o pé doído à filha que se ajoelhava no chão, com a agulha. A mão dela tremia.

11

[90] Quando Orminda avisou a mãe que Manuel Rodrigues a convidara para a sessão em Paricatuba, em casa de seu Felipe, — o espírita encontrara nela uma extraordinária médium — nhá Felismina voltou a repetir o que toda a vila perguntava:

— Gente, como foi que Manuel Rodrigues voltou tão mudado? Ponta de Pedras pasmava. Manuel Rodrigues voltava de Belém formado em espiritismo, falando difícil, contando como a sua vida mudou. Andava Lento, ar profético, recusando a cachaça que os seus antigos camaradas e foliões de Santo Ivo lhe ofereciam. A vila não compreendia tal mudança feita em pouco mais de um ano de ausência. Seria a força da nova religião? Teria mesmo morrido nele o devoto, o folião-mor, o festeiro de Santo Ivo?

Ele ganhara ou comprara Santo Ivo no Tocantins, ou em Belém, não se sabia. A imagem consistia apenas na cabeça do santo, tamanho da de um homem. Manuel Rodrigues contava a história daquela Cabeça: Santo Ivo, que sabia o paradeiro do Cristo, não quis

denunciá-lo aos seus perseguidores e por isso o degolaram. A imagem era a cabeça do mártir degolado. Eis porque se tornara o advogado das cabeças.

Manuel Rodrigues, o chefe da comissão de Santo Ivo na tiração das esmolas pelo Arari, Marajoaçu e Camará, quando se faziam os grandes embarques de gado e começava a safra de peixe nos lagos, ia cantando folia e recolhendo os donativos com que [91] oferecia a festa e ganhava sua vida. Seu barracão era no Marajoaçu. Convidava os mestres de ladainha, as velhas rezadeiras do rio, os antigos festeiros de santo que se sentiam atraídos pelo poder da Cabeça, pela sua história, estranha Cabeça rosada e mártir de quem não traiu o seu Mestre. Davam assim maior prestígio a cerimônia, maior concorrência à festividade. Depois da ladainha, do leilão dos presentes e das esmolas recolhidas, Manuel Rodrigues fazia o sinal para a música. Duas noites dançavam enquanto houvesse carne de porco e boi velho nas latas do fogão ou secando sob as moscas do jirau.

Num princípio de ano, a mulher de Manuel Rodrigues acudiu aos gritos da filha, uma menina de onze anos, que encontrara um lacrau na rede. Na noite seguinte a menina teve um ataque e morreu. Sua mãe gritava que a morte viera do lacrau mandado por uma dona Blandina que morava na vizinhança, tida como a mais invejosa das mulheres. Grávida, a toda hora mal-assombrada com os lacraus, a companheira de Manuel Rodrigues caiu na esteira noites e noites gritando, fazia o devoto de Santo Ivo procurar quanta parteira existisse no rio. Nenhuma dava conta.

Mandaram chamar Capitão Lafaiete que entendia.

Chamaram pajé.

Era dor, dor, sangue, gritos: meu Santo Ivo, Nossa Senhora do Bom Parto e do Perpétuo Socorro! As parteiras, o tabelião e o pajé não esqueciam a história dos lacraus. Será criança mesmo na barriga da mulher? As parteiras discordavam nas suas suposições: quisto,

filho atravessado, filho morto, falta de puxo, Capitão Lafaiete falava em albumina, em parto fora de tempo. O pajé, que a mulher tinha ficado grávida de boto e não de homem, se o filho nascesse devia ser logo atirado no rio, embora tivesse semelhança de gente.

Duas crianças caíram na esteira, tão roxos, dois anjos que não nasciam para o mundo.

No oitavo dia da morte das crianças, a mãe pediu uma ladainha para Santo Ivo. Manuel Rodrigues chamou rezadores. Quando acabou a reza, a mulher rogou ao companheiro que ficasse com ela a noite inteira ao pé da rede.

[92] — Que tu sente?

Ela não disse mais palavra. A chuva abafava o barulho dos lacraus que vinham tirar o sono e o sossego da doente. Com os olhos no companheiro, murmurou:

— Eu te peço que tu entregue Santo Ivo na Igreja... Quem que pode com a inveja do mundo?

Pediu para ver Santo Ivo. E morreu abraçada à Cabeça, a chuva abrindo mais as goteiras do quarto e mulheres, parteiras, comadres e curiosas, se aproximaram, assustadas, mal refeitas do sono, espiando.

Foram-se as grandes chuvas. Manuel Rodrigues fez Santo Ivo reclamar a sua festa. Reuniu os foliões e como não tinha outra mulher para tomar conta do barracão e preparar tudo a tempo para esperar o regresso do santo, foi D. Blandina mesma que se ofereceu.

Ao voltar de Arari, Manuel Rodrigues encontrou o barracão abandonado. Blandina havia fugido, falando que não podia com as visagens, tanta a perseguição da menina do lacrau e dos próprios lacraus. Manuel Rodrigues sangrou o boi, os porcos, o carneiro que os devotos lhe deram. Frasqueiras de cachaça e potes de mel o santo ganhara. E a segunda noite da festa entrou com lutas de bêbados no terreiro, o susto da mulherada no barracão.

Manuel Rodrigues nunca pudera impor respeito e ordem na segunda noite da festa de Santo Ivo. Muitas vezes quando os seus

companheiros de cachaça se voltavam contra ele, socorria-se de um estratagema que fez Rafael nunca mais aparecer à ladainha. Corria no meio do tumulto, arrancava do oratório a Cabeça e caía com ela no chão, rolando como um possuído do demônio. Então os rivais não ousavam tocá-lo. Era o que podia acontecer naquela segunda noite de Santo Ivo em que Manuel Rodrigues não podia mais se agüentar de tão bebido. O barracão não tinha mais dono. Enquanto os caboclos, no terreiro, exclamavam: Dêem dama pro dono da casa! Tenham pena do próximo! Manuel Rodrigues, à luz do carbureto que apagava e acendia excitando cada vez mais os dançadores, gesticulava procurando em vão com quem dançar. As damas, se não arranjavam cavalheiros, escondiam-se no [93] quar|to, varavam a cozinha onde os convivas devoravam o toucinho que enchia as travessas e bebiam caldo, carne não havia mais. De súbito, Picapau, o flautista, ergueu-se sob a exclamação das mulheres, o “não pode!” dos bêbados, os cachimbos suspensos das velhas atônitas: Manuel Rodrigues, bradando que iam saber quem era o seu par de valsa, abre o oratório, retira uma imagem e sai dançando com a Nossa Senhora da Conceição.

As mulheres em massa arrebataram-lhe a santa, o folião saltou do meio delas e avançou novamente para o oratório, abrindo-o. E logo recuou, a cabeça oscilante, as mãos no ar, uivando:

— A finada levou Santo Ivo. Santo Ivo não está aqui. Santo Ivo fugiu!

A Cabeça desaparecera. O povo fugia atropeladamente. Comedores de porco abandonavam a cozinha, derrubando bancos e atirando pedaços de toucinho no chão e na comprida mesa suja de vinho e gorduras onde se espalhavam montes de farinha. Mulheres deslizavam nas estivas de miritizeiro e puxavam as montarias na lama. Sacos, baús, redes, sapatos na mão, saias arregaçadas, crianças no colo e nas ilhargas, instrumentos de música, curumins berrando, velhas estremunhadas saindo do quarto com os cabelos em desalinho,

se agitavam e confundiam na sombra da madrugada, debandando. Orminda se lembrava de que foi Tenório quem a carregou para a proa de sua montaria, o medo a deixara ficar na lama sem saber que embarcação apanhar, todas haviam sido tomadas de assalto, lançadas ao rio sob a confusão e o alarido.

Manuel Rodrigues voltara de Belém renegando o oratório e o tambor, dizendo qué os evangelhos espíritas o salvaram. Vinha dar luz aos espíritos dominados pelas trevas, O povo dizia espírito com o acento no segundo “i”. Considerava a miséria do mundo, a falta de respeito, a maldade. O povo passava fome? Não vestia, não tinha saúde nem tranquilidade? Porque se esqueceu de Deus. Disse a seu Nélson que Ponta das Pedras se findava assim por falta de fé no espiritismo. Os padres só queriam se regalar, voltavam cevados e cheios do milho para Belém. Manuel Rodrigues sentia um grande espírito de luz baixar sobre ele. O espírito via as imensas desgraças da terra, tudo que havia de acontecer no [94] mun|do. Naquele tempo de Santo Ivo, a adoração das imagens, a cachaça, a folia e a farra eram a provação, porque sem sofrimento não pode o homem caminhar para a luz. Manso, cheio de pena pela escuridão da terra, o ex-folião sentia mais do que nunca a humanidade se afundando no abismo. Aprendera em Belém a palavra:

Corrupção

e a frase:

É a corrupção do mundo,

nas sessões, amansava as almas penadas.

O povo o recebera ainda sob a impressão daquele crente da Armênia que tinha a voz cava, vestia pesada roupa preta, a barba evangélica no rosto de mendigo e a Bíblia, anunciando o fim do mundo. Coronel Coutinho, que examinava as suas escrituras no

cartório, recebeu-o com um largo abraço, perguntando-lhe se havia feito boa viagem, que impressão tinha do Brasil, de Marajó, onde estava hospedado, como deixara a Europa e confirmou que o mundo, na verdade, parecia caminhar para o fim. Exibindo suas leituras da Bíblia, disse que nada mais sublime do que o livro dos profetas. E quando se ouviu que um estrangeiro chegara a Ponta de Pedras, falando no juízo final, uma sombra de mau agouro e medo desceu sobre o povo. Tinha havido, afinal, a guerra, a fome, por que deixaria de soar o fim do mundo? A Intendência foi aberta para o crente anunciar, no salão, ao Coronel Coutinho, a Lafaiete, ao tenente Úrsulo, ao magistério, ao comércio, funcionários municipais, ao diretor d' "O Vento", ao Ciloca, o leproso, Agnelo, o bêbado, Marcelino, o ladrão, Orminda e nhá Felismina — que o mundo ia se acabar. O Apocalipse, a guerra, a morte do Tzar Nicolau atroaram no silêncio. Um voz rouca avançou sobre o Apocalipse, caiu sobre o salão:

— Tudo isso tem no Nostradamus.

Coronel voltou-se num gesto de irritação e temor, o pregador sorriu bíblico e Lafaiete cochichou aos ouvidos de Úrsulo, com quem tanto antipatizava, oh!, não suportava esse tenente — pedindo para evacuar não só o aparteante que era Ciloca, como o bêbado e o ladrão.

Anunciando o fim do mundo, o crente abriu um caixote de onde se derramaram muitas bíblias sobre a mesa do Conselho Municipal. Era do mandamento que cada filho de Deus, que quisesse se salvar, adquirisse um evangelho. Coronel adquiriu o caixote in tetro e ofereceu ao profeta um almoço dominical com carneiro, galinha e vinho velho.

— Também cuido da alma dos meus munícipes.

Disse, com absoluta seriedade, mandando colocar nas prateleiras da loja as bíblias que revendia, a dez por cento de lucro, aos fregueses e aos funcionários com o desconto feito na respectiva folha de pagamento.

Se a vila soube e sentiu que o crente trazia na própria voz a guerra, a peste, o Juízo Final, comparava-o com aqueles homens encapuçados e barbudos sob a neve que apareciam nas velhas revistas e nas pinturas da casa do Coronel.

Na noite de domingo, após despedirem o profeta no trapiche, Coronel e Lafaiete voltavam ouvindo as corujas e um martelar fúnebre na casa de Nabor.

— Quem morreu, Lafaiete?

— Uma mulher do sítio que chegou ontem, de parto.

— Nabor acaba rico. Conheço um armador em Belém...

Interrompe a conversa com um medo obscuro — Lafaiete caminhava obstinadamente mudo —, com aquele peso de dúvidas e fé que se abateu sobre o seu espírito durante a tarde. Tinha as suas preocupações pelo sobrenatural, dizia. Como afirmar, por exemplo, que não existem fantasmas? Em Belém, no escritório no café entre os amigos, combatia o espiritismo. Recolhia ao seu palacete em S. Jerônimo, e dormia de luz acesa, para espantar suposição de que D Branca poderia aparecer toda de branco, a mãos brancas sobre o pescoço dele. Ao amanhecer envergonhava-se procurava ridicularizar as "tolices de homem acordado na meia noite". Em Marajó, não escondia a crença inteira nas visagens não disfarçava tanto o seu medo. Ali estava a sua propriedade era um homem em perigo mais próximo do milagre, das aparições, de Deus. Nas fazendas, admitia todas as religiões, submetia-se ao padre e ao pajé. Com a passagem daquele crente, sentiu [96] medo, ou pelo menos, cresceu-lhe a vigilância contra as surpresas que estavam acima do seu mortal alcance. Recordava que, uma vez, o padre Lisandro, apenas para irritá-lo, dissera do púlpito: — Mais fácil um camelo entrar pelo buraco da agulha, que um rico entrar no reino dos céus. Isto com efeito o irritou, o padre era um trocista, mau intérprete dos textos bíblicos, abusava do púlpito, pregando entre os fiéis a subversão das coisas. Imaginem se o povo comesse a pensar naquela perigosa

citação do padre. Seriam novas cabanagens.

— Lafaiete, você vai tão calado.

— Pensando nas escrituras, compadre.

— Você acredita no fim do mundo, Lafaiete?

— Compadre, não vale a pena pensar no que está acima do nosso juízo. Nós somos lama, compadre. Tudo a terra come, o resto é o nosso medo.

— Você sabe, compadre, sou um homem bom. As vezes tenho que ser enérgico. Mas o dever é terrível. O dever de nossa condição. Deus nos deu um destino. Eu nego o livre arbítrio, compadre.

O tabelião, sorrindo deixou escapar, enfiando o braço no braço do Coronel:

— Coronel, compadre, se está próximo o fim, temos que deixar aquelas escrituras em dia.

Ora, em Paricatuba, Manuel Rodrigues ia dirigir a sessão na casa de seu Felipe. Tio Rafael não acreditava na regeneração do profanador de Nossa Senhora. Dizia na porta da igreja que os espíritos eram uns novos pajés. Lembrassem sempre o herege que dançou com Nossa Senhora e fez que Santo Ivo abandonasse Ponta de Pedras. Manuel Rodrigues, mandou dizer a Rafael que lhe perdoava. Rafael, ainda na provação, era vítima dos padres, profanava o nome de Deus com folias, ladainhas e presépios.

Quando Missunga entrou na barraca de seu Felipe, com Benedito atrás, Manuel Rodrigues pregava:

— Nunca mais comi carne pois o nosso próximo não é somente o homem, mas todos os animais, nossos irmãos inferiores. Comida de quem morre, em? Os vegetais não sentem a morte e [97] por isso não se pode dizer que morrem.

Por isso seu Felipe rejeitou, na véspera, pela primeira vez, o pedaço de cotia que lhe trouxera? perguntou a si mesmo o Benedito.

— Palavra do Evangelho, palavra de Deus — repetia Manuel Rodrigues. — Nem ovo. Nem ovo! — exclama com o dedo evan-

géllico no ar.

— Nem ovo. Ovo, em? Se vissem como os nossos espíritos protetores mostram o ovo. Rá! Eu, dantes, gostava de fritada de ovos. Hoje, em? Vi o espírito protetor mostrar o ovo se desfazendo em sangue. Quem come ovo, ein? Quem?

Não aconselhava dieta a doente. Comesse de tudo, menos carne, nada que fosse o nosso próximo inferior. Alimento que Deus dá não faz mal a ninguém, para doença nenhuma. Comer carne de vitelo era também antropofagia. Comer carne de ovelha era mesmo que comer caminha de criança. Manuel Rodrigues empertigava-se, tinha um carão de bronze, o olhar untuoso, o queixo pesado.

— Nós fazemos tudo por cumprimento da lei!

Seu Felipe, exangue, com os olhos ardentes, parecia cabecear. Tremia com o frio do paludismo. A febre não lhe queimava a carne miserável, carne faminta, ossos famintos agarrados à terra. Sua alma estava de posse da verdade. Lera o “Despertar da Alma” do grande espírita Dr. Rosmaninho que tanto sucesso alcançara entre as almas em Belém. A maior vontade de seu Felipe era ir a Belém conhecer esse mestre das coisas do espiritismo. Manuel Rodrigues falava das suas conferencias lindas, macias como brisa. Pintava o grande irmão Dr. Rosmaninho como um ser sobre o qual baixava o próprio Alan Kardec. Convertia milhares de almas. Dr. Rosmaninho falava do materialismo, a podridão da matéria, como era triste a matéria, como era só matéria este mundo!

Ia começar a sessão. Orminda ao chegar surpreendeu-se com a presença de Missunga.

Sentiu vergonha, quis voltar, o olhar de Manuel Rodrigues lhe deu sossego.

— Deus lhe trouxe. Nada tema. — sussurrou ao tocar-lhe no ombro, e falou com a voz abafada.

— Apaguem a luz.

[98] Missunga sentiu a treva ondular. Lembrou-se do cego, o

grito do cego e pouco depois um gemido emergiu da treva, alguém saltou freneticamente na cadeira. Era a médium, era Ormindá.

— Quieta, irmão. Quieta. Tás na treva, irmão? Quieta.

A médium batia os pés, espichava o pescoço, gemia fundo, lançava os braços no ar.

— Quero cachaça, quero.

— Paz, irmão. Paz. Paz. Bebias dantes? O álcool era a tua provação? Paz.

— Quero. Quero. Fui bão no mata-bicho. Comigo... era só no mata-bicho.

Manuel Rodrigues disse qualquer coisa no ouvido de seu Felipe a seu lado.

— Paz. Paz. Espera, irmão.

Missunga sentiu que alguém se levantava, lento, Manuel Rodrigues voltou-se para a médium, tocou-lhe o ombro, abraçou-a tentando conter-lhe os movimentos.

— Paz. Ó espírito protetor, baixa tua luz sobre o nosso irmãozinho.

À parte, disse: — Tragam a cuia.

Alguém surgiu com uma cuia, um caneco tiniu no banco e se ouviu um gluglугlute apressado.

— Bebe, bebe que acarma.

O espírito, enchendo a escuridão, cambaleava entre remorsos, e pesadelos, na purgação do vício. Manuel Rodrigues então rogou que todos baixassem a cabeça, se concentrassem para fazer a corrente. Um grande espírito de luz ia baixar. A alma invocada, que a médium incorporava, mais cachaça pedia.

— Ai, ai, tenho saudade de meu gole.

— Paz. Quieta, irmão. Espírito de luz...

Foi quando Benedito, que era o filho do espírito invocado, se mexeu na concentração, saltou no escuro para o meio do quarto:

— Seu Missunga, quando mandei invocar meu pai não foi prá

isto. Finado meu pai não era pau-d'água como você Manuel Rodrigues. A médium está é no porre. Ormindá está se prestando pras cachorradas do Manuel Rodrigues. O ordinário quer se servir dela e mais nada. Isso não se faz com os mortos. Acendam [99] a luz. Desrespeitaram a sua casa, seu Felipe.

Houve um tumulto. A mulher de seu Felipe rolou com um gemido entre os bancos e os homens, aos gritos, amontoaram-se na escuridão tentando acudir Manuel Rodrigues que se debatia sob os joelhos de Benedito. Quando a luz acendeu, Ormindá jazia no chão, bêbada, o braço sobre a testa, e Missunga admirou-lhe os longos cabelos espalhados em que ainda havia os restos de jasmims e baunilha que recendiam vivamente.

12

[100] Ormindá, naquele despertar assustado em Paricatuba, não quis saber mais nada, certa de que sua mãe a esperava com a vassoura de açaí para dar-lhe na cara. Mal encostou a montaria no trapiche público, mandou chamar Capitão Lafaiete. O tabelião antes de ouvi-la foi dizendo:

— Afinal, pra que me mandou chamar? Você descobriu que é médium, trate de se arranjar com o seu mestre...

— Capitão Lafaiete, não sou culpada de ser média. Eu me atuei. Não brinco com coisa séria. Agora, se Mané Rodrigues abusou, a culpa é dele. Estou procurando mea vida. Casa de mamãe é que não posso procurar, depois do que aconteceu. Mandeí dizer a ela que ia viver com o senhor.

— Mas tu és doida-doida, Ormindá. Doida!

— Também estou vendo que o sr. não tem palavra. Eu procuro mea vida. Vá a gente se fiar. Vá...

— Ormindá, tu és doida...

— Ande. Me despache. Resolva!

O tabelião viu-lhe o desmazelo em que saltara da montaria, descalça, as chinelas na mão, a cabeça baixa, os desarrumados cabelos, a ponta do pé riscando de leve a água, um braço apoiado no esteio da ponte, a axila negra e suada, o arfar de animal enfim capturado. Doida-Doida. Ímpetos de cheirá-la toda, esquecido da noite no igarapé, da atuação e das contas que teriam de aumentar [101] na loja do Coronel, no Fontes. Meias, bolsas, sapatos, fazendas estampadas, broches. Doida-doida. Como arranjar-lhe a barraca, como enfrentar Guilhermina, coitada, quase cega, com catarata?

— Ande. Me despache. Resolva.

Lafaiete via Calilo desenrolando a peça de cetim vermelho em cima do balcão para derramá-lo sobre aqueles braços, aquele arfar, aquele saboroso animal que daqui a uns instantes escaparia de suas mãos para sempre. Não viu que Ormindá enxugou, de leve e rápido, com a ponta da gola, os olhos que não o fitavam nunca. Pensou no dinheiro dos órfãos de D. Alzira, a escritura estava nas suas mãos.

Velha Felismina, exausta de tanto falar e praguejar, ficou olhando à toa a mangueira ameaçadora. E como se falasse em presença de Ormindá:

— Hum, pequena. Tua mestra é tu mesma. Segue tua sorte. Assim é que filho dá o pago. Quem se perde na sem-vergonhice perde até o amor de mãe. Vai pros homens, vai pro teu cio, vai!

Terminou chorando, batendo a cinza do cachimbo na pedra do fogão. Ia se apagando a lamparina. Querosene não havia. Uma noite de mau agouro espreitava lá de fora. O vento zunia no folharal. A mangueira ameaçava.

Em pé, junto ao fogão, velha Felismina permaneceu muda, a mão no queixo, vendo a lamparina apagar-se lentamente. Sou uma pobre, pensou, batida de necessidade, de sofrimento. Um filho morto, dois ladrões. O outro nunca mais voltava da contra-costa.

Seu silêncio era um clamor na sombra, escuro e anônimo, cla-

mor de todas as mães de prostitutas e ladrões. Nem sentiria se a mangueira tombasse. A filha mais velha, a Das Dores, teve a mesma sorte. Foi violão, foi flauta, foi serenata toda noite, cochicho de homem no terreiro, tição de fogo acendendo cigarro de homem à porta dos fundos e o dia em que Das Dores se esvaiu em sangue com um parto sem explicação.

Velha Felismina não pôde reprimir!

— E com um diabo daquele. As lábias. As lisonjas. Mas a culpa eu só ponho nela, na cachorra.

[102] Arregalou os olhos, coçou a costa, gesto de raiva, à luz da lamparina, se projetou na parede, sobre o mundo.

Enfim era filha. Mas sabia: quem nasce para aquele fado nada há que contrarie. Cumprisse a sorte. Muita vez distratava-a para que tivesse mais termo no dançar. Nada, afinal, deu remédio. Acabou foi aquele herege levando ela para Paricatuba. Não se esquece da noite em que a surpreendeu com um rapaz na escuridão. Ela a tocou para a barraca, batendo-lhe nas costas e no rosto com vassoura:

— Tu inda é moça, Ormindá? Me diz, sua diaba.

A filha sem chorar, gritando-lhe:

— Me tire a calça, me examine. Mande ver. Ó mamãe, parece que a senhora ofende a Deus.

Filha e mãe caíam extenuadas, nas redes, chorando: oh! mundo, meu Deus!

Quem gozaria era a negra Felicianá. Ah, como as negras ficariam de peito lavado.

As lágrimas tombavam pelas covas do rosto que ardia. A lamparina sem querosene. O tear desarmado. Nunca mais havia de fazer uma rede. Que desespero. Nossa Senhora, que agonia.

Enxugou os olhos na barra da saia azeda e suja. As brasas do fogão apagavam de vez. Fumegava o murrão da lamparina. Pensou em Ormindá menina, tão mocinha que era e já passava por má e impossível. Quando o padre Gregório morava na vila, Ormindá

pulava a cerca, entrava na casa do vigário, comia-lhe os doces da compoteira, bebia os vinhos da mesa, enchia de pedra os pratos vazios e jogava as garrafas no quintal. Uma tarde, caiu, bêbada-bêbada, nos fundos do quintal, cantava como em acalanto “o meu boi morreu”. E os vinte frangos, vinte frangos! da tia Lúcia encontrados no poço?

Nhá Felismina se lembrava como defendia e tentava ocultar o procedimento da filha. Sentia, no meio dos maus pressentimentos e dos ralhos, uma íntima, irreprimível satisfação aquele jeito danado da menina, pulando cerca, caindo das goiabeiras, ajudando os homens a limparem o poço, montando nos carneiros, apalpando as galinhas para saber se tinham ovo. No velório de [103] Minervino, e foi quando velha Felismina reparou que a filha era já uma moça, Orminda ficou de olhos pregados no caixão, mais tarde, silenciosa e serena, cobrindo o cadáver de flores. Noites, a mãe ouvia a filha rolar na rede, como se abafasse soluços:

— Que tu tem, ein, Orminda?

— Este meu dente.

— Eu sei o teu dente.

Por que Orminda ocultava, por que não lhe viera falar, n regresso de Paricatuba? Por que Orminda não lhe contou o que se passava com ela? Não via que seus irmãos eram ladrões, que foi o fim de Das Dores, que sua mãe nem o tear podia mais consertar?

A velha se ergueu, pôs as mãos na cabeça, o murrão da lamparina apagou.

A treva devorou aqueles olhos pesados de lágrimas. Orminda mamando, pequenina, tão viva que era, correndo atrás dos camarões que saltavam do paneiro. Seu filho morto, gritando no meio da rua: Água, água! Seus peitos deram de mamar a tanta gente Seu leite criou uma geração. Para seus filhos, seu leite não tiver a graça de Deus. Seu leite alimentou Missunga, a D. Ester, moça branca, se casou na Inglaterra.

Orminda fugiu da barraca, uma filha tão bem parecida, se

estudasse dava uma professora. Cantava no coro da igreja, e agora no mundo, meu Deus. O sangue de Das Dores se espalhara no chão do quarto, ensopara a terra. Viu Orminda, encostada na parede, de olhos crescidos para aquele sangue e aqueles gritos da irmã. Espremam os peitos desta velha, resmungou, e vejam se sai leite; sai é sangue, sai é lágrima. Sentiu perder as forças.

— Orminda, mea filha!

E só o cão, cego e mancando, foi quem acudiu ao seu grito.

13

[104] Missunga correu para a barraca de seu Felipe, os padecimentos do velho se agravavam de tal forma, que ninguém mais acreditou que voltasse a ler a Bíblia, a falar no Dr. Rosmaninho. Ele e sua velha ficaram cegos da noite para o dia. Verdade era que vinham sofrendo já da vista, há muito. Como, cegar assim se não por um castigo, um poder? E o povo dizia. Manuel Rodrigues, por onde andasse, havia de espalhar desgraça. Por que não expulsavam esse herege de Ponta de Pedras? perguntava Rafael. Como fosse apanhado novamente, na vila, abraçando a outra médium na sessão, tenente Úrsulo mandou Levindo jogá-lo no xadrez.

— Mas não me bote na faxina, tenente. Basta o que isto me prejudica.

Na escuridão do xadrez, surgiu-lhe a visão da Cabeça de Santo Ivo. A força daquela Cabeça era uma força de Deus? Os ídolos teriam poder sobre os homens? O espiritismo mentia?

Manuel Rodrigues saltou da esteira, atordoado. Os moleques gritavam através da grade atirando pedras.

— Santo Ivo te persiga, desgraçado. Nossa Senhora te dê um castigo teba. Vai, vai dançar com ela!

Manuel, aturdido, os espíritos de luz o abandonavam. No meio de suas espertezas, aventuras e derrotas, só a Cabeça de Santo Ivo era viva, parecia sangrar, rude e fiel na sua acusação. Seu pecado nas sessões não era de sua matéria, mas dos pobres espíritos [105] errantes na treva que invocava. O pai de Benedito descia na corrente pedindo cachaça? Era porque não se conformava ainda com seu desencarne. Estava preso à terra e depois, com uma médium como Orminda... Ah! Orminda, médium e tanto, que pena! Também era Rafael quem levantava o ódio da vila contra ele. Não. Pelos espíritos divinos, não presidia as sessões por má intenção, para fazer mal às cunhatãs. Um grito atravessou as grades:

— Estavas botando o espírito de luz na Cristina, em?

Por que Santo Ivo desaparecera? Teria sido a finada? Não era possível, estava bêbado... Tenente Úrsulo prometera mandar surra-lo se continuasse a fazer sessões.

— Excomungado! O inferno te espera. Serás degolado!

As pedras choviam dentro do xadrez, batiam nas grades. Uma cabeça de bruxa de pano, suja e manchada de sangue tombou aos seus pés.

— Eis o que Santo Ivo vai fazer com tua cabeça!

Seria o grito de Ciloca?

Cacos de vidro e novas pedras vararam as grades. Onde o Levindo, onde estava o tenente Úrsulo? Não tivera culpa com o caso de Cristina. Não sabiam o que era uma atuação? Se fosse pajelança, gostariam. Como era uma religião, uma ciência, com doutores no meio e muitos livros explicando a doutrina, o povo atirava pedras. Se nem o Rafael sabia ler, queriam era a ignorância!

— Deixaste a moça grávida no Abaeté! Vai criar o teu filho. Tu morrerás degolado. Tua cabeça há de virar cabeça de porco.

Reconhecia, desta vez, nitidamente, a voz de Ciloca. Os moleques pela rua escura. Como souberam que Laurinha, a vidente, estava grávida em Abaeté? Grávida? Seria ele o culpado? Como as

notícias corriam, como Ponta de Pedras tinha ouvidos e olhos para o mundo inteiro. Tenente Úrsulo, apenas por simples divertimento, o condenara àquelas vinte e quatro horas de xadrez, com os moleques vaiando e apedrejando, sem um guarda, nem o Levindo, ao menos, para debandar os demônios. Levindo, decerto, curtia o seu porre de toda noite. E seu Felipe, próximo do desencarne, o esperava em Paricatuba para as preces? Aquele sim, havia compreendido a doutrina, tinha a luz na alma. Só os dois velhos [106] se salvariam daquele povo condenado. Bem, razão tinha aquele crente que passara e de que tanto falavam ainda. Não era o fim do mundo mas o fim de Ponta de Pedras que viera anunciar.

— Tu queres dar às mulheres a graça de ficarem prenhas do Divino? É o Ciloca que te fala, ó degolado em vida!

A voz do leproso o encheu de terror. Procurou um pau, uma vassoura, para afastar de sua esteira aquela cabeça de bruxa, sangrenta e fétida. Tentou apanhá-la e devolvê-la pelas grades. A náusea, o terror o fizeram recuar e cair exausto na esteira.

— Lá vai mecha!

Os moleques gritavam e as pedras batiam na grade, caíam sobre a bruxa, quebraram pote d'água coberto de limo a um canto. Levindo, por que tu bebes que não vens em meu socorro? Meu Santo Ivo! O povo condenado!

Quando a mulher de seu Felipe soube da prisão de Manuel Rodrigues, perdeu a esperança das preces para o companheiro que não queria mais tomar remédio de espécie alguma, queria talvez desencarnar mais depressa. Nhá Clara viera ajudá-la, cachimbava no cansada de tanto insistir junto ao doente que tomasse uma colher de chá. O quarto se enchia de fumaça dos cachimbos. Uma doença que ninguém sabia. A velha cega tinha a voz sumida e permanecia à cabeceira do marido, com o rosto fundo, a mão presa à beira da rede como a amparar-se. Que silêncio. Que calor. Somente lá fora os passarinhos faziam um doce barulho nas árvores.

Um doce barulho.

A velha sabia; a sua cegueira era a claridade do desencarne que chegava. Sua reza ficou tão silenciosa como o andar vagaroso da morte. Ela e seu velho nada mais queriam deste mundo. A carne é breve, a alma imortal. No fundo da rede, seu Felipe jazia, os olhos cerrados, a testa reluzente sob as moscas.

D. Ermelinda, se embalando no casarão, mandava saber o estado do enfermo, Missunga aproveitou a ocasião com Benedito no remo pelo macio da enchente.

No quarto, a velha pousou as mãos ossudas na testa do agonizante. Os passarinhos brincavam nas palhas da barraca.

Benedito vinha remando, que preguiça, que calor, aproveitando a sombra dos miritizeiros, do mangue.

[107] A maré enchia.

Missunga recordava as histórias de seu Felipe. A lenda e o mistério de Paricatuba desapareciam. A maré enchendo trazia a morte para o contador das histórias. A vazante levaria o enterro, o caixão na montaria e dentro os botos e os navios encantados.

Nhá Clara invocou S. Miguel Arcanjo, rezou o Santíssimo. A lua da vela entre os dedos do agonizante subia direito. Um gato pulou na mesa deitou-se sobre a Bíblia, cerrando os olhos. Benedito levantou o remo, deixou que o casco viesse pelas mãos enchente. A morte era a mãe do rio cheio.

Nhá Clara disse uma palavra. A velha cega ergueu-se com um gemido e se dobrou sobre a rede. A vela ardeu e caiu nas mãos de nhá Clara que tentou recolocá-la entre os dedos do morto.

Quando Missunga voltou, Coronel levantou-se da rede:

— Acabou-se o nosso parente, não?

Missunga, então, lhe falou:

— Papai, agora que seu Felipe morreu, me dê as terras dele no Paricatuba. A velha cega vai morar com os parentes na vila,

— Lhe dar o sítio, por que e para quê?

— Vou tentar...

— Quando cria juízo, meu filho? Você precisa ir embora. Dou-lhe quanto quiser contanto que me dê sua palavra de que se forma. Tem gasto uma verdadeira fortuna. Assim mesmo não tenho pena de lhe dar mais...

— Pois quero recuperar o dinheiro perdido fazendo uma plantação em Paricatuba.

— Quer administrar as fazendas?

— Quero. Pego a sua palavra.

— Espere. Como quer administrar?

— Tirando Mané Raimundo de lá. Está lhe furtando a olhos vistos.

Coronel mergulhou as mãos nos bolsos, dirigiu-se a um armário como a procura de alguma coisa. De repente voltou-se para o filho, com um ar quase irritado:

— Mas me serve como ninguém, ouviu? Devo-lhe a segurança de todos os meus serviços. Não fosse ele, menino, você não teria estudado nem gasto como gastou. Aquilo é a minha coluna [108] mestra.

— Papai também toda hora põe em rosto... Sempre na cantilena de que eu gastei, gastei. Afinal o que o senhor queria era um diploma.

— De que serve uma inteligência sem pergaminho?

— Quer pois que eu compre um anel de doutor?

— Se fosse pelo dinheiro terias quantos anéis nos dedos?

— Olhe que o assunto é o terreno de seu Felipe. Dá?

— Meu filho, sempre pensei que a nossa família deveria ter um doutor. Não sabes que os Teixeiras se vangloriam disso? E os Menelaus, os Leões não diziam que os Coutinhos de Ponta de Pedras não conseguiram tirar um filho das faculdades?

Depois de um silêncio:

— E por que o senhor não manda um caixão mais decente para o velho? Era nosso parente, papai.

— Mas não dei as tábuas? Que querias mais?

— De forma que possa ficar com o sítio ou então boto Manoel Raimundo das fazendas?

— Aquele administrador, meu filho, fez por mim o que ninguém faria.

— Nem mamãe?

Filho e pai encararam-se, desentendidos. Coronel manobrou a conversa:

— Manoel Raimundo conhece todos os campos como a palma de sua mão. Você precisa conhecê-lo melhor.

Missunga ouvia com os olhos pregados nas telas da varanda, com um vago pensamento em Guíta. Faria do sítio de seu Felipe, um pomar para Alaíde.

— Parece um general em campo. É analfabeto o homenzinho. Mas que tino para tratar de gado. Como sabe trabalhar. Com vaqueiro ele diz duas palavras. Escreveu não leu, já sabe. Nossos gênios se combinam tão bem. Tem seu gadinho... Que gaste... Furtar-me? Que desfalque de gado já me fez que me abalasse? Dou-lhe tudo quanto quiser. Anda de automóvel em Belém. E o engraçado é que Lafaiete se arriscou a vir me pedir a administração das fazendas. Imagine aquele tabelião tomando conta do meu [109] galdo. Ele não tolera Manoel Raimundo, sabia?

Missunga parecia completamente alheio. Um pomar para Alaíde. A voz de Guíta. Uma irritação, por fim, com o elogio do administrador. Seu pai elogiava o administrador como gostava de elogiar o motor Borboleta. Como gostava de elogiar os seus barcos. Tinha a mania dos barcos novos.

— Pois teve a coragem, o pândego do Lafaiete, de me pedir a demissão do Manoel Raimundo me dizendo que ando iludido. Imagine. Por isso é que aparece um crente falando que vai acabar o mundo. Só uma coisa é que não gosto do Manoel Raimundo. É a sua grande fraqueza para o lado de moça. Já passou nos peitos não sei

quantas. Sessenta anos e quê. Filhos homens. Filhas casadas. Amante em Belém. O diabo também é aquela asma.

— E que providências toma o sr.?

Mas se vão entregar as filhas para o velho! Um hábito que ele adquiriu. Um papão de meninas novas. Uma desgraça. Também se não fosse ele, meu Deus... que seria de minhas fazendas.

— No entanto, por causa de mim... Por causa de uma cabocla...

— De qualquer maneira você não pode se comparar com ele. Sua posição é outra. Sabe que pode cair numa cilada? Sabe que lhe podem fazer uma chantagem? Uma cabocla pode lhe perder a cabeça...

— Como?

— Você deve partir daqui. Deve partir quanto antes.

Missunga, os olhos semicerrados. Por que lhe faltava impulso no seu propósito de reagir? Seu pai não o intimidava, não o convencia, o desarmava inexplicavelmente, deixava-o sob uma espécie de súbita perplexidade. Por que seu pai não se calava? Que seria se o velho morresse? Jogou vivamente fora o pensamento. Uma sucessão de pingos dentro de sua inércia.

O velho suspirou, levantou-se da espreguiçadeira. Missunga abriu os olhos, aliviado. Coronel Coutinho debruçou-se na janela. Apesar de tudo admirava no pai aquela resistência, aquele sangue, aquele poder de se dirigir e decidir com tanta bonomia e naturalidade. Mas o viu hesitando debruçado na janela.

Coronel quis interpelá-lo. Por que lembrava o nome de sua [110] mãe com tudo aquilo? Acaso não a tratou bem? Missunga ia saindo, o pai sem se voltar disse:

— Enfim vou ver o que faço com as terras do primo Felipe...

Missunga falou a D. Ermelinda e esta intercedeu. Coronel falou na loucura do filho e Ermelinda afirmou que sabia porque ele não queria dar o sítio.

— Por quê?

Ela não respondeu, atou a rede, desmanchou o penteado prendendo os grampos nos dentes.

Noutro dia bem cedo, Calilo aparecia no casarão, D. Ermelinda viu-o pálido, pedindo um particular com o Coronel.

— Que aconteceu, Calilo?

D. Ermelinda retirou-se para ouvir a conversa no quarto, ouvido à parede:

— Coronel, disse Calilo, abafadamente, — seu Néelson bateu ia senhora dele e botou de casa.

— O primo? Como? Não é verdade.

— Deu, Coronel. Botou.

— Mas não pode acontecer tal coisa, não e não. Você anda doido, vendo fantasmas.

— E o pior, Coronel, o pior...

— Sim, o pior?

— O pior é que ele me acusa...

— Mas você, Calilo? Você? Como é isso possível? Quando? Como, se Marta tinha tudo?

Coronel bateu palmas pedindo café.

— E estou aqui, Coronel. Não sei como aconteceu. D. Marta as suas fraquezas e eu também.

Coronel riu alto. Insistiu pelo café. Havia aflição na voz de Calilo:

— Que faço com D. Marta, Coronel? Ein, Coronel?

— Ponha a mulher dentro de casa e use-a, use-a, viva com ela, senhor.

— Também Coronel quer gracejar com uma coisa tão séria...

Coronel derramou-se na cadeira de embalo, rindo.

— O Coronel talvez não sabia que eu estou noivo com a filha [111] do finado Abifadil.

Coronel ergueu-se, surpreendido.

— Da filha ou da viúva, Calilo. Fala claro.

— Primeiro, Coronel, parecia ser com a viúva. Mas...

— Fale, homem de Deus.

— Preciso amparar aquela gente. A menina...

Coronel aproximou-se do sério e com voz baixa lhe perguntou, sacudindo a cabeça:

— Calilo, você quer amparar a menina Abifadil com as seiscentas reses, o Muatá, as canoas, a casa em Cachoeira, com os porcos que ela tem?

D. Ermelinda nada mais ouviu. Calilo respondeu muito baixo e os dois conversaram debruçados na janela. Meia hora depois desceram a escada do casarão.

E foi assim que ao voltar com a sua espingarda sempre inútil, Missunga ouviu o final da discussão entre seu pai e D. Ermelinda:

— Pensa que estou aqui pra receber os seus amigos patifes, alcovitar as amantes deles no Paricatuba?

Missunga abandonou a espingarda: o sítio era dele. Necessitava tirar uns centos de palha para a barraca. Alaíde não podia ficar mais naquela barraquinha cai-não-cai com a sua tia. Havia de fazer um pomar, uma grande plantação, que festa para Alaíde!

Como Coronel, no dia seguinte, se dispôs a ir à vila, falando já em partir para Belém, Missunga lhe falou:

— Mande Dr. Adelino lhe examinar de novo a pressão arterial, papai. E o fígado. Bom que vá passar uns meses em Minas.

14

[112] Coronel, na casa grande da vila, havia rubricado alguns livros da Intendência que o Secretário lhe trouxera e mandado as últimas ordens para as fazendas. Passara também os últimos dias a tentar responder a um artigo publicado na imprensa de Belém sobre as condições de trabalho nas fazendas e o preço da carne. Era avesso a polêmicas, a publicações pela imprensa, dizia. Desejava esclarecer, um assunto “tão complexo como o da questão da carne e dos

fazendeiros e responder à altura a diatribe”. Tentou redigir o que publicaria como carta ou como tópico e horas inteiras permaneceu vergado sobre a secretária, riscando e amarrotando papel, folheando dicionário, irritando-se cada vez mais com a má qualidade da tinta, da pena e do mata-borrão. Várias vezes começa a carta e várias vezes desiste ou porque acha mais cabível fazer um tópico ou acredita que a carta teria maior repercussão e perdia o fôlego. Afinal, era perder o tempo, a paciência e o humor, refletir. Lembrava-se que tentara também redigir o seu discurso ao assumir a presidência da Câmara Estadual e por fim chamou o secretário do partido para o escrever: “Você sabe, não posso perder meu tempo em me debruçar sobre o papel. Isso é como jogo de paciência”. Admirava a oratória, mas era “avesso a fazer discursos” o que não o impedia de recordar, muitas vezes, em conversa: “quando falei como presidente da Câmara...” Noites, realmente, agradáveis para o seu sono, sim, quanta satisfação de si mesmo, ao regressar da Câmara, depois de ouvir: “Peço a palavra, Sr. Presidente. V. Excia., o Sr. Presidente”. Como esquecer? Um antigo presidente de Câmara não podia se dar ao desfrute de [113] “responder a diatribes”, repelia a carta e o tópico. Escreveu algumas frases que ficaram, sua memória as guardaria, preciosas par sempre. Esperaria uma oportunidade para dizê-las diante do juiz, do tabelião ou em Belém, nas reuniões dos marchantes. Na Câmara, se fosse necessário.

Repetia mentalmente as frases escritas quando lhe vieram dizer que a viúva de Felipe agonizava e não tinha quem mandasse fazer o caixão. Coronel caminhou, impaciente, para a loja, resmungando: — Botem na rede. Ela não tinha ganho uma rede da Ermelinda e que custava 30\$? Querem empapar o Nabor, que não faz outra coisa senão fazer caixão. Quem vai para baixo da terra não quer luxo.

E entrou na loja falando alto:

— Eu, quando morrer, quero ir em rede. Quem se enterra se enterra. E a expressão mesmo enterrar quer dizer ir para a terra. Para

que então gastar com o Nabor?

Encontrou à porta da loja o fiscal de imposto de consumo esmagando um jasmim na mão, muito empoado, de azul marinho, o ar federal recendendo a perfumes de contrabando. Ao seu lado o Secretário da Intendência, de sapato esporte marron, a blusa cerzida, sobraçando os seus livros com ar mais municipal que nunca. Missunga e Lafaiete jogavam gamão. Coronel esfregou as mãos, ordenou ao caixeiro:

— Mandem enfim, aquelas tábuas que estão debaixo do trapiche para o Nabor. Aqueles tábuas eram até para consertar o soalho do xadrez das mulheres que o Úrsulo me pediu. Enfim, vá lá. Era uma boa velha. Coitada, cega. Fez bem morrer.

Dirigindo-se ao balcão, quis, por simples curiosidade, rever as velhas contas de seu Felipe que guardava nas gavetas. Afinal parente não deixara de pesar um bocado nas suas costas. Uma vez Felipe o salvara num naufrágio em Marajoaçu. Afinal porque o deixaria de salvar? Felipe nadava bem, diga-se a verdade... Em reconhecimento, D. Branca lhe enviou um quadro de S. Miguel Arcanjo e começou a mandar seus vestidos usados, queijo de Minas e pão Palmeira para o casal. Não era possível descobrir as contas nas gavetas, sentia-se dominado ainda pelas frases. Como [114] alivia|do, por que isso, enfim, o afastava da morte da parenta, Coronel dirigiu-se ao fiscal:

— Você vai ficar para o jantar. Viu um artigo...

— Ah, sim. Era para lhe falar. Mas nem vale uma resposta.

A campanha é obra de quem quer extorquir dinheiro ou de quem, por falta de assunto, necessita escrever alguma coisa que cheire a escândalo nessa atual mania de sensacionalismo...

Coronel contemplou o fiscal, surpreendido: — Oh, como me escapou essa idéia. Extorsão, sensacionalismo, Ótima! Concordou que o artigo cheirava a escândalo e a chantagem e viu que era chegado o momento de experimentar a memória e medir o efeito de suas frases:

— Cumpre salientar... — engasgara, os olhos subiram ao telhado, desceram pelas oleogravuras e a estampa do homem com o bacalhau às costas — cumpre salientar... — Missunga lançou-lhe um olhar rápido. — O secretário Municipal folheava, de cabeça baixa, os seus livros municipais, mosquitos voavam sobre a manta de pirarucu escuro e ardido, exposta na caixa de sal. Cumpre salientar que as críticas e discussões sobre o assunto... são em geral feitas de má fé e com o fim único de deprimir e tornar odiosa a classe dos fazendeiros, ora sob o falso pretexto de proteção aos trabalhadores, ora sob a capa velada de uma pseudo defesa da população pobre de Belém.

Missunga ergueu novamente o olhar, alisando o nariz. Coronel parecia ainda recordar. O fiscal aplaudiu. O secretário deu um resmungo de aprovação. Lafaiete soltou o seu:

— Seu Coronel ainda se preocupa... Ainda se preocupa...

O fazendeiro se lembrou do caixão que o animou a dizer, quase excitado:

— Você está vendo como vivo aqui, Sinhuca. Seu lugar federal o salvou disto. Aqui é esta consumição. Até caixão tenho que fazer. Esse povo vive exigindo tudo. Vivos e defuntos precisam de mim. Você está vendo. Pode depois contar o que faço por to. das estas bandas sem que o governo e os jornalistas saibam. Imaginem um sujeito qualquer, afinal um negro, que anda de fundilhos rotos em Belém, se atreve a falar dos fazendeiros de Marajó.

[115] A conversa se agitou com mais vivo interesse. Lafaiete deixou-se vencer no gamão. Coronel lançou a culpa no 13 de maio. O negro foi um mal no Brasil. E sua liberdade um mal maior.

— Do negro só a mulata era o que ainda se salvava — pilheriou e aí o fiscal acendeu o olhar. O Coronel voltou ao sério: — A desgraça do Brasil foi o 13 de maio. A lavoura e a indústria pastoral não puderam mais progredir por falta de braço... Veio a vadiagem, a preguiça, a pretensão de se dar carta de abc aos pretinhos. Resultado: um negro daquele escreve em jornais! Afinal o Brasil não estava

preparado para a Abolição...

O fiscal de imposto atacou o sensacionalismo de imprensa e citava o exemplo do “Jornal do Comércio”, no Rio. Por que durava 100 anos? Porque conservava a linha de sempre. Lembra va o “The Times”. Mas os outros... Pasquins... Pasquins... Pasquins... Lafaiete confessou que o jornalismo fora o seu ideal na mocidade, tão cedo viu felizmente que a imprensa não passava de uma indústria da injúria e da difamação. O fazendeiro também confessou que pagara uma vez 30 contos para sustar uma campanha absurda contra os marchantes. O secretário Municipal tentou falar, o fiscal federal olhou-o com uma indiferença tão fria e tão alto, que não concluiu a frase e recolheu-se ao manuseio dos talões. Coronel bateu palmas para o corredor, reclamando a demora do jantar. O fiscal lançou fora o jasmim esmagado, fez deslizar as mãos sobre as coxas. Levantou-se e tocou no ombro do coronel.

— A classe dos fazendeiros tem adquirido a fama de nababesca...

Coronel aproveitou para soltar as últimas:

— Nós, os fazendeiros, sabemos o que é isso tudo. Quanta ilusão, meu caso Sinhuca, em acreditar na felicidade dos outros! E...

Ia concluir, breve hesitação da memória, Capitão Lafaiete o interrompeu citando o *Mal Secreto* de Raimundo Corrêa.

Dirigiram-se para a sala de jantar com dez janelas para o rio. Missunga ficava arrumando o gamão, indiferente. Queria afinal que o pai partisse quanto antes para Minas. O pai, na varanda, exclamava:

— Os fazendeiros despertam é a inveja, a inveja, um dos maiores pecados da humanidade.

[116] Caboclos chegaram à loja e regateavam o preço do mapará.

— Tá demais podre. Dêxa por menos.

O caixeiro não os atendeu logo — claro, que não era possível baixar o preço — foi despedir Ciloca que, na porta, rogava um

quartilho de querosene fiado. Como o caixeiro recusou, o leproso saiu, com a garrafinha no bolso, resmungando e cuspiando.

Na varanda, Missunga encontrou Lafaiete falando da índole selvagem dos caboclos, nos cabanos, na revolta dos trabalhadores, na Arumanduba e Coronel, após gritar ao caixeiro que verificasse se as tábuas podiam sobrar para o xadrez das mulheres, encaminhou-se para a mesa, entre o tabelião e o fiscal, abanando a cabeça:

— Ah! Os horrores da Cabanagem! É o que tentaram fazer agora no Arumanduba, com o Zé Júlio, meu colega de partido, a quem o partido deve o jornal, deve tudo... A Cabanagem esta no sangue dessa gente.

E o fiscal de imposto de consumo, sem antes esconder a sua surpresa ao ver peru no jantar, começou a atacar aquele “bolchevismo”.

Missunga tomou a montaria para o Paricatuba. Encontrou D. Ermelinda na rede folheando um figurino. Tão macio o embalo afagando-lhe o corpo, mole do calor. Ela desejava até que viesse uma pequena para lhe abanar, lhe tirar aquela roupa, lhe enxugar as carnes suadas. Espanta o calor, rede de embalo!

Na vila, o enterro da cega passava entre as mangueiras, — o cemitério o recebia com os passarinhos pulando entre as sepulturas — seu Nélsion não pudera partir sua lenha, sentou-se na escadinha de casa.

— Mais uma do meu tempo que se vai, disse, e o resto da frase: “só fica mesmo a baixa categoria,” ficou boiando no seu pensamento.

No trapiche do Calilo, na mesma tarde, D. Marta falava. Ia embora, sim, havia primeiro de esfregar na cara dele todos os desaforos que quisesse. Tinha saído de uma casa farta e sossegada, era a bem dizer senhora do seu Nélsion, para vir atrás dum Calilo. Quem era melhor do que ela para tomar conta do barracão, [117] daquela ticaca? Quem era ele para julgá-la indigna de ser uma senhora?

— Se arrependimento matasse... Eu agora era capaz de pedir de

joelhos um lugar de lavadeira pro seu Nélsion.

Veio-lhe uma súbita saudade de suas panelas, do doce de bacuri que fazia para o velho, até mesmo das noites em que tratava do reumatismo de seu Nélsion. Um desespero. Sou uma amaldiçoada, uma ordinária. Elmirinha, fazia tanta falta, não tivera mais um só filho, outros homens a chamavam e sentia-se rasa, desorientada e perdida. Fazer aquilo não era da natureza? A sorte não a queria mais na fartura. Tinha de ser o que foi como menina. Uma desamparada, uma ninguém.

Calho voltou do balcão com uma cédula de cinquenta mil réis.

— Tome.

Marta o encarou:

— Com isso você pode andar com a mãe que lhe pariu, com suas irmãs e as raparigas de sua família. Soque...

Aí o sírio, tomado de furor, arrastou a mulher pela ponte, deu-lhe pontapés, jogou-a no fundo da montaria.

Seu Nélsion naquela noite estava na rede com as dores do reumatismo. O enterro passara e ficara um cheiro no ar, o cheiro do antigo tempo. Seu filho só lhe mandava pedir dinheiro. Não tinha uma filha para lhe dar um beijo, lhe dizer — papai — lhe pentear os cabelos brancos. Uma coisa queria fazer: Não pensar naquela mulher de mais ínfima categoria. Revirava-se na rede. As dores aumentavam. Nem no nome dela. Suando com um tremor deixava escorrer da língua, como baba, um palavrão surdo, azedava na garganta, no coração. No quarto, o retrato de sua mulher com o penteado alto, o colo cheio, olhava-o fixamente do antigo tempo. Nada de mais havia então naquele olhar, subia do guarda roupa aberto o cheiro das roupas de Marta. O espelho grande encostado à parede lembrava-lhe aquela noite em que encontrou Marta toda nua, se mirando. Agora, reprimiu a custo um doido impulso de espadaçá-lo. Também diante daquele espelho, vinha a louca, tão mansa, contemplar-se e dizer:

— Essa mulher do espelho é que me traz os recados dos peixes.

15

[118] Alaíde encostou o casco na estiva de miriti. Missunga esperava.

— Demoraste, puxa!

— Não viu que choveu?

E enxugando as mãos na barra do vestido velho, cor de terra, ela continuou, risonha:

— Bem que amarrei tabaco pra Santa Clara no galho da goiabeira pra não chover mas choveu. Queria antão que eu viesse debaixo da chuva?

Missunga mandou Benedito buscar a baúta de roupa e abraçou Alaíde pela cintura.

— Me deixe. Senão nós cai já.

Vinham andando sobre o miritizeiro caído. À frente, descalça, com o remo pintado de azul com florinhas que Missunga lhe deu, o embrulho da rede debaixo do braço, Alaíde parecia deslizar, tão ligeira, na estiva escorregadia. As árvores pingavam. Saltando da lama, os velhos cães famintos do seu Felipe. Missunga lembrou-se: que fim teria levado a Bíblia?

— Me lembrei que devia ter ficado com a Bíblia.

— O quê?, perguntou ela, parando, sem se voltar, com os olhos na barraca que aparecia entre as laranjeiras mortas pela hera de passarinho. Os cabelos de Alaíde mal penteados e úmidos afastavam a Bíblia e davam a Missunga a impressão de escuras plantas nascidas da chuva.

Benedito trouxe o baú de tampa descolorida e amassada, três paneiros de plantas, o S. Jorge matando o dragão.

Missunga mandara limpar a barraca e cobri-la de palha nova.

[119] Alaíde suspendeu a rede no esteio, foi ver o pequeno copiar, e a trempe. Voltou para dizer, recostada ao esteio:

— Seu pai parece que não gosta de mim. E meu padrinho mas não gosta. Eu soube.

— Vai atrás do velho e vê. Vai. Sabe duma coisa, vou botar nome na terra.

— Mas o nome não é então Santo André?

— Que Santo André. Isso é o passado. Batizo com o nome da minha escolha. Não quero nome de santo.

— O herege.

— Bem. Já achei. É um segredo.

— Só a invenção...

Levou Alaíde pelo braço. Andaram em volta da barraca, os cães famintos atrás. A sombra de seu Felipe ainda pesava sobre a terra. Morriam sob a erva de passarinho as últimas laranjeiras.

Missunga mandou o Epitânio da vila pintar uma tabuleta com letras azuis, pregada na seringueira diante do igarapé. Alaíde correu para ver, o que pôde foi contar quantas letras havia. Voltou-se para Missunga, os olhos muito abertos, interrogando.

— O nome, sua boba, não adivinha?

Segurou-a pela nuca, fez que ela virasse o rosto inteiro contra o sol e lhe gritou no ouvido, sob o espanto dos velhos cães famintos:

— É Felicidade, ouviu? Felicidade. E você vai já-já aprender a soletrar este nome, está me ouvindo?

Compreendia que estava gritando também para si mesmo.

16

[120] Inesperado e inexplicável acontecimento. No rio, na vila, nos sítios próximos, n' "O Vento", corre a notícia: Missunga quer cem homens para trabalhar em Paricatuba, nas antigas terras de seu Felipe. Vinte e seis apareceram.

— Oh! Mas vocês não valem dez homens, meus velhos. Quero esse capoeiral abaixo. Até descobrir a estrada de seringueira. Pago três mil réis com comida. Depois vocês não se arrependerão. Quero

mais homens. Onde estão? Iam embora da vila e dos sítios porque não havia trabalho. Pois agora vai haver trabalho. Quero transformar essas terras em celeiro.

— E os instrumentos?

— Que instrumentos? Os de música? Então vocês antes de trabalhar já querem dança?

Os homens sorriram, com um ar de desânimo e cansaço, os rostos escuros.

— Os machado. As enxada. As foice.

— Ah! Vocês não trouxeram? Eu pensava...

Gritou por Benedito. Fosse buscar todo o estoque de ferramentas da loja, tudo que houvesse. Chamou um dos trabalhadores para levar uma nota ao Calilo. Tinha pressa.

Os instrumentos não bastavam. Surgiram mais trabalhadores. Famílias pediam para armar novas barracas. Missunga mandava levantar um rancho. Como descobrisse, na loja do pai, um estoque de sapatos de pano, ofereceu-os aos caboclos.

— Quero que andem calçados.

Os homens atiravam os sapatos ao canto, derrubavam o [121] ma|to aos gritos, as mulheres nos taperis ou nos caminhos preparando a comida. Moleques comiam terra, obravam no chão, cuspiam, com febre, o quinino, furtavam tabaco e cigarro das palhoças e se escondiam pela capoeira, curtindo o acesso do paludismo.

Quando chegaram as vacas velhas das fazendas e sangraram nas palhas de jaçura e no terreiro limpo, Alaíde começou a assar as postas de carne sob as árvores, o rosto afogueado, os cabelos em pitó, diante dos alguidares de açaí, as latas de farinha e feijão, homens que voltavam arquejantes, os moleques e os cachorros insaciáveis.

Carne, murmuravam as crianças espantadas. Carne!, disseram, com a garganta seca, os peitos doidos, a língua pesada, os homens esfalfados. Carne, cochichavam quase a medo, as mulheres grávidas, como se tudo aquilo fosse um sonho. Missunga, suado e afoito,

mandava, alegremente, suspender os quartos sangrentos nos galhos das árvores, quando lhe trouxeram cartas de Belém. Uma carta de Hilda, notas de fornecimentos, um convite para uma partida de tênis com um inglês chegado ao Pará e um telegrama do pai.

Nem enxugou as mãos no pano que Alaíde, às carreiras, lhe dera, com o ar assustado. Tocou para a vila, a bordo do Borboleta e invadiu o cartório do Lafaiete onde encontrou o tabelião de pé, diante de um grosso livro escuro, abanando-se com um almanaque.

— Seu Lafaiete, mando-lhe dar uma surra se tornar a escrever mais alguma coisa para papai em Minas. Uma surra!

O livro fechou-se ruidosamente, o tabelião procurou, atônito, oferecer uma cadeira ao rapaz, gaguejando:

— Mas se acalme. Que é isso. Acalme-se. Pelo amor de Deus, de seu pai, tenha calma. Quem lhe disse tal calúnia. Sente-se. Quem? o Úrsulo, certamente. O administrador?

— Foi meu pai.

— Mas, meu amigo, impossível...

— Não lhe mostro o telegrama porque não lhe dou essa consideração. Essa confiança... Senão aqui mesmo lhe esfregava o telegrama nas ventas.

Lafaiete recuou, amparando-se na estante do arquivo, [122] poeirenta e roída de cupim em cujos vidros o tabelião colara o seu artigo publicado na “Folha do Norte” fazendo o elogio da administração Coutinho em Ponta de Pedras.

— Afinal, sou amigo de seu pai...

— Que quer dizer com isso? Que lhe devo respeito? Que é que está pensando?

— Mas, meu filho, eu preciso me explicar. O de dentro façam café! Guilhermina saiu? Como? Quem a levou? Com aquela catarata, meu Deus. Com aquela cegueira progressiva. Como pagar uma operação em Belém na situação em que estou. Você está vendo, meu filho, a montanha de papéis que tenho de resolver, as escrituras...

Missunga quis ver uma intenção. Escrituras.

Na parede o retrato do Coronel com a farda da Guarda Nacional. Ao lado fotografia de Missunga com a farda do colégio. O rapaz continuou, já moderado:

— Quero que mande um telegrama pro papai dizendo que nada há em Paricatuba. Escreva e assine a cópia que eu mando hoje mesmo pela canoa para Belém. Nunca se meta na minha vida. Poder com a minha vida, nem meu pai.

— Mas sente. Tudo se explica, saberemos nos entender. Vou lhe dar a cópia.

Afobado, o tabelião procurou entre livros e autos espalhados na secretaria, uma folha de papel. Correu ao quarto.

— Que é que vai ver no quarto?

Aí Lafaiete se voltou com as mãos na cabeça:

— Mas, meu filho, você está fora de si, pelo amor de Deus. É no quarto que preciso guardar meu papel porque o juiz, o promotor, os advogados, o Úrsulo, me acabariam ele todo de cima da secretária. Você não imagina, nem pode imaginar o que é um cartório, uma vida dentro dum cartório...

Voltando rapidamente, com o papel, sentou-se para redigir o telegrama. Missunga olhava pela janela a pequena praça, bacurizeiro alto, o campo de futebol e porcos fossando. Escritas as primeiras palavras, o tabelião ergueu a cabeça com a idéia brilhando nos olhos:

[123] — Eis aí! Vou aproveitar para reiterar o pedido ao Coronel. A velha aspiração de Ponta de Pedras! Coronel prometeu e até me pediu que eu em cartas lembrasse sempre.

O telégrafo, zombou Missunga, de costas, já desalentado, arrependido de haver feito aquela cena. O tabelião continuava a escrever em silêncio. Ao procurar o mata-borrão concluiu:

— E a imagem de Nossa Senhora do Rosário para a nossa irmandade. Incrível que não se tenha ainda mandado buscar a Santa!

Missunga voltou com a primeira fadiga, as primeiras hesitações.

Encontrou-se com Guíta no Campinho. Ela não lhe disse mais que três palavras, embatucou, mostrou-se apressada. Havia infância, sim, naquelas mãos sossegadas, e não eram as brutas e suadas mãos dos que derrubavam o mato. Não havia ali crianças morrendo de verminose. Guíta nem ao menos lhe tocou em Alaíde.

O incidente no cartório o enervava. Por que, ao menos, o tabelião não reagiu? Depois foi o encontro com seu Nélsion. Oh!, como o recebeu com os olhos úmidos, o tremor das pernas e das mãos, o esforço para não chorar, não dizer palavrão, não gritar pela Marta. Não sentiu na voz do tio, no gesto, no olhar, no silêncio uma vaga acusação, sequer, contra ele! Pelo contrário. Ao despedir-se, seu Nélsion como que lhe agradecia por ter ido visita-lo. Talvez por tudo isso Felicidade corria o risco de lhe fugir das mãos, os trabalhadores a arrastavam para mais longe do que pensara. Acabaria não tendo mais forças para se repartir entre os problemas. E a caça à Guíta? Sim, era uma caça. No último encontro, o olhar dela, por vezes, lhe comunicava uma infinita simpatia, era talvez pelo que ele fazia pelos pobres em Felicidade. E esse olhar o impacientou, deixou-o desarmado e cada vez mais apreensivo.

Quando chegou ao trapiche, três pessoas o esperavam. Tenório, Orminda e seu irmão Marcelino.

— Tu vais desencabeçar os meus trabalhadores, Orminda. Teu irmão vai furtar e Tenório vai inventar folia e ladainha. Enfim, vamos!

O motor partiu com Benedito pilotando. Os problemas de Felicidade já se tornavam pesados e intermináveis, queria resolvê-los como resolvera os problemas de estudo e de Hilda. Tinha de [124] ir até o fim. Em Belém quando foi despedir-se do pai, este lhe disse: — Meu filho, não volte para Paricatuba, é o meu pedido. Missunga até pressentiu morte naquela despedida, o velho parecia dizer que não voltaria mais. Via o navio já ao largo, o pai fazendo adeus com o seu chile.

Ficou observando os três passageiros. Tenório, sujo, a amarelidão e a tristeza. Marcelino, de cabeça baixa, curioso do motor, cabeludo. Orminda qualquer coisa nela o intimidava, e ao resvalar novamente na suposição de que podia ser filha de seu pai, ergueu-se, acelerou a marcha do motor, olhou o rio algum tempo e se voltou para Tenório:

— Tenório, tu és ainda folião?

— Sou, sim, senhor. Quando tem santo...

— Agora me lembrei de mandar fazer uma capela em Felicidade. Mas não sei pra que santo.

— Santo Ivo... disse Orminda timidamente, olhando, com quase malícia para Tenório.

— Sim... E a imagem? Não fugiu? Pois dou cem mil réis para descobrir o paradeiro dela. Na certa, furtaram. Não foste tu, Marcelino, que vendeste no Ver-o-Peso, em, rapaz, a troco de espelho e brilhantina?

Por que Orminda não reagia pelo irmão?, logo pensou Missunga. Afinal se arrependia da maneira como tratava Marcelino, e lhe veio outra reflexão: também eu por que não reagia por Orminda? Esta deixou-se ficar de costas, olhando o rio. Tenório ficou com o sonho. Cem mil réis pela Cabeça. Sua mulher teria escondido a imagem dentro do baú? Teria mesmo se queimado no incêndio da casa velha? Santo não se queima. Teria ela enterrado e vendido? Sua filha talvez o levasse. Quem teria comprado a Cabeça? Orminda, que era médium, bem podia descobrir o esconderijo do santo. Foi na certa a profanação de Manuel Rodrigues que fez o santo fugir. Onde estás, Santo Ivo, onde te escondeste?

— Orminda, não se zangue pelo que digo a Marcelino.

Ela sem se voltar, mas surpreendida, respondeu balançando a perna, num acento de censura e lástima pelo irmão:

— Mas se ele faz! Não tem mais vergonha. Também, coitado...

[125]— Tu te corrige, em, Marcelino? — perguntou Missunga,

com bonomia.

Marcelino, com a cabeça que sim, não tirou o olhar do motor barulhento. Missunga olhou para Orminda. A trepidação sacudia levemente os seios dela, o corpo tremia. O rosto era, com efeito, fino, um esquisito abandono na boca. Um braço dela para fora tentava tocar a água, tão branco sobre o rio que se tornava luminoso.

— Mandei dizer a Rafael que eu queria que ele fizesse a festa do Menino Deus lá e o preto só fez foi rir. Que eu era um doido. Sou um doido, não, Orminda?

— Não sei. O sr. é que está dizendo.

— Você vai em boa hora. Hoje tem festa lá. E você, Tenório, cadê Santo Ivo?

O motor chegou. Canoa de Abaeté descarregava farinha, mel, açúcar e cachaça no barranco.

— Tenório e Marcelino peguem logo. Serviço não falta.

Missunga levou Orminda para a barraca, Alaíde ao vê-la exclamou:

— Mas mana como tu tá bonita, benza-te Deus!

Orminda dizendo: — Não caçoa... — procurava ajeitar os jasmims no cabelo de Alaíde.

Os trabalhadores chegaram e pararam quase perturbados. Orminda os dominou com o olhar, a mão na cintura, jogando, de vez em quando, os cabelos para trás. Missunga surgiu, os braços em arco:

— Quero algodão, quero milho, quero muita farinha! Me ajudem! Vocês não se arrependerão! Vou ver se mando fazer a capela de Santo Ivo.

Um ardor o iluminava e Alaíde o contemplava, surpresa ainda pela simplicidade tão espontânea e tão enérgica que vinha dele.

Faltavam sementes, disseram os roceiros. Tinha de mandar buscar sementes em Belém. Onde? Quem tinha? O governo? Algodão! Algodão! Poderia depois chamar D. Felismina para armar os teares de rede, já via uma fábrica de fiação apitando em Paricatuba,

um navio no porto esperando carga de frutas para a [126] Améri|ca do Norte. Caboclos do Muaná apareceram pedindo trabalho. Traziam famílias. Queriam carne fresca, quinino e calomelano.

Minutos depois todo aquele ardor se consumia, Missunga se pôs a ouvir Benedito chamando os caboclos com a frasqueira de cachaça para distribuir o mata-bicho. O mata-bicho espanta o desânimo, a preguiça, lhes dá o fogo de levar até o fim o serviço. Também servia para afugentar a danada da febre! Que importava se Lafaiete falasse no cartório e nas audiências do juiz, se o administrador, arquejando com asma, exclamasse que ia comunicar ao pai a loucura, pedindo para voltar urgente senão talvez tivesse uma queda do coração ao encontrar o despropósito? D. Ermelinda, esta sim, botava dente de ouro em Belém.

Felicidade tinha ronqueira para anunciar festa. Faziam ladainha, falavam na “bondade do moço”, cantavam folia, comiam capado gordo comprado do Calilo. Precisava mandar buscar mais quinino, mais veneno contra saúva, mais óleo de rícino, mais querosene. Tinha de fazer uma plantação de mamona.

— Você está com o Capitão Lafaiete, Orminda?, disse Alaíde.

— Estou e não estou, respondeu tranqüilamente.

Orminda pôs o seu braço no de Alaíde, chamou-lhe colega e não disse mais nada. Afinal queria livrar-se do tabelião. Na véspera se dera uma cena. Calilo na vila fora vê-la, fechou-se com ele na barraca. Caiu a noite, com a noite a chuva, e Lafaiete batendo à porta: — Abre, Orminda, abre! Eu te prometo não falar mais em conta, e te dou aquele sapato! Eu não tenho mais ciúme de ti. Pelo amor de Deus, Orminda. Tem pena que eu pego pneumonia nesta chuva.

Calilo sob o terror — “Orminda você é louca, tenho responsabilidade!” — varou pelos fundos sob o aguaceiro, Orminda resolveu fugir das contas que Lafaiete mostrava e da pergunta constante: “Pra o que saiu da casa de sua mãe, Orminda?”

Não se esquecia ainda do que lhe dissera o Coronel, à porta do

mercado, quando ela foi comprar camarão:

— Tu acabas pondo o Capitão Lafaiete andando de gatinha na rua.

Afinal isso lhe doeu, tomou uma crescente antipatia pelo [127] talbelião. Ao mesmo tempo, tinha pena dele. Ele chorava, com a cabeça entre as suas mãos. Como ela queria ser livre! Como q ria todos os seus desejos realizados, todos os seus caprichos cumpridos, todas as suas manias aceitas! Calilo lhe dera um trancelim caro. Gostaria de ter muitas jóias, não para usá-las, mas para tê-las guardadas. Queria ser sozinha, dona de suas pernas. Dormia numa larga rede de varanda de filé, coleando no lençol e como aquele movimento todo de Felicidade a excitava, era a liberdade e para isso bastava saber que à sua chegada havia festa.

Quando se aprontou para a dança foi ver Alaíde que, já à n tinha, ainda pilava café.

— Como tu tá cheirando, mana Orminda...

— Deixa este pilão é que é, toma teu banho e vamos, anda.

Ao chegar à festa, os homens pareciam agitados. Orminda não sabia como se repartir entre os cavalheiros que a disputavam com silenciosa brutalidade e isso quase a fazia feliz.

Dançava sorrindo, meio derreada, o rosto suando no rosto do par, em faceiro abandono. Quando a música parava, ela corria para junto de Alaíde, tinha de amarrar de novo a meia branca algodão que teimava cair — e Alaíde a protegia dos homens que faziam barreira à frente dela, disputando a vez. Ficavam de roda, a cabeça ora virada para a música, ora para Orminda, firmes.

Orminda ajeitava a meia, procurava com o olhar quem lhe tinha tirado o leque. Então à lembrança do que diziam algumas raparigas de Ponta de Pedras, sentiu desejo de se abandonar durante a noite a todos aqueles machos que a cercavam, escureciam diante dela. Um medo a invadia. Pensou na mãe. Julgou-se realmente doida-doida, como lhe dissera Lafaiete. Os homens a esquartejariam sobre os galhos.

Lembrou-se da promessa de Missunga sobre a capela Santo Ivo. Uma vez, do trapiche para a igreja da vila, carregara a Cabeça. Sua mãe a mandou carregar para daí em diante ter a cabeça mais sentada. Santo Ivo. Nem ela nem seus irmãos criaram juízo. Seu irmão Marcelino padecia daquele ataque continuamente. Como pegara a doença? Sina de pescador. Todas as noites pescava, sozinho, voltando pela madrugada. Uma noite, pirarucu boiou perto da montaria, a água se arrepiou, teve [128] um brilho que Marcelino desconhecia e o peixe, três vezes boiando, três vezes olhou fixamente o pescador. O olhar do pirarucu o flechou. Quando Marcelino sofre o ataque, pede, no transe, para levarem ao rio, é o peixe quem o chama. Só mestre Jesuíno, o tão falado pajé de Condeixa, poderia curar Marcelino. Orminda queria levá-lo, bem cedo o levaria. Assim pudesse. Santo Ivo havia de aparecer para tomar conta da capela.

Como aqueles homens a cercavam cada vez mais, aproximando-se do banco! O recurso é levantar-se, bebe água, conserta a meia, dá um laço melhor na anágua que a incomoda. Onde estava Tenório? Por que Missunga não comprava um tambor para o folião? Tenório, na folia, tinha uma voz que a enchia de uma tristeza, uma compaixão por ele. Só a folia do Divino era mais triste.

A música demorava tocar. Partiu-se uma corda do violão. Onde estava Marcelino? Certo que em Felicidade ficaria outro homem? Também por que Missunga lhe dissera aquilo a bordo do motor? Ela não merecia ouvir. Na verdade, os pobres estão no mundo para levar tudo pela cara. Os brancos desconhecem a vergonha dos pobres. Não sabem que a gente se envergonha, tem muitas vezes uma doida vontade de enterrar a cabeça no chão, de dizer nomes, bater e cuspir? Marcelino furtava, por certo, não seria por força do peixe que o flechou? Não seria um destino?

— Tu tá vendo o horror de tanto homem em cima de ti, Orminda, parece que andas longe, longe. Que tu tem? Paixão recolhida?

— Não, mana, pensei em mamãe.

Tocou a música. A barreira avançou, ela tropeçou entre os caboclos, viu-se empurrada, alguém machucou-lhe o seio, um braço mais grosso e mais forte arrastou-a; teve ainda de enrolar a meia um pouco abaixo do joelho para não cair durante a dança.

Alaíde, à espera que Missunga viesse da casa grande, dançava tão tranqüila, tão fiel a si mesma, se lembrando que os paneiros de farinha estavam mal agasalhados. Quando Voltou ao seu lugar não viu mais Orminda. Procurou-a por todos os bancos, foi espiar na cozinha, no jirau entre as bananeiras. Saiu para o terreiro [129] e encontrou Missunga que fumava, sozinho.

— Não viu Orminda?

— Não, por quê?

Ela não respondeu. Queria-a peito de si, ter cuidado por ela, evitar, talvez, que os homens... Nem sabia explicar o seu cuidado por Orminda. Ao lado de Missunga, receou pedir-lhe que a ajudasse a procurá-la.

As árvores pareciam aumentar o tamanho da noite para subirem mais a vontade. Um cheiro de jurubeba, de coisa queimada.

Orminda parou nas raízes do bacurizeiro. Aí, lhe disseram, aparecia a visagem de seu Felipe. Um tamanduá bandeira também aparecia, fechando o caminho. Como podia ser, se ali perto havia um saual imenso, gente que tamanduá não deixa viver, que Missunga não pudera destruir? Um caboclo atravessou o caminho, correndo. Através da capoeira vinha o choro da orquestra.

Missunga caminhava de braço com Alaíde e sentia os homens excitados, o cheiro da cachaça, vozes abafadas no mato próximo. Orminda brotava das assombrações verdes do mato, dos ocos das cascavéis, do reino das formigas, do céu chovendo superstições sobre os homens. As galharias estalavam. As saúvas cobriam o caminho com o guia à frente, um vaga-lume. A rainha da saúvas, pequena cobra de- duas cabeças, vinha chupar todo o sangue de Orminda. Na suposição de Alaíde, Orminda devia estar se debatendo sob aquela

massa de homens que a disputavam.

Missunga pensou na cobra coral, tão bonita e tão poderosa a sua curiosidade de menino, que seu pai conservava num vidro em Belém. Acreditava que a cobra fosse viva, viera de onde há bichos coloridos e ocultava poderes mágicos. Uma noite a coral, (cabia dentro de um vidro de perfume) cobriu um rio inteiro, sua cabeça ficou mais alta que uma árvore. Ao despertar, Missunga foi contemplar a cobra adormecida. Gostaria de criar aquela coral, conhecer-lhe os mágicos poderes, tê-la embaixo do travesseiro...

Os dois pararam. Missunga pensou nas sementes que os caboclos pediam. Sentiu maior pena de Lafaiete, o que era já uma tentativa para fugir daquilo tudo. Depois aquela zoadia em direção da festa, no mesmo instante alguém surgiu da sombra e parou [130] com um grito abafado.

— Orminda, mana...

Alaíde segurou a mão da amiga, sentiu-a úmida, os braços cheios de terra, o cheiro de loção mais forte. Orminda sem dar por si sacudia o vestido. Havia tirado as meias. De cabeça baixa, apertou, vexada, a mão de Alaíde, apressou-se a tomar a dianteira. Missunga atrás como desamparado.

— Mana, disse Alaíde, baixinho, tome juízo. Tu toma conta amanhã, pra mim, das latas de feijão?

Gritos do terreiro, os três caminhavam apressadamente. Viram a lamparina erguida sobre alguém que se debatia no chão, se amontoava muita gente.

— Mamãe, é o mano!

Orminda correu, varou o círculo, afastou rapidamente os caboclos que a viam em lágrimas curvar-se sobre o irmão e sacudi-lo, afogá-lo:

— Mano, meu mano...

E a cabeça de Marcelino, flechada de bicho no fundo, o corpo, no ataque, tão escorregadio, ninguém podia segurá-lo, resvalou para

os braços da irmã como num sono, à luz das lamparinas que o medo e o espanto do povo traziam do barracão.

17

[131] Velho Florêncio, o Calafate, foi ver Felicidade. Ia levar também a resposta definitiva do filho a Missunga sobre a festa do Menino Deus. Rafael mandava dizer que se começara a festa no Campinho, no Campinho havia de acabar. Os homens rodearam Florêncio, o Calafate, que ensinava a significação das flores, do nome das flores.

— Quer mais um gole, Calafate?

— Vá lá, vá lá.

E prosseguindo na lição:

— E sabe por que se dá o nome de General a esta flor?

— Ninguém sabe, Calafate.

— O senhor estudou, seu Missunga, e não sabe?

Missunga se levantou do banquinho e pôs a mão no ombro do velho.

— Ei, seu Florêncio, por quê?

Calafate apontou o céu, os olhos se abriram, acesos, piscando como vaga-lumes, deu dois passos:

— Por quê? Por que é de superior perfume! O nome está dizendo, General! De superior perfume!

A vila toda gostava de chamá-lo doutor. Velho Florêncio deu sua risadinha gutural, coçando os calombos do braço. Campinho gostava mais de chamá-lo Calafate. Mas a vila era: Doutor Florêncio!

Missunga perguntou:

— Mas, seu Florêncio, explique, por que lhe chamam de doutor?

[132] — Sorte da gente, meu senhor. Sorte da gente.

— Como?

— Então não sabe? Já expliquei isso ao juiz de direito, ao promotor: porque todo doutor é burro. E por isso que me chamam de doutor. Coisas do tangolomango...

Florêncio contava histórias de tangolomango ao pessoal menino do Campinho. Em Felicidade, Doutor Florêncio, o Calafate, olhava, coçando o queixo, repuxava a barbicha. Dava sua risadinha de guariba. A barbicha tomou um ar zombeteiro. Doutor Florêncio, o Calafate, veio sentir o cheiro da Felicidade e voltou para o seu Campinho. Os cajueiros eram sossegados. Tinha encomenda de paneiro para tecer.

— Aquilo é fogo de palha. Não há organização. As sementes estão podres. Filho do Coronel Coutinho não é homem pra se meter naquilo. Vale lá nada. Rapaziadas...

Continuaria a tecer os seus paneiros sentado nas raízes dos cajueiros do Menino Deus.

Missunga mandara chamar os dois irmãos de Guíta. Velho Amâncio tinha de preparar a madeira para o barco novo do Coronel. E os irmãos entravam no mato assobiando. Assobiavam o desejo de ir embora, sair dali, correr mundo, ver outros trabalhos lutar por um futuro. Aqueles paus lhes pesavam na costa, entravam por dentro de seu destino e aí ficavam apodrecendo. Amolavam o machado como se amolassem aquele desejo de fuga. O seu desejo ficava tão agudo, tão amolado, tão cortante como os machados. As árvores tombavam aos golpes do machado. Só os obstáculos da sonhada viagem para Belém, para Manaus, não tombavam aos golpes do seu desejo.

Os paus se escondiam pelo matagal. Velho Amâncio tinha faro de cachorro benzido. Batia o machado no chão para sentir o tremor das árvores ameaçadas. E o desejo dos filhos caía aos pedaços, por aqueles caminhos, pendurava-se pelos galhos partidos, pelos atalhos cerrados, pelos ninhos que balançavam, se esfarelava na queda dos paus. Os rapazes iam embora deixar os restos de seus desejos na

cabeceira de algum igarapé espremido nos aturiás, num oco de pau apodrecendo no balcedo.

Vendo-os silenciosos chegarem do trabalho, Florêncio [133] exclamou: — Também deu o tangolomango em vocês?, e partiu para o cartório, fazia questão de dar a sua opinião a Capitão Lafaiete. Como encontrasse a porta fechada, as janelas entreabertas, hesitou e compreendeu que o tabelião trabalhava, ou melhor, falsificava. Ou doente? Havia de dar sua opinião a alguém naquele dia e caminhou para a casa de seu Nélsion que, de pé, apoiado a um ancinho, contemplava o cemitério.

D. Guilhermina afomentava as pernas do marido.

— Não amassa muito, Guilhermina. Dói. Tu nem sabe. Dói.

— Mas credo, Lafaiete. Assim a fomentação de nada vale

— Sabe, Guilhermina?

— Ein?

— Ai! Guilhermina, dói!

— Se aquiete, homem! Diga o que você ia dizer.

— Missunga anda praticando uma série de atos tão desatinados.

Não vê o que está fazendo no Paricatuba? Uma verdadeira bacanal. Rios de dinheiro do pai no bucho daqueles caboclos. Escrevi aos parentes. Ao gerente da marchantaria. Tenho feito tudo. Agora quer comprar a filha do mestre Amâncio. Sempre digo ao Coutinho que não tolero excessos, mesmo partindo dele. O que se viu do meu pega com Missunga aqui no cartório? Fui eu lhe dizendo nas bochechas o que meu coração sentia e o que o meu caráter repugna. A minha maior derrota nesta vida tem sido em virtude de minha franqueza. Da minha maneira esquisita de apreciar as coisas. Sou, em verdade, amigo do Coutinho e ele reservadamente (digo aqui só pra ti) me pediu que olhasse Missunga. Ele sabe disso. Por isso que o interpelei no mercado. Ele quis reagir mas a minha velha autoridade moral... O próprio Coutinho, por que somos ligados? Porque quando tenho o que dizer não engulo. Digo. Ele sempre diz por aí: — Gosto do Lafaiete

pela sua franqueza. Ele me vendo em erro, goste eu ou não goste, me chama a atenção. E é. Tenho salvo o Coutinho de poucas e boas. Deve-me inumeráveis favores. Por que ele não me larga? Agora que tem sido um ingrato, sim. Então não era para me dar uma posição material melhor? Me ofereceu a administração geral das fazendas. Mas tive escrúpulo. Sabem que não gosto de Mané [134] Rai|undo. Depois diriam que fui eu que o afastei. Mesmo não tenho cara pra tamanha desforra daquele analfabeto e ladrão. Seria covardia da minha parte tirar partido da larga amizade que Coutinho me dispensa, para obrigá-lo a deixar na mão um pobre analfabeto daquele. Analfabeto mas ladrão. Agora tenho baixos sentimentos para insinuar junto a Coutinho que ele é ladrão, o Mané Raimundo? O delegado que é o delegado, eu nada disse. Pois bastava uma palavra e essa besta estaria no olho da rua. Agora, quanto a Missunga, Coutinho me deu amplos poderes até de raptá-lo, botá-lo no fundo de uma canoa e mandá-lo para Belém. Pois até ladrões e meretrizes tem lá! Já o Coutinho me escreveu nesse sentido.

— Guarde essas cartas... respondia d. Guilhermina.

— Ora, se guardo.

Gostava de dizer no mercado, na Intendência, no cartório, que a Guilhermina era a sua candeia de azeite, lhe tratava das câibras em abril. Discorria minuciosamente sobre a sua dor na ponta do pé, dor nas cadeiras, nos rins, no lado do queixo, no ouvido, dentro do osso, dor no meio da cabeça. Guilhermina lhe fazia emplastos com ovo e arruda, pó de rosca e mocotó.

Lafaiete se deixava afomentar.

Ah! como tão difícil, tão insuportável, começava a velhice. Nem aquele esperto do Mané Raimundo se lembrava de morrer, se acabar num chifre de garrote ou sobre uma das muitas pequenas que ele babava com a sua asma. Mentia talvez para se fazer menos derrotado, imaginar-se menos inútil no mundo. Como desejaria ter aquele prestígio que tanto alardeava junto da mulher! Mentia

melancolicamente. Tinha aquela necessidade. Como tudo foi inútil para convencer o Coutinho a fim de lhe entregar as fazendas. Orminda viveria em Belém, se ele pudesse, de lancha, como o administrador Mané Raimundo, visitar as fazendas, dar ordens aos feitores, marcar nas malhadas as suas reses. Seria mais brando com os vaqueiros e por isso ganharia uma barraca tranqüila, com um jasmineiro na frente, em Belém, uma vitrola, uns móveis, não muito caros, e a grande cama de casal. Orminda sairia do Campinho, da língua do mercado, das pragas da nhá [135] Felis|mina e do deboche das pretas da Feliciania.

Fingia ignorar que Calilo passava os cobres a Orminda. Ele primeiro dera o estrilo. Depois fez que acreditou na amante. Calilo escorria o dinheiro, enfim, o colo de Orminda era sempre uma afometação melhor que as afometações da velha Guilhermina. Orminda luxava e ele sabia que todo aquele luxo não era ele que pagava. Andava tão endividado, tão sem crédito, até D. Ermelinda em vez de lhe dar cem como pedia, lhe dava vinte, trinta, uma esmola! O cartório já não dava. Acabara o cobrinho dos órfãos. Coronel não era de lhe dar uma larga proteção. Missunga, um doido. Tudo fez para que acabasse com a Felicidade. Acabou foi Missunga lhe abotoando o peito, querendo lhe atirar com os ossos sobre os livros do cartório. Tivera uma discussão com o Flávio Aguiar por causa duma conta, dívida de quase um conto de réis. Meio lhe mandava recados mais recados. Tinha falsificado duas escrituras que lhe deram seis contos de lucro, tudo foi para. pagar a conta do Santiago, este o ameaçara de pau no meio da rua. O resto foi para uns remédios caríssimos para os olhos de Guilhermina. Guilhermina piorava com aquela vista se apagando. Seu Nélsion lhe dera ontem cinquenta mil chorados. Tinha pena de seu Nélsion. Seu filho, o Nelsinho, hipotecara a Santa Inês. Velho Nélsion assim acabaria de pé no chão.

As pernas doíam, a cabeça doía, os rins doíam. Coronel Coutinho, bem gozando as águas de Caxambu, lhe deixava para consolo o

direito de abrir o gramofone da casa grande coberto de poeira. Faltava agulha. Sentava-se numa velha cadeira de couro, à porta da taberna do seu chefe ou lia, recolhidamente, os jornais vindos na canoa de Belém. Ia poucas vezes folhear o almanaque Bristol na sala, parava o olhar, examinava, com pensativo interesse, a página das charadas do almanaque César Santos. Com um rumoroso suspiro, tirava do fundo da barrica cheirando a querosene, duas mofentas bolachas. O caixeiro se danava, surdamente — “pondo essa mão porca nas coisas — e Lafaiete bocejava. Fungava. Roía com os cacos de dentes as bolachas e se deixava curvar na cadeira, a cabeça pendida, o rapé esquecido no bolso e o pensamento em Orminda metida em Felicidade. Ah! Meus tempos de [136] borracha! “Tinha dinheiro! Tinha dinheiro!”

Capitão Lafaiete Maria Vergueiro andava pelos navios do Amazonas liquidando dinheiro no jogo. Ficou jogador conhecidíssimo a bordo dos navios da lama, como eram chamados os navios fluviais. Quando vinha a Ponta de Pedras, em vapor de roda, vestindo e cheirando caríssimo, era para gastar um bocado, com ruído, nas festas de dezembro. Era também capitão, da Guarda Nacional. Armava jogo com os graúdos do lugar. Distribuía charutos e cervejas, mandava rezar missa solene pela alma da tia que lhe deixara o cobre. Depois de jogar fora todo o dinheiro que era seu, começou a passar o pau no dinheiro que era dos outros. Tirou título de advogado provisionado com o seu fraco por inventários. Falsificava letras, escrevia cartas anônimas, negociava com mulheres para o Acre, chegou a ser empresário de circo em Manaus. Até que um dia, em viagem, um comandante apoplético mandou botar Lafaiete num trapiche de lenha nas Ilhas. Furtara o comandante no pôquer, o comandante resolvera atrair o seu parceiro a uma armadilha, e apanhou-o fechado no camarote com uma passageira.

No trapiche de lenha, onde foi deixado com a sua bagagem e dúzias de baralho na maleta, Lafaiete sentiu a primeira pontada do paludismo. Febre! Febre! Lafaiete estava sem o pôquer e sem

quinino. Chegou a Belém com os ossos varando a pele. Aquela falta de ar. O baço doendo, pesando e inchando. Que falta de vontade para tudo. Um barulho no ouvido como água no fundo. Um barulho. Foi o tempo em que a borracha baixou como água no Purus.

Em Belém, vendo os armazéns e os navios no cais, Lafaiete começou a assobiar. Estava melhor da febre. Não sabia o que fazer, o que resolver depois da queda da borracha. Ia andando. Taratatin-taratatan. Ah! Pronto! Veja você, Lafaiete, como a coisa ia-se passando! Bateu na testa. O baço doeu menos. Apressou o andar. Havia de chegar ao Ver-o-Peso para procurar canoa de Ponta de Pedras. Nem se lembrava: na vila aquela moça há anos esperava por ele, dona de alguns haveres, lhe escrevia cartas chorosas e por ele suspirava debaixo da mangueira da casa do [137] August|to Aires. Casou com Guilhermina.

Todas as tardes, na casa do Coronel Coutinho, a biscazinha inocente e o café. Aquela casa-grande, de azulejos, os pesados candeeiros, as malas como arcas no corredor, a gorda varanda patriarcal, lhe davam conforto e inveja. Esquecia o pôquer e o relancinho dos navios e barracões do Baixo Amazonas. Na sombria sala de visitas onde se ostentam graves cadeiras antigas, a vasta escrivaninha de mogno, gostava de folhear coleções e coleções de revistas e jornais desarrumados diante do gramofone, a ruma alta dos discos, consolos poeirentos, armários atulhados de almanaques, calhamaços e baratas. Entre as fotografias de Pedro II e dum reprodutor puro sangue Zebu — Coronel fora o introdutor do Zebu nos campos do Arari — a do Conselheiro Rui Barbosa. Num consolo a um canto, o retrato do pai do Coronel Coutinho, de corpo inteiro e o maciço bigode monárquico. Em torno de tão cordial café, Lafaiete teve melhor contato com as idéias do Coronel sobre a política, o poderio da Esquadra Inglesa, as vantagens da imigração japonesa, a história dos Papas, o saíote dos escoceses, a decadência do turfe no Pará e o tratamento das hemorróidas de que Coronel sofria.

— Meu pai — dizia Coronel — foi homem da monarquia. Meu avô português da gema. Não da leva dos emigrantes dos Açores, na maior parte, moedeiros falsos e facínoras. Meu avô veio com a tradição do Rei e da Corte. Um alfacinha. Eu também leio, seu Lafaiete. Tenho todo o Rocha Pombo nesta estante. Para que é que assino jornais, revistas, compro livros e senhores livros? Meu avô domou índios. Índios não prestavam? Corrija-se! Lutou com os cabanos, essa página negra da história paraense...

Lafaiete, então, afirmava que havia em sua família a lembrança de um tio trucidado pelos bandos selvagens do Vinagre. Coronel calava-se e saía para a loja, ia passar a mão na costa de seus eleitores e fregueses, chamá-los de compadres com aquele seu a vontade tão familiar para com todos. Lafaiete, na sala, voltava a manusear os volumes da Biblioteca Internacional das Obras Célebres, fingindo curiosidade à espera que Coronel assim o surpreendesse. Coronel demorava. E de tão ilustres páginas, Lafaiete passava [138] a escolher o disco comprado. O gramofone gemia:

Raro, rato,

Por que motivo tu roeste meu baú?

Fingia também um ar nostálgico, a cabeça entre as mãos.

— Ninguém vive de recordações — lhe dizia o Coronel ao encontrá-lo ouvindo o disco.

Lafaiete fingia-se surpreendido, principiava a coçar, nervosamente, a orelha, queixando-se do desemprego e dos rins, do dinheiro perdido no jogo e com as mulheres — no fundo, quanta saudade do baralho, foram os seus dias verdadeiramente grandes. Vinha de novo o café em xícaras de chá e com bolachas. Havia sabor naquela tristeza tão sonolenta que envolvia a velha igreja. Os caboclos bebiam, com um ar sacramental, em pé, à porta da loja.

— Coma bolacha, beba café, Lafaiete!

Lafaiete refletia: matas-me a fome, não? Afinal de contas por que não nascera rico como o Coronel? Era uma pergunta inútil, podia

consolá-lo. Coronel contemplava-o, meio sardônico, como se o desafiasse. Esse Lafaiete deve ser muito patife... Lembrava-se do tempo em que vinha passar as festas na vila. As exhibições, o ar de igual para igual com que me falava, procurando advogar questões contra ele. As histórias do Lafaiete na Amazônia, o comercio de mulheres para o Acre, — seria mesmo? Lafaiete estaria sem saber como utilizar a sua arte de não ter escrúpulos e isso era, realmente, inacreditável, um pulha sem trabalho!

Este homem me serve — pensou Coronel de tal forma como se tivesse pronunciando a frase, de súbito, em presença de Lafaiete. Preciso de um homem assim, não pelas suas patifarias — não, isso não — mas, pelas suas habilidades, pela sua experiência. Esse homem vai me servir, o que era a mesma coisa que pensar: de que valeram afinal todas as suas espertezas se veio cair nas mãos de um homem de bem?

— Sabe, Lafaiete? Tire as mãos da cabeça. Aquele Gaspar está sendo muito safado e muito convencido de que é doutor em lei. Deu agora para a qualquer propósito citar códigos e leis. Fala em lei de boca cheia. Lei pra cá, lei pra acolá! E eu que o tirei da miséria! Não tem mais dúvidas. Você vai ser o meu tabelião.

[139] Vinham os parceiros da bisca. O primo Guilherme, gorducho, pigarrento e astuto. Seu Nélon, vermelho, com o seu boné, o cachimbo e o silêncio, jogava melancolicamente. Os carneiros do Coronel entravam pelo portão do muro, tão vagarosos, tão resignados e tristes como velhos funcionários públicos. Numa das janelas da velha Intendência — de que os pontapedrenses também tinham orgulho por ser “mais Intendência” que a da sua rival, Cachoeira, — o porteiro cerzia a puída Bandeira Nacional.

— O quê?, exclamava Lafaiete, de repente, dando uma palmadinha nas costas do Coronel — já com a sete de trunfo?

Coronel sorria, jovial, piscando o olho para o novo tabelião.

D. Guilhermina, quase cega, colocou-lhe algodão nos ouvidos.

Durante o longo silêncio em que o marido recordava, não dissera também senão uma ou duas palavras. Se, por vezes, se deixava dominar pelas lamentações do marido, não esquecia o que ele praticava — sobretudo contra ela que não podia ter caboclinhas em casa. Há um ano tinha sido a sua afilhada, a Inês, trazida do sítio. Sempre na boquinha da noite. Lafaiete não queria jantar.

— Não quero, Guilhermina. Este estômago. Vou à casa do compadre. E o diabo. Meu estômago.

Gemendo e apertando a barriga, saía. Todos iam para a mesa. Ele entrava pelos fundos da casa escorado no cacauil espesso, começava a imitar o cavalo comendo capim. Tinha o fungo do nariz jeitoso para imitar. Então D. Guilhermina gritava:

— Inês, ó Inês! Vai ver o cavalo entrando pelo buraco do quintal. Já pedi pro Lafaiete mandar fechar esse quintal. Anda, Inês!

Anos e anos de consumições, raivas, arrependimentos, vexames, enferrujaram os hábitos de D. Guilhermina criando galinha, sentando renda na almofada, tratando de afilhadas, fazendo doce para as festas, agora cultivando aquela catarata. Nem Deus lhe quis dar um filho para consolo.

Lafaiete deixou que a saudade de seus dias de pôquer o dominasse Suas viagens! Aquela tenacidade para mentir, enganar, manipular vitórias eleitorais ou judiciárias, era o seu melhor pergaminho. Tudo passara. Faltava-lhe o antigo impulso. Chegara, enfim, a pensar que se houvesse, Deus do céu!, uma [140] oportunidade para tornar-se honesto, arriscar-se-ia a tamanha aventura. Sob o horror de Felicidade, Orminda, no meio dos roçados entre homens suarentos e carnes assando no braseiro, não o deixava dormir. Por que não tentou aproveitar-se da loucura de Missunga, por que não se insinuara, por que Calilo o vencia? O tabelião entregava-se ao reumatismo e às dores renais como quem se castiga a si mesmo.

[141] Benedito lhe veio tirar da madorna.

— Seu Missunga, Ciloca no porto!

Pulou da rede. Alaíde debulhava milho, ergueu-se da esteira.

— O povo tá falando. Diz que veio dar uma olhada. Está desembarca não desembarca. E um demônio esse homem, seu Missunga. Imagine que pegaram ele roubando peixe no cacuri d Aguiar. Ele quis pegar a D. Marta no escuro lá na vila. A mulher deu aquele berro...

Missunga saiu no rumo do porto. Ciloca ameaçava Felicidade. O grunhido do porco que Tenório matava. Crianças choravam e as mães as espancavam. O sol tinia, dava liamba as árvores que amoleciam, estáticas, sonhando, num torpor.

Voltou suado, com a impressão de que trazia o suor do leproso e que Alaíde poderia ser beijada, inesperadamente, pelo enfermo. Como este pedira para ficar! Escorria-lhe da cara um suor de súplica. Seus olhos espantados arderam na consciência de Missunga. A cabeleira de Ciloca era postiça. No fim, o leproso riu. Tinha uns dentes ávidos, a ponta da língua saltava, as pregas da máscara brilhavam. Um riso, viscoso, mordida os nervos de quem o visse, os dentes ávidos tinham ganas de carnes sadias, polpas crianças, os seios de Alaíde. Missunga lavou o rosto com álcool. Medo daquele hálito, do reflexo daquele riso. O leproso dobrou o casco para a vila. Vingava-se cuspidando no rio, na maré.

Alaíde já na esteira, peito pra cima os seios espalharam-se dentro da blusa de chitinha como se naquele instante desabrochassem. Lá fora as árvores esperavam. Missunga na rede se embalando e [142] embaixo, a Alaíde, silenciosa, submissa, como a própria rede. Ouviu-se um estrondo de pau caindo. Como os homens trabalhavam!

Veio-lhe uma fadiga mansa, traiçoeira. Alaíde na esteira era um bicho de cria e suas mãos, que debulhavam o milho, agora debulhavam carinho, lhe coçavam a costa, a cabeça, lhe davam o esquecimento, o fundo do rio onde o rosto de Ciloca seria tranqüilo e

puro e o corpo de Guíta se dissolveria. A sombra caía das árvores como sono. Mariana voltava pelas mãos de Alaíde. Os olhos se fechavam. Ciloca com o trágico rosto a crescer sobre os trabalhadores e Marcelino aos gritos a caminho do rio onde o peixe o chamava. Caíam as folhas da jaqueira, repetia-se o tombo de paus longe. Vozes andando entre as sombras e de súbito a voz de Tomaz do Mato, imitando o clarinete.

Ergueu-se, levantou Alaíde pela cintura. Uma nuvem tapou o sol. A sombra se fez como um afago. As árvores sufocavam. A cara de Ciloca escorria. Os homens nos roçados abatiam o mato, lutavam. Os dois caminhavam sob o peso de toda a monotonia daqueles machados cortando, daquelas enxadas batendo.

Sumiram pelo fundo da capoeira. Um caminho que o mato perdia. A terra meio viscosa, misturada de chuva, sol e seiva. O mato crescia mais depressa, violentamente e os bichos por que estariam mais apressados e alegres? Até o receio de Missunga parecia se perder entre as folhagens.

Alaíde e ele num chão de samambaias. O chão de folhas de samambaia, uma esteira verde, viva, orvalhada de seiva de resinas. Felicidade? Para amanhã esse problema. Os dias não findam, os sofrimentos aumentam e como pensar em toda aquela desarrumação tão difícil, Senhor, de Felicidade? Tomaz do Mato gritava.

Divertindo-se em caminhar na ponta dos pés, com ligeireza, Alaíde parecia bailar entre as árvores e as borboletas. A tarde, depois daquela chuva e agora com o sol, parecia excitar cada vez mais os bichos, as plantas, os homens, os proibidos prazeres, a sensação do sono que os Levasse até o fundo do rio que era a morte. Alaíde, como as plantas e as chuvas, iluminava-se daquele impudor tranqüilo e vigoroso da terra.

[143] Missunga cingiu-lhe a cintura, uma curva inesperada de corpo, uma curva que fugia, deslizando entre os dedos. A mão de Missunga na cintura de Alaíde era um remo cortando água na

vazante.

No cabelo de Alaíde as açucenas, como se ali mesmo nascessem. Nos olhos dela havia a estranha claridade da selva em noite de trovoadas.

Quem arrumara aquele chão de samambaia foi Joaquina Soares que sorriu quando Missunga lhe perguntou: — Não defumaste? Ela deu-se a ares de mulher batida de viagens, conhecimento de homens e feitiçarias.

— Dêxe ter aí um tempo que embarco pro Iam e trago de lá um pajé que — conheço — é um bicho na defumação.

O rapaz achou uma grande graça. Aquela Joaquina Soares se prestava para tudo, como os olhos da mulher cresceram para os dedos de Missunga! A moeda brilhava. Joaquina apanhou-a. A moeda continuava a brilhar e podia andar pelas veias, correndo pelo gasto corpo de Joaquina, deixando-lhe o veneno, a cobiça, a aventura e a miséria dos homens. Joaquina Soares, tão usada pela vida e pelos homens, não podia esperar que Missunga a desejasse. Ora, quando? Deixava o seu vago ciúme, o seu indefinido despeito, a sua humilde inveja com os seus desejos tão impossíveis no chão de samambaias. Voltava, indiferente às folhas e flores, aos restos de ninhos e cheiros de mato que o vento espalhava. Ia consertar os matapis pros camarões e lavar roupa dos trabalhadores.

Os machados batiam em Felicidade, braços e peitos tremiam de cansaço e paludismo, Tomaz do Mato enchia o mato com os seus gritos, bêbado, cambaleando entre as sumaumeiras e imbaubais. Os homens, esfalfados, com verminose e desmanchos sujavam os caminhos, as mulheres apanhavam açaí e folhas para os casebres, que vontade em Joaquina Soares para espiar os dois nas samambaias. Os cancans cantavam longe. Joaquina Soares deixava seu pensamento parar no bicho Curupira que dá descaminho aos homens no mato. Existe mesmo esse bicho?, perguntava Joaquina Soares a si mesma, dominada ainda pelas histórias que as velhas tias lhe contavam no rio

da Fábrica. O grito de Tomaz do Mato enxotou-a das samambaias.

[144] Missunga cobria o corpo de Alaíde com as folhas de samambaia. Sonolentos ficavam em tão morno abandono melhor do que sesta, melhor que peixe em remanso. Mais tarde, viria o problema tão distante de Felicidade, de Felicidade tão sem objetivo, — homens amarelentos e magros desembarcando e aumentando no terreiro pedindo trabalho, querendo comer. Lembrou-se que aqueles homens reunidos assim podiam revoltar-se, não saberia como subjugar-los. Gostaria de ficar morando num oco de pau com Alaíde, numa sumutuma como a cobra surucucu em amores com a paca nos ocos da terra, oh, folhas de samambaia!

Alaíde, Alaíde, não durmas que a terra te come, e tua carne depois do amor deve ser mais tenra e doce. As raízes querem o teu sangue. Desde as noites mais velhas do mundo as raízes esperam o teu sangue.

Alaíde acordou, a sombra das samambaias nos olhos, boiando do sono, parecendo vir de longe sono assim tão grande e tão fundo como os rios da Amazônia.

— Eu dormi?, disse ela.

Se fossem ao igarapé sentar nos paus cheios de limo com a água tão clara de se enxergar os peixes mexendo as barbatanas? Os peixes se assustariam e se entreolhariam em torno do corpo de Alaíde. Aqueles cabelos, escuros, seriam rede de pescar? Eram tão vivos dentro d'água, flutuavam como plantas, como os sonhos flutuavam dentro do sono. Os peixes deslizariam, então, entre os cabelos e ali sossegaríamos como nos ninhos sob a espuma. No igarapé forja um caranazeiro, Alaíde costumava tirar os frutos do caranazeiro para um vinho tão bom como bacaba. Uns cipós florindo subiam pelo caranazeiro. Por que não subiam pelos pés de Alaíde?

Alaíde apanhou cacui para Missunga. Um taperebazeiro grande jogava taperebás tão maduros na água que o cheiro das frutas acordava o amor em Missunga.

Alaíde podia ficar ali, de bubuia, imóvel, os peixes passando por cima e os taperebás caindo como se quisessem deixar em terra tão inesperada e tão bela, sementes para uma estranha e mágica fecundação.

[145] Missunga meteu os dedos na água, a água coleava como o corpo de Alaíde. Ali estava o corpo líquido e misterioso da mãe do igarapé, com os peitos cheirando a taperebá, a cabeça enterrada no chão onde murchavam as samambaias.

— Vamo?

Em Felicidade, os homens dobrados na luta. Magros, feios e azedos com os machados e as enxadas na terra e nos troncos. Tomaz do Mato poderia avisá-los e eles com os machados no ombro, as foices e as enxadas, caminhariam para as samambaias em silêncio ou aos gritos...

— Vamo, insistiu Alaíde.

Como um cipó que se destorce, Missunga levantou-se, lentamente, tentando espantar os pensamentos e as torvas sensações. Se Tomaz do Mato os estivesse espiando? Quem sabe se antes não viera deitar-se?

Voltava e parecia tão separado de Alaíde. Que valeram afinal as samambaias?

Deixando-o rapidamente para trás, Alaíde corria e desaparecia pelo sinuoso caminho como se, no ato do amor, como uma abelha, houvesse morto o amante.

19

De madrugada, se viam luzes beirando o rio.

Os caboclos acendiam as porongas, lamparinas com que pescavam camarão. Montarias nos remansos. Marajoaçu sempre parado na sombra hesitante.

Ciloca tirara peixe do cacuri. Entornou a cachaça na mão e bebeu. Vendo-o lambar a palma da mão tinha-se a impressão de que se devorava a si próprio. Amarrou o casco no mangue. Derramou cachaça nos peixes que se debatiam e deviam ficar bêbados também. Um silêncio dentro do casco.

A água não bulia.

A claridade não tinha pressa de lavar o sujo da noite. Os estirões pareciam avançar sobre a sombra. Os peixes, no fundo do casco, não pulavam mais. Tão vivos que estavam! Foi traição da maré que os levava para o cacuri. Ficaram no fundo do casco, imóveis, mortos. Ciloca, então, cabeceava na proa do casco. Se Sinhazinha viesse! Sinhazinha estaria no sororocal esperando por ele. Lentamente, com a ajuda de remo, lançou os peixes no rio. Um pequeno barulho a água assustada tomou uma cor cinzenta. O casco adernou, Ciloca escorrega para o fundo do casco.

Veio clareando por cima da vila.

A luz trepou na cabeça da sumaumeira bem alta como se a cacheasse de sumaúma. Leves arrepios do amanhecer n'água cinzenta, o rio estremeceu como uma cobra que se acorda.

Mais adiante, a água se despia das sombras, os estirões pingavam sombra misturada com a luz e o sereno da madrugada. Ciloca no fundo do casco não sentia frio nem que o cigarro caiu apagado debaixo do banco. Sinhazinha deslizou n'água como os peixes. Ele dormia, o rio acordava. Como se a luz viesse das águas boiando.

20

[147] Vendo Alaíde desatrapalhar os punhos da rede, ouvindo as mulheres limparem as tripas da vaca (morta por Benedito e Tenório), Missunga sentia crescer o seu desassossego. Por que gritavam lá ao longe como estivessem ainda excitados pelos urros da pobre vaca que se debatera sangrando no terreiro? Os quartos de carne

vermelhavam estranhamente ao sol e pareciam aumentar de tamanho sobre a barraca, os roçados, o mato, o igarapé, o Marajoaçu, a vila, sangrentas e magras.

Onde colocar tanta gente que continuava chegando? Os pobres, como as feras, dotados de um faro prodigioso, vinham de longe em busca das carnes que sangravam nos galhos. Igarités, cascos, montarias, batelões enchiam o igarapé. Pelas margens improvisavam-se barracas, taperis, jiraus, estendiam-se esteiras velhas. Faziam-se camas de palmas de açai, folhas de sororoca e bananeira onde as crianças se arrastavam, dormiam ou choravam, roendo ossos e restos de bolacha que apanhavam no chão entre baús, redes que eram molambos, panelas de barro pretas de fuligem, velhos sapatos de festa já cambaios e fora de uso, pequenas imagens de santo dentro de paneiros espalhados em confusão.

Imóveis e soturnas, encostadas nas árvores, as mulheres esperavam, ou iam lavar roupa, encher os baldes de água, apanhar cavaco, “inventar um fogo” para assar um naco de carne, fazer chá, ou espiar se novas embarcações apareciam.

A vinda de mais gente as encorajava, lhes trazia uma ruidosa e primitiva solidariedade de que não podiam, por certo, ter a menor consciência. Podiam até mesmo não desejar essa afluência [148] cada vez maior de competidores, uma obscura fraternidade os unia silenciosamente.

Missunga com crescente inquietação. Seria mesmo medo e por quê?, perguntava a si mesmo. Aquele ruído humano descia sobre Felicidade como uma invasão que não podia deter e não sabia explicar porque se inquietava tanto. E o pior era que à frente daqueles homens aparentemente submissos e relaxados, daquelas mulheres carregadas de filhos no colo e nos ventres, de baús e de santos, daqueles curumins barrigudos e gulosos, estava Alaíde, ao seu lado, Marcelino, o ladrão, com a força dos bichos do fundo, Tenório, à espera de Santo Ivo, o brado de Tomaz do Mato, a livre e louca

Orminda.

Já não era o medo do mato que o dominava, mas o medo do povo.

Alaíde lhe deu a rede e logo apanhou novamente para arma-la no copiar.

— Me esquecia que não sabe atar — disse sorrindo e respondeu ao chamado de Orminda.

Missunga quis retê-la, nem ao menos deixou perceber o seu intento. Alaíde se dirigiu rapidamente para a porta. Tinha de ajudar a distribuição da carne, da farinha, do açúcar. Ajudar as mulheres na cozinha, ir com elas carregar lenha, levar comida aos trabalhadores que já preparavam os roçados para a queima. Como ele receava ficar preso àquela docilidade a aquela energia que vinham de Alaíde. Ela sabia se confundir no meio dos homens e mulheres sem tirar partido de sua posição. A proporção que dias passavam e os roçados surgiam, ela se tornava mais ligada a eles, transmitindo-lhes uma confiança mais viva. Missunga se impacientava e explicava a Alaíde que o lugar dela não era no meio deles, mas na barraca, ajudando-o.

À noite, como distinguir as vozes do mato das vozes humanas que se espalhavam, tão confiantes, subindo das barracas e dos caminhos? Isso lhe dava maior fadiga, vagas repulsas, não sabia ir ao encontro daquelas vozes, ter o ímpeto de caminhar para o povo que já acreditava nele. Também tentava reprimir certa irritação ao sentir que, de qualquer modo, o povo já se instalava ali [149] com a maior naturalidade, como se ele fosse obrigado a servi-lo, a dar-lhe trabalho, carne e remédios. Até diziam que ele fazia tudo aquilo por ordem do governo. Contavam mais: aplicava apenas a metade da verba que o governo lhe dera para montar a colônia agrícola. Isso o divertia e o irritava. Agira afobadamente, tudo aquilo não tinha explicação, faltava sentido. Criara para si mesmo um problema estúpido que o desmascarava, obrigava-o a conhecer-se melhor, a descobrir dentro de si fraquezas e medos que ignorava. No fundo aquela gente o

reconhecia como um louco, permanentemente assombrado com aquela inesperada bondade.

A noite caminhava e Alaíde caiu-lhe nos braços, rindo, como esquecer esse riso? Alaíde feliz! Como era fácil, mansa, deslizando pelos braços dele como canoa na maré.

Alta noite chamou a companheira que ressonava. Queria andar, espalhar a sua insônia pela noite, só assim poderia recuperar o domínio de si mesmo, estar livre e voltar em paz. O sono se derramava daqueles casebres e jiraus, trazia-lhe a presença de escuros rostos confiantes, cabelos desgrehados, olhos, bocas, braços e corpos extenuados e imóveis que mataram a fome, se abandonavam nas mãos dele. Nem Alaíde despertava. O sono, um sono elementar, os unta subterraneamente, sono dos que acreditavam.

Não tentou mais despertar a companheira. O vento agitou as árvores, parecia ouvir-se a baía lá fora, o sono daqueles seres largados nas esteiras, nos jiraus e nas redes adquiria voz na agitação do vento e das águas, era como a ressonância de velhos mares noturnos e invisíveis crescendo ao longo da floresta pesada. Ele ficou só, fumando, lembrou-se do velho Felipe e da Bíblia. Sua insônia, como uma traição, conspirava contra a paz e a esperança dos que dormiam.

21

[150] Guíta ficou de braços cruzados diante da almofada de renda, o olhar para dentro de si mesma. O periquito brincava no seu colo. Passava gente de Mangabeira carregando leite e mangaba nos jamaxis. Dentro da almofada duas cartas de Missunga.

E Alaíde? O certo era que não tinha grandes ciúmes de Alaíde. Achava-a tão inofensiva, uma criatura que se deu a Missunga por força da sorte. No fundo julgava-se melhor que Alaíde, não que merecesse casar com Missunga.

Vexava-se consigo mesma ao compreender que estava consentindo naquele absurdo. Começava a sentir-se sem razão e sem socorro. Por que falava ele em D. Branca, em infância, em coisas incompreensíveis e tristes. Seria tão cínico e mentiroso assim? Até ontem nunca pensou em casamento, em esperar noivo como ele. De repente o desejo de felicidade lhe subiu à cabeça como uma coisa impura e terrível. Era cair na boca do mundo, era se deixar levar pelas palavras e acabar como Alaíde. E em meio de tudo isto, tentava compreendê-lo para justificar-se: mas ele parece tão simples.

Olhou para a porta, mal abafou o grito de susto.

— Então, como vai?

Ciloca ficou imóvel com o olhar nas pontas das palhas da barraca e havia uma pungente humildade em sua fisionomia mais mutilada e viscosa.

— Guíta, Missunga me expulsou de Felicidade.

— Como, seu Ciloca?

Como se aquele rosto jovem e aquela voz jovem o [151] perturbasse, Ciloca não respondeu imediatamente. Chegou mesmo a hesitar. Sinhazinha era também jovem e mais bonita. Guíta o enchia de uma súbita renúncia do que tinha decidido.

— Me mandou dobrar o casco. Eu não ia empestar a terra dele. Ia ver.

— Mas, seu Ciloca, veio se queixar a mim por quê?

— Porque você, Guíta, nunca me deu a costa. Nunca mostrou nojo de mim. Aquele rapaz não sabe o que está preparado pra ele.

Guíta sabia que não era exato o que ele dizia a seu respeito. Tratava-o mais por temor que por bondade.

— Não rogue praga, seu Ciloca.

— Mas pra que aquela prosápia dele? Para que a violência de me expulsar daquela orgia?

Guíta não respondeu. Missunga realmente havia feito aquilo e com um homem que vivia metido com o livro de S. Cipriano? Não

via que o leproso era capaz de atirar praga contra Felicidade? Esse pensamento a fez estremecer. Ciloca a contemplava, como se quisesse atacá-la.

— Seu Ciloca. Não. Não sei lhe dizer. Mas por que o senhor não se recolhe... ao asilo. Não leve a mal.

Ciloca permaneceu em silêncio, contemplando-a, sem surpreender-se. Viera refugiar-se em Guíta com a certeza de que ela o repeliria também. Ela nem sabia como desembaraçar os bilros da almofada. Se Deus lhe mostrasse uma erva... um remédio. Porque Missunga... mas não pôde pensar nisso e sentindo que o medo e a piedade a invadiam, pôs-se a acreditar na possibilidade de um dia ser leprosa. Viu os olhos do Ciloca. As lágrimas faziam-no mais grotesco. Ela queria pedir-lhe que não chorasse, — como se arrependera de haver dito aquilo — e dominou todo o seu medo, a sua repulsa para dizer-lhe, com voz alterada:

— Tem contado muito história pros meninos? Olhe, não lhe dou um café...

Ciloca interrompeu-a:

— Você está mentindo, mentindo. Você nunca me ofereceu café. Café! Café! Que interesse você tem pelas minhas histórias? Não estou chorando. E a minha cara que luze, que escorre. Você [152] escarnece... lembre-se...

Guíta, pálida, recuou, com os olhos já enevoados pelas lágrimas numa atitude de fuga e de espanto, ao mesmo tempo, de infinita pena e quase súplica para que ele não lhe falasse “naquilo” que já era o terror de seu coração. Ciloca enxugou a máscara com um lenço roto e sujo cheirando a água de colônia. Os lisos e compridos cabelos escorriam-lhe pela testa. Guíta lembrou-se de repente da noite em que passando pela janela da velha casa do leproso, viu-o, à luz da lamparina fumarenta, curvado sobre um livro — era por certo o livro das bruxarias.

Ao tomar o caminho da vila, Ciloca voltou-se para a barraca e

riu nervosamente. Viu-a ainda com aquele rosto mergulhado no terror e na repulsa, tão rico de vida, era como o das mulheres quando apaixonadas de que falava o livro de S. Cipriano. Gritou quando já Guíta havia desaparecido.

— Estou e me rindo de ti, de tua grossa mentira... mas Deus te guarde, minha filha.

Jogando a cabeleira para trás, continuou caminhando num vago impulso de voltar, atirar-se sobre ela, em busca de um milagre.

22

[153] Benedito correu afobadamente no terreiro:

— Seu Missunga, Tenório caiu do açazeiro, se estrepou no terçado.

Alguns homens e crianças atacados de alastrim, deitados em folhas de bananeiras. Faltava mantimento. Necessitava mandar buscar uma barcada de bois do Arari. Para dispor de dinheiro mais urgente tinha necessidade de assinar nova letra com tio Guilherme.

Um homem lhe apareceu com um tumor no braço, queixando-se que a mulher gritava com uma eterna dor na barriga. Outro a levantar a enxada, havia botado sangue pela boca no roçado. Aquilo era o celeiro do mundo, o celeiro do mundo.

Celeiro do mundo é a mãe de quem disse — resmungou Missunga e o olhar de Alaíde era de incompreensão e tristeza.

Tenório estendido no terreiro, estorcendo-se. As mulheres se aproximaram com espantadas curiosidades. As moças queriam ver. Orminda, num tom de chacota:

— Não vão, seus diabo. Não tão vendo que é os grão do homem?

Era obsceno, refletiu Missunga e mandava Marcelino procurar um experiente para estancar o sangue do infeliz que pôde sentar no chão e ficar num torpor, as mãos sobre as coxas. Orminda acercou-se dele e exclamou para as mulheres:

— Cadê as velhas daqui pra costurar o homem? Ó gente... se não tiver quem faça eu mesma faço. Costuro. Você deixa, Tenório? Eu trato dele...

Abaixou-se, passou a mão pelos cabelos de Tenório, recordou [154] a tarde em vigor que viu a filha tão barriguda, cheia de feridas, fez-lhe perguntas, chamou Benedito, carregaram o caboclo para uma esteira na barraca. Tratou de pedir a Alaíde uma camisa limpa de Missunga — este não se importaria — enxugou-lhe o sangue reclamou uma pessoa entendida lá da vila ver o doente. Alaíde lembrou que uma única pessoa capaz de tratar, dar uns pontos no rasgão, era Capitão Lafaiete.

— Pois chamem o Capitão Lafaiete. Ao menos pra isto o diabo velho serve, disse Orminda rindo, cuidando de armar a sua própria rede para Tenório. Alaíde indagou se não era bom fazer um chá.

— Chá nada, mea mana. Tenório está assim mas quer é um bom prato de carne com aquele feijão que eu, na minha tontice, queimei. Não é, Tenório? Come pra agüentar. Isso não é nada. A gente costura, a gente cerze...

Orminda ria com o braço apoiado no ombro de Alaíde.

— Tenório, não se vá aborrecer. Ao menos você se distrai comigo... Nasci doida-doida. Ofende! Alaíde sabe. Tome a rede. Pode se levantar?

Orminda saiu pensando aprontar-se cedo para a festa do Zé Melo naquela noite, deu com o homem do tumor, no terreiro, parecia esperar por ela, amarelado, o olhar suplicante, os bigodes caídos, o peito nu, e no braço, oleoso na sombra, o tumor que crescia.

Queria que me abrisse isto. Não posso mais. Rasgue com um terçado. Com uma navalha. Mas rasgue, minha filha, Deus lhe ajude. Os homens ainda não chegaram e não agüento mais. É doer demais. Lá em casa minha companheira doente já nem força tem pra falar. A linguagem dela é só gemido.

Orminda gritou por Missunga que veio e sentiu aquele tumor

inchar no seu pensamento, agravar-lhe a solidão, uns testículos sangrando, um esqueleto de homem tossindo, corpos em carne viva imóveis nas folhas de bananeiras.

Disse que não tinha animo para rasgar o tumor. Esperasse os trabalhadores. Perguntou à Orminda se ela se atrevia. Orminda que se não houvesse outro jeito, ela e Alaíde dariam conta. O [155] homem rogou. Orminda chamou Alaíde e as duas mulheres conduziram o doente para a palhoça onde costumavam talhar a carne. Missunga voltou para a rede, para o embalo da irresponsabilidade.

Quando voltavam — anoitecia — Onofre, o piloto da canoa Fontes batia na porta da barraca. Trazia encomendas para Missunga. Era um homem meio patusco, tirando graças com todos até mesmo com o Coronel Coutinho. Com Missunga, então, como não havia de ter toda a liberdade se viu ele nos cueiros, esperneando nos braços de Mariana?

— Como vai esta farra, menino maluco.

Missunga abraçou-o e pediu que lhe contasse as novas anedotas de Belém. O piloto limitou-se a falar das ostentações de D. Ermelinda na cidade.

— Sua madrastra em Belém, você nem imagina, está uma Rainha da Inglaterra.

— Você viu mesmo ela com o dente de ouro?, brincou Missunga. Alaíde e Orminda ouviram atentas. O ouro na boca de D. Ermelinda. Uma senhora metida no mais alto luxo. Casa alugada, na Serzedelo Corrêa, com portão de ferro e jardim. A marchantaria fornecia-lhe quanto quisesse. Ia ao comércio de chapéu, comprava jóias (Orminda inclinou a cabeça, mais atenta). Encomendava vestidos na Madame, entrava no cinema Olímpia com um ar de senhora um pouco aborrecida, olhando por cima, anéis faiscando nos dedos, a criada atrás. Ao sair do Olímpia preferia o sorvete no terraço do Grande Hotel a provar chocolate com a mãe-benta e bolo inglês que recomendara às criadas quando voltasse. Se havia calor, se a noite

era bonita, mandava chamar um auto.

— Quero a toda, seu chofer.

O auto corria e Ermelinda se lembrava sorrindo das loucuras de Missunga em Paricatuba. Não era loucura, pensava. Era uma distração a mais. Pior se estivesse gastando no jogo, com mulheres, na política. E se quisesse ir para a América do Norte? Custaria realmente uma fortuna, ela no seu lugar, fosse como, não recusaria arranha-céus e cabarés pelas farinhas com Alaíde e caboclos abrindo roçados.

[156] D. Ermelinda gastava sedas, sapatos, bolsas, perfumes, uma artista, exclamava o piloto. Quanto queijo, quantas maçãs, até água gelada se bebe na casa de D. Ermelinda. E como seus móveis reluziam! Estava redonda dentro do robe de largas rosas vermelhas, os cabelos já ondulados, o finíssimo cordão de ouro no pescoço, a rica medalha de Santa Terezinha do Menino Jesus. No quarto o leito negro com cortinado de filó e almofadas vermelhas. Passava horas numa banheira azul e esquecia os seus litros de água de colônia para esvaziar no banho toda a garrafa de cheiro da terra. A empregada envolvia-a com toalha azul e um dourado roupão a esperava. A vasta mesa na sala de jantar atulhada de terrinas com peixe no escabeche, frango de forno, carne de porco e espargos, guarnecida por pacientes garrafas de vinho francês e saleiros ornamentais. D. Ermelinda sentava-se na poltrona, queixando-se de fastio. A criada, de touca e avental, trazia-lhe o vidro de Emulsão que ela recusava embora fosse um velho desejo seu o de se fortalecer com óleo de fígado de bacalhau. Por que não procuravam modificar o gosto do remédio? Era uma pena. Ermelinda, com enfado, provou do vinho, beliscou o frango, palitou os dentes — o dente de ouro a incomodava. A criada consultou se queria uns ovos com bem manteiga, uma ponta de chouriço e cebola.

— Vamos ver. Traga. Mas com muita cebola.

Mal tocou nos ovos e na cebola. Oh, fastio. Lembrou-se que a

Companhia estava retardando a ligação de telefone. Se tivesse telefone naquele momento, não custaria consultar o Dr. Prisco, pedir um remédio de paladar mais agradável que a Emulsão. Espreguiçava-se. Antes tivesse ido para Minas — e mandou por fim que a criada fosse à mercearia da esquina comprar cinco tostões de camarão do Maranhão para comer com farinha d'água. Encolhido na cadeira, o piloto contemplava-a, malicioso, como diante de uma majestade. Ermelinda tinha um olhar triunfante sobre a desolada fartura da mesa onde nem as moscas voavam.

Missunga sorri das histórias que o piloto trazia de D. Ermelinda.

Onofre lhe contou também o que o administrador andava dizendo em Cachoeira: Coronel acabava na falência com aquele filho tão maluco.

Missunga respondeu irritado que Manuel Raimundo não passava de um feitor de escravos. Vivía furtando o pai, ferrando gado no seu nome, o seu melhor negócio era vender bois nas próprias fazendas a comerciantes de Abaeté e Igarapé Mirim. Era gado fora da conta. Quando o pai voltasse contaria tudo, falaria rudemente, e como deixara de pensar na sorte dos vaqueiros? Tinha mesmo uma excelente oportunidade para tomar conta de todas as fazendas e despedir Manuel Raimundo. Aumentaria o ordenado dos vaqueiros. Fundaria uma fábrica de laticínios. Uma charqueada. Contrataria um técnico suíço, seus queijos ganhariam prêmios nas exposições. Mais fácil que plantar algodão, abrir roçado. Justamente isso o que devia ter feito. Em vez de Felicidade, expulsaria Manuel Raimundo e reformaria as fazendas (Orminda não esquecia que no leito negro sob tão alvo cortinado, D. Ermelinda sesteava).

— Onofre, você passa a vida só flautando, não, Onofre? Pilotar, não pilota mais. Só dirige debaixo do toldo...

O piloto riu sem protestar e foi se despedindo. Orminda correu para ver como Tenório passava. Alaíde, as mãos seguras no punho da rede de Missunga, falou no pé de limoeiro que plantara junto da

barraca. Seus joelhos ficaram sujos da terra fofa. Missunga viu-lhe nos olhos alegres a ternura com que tratava e falava do limoeiro. O limoeiro subiria com pencas de limão para temperar o peixe e a carne de porco. Oh, se todas as sementes vingassem na terra como aquela distraída alegria em Alaíde.

Missunga decidiu de repente, ir à vila, ver Guíta. Guíta chamava-o, envolvendo-o com os fantasmas da infância morta. Para vingar-se do equívoco de Felicidade teria de inventar naquela noite mesma um baile na Intendência, ficar bêbado, dar gritos, levar os músicos para tocar, no cemitério, uma serenata em torno da sepultura do avô. Voltando ao baile, despiria-se [sic] no meio do salão, correria rumo da igreja para beijar Nossa Senhora no altar.

E por tudo que fizesse, Guíta havia de fugir doidamente pelo mato até que ele a alcançasse como se apanha um pato brabo ferido.

— Alaíde, você pode ir à festa do Zé Melo. Tenho de ir à vila.

[158] Talvez eu dance por lá.

— Então me traga de lá um carretel de linha. Mas venha primeiro vê o limoeiro plantado. Eu alumio pra você ver.

Benedito descia no casco pelo macio das águas para a farra do Zé Meio. Era ainda nas terras de Felicidade. Podia-se ir também pelo caminho do mato. O caboclo aproveitou a enchente, a noite clara, para remar pelo igarapé. Na sua baúta a calça de riscado engomada, o paletó que Missunga lhe dera, lustroso da goma da sua comadre Joaquina Soares, a camisa comprada feita no Calilo, os cigarros, os sapatos, a cachaca, ia divertir as pernas. Não era muita a vontade de dançar, mas o capricho que ele considerava próprio de homem, de contrariar sua pequena Antonica. Esta prometera ficar mal de morte com ele se teimasse ir à festa do Zé Meio, com quem ela há um ano não falava.

A primeira gente que viu foi a penca dos cearenses passeando no terreiro. Tinham chegado há pouco de Muaná, com fama de valentões. Ouviram falar de Felicidade. Três irmãos e o pai que

andava de muletas. Pediram trabalho. O velho, os olhos de fanático. A boca fofa sumida numa barba seca e má. Os filhos exibiam umas máscaras de capangas e falavam de não acabar mais. O velho guardava no bolso uma oração para afastar o inimigo, parecia odiá-los, amaldiçoá-los, compreendendo-lhes a impaciência que não disfarçavam para se verem livres dele. Quando soube da chegada dos homens, Missunga se ergueu da rede com os olhos mais vivos. Lembrou-se da seca, dos trinta mil cearenses que conquistaram o Acre. Os três homens ficariam para conquistar a terra. O velho, mudo, com o silêncio entre os dentes, descansou as muletas e esperou. Veio Alaíde, perguntou-lhe se tinha fome. Os olhos boiaram amarelos e ávidos e o silêncio se abriu para deixar passar um resmungo:

— Quero.

Alaíde levou-o para a mesa. Trouxe um prato cheio de feijão, carne de porco, o velho soltou um risinho curto, agudo e feroz, Alaíde estremeceu. Parecia comer com ódio a comida, como se comesse a própria carne dos filhos. Vazio o prato, o inválido voltou os olhos cheios de uma sombria insaciedade para o medo de Alaíde. Queria mais. Os três filhos viravam os caminhos atrás da [159] cachaça, mexendo com as mulheres, contando casos de valentia. Benedito, à primeira vista, desagradou-se. E quando Antonica lhe disse que um deles lhe atirara uma graça, não pode mais suportá-los. Teria de prevenir o patrão, mandasse aqueles bichos embora. Não era por ser cearense, cearense havia em Felicidade e gente muito boa. Já a festa do Zé Meio principiava mal, resmungou.

Preparou-se dentro do mato, no escuro, ocultou a baúta embaixo dos cipoais, ao lado a garrafa de cachaça. Um trago, acendeu um cigarro. O nó de gravata incomodou-o. Para que gravata, ora bolas. Reconheceu que foi para mostrá-la, exibí-la ostensivamente, uma velha gravata de seda dada por Missunga. Adivinhariam o presente, a gravata podia aparecer já muito usada aos olhos dos camaradas e seria troça até o fim da festa. Afrouxou apenas o laço mal arranjado —

havia de pedir uma ajuda ao Euclides que era dunga em laço de gravata, seguiu-se um instante de irritação porque — ah! possível! — tinha esquecido o vidrinho de extrato. Na certa, praga de Antonica, no fundo não deveria ter feito aquele capricho com ela mas Antonica tinha modos de querer governa-lo e ele não era leme de igarité que mulher podia governar. Resignou-se ao lembrar que Euclides lhe daria um pouco de perfume em troca de três dedos de cachaça.

Atravessou o terreiro apinhado de gente e procurou espiar se havia mesmo muita dama, como tanto anunciaram. De fora, debruçado no parapeito sobre o salão de dança, foi aos poucos colocando-se de um modo que ficou, por trás, rente à nuca de Orminda Estava sentada no banco, entre muitas moças, satisfeita porque seu padrinho Pica-pau viera tocar. Ele tocou-lhe, de leve, nos cabelos, murmurou:

— Quando é a nossa?

Orminda virou-se, como assustada:

— Tu já bebeste, mas credo... Tua boca não nega...

Logo pediu que ele fosse buscar Alaíde. Tanto que ansiava pela companhia dela. Talvez ele a convencesse.

— Ela não vem.

— Vem, sim.

[160] — Não vem. Não vem sem minha autorização, pilheriou.

Orminda apoiou o braço no parapeito, insistindo. Como tivesse dele a mesma resposta, voltou-se bruscamente fazendo um “ah!” de fingido aborrecimento, convencida, afinal, de que Alaíde mesmo não queria vir. Por que, se Missunga dera licença?

Um pequeno atravessou o copiar gritando rouco: — Arroz doce! Crianças continuavam a berrar. Benedito soprou bem no ouvido de Orminda que saltou no banco tentando ralar:

— Não faz, diabo, te puxo essa gravata!

Benedito quase enfiou ao temer que Orminda perguntasse quem lhe dera o presente e prometeu a si mesmo tirar a gravata para evitar

aborrecimentos. Talvez por isso quis desforrar-se:

— Vai dar o peito pro teu filho que está berrando no quarto, mãe sem coração. Faz o filho e não quer criar. Quando é pra fazer não tem água que apague o fogo...

Ela abafou o riso, deu-lhe a costa e espichou o braço, por trás, para tentar beliscar-lhe a mão. Os três cearenses giravam no copiar, examinando as damas, como dominadores.

— São já os donos da festa, esses? Dançaste já com eles, Orminda?

— Dancei, mas, meu mano, tomei um abuso de todos os três. A razão que não sei. Mas tomei. Deve ser besteira minha... — E Benedito disse com voz baixa:

— Mas... Eles na certa te cantaram... E tu logo... — Benedito fez um gesto obsceno, a mulher de pronto se ergueu e quis bater-lhe no rosto, rindo.

A orquestra tocou. Aquela gente dançava triste. Dança em que os pares arquejavam. Benedito não se moveu e esperou, sob a indecisão de tirar ou não a gravata. Quando a orquestra parou, Orminda caiu no banco como se o seu cavaleiro a houvesse empurrado.

— E a nossa parte?

— Quando queira.

Benedito, então, dirigiu-se a passo lento para a porta repuxando o paleta desajeitado, a camisa, não endireitava o nó da gravata com medo de rasgá-la. O pior era que os sapatos — como sempre — [161] lhe doíam. Para que o diabo daquela gravata?

Retrocedeu, apressou os passos em direção do mato próximo. Não demoraria muito tempo para tirar o sapato e entrar na dança descalço. Bebeu, meteu a garrafa no bolso — tinha de procurar Euclides para o perfume.

A flauta do Pica-pau soprou o samba, Benedito correu, tropeçou, caiu, limpando-se afobadamente, para alcançar a sua dama. Deteve-se na porta ao ver um dos cearenses avançar com o braço

estendido para Orminda.

Ela talvez lhe dissesse: — Tenho par. O homem insistia, a mão estendida. Benedito receou. Eles eram doidos, o caso não se dava com Antonica. Orminda sempre era Orminda e se desenganou de dançar daquela vez.

Contudo viu que ela permanecia imóvel no banco e em frente a mão já desafiadora do cearense. Um instante e se ouviu o grito:

— Pois vai apanhar, ouviu? Sua cara de mandioca esfolada!

Ela quis se abaixar e correr, a bofetada derrubou-a sobre o banco, ergueu-se e com raiva mordeu o braço do agressor, cuspiu-lhe a cara, confusamente os homens acudiam. O homem, puxa da faca e a maneja, rapidamente a mulher deu um grito com o braço e o rosto a sangrar. Marcelino, afoito, surge num salto e tomba a um só golpe e desta vez o cearense acerta. Rompendo o tumulto, com a faca pingando sangue, o assassino ganha o terreiro sob o clamor das mulheres que invadiam os quartos, se espremiavam no corredor para onde carregaram Orminda. Benedito, já voltando da cozinha com um terçado, atravessa o corredor, via o sangue escorrendo do rosto de Orminda — o seu vestido todo banhado de sangue —, pula o parapeito — Marcelino era já um cadáver — e salta sobre o nordestino que, espumando, mantinha os homens a distância. Benedito brande o terçado com tal rapidez que desorienta o inimigo e o abate.

23

[162] Dois dias depois, inesperadamente, chega o Coronel Coutinho. Foi, na verdade, grande alívio, concluiu Missunga que viu o pai sem trazer a fêria que dele se esperava, dirigir-se aos trabalhadores:

— O remédio é arrumar as bagagens e ir embora. Se arrumem.

Além do que aconteceu, até alastrim se lembraram de trazer. Empestaram a terra. Dêem o fora que isso aí vai pras mãos dos japoneses.

Japoneses? Foi a pergunta que Missunga fez a D. Ermelinda quando, de volta de Felicidade, subiu a velha escada da casa grande de Paricatuba. D. Ermelinda, que viera de Belém com o Coronel, sorriu, instalada num surpreendente quimono e no prazer de mostrar a Missunga a sua intimidade nos negócios da família Coutinho.

— Ah, você não sabia? Não perguntou a seu pai? Então não sabe de nada. Pois seu pai firmou um contrato com os japoneses para fazer uma colônia nas terras do finado Felipe. Este quimono foi até presente de um dos diretores da Companhia que foi jantar conosco em casa. Fiz tudo pra não aceitar, o homem, tão amável, tanto insistiu que seu pai permitiu. E um campeão desse jogo, como é bem o nome? Ah! Jiu-jitsu...

Com o desejo de exibir a Missunga, ou de iludir-se a si mesma a sua condição de senhora e não de amante, Ermelinda mentiu ao declarar também que lera o contrato. Missunga só queria pensar, naquela hora, no alívio que tudo aquilo lhe trazia. Era assim o caminho aberto para se entreter, unicamente, com Guíta [163] e, coisa estranha, Guíta era-lhe, agora, tão calada e tão fácil como a própria irresponsabilidade.

Sem um gesto, contemplava os trabalhadores arrumarem as trouxas e os baús, seguindo para o porto. Os taperis abandonados, as esteiras se desfaziam na terra e os homens, mulheres e crianças carregados de bouba, alastrim e paludismo. Missunga acreditou mais uma vez na fatalidade, achou estúpido pensar muito nisso e idealizou, para o dia seguinte, uma caçada. Levaria Alaíde e numerosos cães...

Desciam em montarias e cascos pelo igarapé, cabisbaixos e so- turnos. Alguns tentavam pilheriar, divertir-se com o desastre. A recordação daquela noite de sangue pesava sobre a partida.

Orminda, o braço ferido, o rosto cortado, embarcava numa canoa que a própria Alaíde ignorava de onde viera nem para onde

partia.

— Fique mais uns dias, mana. É preciso sarar isso. Veja como está a do rosto. Isso arruína, mana.

— Não quero que minha mãe me veja assim, Alaíde. Eu não morro. Vasilha ruim... Vou pra onde a cabeça der, mea mana. Até um dia em que a gente se veja. As pedras se encontram.

Ao voltar do porto, Alaíde encontrou Tenório no meio do caminho que lhe perguntou por Orminda, ao que ela respondeu:

— Foi embora. E entrou chorando na barraca, apertando na mão o par de brincos que a amiga lhe deixara como lembrança.

A retirada começara pela manhã cedo e terminara à noite. coronel Coutinho, por causa do alastrim, da bouba e do paludismo, mandou atear fogo nas palhoças e esteiras. Queria entregar as terras limpas ao japonês dentro de trinta dias.

Missunga então desceu de Paricatuba para ver Alaíde. As fogueiras apressavam a partida do povo. Foi, antes, ao igarapé e deu com as caveiras dos bois espetadas nas varas à beira d'água. Um caboclo gritou:

— Vou levar uma cabeça dessas pra fazer um boi bumbá no rio da Fábrica — e carregou uma caveira para a sua embarcação. Outras atiravam miritis e taperebás podres nas que ficavam. Uma mulher havia arrancado a tabuleta:

[164] FELICIDADE

para utilizá-la como remo. Um caboclo riu alto e mulheres não reprimiam também o riso. Missunga sentiu que podia ser vaiado e logo sorriu ao refletir que eles não se atreveriam. Mas, pior do que via, tudo aquilo humilhava-o e o expulsava também. Uma velha cabocla tremendo de febre lhe lançou um olhar não de acusação, de escárnio. Uma cunhatã de seios quase à mostra, o vestido em farrapos, sorriu pobrementemente para ele. Ele tocou-lhe o braço, arrastou-a

para a sombra e procurou vê-la bem no rosto, com os seus olhos sobre os dela.

— Tu não és a Lucimar?

— Sou, sim, senhor.

A voz dela era abafada e havia mau cheiro no seu corpo. Soltou-a na sombra. Ela esperou, inerte, a cabeça baixa.

Que teria se passado nela, perguntou ele a si mesmo. Suas mãos traziam a curva dos seios, uma deprimente piedade misturada com um desejo súbito de arrastar aquela cabocla para as samambaias sob o rumor dos que partiam e ao calor das fogueiras. Alguém gritou do igarapé, gritou longamente, um grito de saudade e de escárnio, um grito que lhe pareceu doloroso ecoando através das fogueiras e de toda a desolação.

— Adeus, Alaíde, Adeuus.

— Alaíde, até um dia, mana Alaíde, adeus.

— Alaíde, até a volta, um dia nós se vemos.

Um dia, pensou Missunga, ela voltará para eles. Eles com aqueles gritos que se arremessavam do meio do igarapé contra as fogueiras advertiam-na. Esperavam Alaíde quando fosse mandada embora também, tão coisa nenhuma como o povo que partia.

— Lucimar, vá embora. Você ainda é moça, Lucimar?

Ela abanou a cabeça, confirmando e se afastou lentamente. Missunga avançou no rumo da barraca de Alaíde.

As fogueiras cresciam. Alaíde — seu rosto parecia abrasado — enxugou as mãos suadas na bainha do vestido. Ouvia a zoadá no igarapé, ouviu os gritos de adeus. As plantações perdidas. A dispensa sem os mantimentos. O fogo se alastrava no chão [165] debaixo das árvores onde os caboclos comiam as postas de carne gorda. As panelas de barro jaziam quebradas no terreiro, vingança, naturalmente, dos caboclos. Cadê os milharais, o algodão, os fornos de farinha, as hortas e as fruteiras? O sangue do cearense, de Marcelino, o sangue dos braços e do rosto de Orminda mataram toda a

esperança. Orminda mesmo lhe dissera: — Ah!, mana, eu trouxe a morte prá cá, tudo partiu de mim. Te lembra de Manuel Rodrigues, de Santo Ivo, da praga da mamãe?

Missunga continuou em silêncio. As fogueiras queimavam a noite verde. Os últimos rostos batidos pelo clarão voltaram-se para os dois, um instante. Missunga não os encarou e acreditou que se fosse um homem partiria com eles. Alaíde encarou-os, sentiu medo, suas palavras foram estas: — Missunga, seu pai é mesmo mau a beça, puxa! Nada entendia daquilo, nada sabia explicar. Se sentia pena dos irmãos expulsos, achava que Missunga merecia pena também, não tinha forças para lutar com o pai. A crepitação das fogueiras, a pressa dos que partiam, os gritos — adeus! adeus! até um dia, Alaíde! — gargalhadas, choro de crianças, pragas, barulho de remos, sim, o seu povo partia.

Missunga segurou-lhe as mãos. Como eram ágeis as mãos de Alaíde escolhendo o açaí, subindo na palmeira, moldando o tijuco para as panelas, polindo-as com cera do mato, distribuindo a carne e a farinha. Até mesmo em presença dos cadáveres, não se apagara em seus olhos aquele vago otimismo, aquela vigorosa inocência animal que fazia Missunga, derrotado, encher-se de uma despeitada irritação quando já tudo não tinha mais remédio. Felicidade para Alaíde seria fácil, talvez num simples arranco de machados, enxadas e sementes. Naquele momento, as mãos dela estavam murchas e não havia no olhar a ingênua resolução dos outros dias.

— E eu tenho de ir prá casa de mea tia.

— Por quê? Você fica, ora essa.

— Eu, em? Prá queimarem a barraca comigo dormindo? Eu, ein?

Alaíde fez um gesto de aparente indiferença, de infantil desdém. O pé do limoeiro já crescia e suas pequenas folhas [166] brilhavam na claridade das palhoças em chamas. Tinha em vista armar um jirau para plantas de remédio, roseira e um jasmineiro de parceria com

Orminda. Arrependia-se não ter fugido com Orminda, acompanhar aquela gente, quanta pena não teve de Lucimar com aquela ferida na coxa e a esperava ainda para lhe dar um vestido.

Saiu, foi esconder-se entre as árvores sem evitar que as lágrimas escorressem pelos arbustos, num minuto se refez, Missunga abraçava-a pelas costas e ela sorrindo, um sorriso úmido e aparentemente distraído, dava a entender ao companheiro que fora ali se ocultar para divertir-se em vê-lo à sua procura.

As vozes no igarapé se apagavam, mal se ouvia o ruído dos remos, as fogueiras devoravam de uma vez as palhoças e só ficou a barraca de seu Felipe para onde os dois caminharam sob o cheiro da terra queimada e a escuridão da noite.

Ele riscou um fósforo e entraram. Missunga lembrou-se de seu Felipe, via-o ainda lendo a Bíblia, o cachimbo da velha, os bichos e os rios encantados que desciam das histórias. Acenderam a lamparina. Alaíde sentou-se num tamborete, cobriu o rosto com as mãos.

— Você chora porque aconteceu isto? Tolice... E só por isto?

Logo achou cínica a pergunta e porque ela fez “não” com a cabeça, dispôs-se ele, então, tomado de um presentimento, a perguntar outras coisas.

Ficaram de língua presa no silêncio, à porta da cozinha. A noite sobre as árvores e as cinzas fumaçava. Alguns pássaros noturnos voaram rápidos. Alaíde correu para tirar do fogo a chaleira que fervia. E voltou, lenta, apoiou-se na ponta da velha mesa onde havia uma lata de farinha, um machado sem cabo, um violão desencordado. Na lamparina Missunga acende o cigarro.

— Mas é certo mesmo, Alaíde? Não anda enganada? Vamos ver, espera...

— Se aquiete, abom. Não apalpe. Já não lhe disse, não está vendo? Quem mais pra saber do que eu?

Missunga hesitou ante o olhar da companheira que o encarou, sem ressentimento nem lágrimas. Pensou em Guíta, que havia ela de

dizer? E o riso do pai de certo murmurando: vai no [167] meu rastro. Filho de peixe... Eis em que dava Felicidade. E Missunga pôs as mãos no ombro de Alaíde.

— Só há um meio... E por mim, preta.

— Qual, então, meu Deus... disse ela baixo e o rapaz viu-lhe o medo no olhar, em todo o rosto inocente e espantado. Já um vago pensamento sobre o filho a preocupava. Sentiu o mal estar de Missunga, o vago pensamento e a pergunta que lhe queria fazer apagaram-se no medo que aumentou. E ele lembrou o nome de Joaquina Soares ou nhá Clara. Nhá Clara era melhor. Alaíde pensou na queda de sua mãe grávida do alto do açazeiro e ao ouvir o nome de nhá Clara não pode se conter:

— Algum mal eu criar meu filho? Em? Deus tem mais pra dar que o diabo pra tirar. Não chorava por isso, chorava pelas plantações perdidas, pela fuga de Orminda, havia de ter o filho na casa da tia sem que ninguém soubesse. Nem diria que era dele, que tinha o mundo com isso?

— Depois te explico tudo, Alaíde. Depois, nhá Clara, ouviu?

Pela manhã partiu para a vila. Alaíde tinha a força da terra que ele não soubera domar. De qualquer maneira era seu filho e concluiu, com sórdida amargura, que nenhuma curiosidade tinha pelo nascimento daquela criança.

Entrou na loja, ouviu vozes na varanda, era Lafaiete, certamente, acusando Calilo pelas contas de Felicidade. Num consolo na sala, a imagem de Nossa Senhora do Rosário que o pai trouxera, os jornais recentes de Belém narrando a “tragédia nas terras de Paricatuba”. Coronel chamou-o. Lafaiete ia falar, exaltado, da imagem do Rosário quando vieram dizer que o primo Guilherme estava na loja e queria um particular com Coronel. Este, então, dirigindo-se para o filho, resmungou com furor:

— São as letras! São as letras! — Lafaiete escancarou o olhar numa assombrada interrogação.

Missunga fugiu para a rua. Viu gente caminhando para o trapiche, Tio Rafael, entre meninos, à porta da igreja, um foguete riscou em direção do rio. Guíta, com certeza, havia de ir ao trapiche esperar a santa que regressava dos campos de Cachoeira.

A vila esperava os foliões na maré da tarde. Alegrão pros guris soltos na poeira do largo, na calçada do mercado e no banho [167] do rio. As moças iam para a cabeça do trapiche público olhar no rio manso, as canoas que ergueram as velas e as montarias cheias de gente aguardando a santa. Não era propriamente a imagem da Conceição mas a sua Coroa de prata que os foliões conduziam com viola e tambor, cantando folia e rezando ladainha para recolher as esmolos dos devotos distantes. Partiam da vila em setembro e a fins de novembro voltavam.

O tempo anunciava chuva, O arco-íris sobre a mata, caindo no rio onde bandos de curumins nadavam ate o meio entre as montarias, pendurando-se na borda das canoas.

Guíta, indiferente às moças que brincavam e riam alto, permanecia recostada ao parapeito do trapiche, junto à escada, certa de que Rafael, seu padrinho, não lhe daria a Coroa para carregar até a igreja, pedira com tanta insistência. As moças da alta não permitiriam sem dúvida. Fique sossegada, lhe dissera o padrinho, isso não a convenceu.

Pássaros num vôo vagaroso atravessaram o rio, o arco-íris, a voz dos sinos espalhada alegremente na tarde chove-não-chove. O arco-íris se fez mais luminoso, o grito dos meninos no rio era como o grito de meninos que se afogassem.

Em silêncio, sentado na beira do trapiche, Tenório contemplava o estirão por onde havia de surgir a embarcação da santa. Tristeza de folião extremamente sujo e maltrapilho que perdeu a viagem, nunca mais tirou folia, ficou sem a companhia dos santos. Felicidade tinha sido a morte de Marcelino, e o rosto quase desfigurado de Ormindá. Santo Ivo jazia no fundo do aningal. A mulher bêbada teria atirado a

Cabeça no encantado onde os peixes adquirem poder para flechar os homens, endoidecer as mulheres, furtar criança nos jiraus.

Tenório viu sobre a sua miséria o arco-íris, as moças alegres de vestidos estampados, as canoas no rio. Rebuscou em vão nos bolsos úmidos da calça uma bagana de acaso. Bem que poderia ter ido na comissão, esmolar, voltar como porta-estandarte, folião efetivo de Nossa Senhora. Vaga não havia. A comissão da santa era de velhos folieiros de confiança de Rafael. Esperava algum dia bater o tambor da padroeira, cantar ao lado de Rafael fazendo ala a [16] romaria que ia beijar as fitas e se benzer diante da imagem, vida que preferia. Vida áspera, na verdade, mas divertida, cheia de acontecimentos, andando sempre, ah! quanta vez com Santo Ivo a longa viagem da tiração das esmolos. Como todo folião, andava a pé, montava em osso, isto é, em cavalo sem sela, dormia no chão, nas tábuas junto da barraca quando havia dança e não queria passar a noite em claro. Muitas ocasiões despertava com a garrafa da cachaça junto dele, as vacas perto olhavam-no curiosas, ruminando. Um ano pôde entrar na comissão de S. Sebastião — Vitor Uéua adoeceu — os foliões trabalhavam por conta da diretoria da festa. O mestre-sala, velho Arnaldo, ganhava três mil réis por dia. Sim, foliou com velho Arnaldo, acompanhou a sua toada. Temporada que não esquece nunca mais, S. Sebastião é o santo dos vaqueiros, os foliões deste santo tratados como gente grande.

Tenório era da família de Santo Ivo. Pobre, sem os poderes, junto a Deus, do Divino, do S. Sebastião e da Nossa Senhora, Santo Ivo, o santo de quem se tornou folião, a quem entregava a sua miséria, o seu destino, pedia o julgamento de suas culpas e a sorte, no outro mundo, de sua companheira e a filha. Via a comissão da Cabeça andando pelos campos, remando pelos rios. A ponta da bandeira enfeitada de pena de garça e raja-rabo de camaleão. Manuel Rodrigues tirava da baúta a toalha que tinha no centro o desenho da Cabeça e forrava a mesa em torno da qual e perante Santo Ivo (a Cabeça pesava como se fosse o corpo inteiro) podiam cantar a folia.

Entre os sujos e tristes se destacava Tenório, braços respingados de lama e a aflição da voz. A toada da folia era o seu mundo. Ali a perda do sítio, o desgosto pela mulher e pela filha se enchiam de um pungente ardor:

*Em nome do Senhor
Se levanta um resplendor...*

Tom de viola, cadência de tambor, o reque-reque como voz de sapo no acompanhamento. Manuel Rodrigues batia o tambor com ar sonolento e os foliões erguiam, humildemente, as vozes de lamentação e súplica, para que todos os corações ficassem dominados. Cantavam junto aos balcões do comércio, entre [170] alqueijres de farinha, mãos de milho, mantas de peixe seco, couros de boi sangrando nas balanças, vaqueiros e pescadores fedendo a curral, a tarrafa e a maresia.

*Livrai-nos da peste...
Cho... ra... ra...*

Os caboclos, mais atentos à folia que os comerciantes, iam saindo logrados, ao som da reza em louvor do Santo Ivo, no peso do sal, na medida do tabaco, no metro da alfacinha. A folia consolava o mundo da fome, da peste e das lágrimas, lacraus trazendo a morte a mandado de inimigos, anjos roxos nas esteiras, o suor e o sangue das parturientes que se despedaçavam em gritos, o óleo do Santíssimo na boca dos moribundos. Meninos com febre, rodela de anta e uxi no pescoço contra o quebranto, espiavam aquelas dores e mortes, os olhos crescidos, engelhados pelo choro, nos jiraus onde, entre as plantas, corriam as formigas e brotavam cogumelos. A luz da vela descobriu nos rostos o medo, tristeza de gerações, sombras de pranto, crispções de soluços.

*Devotas, vamos rezar.
Devoras, vamos rezar.
Cheguem todos de joelho.
Fazendo o pelo sinal.*

Aquelas vozes subiam do fundo do rio, dos charcos e casebres, dos seios secos, dos ventres gastos, das bocas sem dentes, do atoleiro onde morrem os bezerros esquecidos e os velhos cavalos.

Subiam dos peitos como de poços fundos e de fundas feridas, num desespero e numa agonia que só os foliões, os desgraçados, os podres podiam sentir. A tarde debruçava-se nas árvores ao redor do barracão, espiando aquela reza arrastada, monótona, subterrânea.

Com Santo Ivo, Tenório levava duas mudas de roupa, atravessava balcedos, tabocais, malhadas de gado brabo, ora carregando os estandartes, o tambor, ora a Cabeça. Manuel Rodrigues, mestre sala, conduzia a baúta das esmolos. Ao chegarem a uma fazenda era possível haver carne ou bois de montaria que os [171] levassem à outra fazenda onde comer. Assim percorriam os campos. Velho Arnaldo, lembrava-se bem, na viagem de S. Sebastião trazia a baúta do dinheiro do santo presa ao cós da ilharga, na cinta, a chave pendente no interior da blusa de onde nunca retirava. Quando queria abrir a baúta desatava esta da cinta e trazia ao alcance da chave. As “ordens” de gado eram guardadas num saco dentro do baú. Velho Arnaldo carregava a imagem sob o chapéu de sol pelos campos. S. Sebastião, se festeja em janeiro, gosta de andar sob a chuva, dizem os foliões que comem aguaceiro pelos descampados. E a fome? E as casas que nem uma xicrinha de café podiam oferecer? Tenório viveu os seus grandes instantes quando as bandeiras se encontraram nos campos do Arari. A de Nossa Senhora da Conceição não girava, O mestre-sala recomendava ao porta-bandeira sustentasse bem alto a flâmula, dominando as outras bandeiras de santos que se abaixavam

em sinal de obediência e louvor a Nossa Senhora, porque Nossa Senhora era a padroeira, a dona dos campos do Arari. A do Divino era de sangue, o sangue do Cristo, das feridas do povo, vermelha. Só ao Divino a bandeira da Padroeira se curvava, reverente. O Divino é a imagem do Pai do Céu. Santo Ivo andava o Arari inteiro, atravessava a baía, surgindo em Abaeté onde dava religião em troca de cachaça e mel puxa-puxa. Os foliões sacudiam o pandeiro, raspavam o reque-reque, desenrolavam a bandeira. Tenório tamboreava bonito e só havia um sentimento de folia mais triste que a de Santo Ivo, era a do Divino Espírito Santo: sempre lhe recordava a morte de seu amigo Manuel Jacaré num quarto onde havia uma vela, um cachorro e o ronco do moribundo. Subiam nas enchentes, acordavam os sítios, esperavam maré, caminhando pelos rios entre festas e lutos. As fazendas disputavam a dormida do santo. Quando havia casa farta, depois da bóia (folião: comilão) a ladainha, seguindo-se a folia, depois da folia o isguete, o dançará afavado dos sítios. Entrava pela noite, vinha a madrugada, o sol na cabeça dos foliões, rezavam a folia da despedida. Bom passar a noite em casa farta, se podia comer, por isso as folhas eram bem puxadas, tambor batendo na fé e no amargor dos homens e viola adoçando o som do tambor.

[172] *Viva quem serviu a meu,
Quem deu água ao falua.
Deus lhe dê o reino da glória,
E o céu por salvação.*

Quanto lugar os esperava com o defunto no copiar, a criança agonizando, a subscrição para o enterro que saía em canoada pelo rio, o choro silencioso das mulheres no resguardo ainda do parto. Tenório se lembrou: Missunga prometeu um altar para Santo Ivo em Felicidade. Uma capela.

Quem dera Santo Ivo num altar ao lado da Senhora da Con-

ceição. Santo nasceu para morar na igreja. A prova era que Nossa Senhora não saía de seu altar. Os santos nunca deveriam ser retirados de seus lugares, levados pelos homens para errar pelo mundo. Nasceram para ter vela e reza dentro de suas casas. Quando se afastavam era por própria vontade como as Nossas Senhoras de Cachoeira e Ponta de Pedras. Certas noites, a santa de Ponta de Pedras descia de seu altar, deixava o manto entre os castiçais, abria um caminho no mato e partia para a praia da Mangabeira onde fora erguida a sua primeira igreja. Andava pela praia enchendo as camboas de peixe e camarão, os matapis ajudando os pescadores. Era a saudade de sua igreja velha, das boas mangabas leitosas, dos pescadores sem mancha no coração, da reza vagarosa daqueles caboclos velhos que rezavam com a voz da baía no mau tempo. Nossa Senhora ia ver o cemitério onde os velhos devotos e rezadores dormiam sob tajazeiros e espinhos, acreditando no céu. Talvez ouvisse as suas vozes, os tambores, as violas, todo o infinito e surdo lamento da ladainha dos mortos. Nossa Senhora voltava ao clarear da madrugada, seus pés salpicavam luz na areia do caminho. Pela manha as velhas iam ao altar e estacavam surpreendidas. Viam os pés da santa cheios de areia e úmidos ainda do sereno da madrugada. Tenório acreditava que Santo Ivo fugira para retornar à sua igreja, sabe lá onde, distante, desconhecido oratório. Ainda que sua mulher o tivesse levado, certamente o santo conseguira abrir a baúta e atravessar o rio, andando pelo fundo como pajé sacaca.

[173] Tenório acreditava nas histórias da santa que as velhas sabiam contar à porta da igreja, à noite nas esteiras dentro das barracas tempo das grandes chuvas. Ninguém podia duvidar daquilo que só os santos sabiam fazer. Nem os graúdos da terra poderiam descrever dessas histórias. Coronel Coutinho, um graúdo, um branco, quando chegava o Divino na fazenda, carregava a Coroa, colocava-a no oratório cheio de velhas imagens, açucenas e rosas. Como o povo, beijava as fitas, benzia-se e ouvia, de cabeça baixa, como um pecador,

a folia do Divino. Temia o castigo do Divino. Sabia muito bem o que acontecera com Zé Feio. Este não quis dar agasalho aos foliões do Divino. Viu-os de longe no rumo de sua fazenda, não teve dúvida, gritou: — Não sustento vagabundos em minha casa.

Fechou o rancho, a casa grande, soltou os vaqueiros para os campos. Mal havia percorrido um quarto de légua, viu a casa, o rancho, os currais, fumaçando. Zé Feio pôs as mãos na cabeça, correu para o incêndio como um doido. Só encontrou cinza e carvão, fumegando. Foi a febre matando o gado, papeira nos bezerros, cavalo com quebra bunda, o fazendeiro deixou crescer uma barba de amaldiçoado. Nasceu-lhe um dente bem no céu da boca e disso morreu. Coronel Coutinho exclamava:

— Não quero complicações com os santos.

Dava ordens para sangrar reses, assinalava bois em nome do Divino. Contava o caso: o primo Guilherme, por causa de uma noite de febre em que viu a morte na fazenda, deu um boi ao santo. Quando vieram buscar o presente, Primo Guilherme olhou na manada o boi prometido e oferecido, lustroso de gordo, corpulento e manso como boi de santo. Achou melhor escolher outro boi menos roliço e menos bonito para embarcar. Assim que o barco desatracou da caiçara, o pessoal viu foi um boi grande e araquá surgir dos campos, desce a beirada, mete-se n'água e nada com fúria atrás da embarcação. Então o piloto dobrou o leme e gritou:

— Major Guilherme, o boi é esse. Ninguém engana o santo. Coronel Coutinho queria a sua fortuna abençoada pelo Divino, mandava Santa Luzia em procissão abençoar os currais. Todo [174] santo que aparecesse. Tenório ouviu, uma vez, o branco dizer para Manuel Rodrigues no Alegre:

— Quero o meu gado na graça de Deus.

Os foguetes espocaram no ar, os meninos corriam para o trapiche, as moças desceram a escada. Tenório viu na dobra do estirão a bandeira branca, tinha no centro a imagem da santa toda enfeitada de

fitas, um ramo de flores na ponta do mastro, girando. Ao ritmo dos remos no sol, as montarias alinharam-se para encontrar a embarcação. Tenório observou que o folião não sabia girar muito bem o estandarte da santa. Sorriu ao recordar as vezes em que enfeitara o estandarte de Santo Ivo e o agitava com todo garbo e sustância no meio do rio. Os foliões da Coroa deviam voltar orgulhosos, por força traziam folias novas. O tambor batia frouxo, faltava aquece-lo. O povo engrossava o trapiche. Os menino corriam atrás de rabo do foguete. A Coroa envolta numa larga toalha branca surgiu nas mãos do velho Arnaldo que a ergueu rica de fitas e flores e o arco-íris era o caminho que a trouxesse de tão longe para deixá-la no meio do povo. Tenório experimentou certa inveja de velho Arnaldo, naquela hora, como ele sabia erguer a Coroa para os olhos de todo o mundo, sempre pagando o que Nossa Senhora fez por ele, quando o tirou do abraço do sucuriçu no fundo d'água. Tinha a voz parada, palavra chocando na boca, um poder de devoção que só os pajés podiam ter quando atuados. Tocado pela cachaça, o velho Arnaldo tirava umas cantigas de santo, mais pareciam do caruana. Sabia contar, como nem as velhas, o passeio da santa em Mangabeira. Tivera um encontro com ela no meio do caminho, ficara sem fala, sem movimento, amparado a uma árvore.

Manoel Vilar vinha à frente dos foliões. Era quem ia a Belém contratar o padre, enfeitava o arraial e organizava os leilões. Como Rafael não pudera ir naquele ano, Manoel Vilar o substituíra na comissão. Trazia a viola a tiracolo, enlaçava de fitas, um guarda-chuva no braço.

Tenório coçou a barriga, na verdade tinha fome, havia de arranjar, antes de tudo, quem lhe pagasse um gole. Os foliões, certamente, voltavam bem bebidos, com molhos de tabaco, cigarros, [175] peixe e ovos de marreca. Teriam passado em Santana onde seu Serafim os esperava com uma festa anunciada com muita antecedência, quando os foliões bebiam ainda, pelos currais de Cachoeira, a bacuba de leite no meio dos vaqueiros antes da folia da

alvorada. Desejou estar ao lado de Manoel Vilar, tomar o tambor e bater com o seu tom, o tom de Santo Ivo. Tinha ainda os testículos inchados, a ferida mal sarada lhe doía.

A embarcação encostou na escada do trapiche. Velho Arnaldo saltou com a Coroa. As moças avançaram para apanhá-la. Rafael, trazendo Guíta pela mão, gritou: quem levava a Coroa era a sua afilhada.

— E uma promessa antiga, dela.

As moças recuaram, desapontadas. Tenório intimamente aplaudiu e se admirou ao ver pela primeira vez que eram tão escuros os olhos de Guíta, os braços dela se estenderam, morenos, uma toalha os envolveu. Tenório lembrou-se, então, de Orminda quando levava Santo Ivo para a igreja, a sua voz no coro, via-lhe o rosto em sangue, os braços em sangue, e a mãe de Orminda em lágrimas lhe dizendo no Campinho: — Por que deixaram minha filha ir embora assim como estava? Por que não me trouxeram ela?

A Coroa no colo de Guíta veio vindo, o arco-íris pousou nos cabelos da moça. Os sinos tocavam.

O povo encaminhou-se para o largo da Matriz. Já à porta da igreja, Rafael esperava. Era quem ia colocar a Coroa na cabeça da santa no altar. Vendo as salvas de prata, baús da santa, sacolas, a qualidade do tambor, Tenório considerou quanto eram pobres os foliões de Santo Ivo. Encostado a um poste, Ciloca, o leproso, sempre alisando a cabeleira, olhava a procissão passar. Guíta ao vê-lo sentiu um súbito ódio, o acusava por tudo que havia acontecido em Felicidade, chegou mais ao peito a Coroa, ajeitou as fitas que caíam de seus braços, apressou o andar. No mesmo instante imaginou-se noiva, à frente do cortejo, rumo da igreja. Oh tolice, refletiu. Com aquela crescente aflição, aqueles pensamentos, estaria em risco de tropeçar e cair com a Coroa.

Chegou à calçada da igreja, deu com Tenório que pedia a Rafael:

— Queria que tu me deixasse ao menos entrar com a Coroa.

[176] Logo que eu entre te entrego. Tu deixa, ei Rafael?

Guíta não deu tempo para Rafael responder. A procissão se deteve. Colocou a Coroa nos braços de Tenório que os vestidos das moças faziam mais sujo, mais velho, mais infeliz.

A rica e bela Coroa brilhou nas encardidas mãos do pobre diabo, as fitas se misturavam com os trapos, cobriam-lhe o peito roto da camisa, a toalha derramava-se pelos braços. Por um momento ele se viu aturdido, vacilante, algumas moças resmungaram protestos, a ferida parecia sangrar, doendo-lhe mais agudamente. Guíta puxou-lhe os restos de manga da camisa, pegou-o pelo braço — troçando mentalmente de si mesma: o meu noivo, — e disse sorrindo:

— Que lhe falta para entrar na igreja, homem de Deus?

De volta do largo, confuso com o que vira, Missunga decide recolher-se, àquela hora mesmo, ao Paricatuba. Já no trapiche da loja viu com surpresa D. Ermelinda no banheiro de maiô, pronta para o banho no rio. Não havia dúvida, “estava sua madrastra”, acabava morando na casa da vila, fazendo a festa de Nossa Senhora do Rosário na Matriz. Desceu a escada, tomou um casco, resolveu ir sozinho para Paricatuba. Ouviu a voz de Ermelinda:

— Mas que cabeça a sua de ir agora. Por que não chamou Janoca para virar o motor? Ora, veja. Remar num casco e a bem dizer de noite.

Missunga deu a primeira remada com raiva. O casco avançou para o meio do rio. Os sinos tocavam. Ermelinda no banho tinha o vagar e a delícia de uma pata no mato.

Soube ao chegar a Paricatuba que Alaíde se mudara para a barraca da tia. Teria falado com nhá Clara? Não, ele mesmoalaria.

Foi a pé, caminhando, com o pensamento em Tenório. Procurou ocultar-se naquela tarde aos olhos da Guíta. Teria Felicidade nos encontros com Guíta, ali, sim, havia plantações viçosas, a casa de máquinas fumegando e apitando, os trabalhadores felizes voltando do

trabalho, a lua saindo da caixa de fósforos, o sonho que Mariana lhe dava. Sentiu por isso uma inesperada pena de Alaíde.

Despertou bem cedo, se lembrou que necessitava mandar [177] chamar Benedito no mato. Procurou os empregados, gritou pela nova empregada de D. Ermelinda, apelou para os cachorros. Partiu em busca de Alaíde.

Encontrou-a debruçada no parapeito de miriti da barraquinha. Falou da chegada da padroeira, da imagem do Rosário, perguntou se queria ir à vila para ver a nova santa, indagou se tinha notícia de Benedito. Ele precisava aparecer. O júri havia de absolvê-lo de qualquer forma.

— Você não responde? Comeu abio, em? A boca pregada?

— Você quer que eu vá na vila pra apanhar?

— Ein?

— Falou com a sua, lá?

— Não estou entendendo, sua boba.

— Diz que você não sai de Campinho grudado nela.

Missunga meteu os dedos nas talas de miriti. Alaíde se encostou na parede. Tinha um cheiro de maracujá nas mãos e na boca.

— Chupaste maracujá?

— Chupei e sim... não entorte a conversa.. Me conte de sua paixão com aquela sua belezinha... Até me mete uma pena de saber que a pobre vai ter a mesma sorte... E olhe, não fale com nhá Clara. Lhe peço pelo amor da finada sua mãe. Me deixe com meu filho. Eu crio.

Alaíde falava, cabisbaixa, quase sem queixa, nas suas palavras um manso ressentimento, seus olhos desciam pela parede de miriti seguindo uma aranha.

— Com conversas, não, Alaíde?

Ela ergueu subitamente os olhos como para dar uma resposta que há tempos preparara. Se voltou suspendendo a alça da camisa.

— Se você pudesse, Alaíde, ia por mim trazer Benedito do es-

conderijo. Você vai?

Ela foi revirar a saia estendida sobre uns arbustos e ajeitar, no velho e arriado jirau das plantas de sua tia, uma casca de ovo espetada no paneiro de arruda.

— Alaíde, eu te explico... Vou falar com nhá Clara.

Ela não respondeu, ficou perto do jirau, o sol cobria-a de uma inesperada beleza, as ancas largas, o corpo ainda não deformado [178] na saia transparente. Missunga aproximou-se dela, tomou-lhe as mãos cheirando a maracujá, beijou-lhe os olhos, o que ela achou muito esquisito, passou a mão pelos cabelos dela, voltou a falar em nhá Clara. Escorregava-se naquele corpo como nos paus lisos de lodo. Sim, Alaíde era lodo das águas vivas, lama gulosa. E era o que restava de Felicidade, das plantações de Tenório, Marcelino e dos seus protegidos. O remédio mesmo seria desaparecer daqueles matos rumo da cidade, levar Guíta. Ouvira seu pai dizer: — Que ele gaste na cidade, acho razoável, humano. Mas com essa caboclada, com esses bichos daqui nas minhas terras?

24

[179] Gritou pelos cães, carregou a espingarda, marginou o igarapé e caminhou rapidamente até aproximar-se de uns tucumãzeiros que ocultavam a barraca.

— O de casa! Nhá Clara!

A esse grito, uma velha gorda surgiu à porta, amassando tabaco na mão e, logo surpreendida, recuou para desarmar a rede na salazinha.

O visitante, ao entrar, lhe faltou ânimo para confessar o motivo de sua visita. Nas paredes de miriti, enodoadas de fumaça, colavam-se fotografias de jornais e revistas. O couraçado Minas Gerais. Um Cristo carregando a cruz. A estampa de S. Sebastião. Uma aldeia da

Europa sob a neve. A criança, prêmio de robustez infantil.

Principiou a conversa sobre assuntos de caça. Os cães lá fora ladravam. A espingarda encostada à parede. Recordou o desaparecimento de Santo Ivo, lhe perguntou pelas benzeduras que ela sabia fazer, pelo ponto de farinha no forno em que era mestra também, na mulher virando porco, no caçador se transformando em catitu, histórias que ela contava na casa de seu Felipe.

Caiu sobre o seu regresso um fim de tarde sem pássaros nem cigarras, pesada de solidão. Adiante, vagarosos e tristes, sob o bafo da lama que vinha da vazante, os cachorros caminhavam.

Chegou à barraca da tia da Alaíde.

— Saiu pro igarapé. Com uma dor...

— Dor?

A velha tia coçou o peito e confidente fez um ar de quem ralhava:

[180] — Escute... Ela, a modo que bebeu uma misturada... Corra atrás dela.

— E a senhora, por que não foi atrás?

— Quando vi o senhor achei melhor o Sr. ir. Ela atendia... Talvez nem seja...

Missunga apressou o andar, voltou-se, de repente, exclamando:

— Vá buscar nhá Clara. Ela, na certa, bebeu. E eu não queria que... Chame nhá Clara.

Gritou mais ao longe: — Depressa! — E adiante, entre as seringueiras, já aflito: — Correndo, D. Geralda!

Quase noite, o chão, a mata cediam aos pés. Corria. As pernas pesavam. Atrás os cães saltavam as moitas. Cheiro de raízes podres, sementes, saúvas pisadas, da selva em fecundação. Alaíde. Alaíde. Velha idiota. Para que, Alaíde, a beberagem. Louca. Te levarei para o xadrez, idiota, se mataste o meu filho. Gritarei, espremerei teus seios, teu ventre, te atirarei n'água. No fundo, o doido sou eu. Quem acreditará nas minhas complicações? Mas a velha era a culpada. Ela

mesma deu a beberagem. Dentre as folhas de samambaias, Alaíde saltava. Via-a montada no cajueiro:

— Sou tua irmãgaula, sou tua irmãgaula! Via-a uma tarde na esteira, o corpo na sombra e saltando da camisa os seios banhados na luz que escorria de uma fresta do teto de palhas, o espanto que ela teve quando assim despertou, as mãos cobrindo os dourados seios, as mesmas mãos cobrindo a noite crespa de onde surgirá o filho, o filho que lembrará o grito de Tomás do Mato, as feridas de Orminda, o olhar de Marcelino morto, os trabalhadores expulsos batendo os remos nos troncos encalhados no igarapé. Um filho. E Guíta?

Tropeçou nuns cipós. Os cães que haviam se distanciado voltaram inquietos. Guíta, à beira do poço, era também a noite úmida e oculta sob as mãos obstinadas.

Missunga deteve-se, ouviu um gemido abafado. Os cães rodearam, curiosos e ávidos o corpo de Alaíde caído ao pé de um acapuzeiro junto d'água.

Carregou-a nos braços.

— Me deixe que eu ando.

[181] Teimou carregá-la, sentiu, com uma contida náusea, os dedos manchados de sangue. Lhe deu uma estranha energia, decidiu levá-la nos braços até que, esfalfado, pôde deixá-la na esteira. Nhá Clara já esperava.

As árvores balançavam na noite maciça. Havia ninhos nos galhos. As sementes estalavam. A terra o ventre inesgotável, parindo sempre. Missunga apanhou a espingarda, caminhou longe e atirou nas árvores, nos ninhos, com os cães ladrando. Sentou-se, exausto, num tronco partido. Exausto. Felizmente a noite clareava, era a lua. Voltou para ouvir ainda os gritos de Alaíde. Viu vagamente ainda qualquer coisa viscosa sangrando na vazante. Lembrara-se de um bezerro morto na fazenda. Era o seu lixo, o fruto podre das samambaias. E o cheiro, os gemidos, aquela noite aberta em sangue e a náusea. Onde estavam as mãos que não a cobriam mais?

Alaíde gritando. Se os gritos parassem talvez fosse a morte. Dor, dor. A dor de que misteriosamente as velhas caboclas falavam: “Isabel com uma dor. Uma dor que vem tomando conta do corpo. Uma dor que só Deus”. Os cães haviam desaparecido. Alaíde, viva ainda, sangrando como caça ferida. Sob o luar as árvores se dissolviam, os gritos adquiriam mais corpo do que os troncos e se espedaçavam contra a noite.

Um vago cheiro de alfazema no sopro da noite sobre as folhagens. Sim, os gritos cessaram. As árvores readquiriam corpo e Missunga sentiu falta de cigarros, oh, nenhuma piedade por Alaíde! Só a lástima de si mesmo, o medo de espiar pela porta para saber o que acontecera.

Na porta alguém surgiu, como à espreita, e ele chamou.

Era a velha, a velha Geralda, esfregando as mãos, meio apressada, avançou para ele e disse baixo.

— Se acalhou.

[182] Dezembro. Ainda queimavam roçados. Fim de safra nos açaiçais. Rafael preparava o presépio de Natal no Campinho e Guíta o ajudava.

Menino Deus no colo de Guíta nem ao menos se mexia. As moças rodeavam-na.

Vamos, Virgem Santa, dá uma palmada na bunda deste guíto pra elezinho chorar. Queria ver o Menino Deus chorão. Malina com ele, sua boba...

Era Antônia que falava e as moças: — Mas que é isso, Antônia, estás “crente”, então? Guíta repreendia:— Se esqueceram que há inferno... Pensa que presta? As moças riam. Menino Deus permanecia, como sempre, muito quieto, olhar aceso, nos braços de sua ama que o vestia e o enfeitava. Antônia insistia:

— Quando o meu Espírito Santo pra me dar o meu Menino Jesus? Que pena Manoel Rodrigues ter ido...

Os risos mais altos. Guíta advertiu:

— Olhem, era assim que Orminda brincava. Ela dizia o mesmo, essa Antônia é doida...

Padrinho Rafael estava ali para repreender, embora soltasse, de vez em quando, a sua risada, os dentes luzindo.

À noitinha, as moças debandaram e deixaram o presépio quase pronto. O céu e a estrela, Rafael deixava para armar noutro dia. O devoto de Menino Deus considerou a sua obra, armou a sua rede e acendeu a lamparina.

Deixou-a a acesa durante a noite, numa casa sem luz os [183] santos não velam. Sim, que uma noite ouvira: — Rafael, durma sempre com luz. Nunca mais durma no escuro.

Ouviu nitidamente, a voz descia da escuridão da noite, do silêncio e dos cajueiros lá fora. Lamparina toda noite fumegando, os santos velavam. Podia faltar o tostão para a farinha, para o querosene, não.

Na tarde seguinte, Guíta veio sozinha espalhar folhas e ver o efeito do presépio que Rafael armava com aquele seu devoto e alegre vagar.

Varreu o terreiro, cobriu com areia de praia e folhas de mangueira o chão da barraca. Limpou as raízes dos cajueiros que, a flor da terra, eram os bancos do povo. À noite, depois que Rafael voltasse da igreja onde havia novena da padroeira rezariam ladainha e cantariam folia; foliões de Nossa Senhora das Dores do Camará haviam chegado à vila, queriam ver e louvar o presépio.

Guíta assusta-se — abandona o paneiro de folhas à porta da barraca, tenta esconder-se... — Que lhe deu na cabeça, murmurou. Rafael fora encher água no poço dentro do mato. Que lhe deu na cabeça... Não queria mais ver esse homem... Missunga apanhou-a pelo braço. Via-lhe os pés descalços, a areia nas mãos.

— Fugindo, não?

— Que lhe deu na cabeça de aparecer esta hora? Vá embora, pelo amor de Deus.

A voz de Rafael vinha vindo no mato próximo. Missunga só teve tempo de beijar os cabelos de Guíta defronte do presépio. Ela jogou-lhe areia, folhas, ficou a um canto, afogueada, o suor no rosto. Alguns meninos vinham correndo pela estrada, aos gritos. Missunga saiu apressadamente da barraca e os moleques já batiam no tambor, no reque-reque, na viola, mexendo com as fitas do Menino.

— Meninos saiam, meninos safados. Guíta nem parece que esta aí pra ver...

Ela, confusa, quis apanhar os potes d'água que Rafael trazia. Este riu baixo, disse:

— Mea afilhada, muito cuidado... Veja com quem está lidando, mea afilhada, mea afilhada...

[184] Quase bêbado, falando na falta dos camarões, chegava da vila o velho Calafate. Guíta, então, espalhou o resto da areia e das folhas em silêncio e foi para a sua barraca, preparou o jantar do pai, deu roupa aos irmãos, voltou do banho para ficar ao pé do poço ouvindo os sinos que tocavam novena. Festa de Nossa Senhora da Conceição. Como tinha chegado tão depressa, diferente e tão dolorosa para ela. Que seria de sua sorte. Nossa Senhora? A voz de seu padrinho subia do poço escuro e se confundia com a voz dos sinos.

No caminho, frente da sua casa, alegres moças a chamavam.

Missunga atravessou o largo da Matriz — no coreto o mestre da banda batia no bumbo chamando os músicos — soube que o seu pai mandara fazer um balão, alguns estudantes de Belém o convidaram para a cerveja. Viu o mestre distribuir as partituras da música, dar o sinal, uma valsa desceu para o largo e o olhar de Missunga deu com Alaíde bebendo mingau de milho num dos bancos entre velhas caboclas. Tinha um embrulho de doces no lenço. Bebia devagar como sem gosto.

O leilão começava.

Os foliões partiam para o Campinho. E o balão? Alaíde, por força, queria ver o balão. Como estava sumida entre as velhas ca-

boclas, com aquele mingau vagaroso e o tímido embrulho de doces. Gostaria de cerveja? Desejaria arrematar um pão-de-ló, uma galinha assada para comer de volta na montaria? Demorava a ponta da colher na boca, ouvindo e vendo os músicos e as senhoras que se acercavam da mesa de leilão. Capitão Lafaiete, tesoureiro da festa, examinava a lista dos arrematantes.

Missunga enterneceu-se, a tristeza que sentia em Alaíde e nele mesmo talvez viesse da cerveja. Poderia sentar no banco ao lado dela, indagar que tal o mingau, e recordar-lhe a cena que não esquece. A cena em que ela lhe diz imprevistamente:

— Tinha a sua cara... Ele...

— Ele? Quando... Se ainda era um feto.

— Feto? Diga de novo? Credo...

— Sim, uma coisa de nada.

— Era, era a sua cara.

[185] — Cale a boca.

Missunga fitou-a, sério. Erguendo-se, bateu o chapéu de carnaúba nos joelhos, além do nojo, um súbito desespero. Olhou pela janela da barraca. Perto, no jirau, forjam roseiras. Cascas de ovo espetadas nas hastes. O silêncio trazia do mato um ofego abafado. O diabo do pica-pau martelava o silêncio. Aquela coisa naturalmente viscosa sangrando. Naquela noite as árvores avançaram para ele: Somos mãe, não temos vergonha. Até as cobras eram mães. E aquela cabocla a lhe dizer que o mostrengo tinha a cara dele.

— E por que não enterraste Alaíde? (Pergunta estúpida, refletiu logo.)

— Porque não foi em você...

Ela cuspiu a frase inesperada:

— Hum! maré levou, peixe comeu.

Ele fez um movimento de surpresa e ódio, quis erguer-se. Mas esse mesmo movimento o acusava. No fundo, a frase era dele e não dela. Viu-a de cabeça baixa, tentando tirar um espinho do dedo.

— Não esperava por uma resposta dessa, Alaíde.

— De quem a culpa?

— Minha?

— Deus sabe... Minha, de ninguém mais...

— Por que falou assim, Alaíde! Por que uma resposta daquela?

Alaíde continuando a catucar no espinho, tranqüila e sem lágrimas, principiou a falar lentamente:

— A culpa foi minha. Podia criar meu filho. Era meu, estava na mea barriga. Da feita que pegou devia nascer. Pouco me incomodava que ninguém olhasse pra ele, tivesse vergonha.

Fez pausa. O espinho sangrou-lhe o dedo que ela chupou.

— A vergonha era minha. Eu sei que você não queria ter filho comigo. Eu podia lhe dar um bicho, não era? Quem sabe se não vai dizer — se rir de mim pros outros, — dizendo que foi boto que me emprenhou?

— Deixe disso, Alaíde. Podias morrer de parto. Quem sabe se o filho, o meu filho, não seria a tua desgraça?

Alaíde ergueu os olhos, o dedo deixara de sangrar, respondeu quase sem voz:

[186] — Puxa, homem, mais maior do que esta?

Missunga em silêncio olhou-a ainda mais surpreendido, tirou o lenço para tentar amarrar-lhe o dedito.

— Então, sua tola, está mesmo na desgraça? É o espinho no dedo, em, em?

Tentava fazê-la rir, abraçou-a e ela se deu toda ao abraço, fatigada, arrependida, perguntou-lhe se queria o açai.

— Não, Alaíde.

Ela ficou inerte nos seus braços. Missunga sentiu-lhe a respiração quente, a testa cor de barro cozendo, o olhar de sono. Alaíde era uma criatura humana, não era? Uma pergunta que se fez tão obstinada naquele momento. Ela, de súbito, se afastou, ficou meio curvada, os cabelos em desalinho.

— Sua tia deu o dinheiro a nhá Clara?

— Queria que ela ficasse com o dinheiro alheio?

Missunga voltou a abraçá-la, abraçou-a muito que ela gemeu tentando escapar-se. Uma pena, um desejo de a tratar como tratava Guíta, como se tratava a si mesmo.

— Alaíde, és uma cabocla do peito. Pois bem, vamos fazer um filho, ouviu?

Missunga lhe deu um beijo no pescoço.

No largo, naquela noite via Alaíde num banco, com um triste mingau de milho e silenciosas caboclas ao lado que olhavam as senhoras brancas sentadas ao pé da mesa de leilão. Os estudantes já bêbados gritavam. Carvalho apregoava segredos de amor e galinha de forno. Amanha, Alaíde estaria tirando peixe do cacuri. No Calilo comprando querosene e ouvindo graças do sírio. Os estudantes gritavam pelo baldo e queriam que a banda terminasse a função do coreto para o baile das Almeidas começar.

Carvaló apregoava, os estudantes bebiam e no Campinho rezavam.

Calilo e Hemetério aproveitavam a noite para cavarem a terra à beira do rio. Os jornais de Belém contavam de potes cheios de ouro achados na Estrada de Ferro. Calilo gesticulava. Ouro, ouro surgindo em toda pane. Em Marajoaçu as noites passavam e o ouro dos frades não aparecia. Que encanto era esse, que força [187] havia no fundo da terra que prendia os potes de ouro em Marajoaçu? Se achasse o ouro, Nossa Senhora teria na sua igreja torre para os sinos.

— Bolas, Hemetério, cova é pra enterrar defunto. Não tem nada.

— Seu Calilo, tem. Não duvide. Que tem, tem. Aqui foi um cemitério. A mina tá no meio das sepultura. A gente quebra o encanto.

— Mas, Hemetério, nem osso mais tem aí. Só tem terra. Nem fantasma de defunto tem mais.

Calilo aos poucos se afundava no ouro. No sonho cresceu o corpo de Orminda, o ouro em pó derramava-se pelos seios de Orminda, envolveu-lhe os cabelos. Orminda, que desapareceu. Ele a viu mudar os panos sujos de sangue no trapiche aceitando o pacote de algodão, recusando o perfume e o pedido que lhe fizera. Seu corpo era belo, Hemetério. Era ouro, caboclo. Era encanto que faltava também quebrar.

E a história de Orminda subia o trapiche, entrava no barracão e andava com o sírio em torno das covas à luz do candeeiro e o calor da ganância desesperada que se fundia em sonho, sonho só. Hemetério, como coveiro, parecia sepultar a lenda do ouro que o rio contava. Orminda era mulher para andar nas histórias, ficar nas modinhas, na beira dos trapiches, na lembrança dos homens, pensava o sírio. Lenda que não se podia esquecer mais. Também ouvira uma vez um canoeiro soltar no trapiche a mesma confissão surpreendente e misteriosa:

— Orminda é boa que só bota. Da feita que um infeliz cai naquele bicho só arrancando à força.

Era a confirmação do que dissera Hemetério que continuava, lá no fundo, cavando. A terra bebia-lhe o suor como se fosse matar naquela noite quente a sede das raízes e das ossadas. Calilo viu o balão vermelho.

— Hemetério, onde enterraram esse ouro?

Mandaré Rafael rezar no barracão uma longa ladainha para as almas. O balão era o corpo de Orminda, já bem alto, levando o ouro dos monos.

26

[188] Guíta, diante do presépio:

— Está mesmo um brinco.

Tratou de espalhar a areia, as fitas, as ovelhas vindas de Belém, as pedrinhas brancas apinhadas na Mangabeira, as nuvens de algodão no céu de papel azul onde brilhava a estrela anunciante. Fitou a estrela e cantou baixo se lembrando da pastorinha:

“Sou a estrela anunciante...”

Menino Deus nascia de verdade em Ponta de Pedras. Belém de Nazaré, no fundo do presépio, era aquela vila marajoara, oferecia ao Menino: toalhas, brinquedos, um barco de miriti, uma fronha azul, a touca de cetim, paneiros de plantas, criações, o macaquinho de cheiro, a vaca manina presa no quintal do Coletor, doces e almofadas para o leilão. Guíta trouxe do terreiro os paneiros grandes cheios de folhas de mangueira e as espalhou pelo chão que antes molhara para não levantar poeira. Enfeitou com rosas e jasmims o quadro do Sagrado Coração e emoldurou de fitas azuis e brancas as pequenas fotografias da parede: Tio Rafael de paletó e chapéu de palhinha, suas primas de Belém em grupo de três, uma tia bem preta, o cabeça em bandós, um padre, amigos, senhores de Belém, o aprendiz de marinheiro, o filho soldado de nhá Felismina e o retratinho apagado de Guíta aos quinze anos. Ela deu com a mocinha de cara indecisa, olhar tímido e compreendeu quanto estava diferente dela de rosto e de alma. O que restava verdadeiramente dela se apagava naquela fotografiazinha e ficou, algum momento, cabisbaixa, tão desiludida de si mesma que desejou fugir. Beijaria as fitas do presépio, no seio as suas cartas, furtaria o retrato da menina, sumiria.

[189] Dirigiu-se ao copiar estreito e aberto para os limoeiros, coqueiros e tucumãzeiros que desciam para o igarapé. Sentou-se junto à mesa onde sempre os foliões jantavam e conversavam sobre as suas viagens. Na parede um velho espelho quebrado que ela apanhou e limpou com o peito da blusa. Mirou-se muito séria, examinando os olhos, os cantos da boca, se alguma expressão de culpa ou mentira lhe marcava a face morena e limpa. Não sabia explicar porque até pouco tempo quando se mirava no espelho, só descobria no rosto,

vagamente, a distração pela vida, a lembrança de um ou mais pessoas que a achavam bonita. Agora o espelho lhe apontava certas linhas do rosto, certas sombras e culpas, todo um rosto que atravessasse uma fogueira, partido em três faces diferentes. Apenas seus cabelos não mudavam, calmos, e teve medo de puxá-los ou ajeitá-los diante do espelho para que lhe não completassem a nova imagem que traçava de si mesma.

À tarde, um susto: a visita do Coronel Coutinho ao presépio, acompanhado de uns brancos.. Olhou de relance, aquele homem alto lhe parecia tão distante, o que se podia chamar um homem rico, dono da vida e dos campos, viajando pelo mundo, falando de cima de sua riqueza e daquele orgulho que vinha por trás do ar acolhedor e bonachão. Tudo aquilo a separou de um sonho brusco, como que de maneira definitiva, de Missunga, e ao fazer um café aos visitantes chegou a convencer-se mesmo, com indefinido despeito, que não passava de uma criada para servi-los. Coronel não se cansava de falar de seus cães dinamarqueses, tão bravios, de Belém. E ela pensava, embora compreendesse o capricho de seu pensamento: esses cães ele os soltaria sobre ela, se um dia fosse queixar-se do filho, ou buscar refúgio ao ser expulsa de casa. Um dos visitantes falou a palavra Jerusalém e riu. Jerusalém, repetiu Guíta baixo. Era a pastorinha de D. Elvira que nunca mais saiu. D. Elvira ficou paralítica. Filhas de Jerusalém. Que vontade de ser a cigana rica da pastorinha e essa lembrança a levou ao seu tempo de menina, como brilhava o vestido da cigana rica e como era triste o canto da pastora perdida.

Rafael, ao avisá-la da hora da procissão, passou-lhe a mão pela cabeça:

— Que cara é essa mea afilhada? Mágoa?

— Só se é sua, padrinho. Olhe o terreiro, é que é. A maré de povo...

No meio do caminho, imóvel, a cabeleira luzindo ao sol, Ciloca acendia o cigarro. Uma onda de poeira o cobriu por instantes, um

bando de japiins passou alegremente sobre os cajueiros.

Rabo de foguete raspava as folhas do mato e os moleques aos gritos iam apanhá-lo rolando entre os galhos partidos. O terreiro começou a se encher de gente, arraial do Menino: pescadores vindos de Mangabeira, com as mulheres, os filhos e os cachorros, roceiros do Arapiná, mariscadores do Jaguarajó, alguns sapatos de dez anos, tortos e ressequidos, apertando os pés grossos e desacostumados. As mesmas roupas pobres, peitos de mies ao sol que as curumins sugavam, aos puxos, como bezerros. As mingauzeiras se abanavam com os largos panos com que cobriam as latas e as painelas fumegantes de mingau, os tabuleiros de arroz doce, cocada e os paneiros de cuias. Guíta via Rafael sem sossego e o ajudava nos preparativos, reparando nas moças que chegavam com roupa nova e ramos de jasmim para o presépio. Antônia, de encarnado, os sapatos brancos, aproximou-se dela e segredou-lhe:

— Vou fazer uma filha com aquele meu beleza, que tu sabe, pra casar com esse nosso menino Deus, mana.

Saiu rindo, amarrando os sapatos apertados. A vila inteira ia ver o presépio. Guíta se voltou para alguém que lhe tocava o ombro e ficou surpreendida. Ainda há pouco se lembrava das Filhas de Jerusalém e ali estava a cigana rica que tanto invejara, a que sempre desejaria ser na pastorinha de D. Elvira. De luto, a saia ruça, o rosto encovado e o filho escanchado nailharga chorando, esfregando as mãoszinhas esqueléticas no sujo ventre opilado. A [ebre de Jaguarajó tirara-lhe o marido. O filho chorava, queria um carneirinho e a estrela do presépio.

Os romeiros abriram ala, afastando-se apressadamente, entre sussurros, para deixar entrar Ciloca. O leproso ajoelhou-se diante do presépio, alisou os cabelos — como perto, os jarmim cheiravam! — beijou uma a uma as fitas do Menino e voltou-se para as mulheres assustadas e indignadas.

— Não pensem que as fitas do filho de Deus vão ficar

empestadas. Não são fitas do diabo.

[191] À luz das velas, seu rosto tornara-se mais repelente aos olhos do povo.

Permaneceu ajoelhado, surdo ao murmúrio geral, esperando pela raiva de Rafael quando chegasse e o visse naquela atitude que nunca entenderia senão como profanadora. Mas ao olhar novamente a estrela anunciante, tudo, enfim, que era o encanto daquela devoção e daquela festa no Campinho, lembrou-se de Sinhazinha que vestia as pastoras de D. Elvira, lhe contava o que o padre lhe perguntava no confessionário, partia o pão-de-ló arrematado no largo da Matriz lambendo o papel de seda que o cobria e enfeitava. Quis reavivar, num segundo, aquelas recordações de sua juventude mais ligadas ao Natal, ao Campinho, às moças que acompanhava na procissão, a banda de música na qual tentara o clarinete. Aos poucos ia transformando — já o seu coração não dispunha mais — aquele ato de gracejo hostil a Rafael em súbita contrição, vergonha e horror de si mesmo. Rafael podia chegar a botá-lo da sala, aos gritos. Ergueu-se rápido, deu com o olhar de Guíta, fugiu para o terreiro, para a estrada onde a poeira o envolveu com o vento da tarde. Caminhou imaginando seis leprosos com quem faria devoção a S. Cipriano na vila, rezando ladainha, lendo bem alto as receitas e as orações do santo bruxo. Não gostava de S. Lázaro. Um dia haveria de furtar o S. Lázaro da casa de Nafta e atirá-lo no poço, aos pedaços. Mandaria construir uma capelinha de palha e chão batido para S. Cipriano. Mal distinguia os gritos de Rafael que queria mudar as fitas do presépio, não permitido pelas velhas. Eram fitas sagradas, não pegavam doença.

Guíta, para disfarçar o que sentia depois do que viu, procurou saber quem partia lenha atraí da barraca para o chocolate dos mordomos. Surpreendeu Antônia escapulindo-se pelos tucumãzeiros com o Vicente, o barqueiro, chegado da Contra-Costa. Ambos ficaram de mãos dadas balançando, atrás da mangueira. Faziam as

pazes, brigados que estavam quantos meses. Guíta viu-os desaparecerem, foguetes espoucaram e de novo a figura do Coronel Coutinho, alto, gracejador e falando dos cães dinamarqueses, fez a moça encostar-se à parede da barraca, enxugar os olhos com a manga curta do vestido. Entrou no quarto de Rafael e extenuada caiu na rede.

[192] Voltavam as noites em que esperava Missunga à beira do poço, atrás de sua barraca. Que fez no mundo para ter o castigo daquela amizade? Amizade era a sua palavra de amor, a palavra de seu povo quando ama. Caboclo não conhece o amor pelo nome. Naquele castigo, correu, cega e tonta para os encontros com Missunga. Ele chamava, com terna malícia e gravidade, os encontros com a infância, sob o olhar de sua mãe. Falava em D. Branca, recordava cenas e cenas em que brincavam juntos em Paricatuba. Ela via então naquele homem uma criatura já diferente, se passava para a sua família, falava a sua linguagem, invocava o nome da mãe para ganhar confiança, muitas vezes se tornava quase medroso ao abraçá-la. Aparecia tão simples, tão leal, nas calças de menino, abençoado pela mãe, nas primeiras e muitas noites apenas conversando ou de leve lhe beijando a testa, trêmulo, assustado, ora quieto e pensativo, sem abraçá-la, com a mão em seu ombro. Uma noite, trouxe uma pequena medalha, escapuliu das mãos dele e caiu no poço. Depois, bruscamente lhe falando, ofegante, de sua infância e dos cabelos dela, da boca e das medalhas, dos olhos e das saúvas, lhe falando com tantos atrevimentos e afagos, palavras e dedos do homem na sombra, línguas de cobra envenenando-lhe o sangue, deixando-a sem fala. Para acabar tão prolongada agonia, o medo e a onda de seus informes pressentimentos, caiu, de madura, nos braços dele, como se tivesse se precipitado no poço. E agora ela e Alaíde afinal misturadas na mesma sorte que tanto as separava dele. Aquelas cartas metidas na almofada faziam mais fundo o seu abandono. Nelas restava algum vestígio da menina que se perdera, não tivera mais socorro na beira do poço. A menina morrera como a cigana rica. Ele a enterrou no açailal. As

raízes que vinham em ambos da infância, de repente secaram, tudo aquilo tinha qualquer coisa de uma praga de Ciloca, de uma receita tirada do livro de S. Cipriano. Guíta pensava no vento sobre as palhas da barraca, o cheiro das frutas machucadas, o velho pai e os irmãos dormindo. Se naquela hora acordassem, o pulo no poço seria mesmo o seu último gesto. Quando viu Missunga puxar um balde de água, compreendeu instantaneamente que ele apenas a desejara e a deixaria para sempre com aquele [193] golpe lhe doendo como picada de formiga tocandeira. Teve um súbito e logo contido impulso de se atirar no poço. Repeliu o murcho agrado daquelas mãos úmidas da corda do balde, via-se espancada, suja, pisada como fruta podre, o sangue dela havia de marcar a terra sob o açailal. Estalavam galhos dentro da noite, talvez os passos de Ciloca a espiar. O vento nos tucumãzeiros e no açailal abafava-lhe os soluços.

Agora esta vontade de gritar: — Não me acham diferente? Repararam que não sou mais de enfeitar o presépio, carregar a imagem da Padroeira, levar o Menino na procissão? Os homens e as velhas sabem quando a moça é moça, pelo modo de andar. Todo o mundo já devia ter reparado que ela não andava mais como uma moça. Sentia-se, obscuramente, mais mulher, como o ar de terra se meada.

Saiu do quarto, já refeita, ao chamado de Rafael. O presépio necessita dela para vigiar o povo que enchia a barraca, o terreiro e as estradas próximas. Via, então, há quanto tempo não via, a Marta beijar as fitas, ficar um tempo a olhar o presépio, as mãos arroxeadas de amassar açai. Quando se afastava do presépio, caiu-lhe desfolhada a flor dos cabelos. Tentou apanhá-la, muitas pessoas avançavam para as fitas do Menino e a flor desapareceu pelo chão. Pouco vestígio havia da Marta de seu Néilson e isto em tão pouco tempo. A seda velha do vestido, o ar de desleixo e perdição que havia nela, tudo em Marta era amargura, espelho de amargura para Guíta.

Volta da procissão. Guíta carregava a pequena imagem do presépio. Não queria carregar, o padrinho chegara a impacientar-se de

tanto insistir. Perto, muito perto, alguém de vestido brilhando: seda, lamê, cetim?

— Meu Deus, a Alaíde...

Alaíde olhou o Menino e a fitou numa súbita raiva com que mordeu o lábio e desviou o olhar sob o temor de que a rival lhe visse as lágrimas e isto a levasse a arrancar a imagem de suas mãos. Não tremia carregando a imagem? Acreditava, aquela convencida, que carregando o Menino, este lhe poderia dar o branco para marido? Sabia ler, era menos pé no chão de que ela, tinha modos [194] de branca, no entanto, que iludida! E de repente compreendeu porque Missunga escrevera aquela carta, que não devia ter escrito. Ah, sabia, “não devia ter escrito”, ele disse. Ela por certo lera as bobagens dele, se enchera, até lhe metia pena. As letras da carta, vento soprando naquele balão. O balão naquele momento profanava a imagem do Menino Deus. Nesse ponto foi muito bom não ter encontrado ninguém que ensinasse a ler. Para quê? Para se encher das bobagens de uma carta, como “aquela balão” e convencer-se à toa como aquela infeliz? Olhou-a, de novo, certa de que perdera o filho por causa dela, e ali estava carregando o filho de Nossa Senhora.

A uns vinte passos a procissão parou. Rafael na curva do caminho, que seguia direto para o presépio, avançou para tomar o Menino nos braços.

Atrás de Alaíde, Guíta tinha os olhos no vestido brilhoso. Sim, seda. Missunga o comprara, com certeza, no Aguiar onde Antônia também comprou. E sua tristeza em que se misturava desespero e vergonha aumentou ao se lembrar de Marta, da flor pisada. Ao seu lado, dando mama ao filho, a Cigana Rica, mascando tabaco e cuspiendo grosso. Um cheiro de doce e mingau sob os cajueiros. Um bêbado tentava caminhar para a capoeira. Alaíde não ficava para a folia e a ladainha ganhava a estrada, e Guíta sentiu desejos de ao mesmo tempo insultá-la e beijá-la, Alaíde era, de qualquer maneira, sua rival, menos infeliz e sem nenhuma culpa. Viu-a bem perto de si,

sentiu-lhe o ar de menosprezo e raiva, apesar de todo o brilho daquela seda, como estava, coitada, mal pintada e empoada, sapato de pano. Nem bonita como antes acreditava.

As lamparinas forradas de papel de cor penduravam-se nos cajueiros. Guíta não sentia a mesma doçura no mingau da tia Esperança. E a mão, de leve, de Missunga, no braço, e a voz, aquela voz que a perseguia, a envolveu e a dominou:

— E então?

— Já viu por onde anda papai e os manos?

Nem perguntou por Alaíde como a si mesma prometera, num desejo de sacrificar-se para sempre contanto que ele amparasse aquela pobre de Paricatuba. Lentas as mingauzeiras enchiam as cuias [195] como numa cerimônia de macumba. Os cajueiros frutificavam aqueles caju de fogo. Dentro da capoeira acendeu um fogo. Rafael corre para saber o que acontece. Doutor Florêncio, o Calafate, alisava, indiferente, a barbicha e coçava os pés cheios de terra e frieiras. As árvores pesavam no céu, cobriam o céu e as estrelas piscavam entre os galhos como vaga-lumes.

Doutor Florêncio, o Calafate, não ouvia ali ao pé da capieira o movimento do arraial. Feito um pajé, escutava as vozes que subiam os troncos, do oco da terra, dos bichos, dos caminhos perdidos, das águas perdidas na selva. Se lembrava do porquinho que, criava, das duas picotas que agasalhava no canto da cozinha e do galo e a sua família de galinhas e frangas miúdas que se empoleiravam nos galhos da mangueira baixa.

Velho Arnaldo, depois da ladainha, foi caxingando, conversar com o seu parente. Com uma caixa de fitas na mão, Carvaló ergueu-se da mesa posta embaixo dum cajueiro e começou apregoando um pó-de-arroz oferecido pela Sra. Ermelinda Soares. Uma mulher gritou, longe, no meio da estrada:

— Olhem estes diabos, aqui. Me acudam!

Guíta reconhecia a voz, a voz de Marta e sua mão tremeu na

mão de Missunga que a levava.

Outros gritos sucederam-se. O soldado de policia, o Levindo, passava correndo.

— Começou a cachorrada, disse Arnaldo que sentiu naquela voz uma semelhança com a voz de Orminda. E completou seu pensamento: todas essas mulheres nessa situação se parecem, seus gritos são iguais.

— Afinal que fim levou Orminda, que nunca mais se soube...

— O mundo é um poço, meu amigo, é um poço. Por causa disso, ando reparando numa coisa. É a filha do compadre Amâncio... Esses brancos são um inferno. Orminda era uma bonita mulher, tu não achava, em, Arnaldo?

Velho Arnaldo confirmou com a cabeça. Via-a na pia, berrando quando o padre lhe metia o sal pela boca. Era a melhor voz do coro, cantava tão bem no Te Deum... O vento sacudia nos cajueiros as lamparinas vermelhas. Os dois velhos caíram em [196] silêncio. Os bacurizeiros subiam, suas raízes não traziam sua força de subir do fundo da terra, mas daqueles velhos, sonolentos e cansados corações.

27

[197] Antes de partir para as fazendas, Coronel Coutinho chamou Lafaiete no gabinete da Intendência.

— Bem, meu campadre, vamos ver o saldo dos festejos. Tenho que prestar contas no Arcebispado o mais cedo possível. você sabe como são os padres por dinheiro.

O tesoureiro dos leilões e das esmolas de Nossa Senhora baixou a cabeça, alisou nervosamente os joelhos e fungou fundo.

— Compadre, o que foi então que você fez com os cobres da santa, compadre. Olhe que não quero ver as despesas, quero apenas o saldo. Me conte afinal o que houve...

Lafaiete quis, de início, reagir e ousou dizer num lamento:

— Hipoteco o que tenho e pago, meu compadre.

Coronel Coutinho pôs-se a examinar o carimbo dos talões, enxotou ruidosamente um cachorro que entrara no gabinete.

Compadre Lafaiete, Capitão Lafaiete, não é nem uma nem duas nem quatro que você mete a mão no pobre dinheiro da santa. Você diz hipotecar. Hipotecar, hipotecar o quê? O cartório que pertence à Justiça?

O tabelião tentou falar, um gesto de indulgência de Coutinho o impediu. Coronel largou o carimbo na mesa e foi à janela como para tomar alento. Os passarinhos nas mangueiras defronte faziam festa. Até metia pena humilhar aquele pobre diabo. Gostava dele. Lhe dava pena. O tabelião fingia ler um papel que tirara do bolso.

— Lembra-se, compadre, do conselho que lhe dei a propósito da filha da Felismina? Isto é ainda conta de Orminda. Não lhe [198] avisei? E depois, compadre, você tem ganho bem na minha mão. Lembra-se das duas escrituras? Lembra-se que em meu nome você comprou as terras da Marcela por cinco contos e fez a boba passar um recibo de como se tivesse recebido quinze? E o despejo do Macário? E a madeira que lhe dei na desmanchação da casa da Almira?

O tabelião não respondeu, reduzido a caco numa cadeira, amarrando um papel na mão. A vila sabia que Nossa Senhora era para ter uma fortuna na paróquia, uma igreja grande, com torre para os sinos, órgão, o tão sonhado órgão para o coro e festas com duas bandas de músicas no arraial. Assim como o dinheiro caía nos cofres de Nossa Senhora, assim desaparecia.

O fazendeiro folheou indiferentemente os talões municipais amontoados na mesa e foi falando:

— Bem que lhe disse para cortar aquilo com Orminda a tempo. Vou lhe mostrar, enfim, que sou mais amigo seu do que da Nossa Senhora, se bem que o que digo seja uma blasfêmia.

O tabelião via o propósito do Coronel de humilhá-lo. Entregou-se àquela depressão a que se habituava nos dias do reumatismo e das

dores renais, e chegou a sorrir.

— Afinal, meu compadre, convenhamos, aqui e que ninguém nos oiça, meu compadre, Você soca a fé dessa boa gente na enteperna de qualquer cabocla. Você está velho. Olhe as contas a Deus, olhe as contas ao nosso compadre Satanás, ó pecador...

Contendo o riso o fazendeiro pôs a mão no ombro do aniquilado tabelião.

— Você sabe, precisamos comprar o órgão e levantar a torre para os sinos. Isso é um problema que devemos resolver e acha que é só o meu dinheiro que deve custear tudo em Ponta de Pedras? Afinal o seu negócio, ano passado, com o dr. Lustosa foi um escândalo. Aquele velhacão tomou as sementes em Cachoeira de uns pobres velhos e você ajudou, papou grande.

Lafaiete deu um tom resignado nas palavras:

— Compadre, não pense que gastei tudo. Não, compadre. Mas antes que lembre o nome de Deus, do Diabo ou do dr. Lustosa, faço lembrar que minha mulher é uma doente, doente e em que [199] estado. Sabe o que é ter uma mulher, como eu tenho, dentro de casa, meu compadre, cega?

Já de volta ao cartório, o tabelião ria de si mesmo ao pensar que Coronel Coutinho prometera completar o dinheiro. E abrindo os braços exclamava:

— Quanta escritura, Nossa Senhora era testemunha, arranji para aquele homem. Quantos leilões comeu e quanto gado da santa. E dizer que a santa deve sacudir a cabeça com a pouca vergonha de seus festeiros. E Orminda, era ou não era filha dele?

Aquele olhar dela não enganava. Aquela velhacaria, aquele cinismo. O tabelião, no mesmo alívio, sentiu uma espécie de vingança. Era, sim, filha. E o pai não tinha coragem de confessá-lo e mal escondia o despeito de não a ter possuído. Coisa estranha, nem ele nem Felismina confessavam. Ele, para esperar uma oportunidade de fazê-la também sua amante, por certo. Gostaria de dizer-lhe isso à

queima roupa. Orminda sabia? Coronel Coutinho dava uma filha para o mundo. E mal podia recalcar o despeito de saber que outros homens eram amantes da filha que também desejava. E a torre para os sinos? Sim, conhecia a torre. Era aquela bela casa de veraneio no Mosqueiro, com moinho de vento e motor elétrico, feita à custa dos devotos. O órgão era aquela D. Ermelinda comendo passas em Paricatuba com uma caboclinha lhe catando o cabelo.

Lafaiete começou a escrever, tinha que aprontar uma nova escritura. Sua mão tremia, a letra oscilava, o coração batendo hesitante, era a velhice. E isso lhe dava sempre o toque do fim próximo, o calafrio do outro mundo e a realidade do Purgatório ou do Inferno assaltava-o de vez em quando como um soco na cabeça. A lembrança de Orminda lhe dava de súbito a realidade, envelhecera a remoer desforras imaginárias. A filha do Coronel Coutinho 3 caindo de feridas e fome à beira do rio, na sarjeta em Belém, a filha do Intendente e deputado, a irmã de Missunga. Que material para uma chantagem em Belém. Por que a velha Felismina não confessaria?

A noite entrou pelo cartório, uma aragem soprou os papéis da secretaria. O tabelião reclamou luz. Guilhermina surgiu no corredor, apalpando as paredes.

— Chega de escrever, Lafaiete. Por que não queres jantar?

O tabelião levou a cega à cadeira de embalo e ficou em silêncio olhando os papéis espalhados na mesa e à espera que a nova empregada, a Coló, trouxesse o candeeiro.

— Tu já ouviste falar, Guilhermina, que a Orminda é filha do Coutinho?

A cega, inerte na cadeira. Passou-se um tempo e a voz de súplica e lástima encheu a sombra:

— Lafaiete, tu bem sabes que não posso ouvir falar no nome dessa rapariga...

Coló trouxe, então, o candeeiro. O tabelião examinou a rapariga como quem avalia uma novilha, guardou a escritura na pasta e fechou

as gavetas a chave.

— Discutimos hoje, novamente, eu e Coutinho. As nossas eternas discussões. Afinal, Guilhermina, Coutinho é um amigo. Me arrependo, muitas vezes, do que lhe digo no calor da discussão. Ele tem suas fraquezas, isto tem, mas que é um amigo, não se discute.

A cega nada respondeu, as mãos imóveis e secas nos braços da cadeira de embalo.

28

[201] Na lancha, com o pai, a caminho das fazendas, Missunga voltava a reavivar as palavras de Guíta.

E sua resposta:

— Não é isto, Guíta. Vou a Cachoeira tratar duns papéis e volto logo. Mas não chores.

— Os olhos são meus, me deixa.

— Vais levar comida pros três lá no mato? Queres eu vou contigo. Posso falar com teu pai...

— Tua voz não me engana, Missunga.

Naqueles olhos, naqueles braços, naqueles seios, em todo aquele corpo que esmagou em suas mãos ávidas, não via senão medo, vergonha, desespero, o mundo no qual não lhe era permitido entrar. Via então o velho pai vergado sobre a filha morta na esteira, o murmúrio das mulheres, o silêncio dos irmãos. Como Alaíde fora tão natural, como foi tão simples tê-la ao seu lado. Mas havia Felicidade e o grito dos homens chamando ou dizendo adeus Alaíde não sai mais do seu coração e assim nem Alaíde era fácil como acreditara.

Naquela manha voltara pela praça onde meninos jogavam futebol e olhou aquele palacete, o único da vila, fechado, onde morou Helena. Ouvira-a ali tocando piano, o velho piano que a mulher de seu Nélsion, já louca, vinha tocar sob o riso das meninas. Ainda estaria ali o piano no palacete fechado? Junto àquele piano conheceu Helena.

Sempre a considerou uma amiga, nada mais do que amiga e Helena, as pestanas longas, tocando vagar somente valsas com lânguida monotonia. Talvez porque [202] inutilmente o amasse foi que aceitou desesperada aquele casamento com o Dr. Milton, um homem esverdinhado e de olhar duro, que num acesso de ciúme em Belém cortou-lhe a face a navalha, furou-lhe os olhos e ao vê-la cega, degolou-se. Os pais de Helena, arruinados, acabaram-se bem cedo. Suas fazendas, no Arari, passaram para as mãos do Primo Guilherme. Helena, cega e o rosto perdido, envelhecia em Belém, na casa de um parente, numa poltrona dia inteiro. Naquelas janelas, — como agora a recorda e a julga, lindíssima, mulher com quem casaria — Helena esperava-o e lhe dava flores, rebuçado, beijos de moça e valsas no piano.

Atravessara a praça, foi abordar o pai. Começou a falar, sem convicção:

— Sabe, papai, cansei-me de procurar uma noiva em nosso meio. Aquilo que eu, o senhor chamamos de nosso meio. Quero agora uma mulher simples ao meu lado.

Procurou fazer silêncio. Via, Helena, cega, os olhos pacientes o retinham outrora, junto ao piano. Causara-lhe aquele casamento, aquela cegueira. Tentou recuperar a pouca firmeza que ainda havia nas primeiras palavras.

— Guíta ate ontem era uma menina. Vem de meu tempo, brincamos junto, era quem mamãe mais gostava em Paricatuba. Lembra-se? Afinal queria uma criatura simples, que não me chateasse, uma companheira...

Já no fim destas palavras sentia-se um pouco comovido. Sim, achava bom dizer: — Esta é a minha companheira.

O pai seguia, sem responder, para o banheiro no trapiche, a toalha no ombro, a saboneteira. Assoou-se, sacudiu a toalha com aquele vagar que Missunga temia porque lhe retirava o resto de

convicção, restabelecendo nele o Coutinho por inteiro. Falou sem fitar o filho com zombeteira indiferença:

— Meu filho, o que estás dizendo não dizes com o teu coração. O coração da gente fala pouco e falaste muito. Estás querendo te iludir, nada mais. Nem precisa olhar para teus olhos, basta ouvir tua voz. Isto, com efeito, herdaste de tua santa mãe, um sentimental. Tua mãe era assim.

[203] O velho acenou para uma embarcação que passava no rio. Linda manha, na verdade. E noutro tom, perguntou:

— E as tuas caçadas? Desistiu? Não vens ao banho, agora?

Entraram no banheiro, Coronel despiu o pijama. “Santa mãe”, pensou Missunga. O pai foi descendo a escada para a água, o sabonete na mão. O filho aproximou-se.

— Sei o que queres dizer, meu filho, o que vais falar. Conheço isto, de longe. No meu tempo de estudante, conheci um colega com quem aconteceu a mesma Coisa. Pior, estava apaixonado. Era mais sério o negócio. Hoje acha uma graça quando recorda a história. A pequena, uma doida, a Diva, filha de um pobre bêbado caiu depois no mundo, no seu elemento. Ele casou-se muito bem.

Desceu e mergulhou, a espuma subiu pelos ombros, cobriu-lhe a cabeça, a voz veio gorgolejando das águas, dentro da espuma.

— Te adiantaste, então?

Missunga quis responder, sua visível confusão animou o pai a fitá-lo e dizer-lhe com bonomia:

— Medo do velho Amâncio? É só por isto?

Mergulhou novamente espalhando espuma, ao voltar à tona, assoando-se, viu que o filho safra, fechando bruscamente a porta do banheiro.

Fora, a manha parada sobre a mata, a lama, os telhados, o rio sem uma embarcação. Missunga voltava pelo trapiche e considerou ridícula, idiota, aquela cena com um homem nu, ensaboadado, única preocupação, naquele instante, de evitar a espuma nos olhos.

O remédio era partir, embora sobre a fuga houvesse o medo — como seu pai sabia! — daqueles machados. Guíta descobriu o todo e o pai dele o desmascarava. Ambos tinham razão, certeza comum que desesperava a moça e tranqüilizava o pai. Os machados abatiam as árvores grandes. Aqueles machados o alcançariam até na Índia, no Egito ou nos mais fundos covões de sua consciência.

Iria às fazendas achar uma solução, Consumir aquela piedade por Guíta misturada ao pensamento de Helena, o desejo de ver Helena, cega, tocando piano na casa fechada. Diziam até que visagens tocavam piano, ninho de gatos, morcegos, casa de cupim. [204] Iria às fazendas. Por que acontecia com ele o que não aconteceu com os outros, jovens fazendeiros, tinham nas fazendas e nos sítios, as caboclas que queriam?

A lancha apitou numa curva, defronte a ilha de aningal e mangue crescia no rio estreito e raso. Perto, amarrada no mangue da margem aquela draga parada com funcionários públicos fumando, bebendo café, afinando violão, deitados em redes no gozo das verbas federais destinadas à dragagem do Arari, caminho de transporte de gado para Belém. Era também um dos projetos de Missunga a dragagem dos campos, para evitar as enchentes, a desobstrução do rio Goiapi, do Tartarugas.

Coronel Coutinho na rede começou a afirmar que as verdadeiras dragas dos rios são os cobras grandes, mães dos mesmos rios. Quando uma cobra morre ou foge ou se muda, o rio seca, o rio desaparece. Muitos caboclos já assistiram à luta de duas mães do rio. A do Arari tinha brigado, perdera as forças para conservar o rio.

O administrador cochilava. O foguista saltou da casa de máquinas com o rosto de cobre, suando. Coronel tentou ainda arrancar o filho do silêncio, falando sobre as matanças de jacarés.

Só o barulho da máquina, o sono podia vir, o sonho nascendo da súbita lembrança de Helena, vinha de longe um som de piano. O sono podia vir, afastar aquela pergunta que insistia: casar com Guíta? Pela

primeira vez, compreendeu que as falsas escrituras lhe pertenciam também, desmanchavam-se no sangue, obstruíam-lhe os caminhos da consciência.

29

[205] Coronel Coutinho mandou abalar a malhada.

Os vaqueiros sacudiram as cordas, lambaram os cavalos, ergueram as rédeas:

— Ei! Ei! Ei! Vara! Ei! boiama!

Reses bravias levantaram as cabeças, farejando o ar espesso de pó. Os touros armavam a fuga, estonteados sob a poeira tresmalhando.

— Faz logo a esteira! Rápido isso!

Os vaqueiros faziam a esteira, cercando gado arisco. Atrás, o coice formado pelos vaqueiros que ficavam na retaguarda vigilante e arriscada onde as reses bravas se amontoavam. Era o gado dos encobertos, .asselvajado, como dizem os vaqueiros. Quando espirravam, vaqueiro desviasse o cavalo do chifre das feras.

Missunga no seu alazão seguia na esteira. Sabia que cavalo manso no coice significava péssimo feitor, pois só os cavalos no fogo da idade podem dominar os garrotes selvagens.

A malhada agora se transforma em vaquejada. E o rebanho em marcha para a ferra, assimilação, a castração dos novilhos, serração dos chifres, contagem. A vaquejada vai a passo, vagarosamente, pelo campo. Ainda longe a porteira do curral grande.

Missunga reconhece o guia na frente, grande vaqueiro, de vara e ferrão, chotando na sua égua alvaça, o Gaçaba. Os vaqueiros continuavam nos “eias”. Missunga na véspera discutira com o pai sobre o trabalho nas fazendas. Aquela malhada, com urros e gritos, poeiras e cavalos, desentorpecia-o, transmitia-lhe certo desejo de

responsabilidade, certo impulso para lutar contra o que [206] pensava ser o seu sangue, a ave de rapina que havia em todos os Coutinhos.

— Meu filho, falava o pai, você não sabe o que é isto. Pensa que fazenda em Marajó é criação de gado na Inglaterra? Vaqueiro nasceu vaqueiro morre vaqueiro.

— Eles deviam ao menos ter uma sociedade como os pescadores.

— Mas que sociedade têm os pescadores, meu filho? O que é que você anda sonhando. Onde se viu sociedade de pescadores... Você quer falar nas colônias de pescadores? Você sabe o que quer dizer uma colônia de pescadores no Arari? Brigas e roubalheiras. Só tem servido pra tirar dinheiro do pescador e mais nada. A história do Milico na presidência da colônia do Arari é uma delícia. Aquele, sim, soube ser protetor dos pescadores. Meteu todo o cobre no bolso e deu uma banana. E você deve saber que índio não tem instinto gregário ainda, vaqueiro é ainda índio, caboclo disfarçado em semicivilizado, analfabeto, manhoso e pronto para cravar a garra.

— Como, papai?

— A falta de instinto gregário é o que domina neste país...

O gado entrava nos currais, a ferra começava com Gaçaba erguendo no ar a marca do ferro em brasa.

Missunga deixou os currais, decidiu correr os campos, as fazendas, dias nas vaqueiradas, outras ferras, outros rodeios, embarques de gado nas caiçaras.

Depois, nas distantes malhadas da Diamantina, foi ver o gado dispersando-se. E pela primeira vez a sua espingarda nova acertava em duas marrecas do campo. Mandou assá-las no espeto, comeu com a mão, que falta fazia Alaíde! Não longe, dentro da noite de Diamantina, ao pé das brasas que assavam a carne e as marrecas, ouviam-se as onças. Pela manhã, ia com os vaqueiros para a caça do búfalo nos campos selvagens e admirava-se não ter medo. Alaíde gostaria de ver como os vaqueiros caçam búfalo nos balcados, lançam

os novilhos que, feridos a vara do ferrão e a tiros, avançam com ferocidade sobre os caçadores. Estes, prevenidos e ágeis, escondem-se com os seus cavalos pelo aturiá, atolam-se nos [207] mondongos entre aningais e esperam. Os búfalos, desorientados, sangrando, correm pelos campos e tombam agonizantes. Não sabem descobrir o inimigo no balcedo, o faro lhes falta, explicam os vaqueiros. Missunga desmonta para ver como os caçadores tiram o couro dos grandes e negros novilhos.

Agora a galope ao lado dos caçadores de búfalos. São homens que aparecem no Arari, nada sabem do mundo, o seu lugar é o mondongo, onde o gado bravo se espalha e urra espantando e ao mesmo tempo excitando as onças e as cobras soltas nos atuarias. Mundo dos búfalos que se tornaram selvagens como os jacarés, as sucurijus, os negros patos reluzentes sobre os lagos.

As malhadas desfaziam-se nos descampados secos. Os vaqueiros gritavam — seus gritos pesavam no ar, cresciam na solidão e no barulho das boiadas. Missunga tinha a impressão de que eram como aqueles gritos, dentro dos poços fundos, que tanto o preocupavam na infância. Guíta gritava para dentro do poço e dizia que era a mãe d'água que falava do fundo. Mariana gritava para os poraquês e o poço se enchia de vozes, as pedras, o barro e as toíças ralas de capim, a água, tinham ressonâncias.

Helena com as mãos nos olhos vazados, o grito sobre o piano, com o grito dos vaqueiros e o urro do gado. E a lembrança de Guíta voltou como um grito subindo do poço sob o açailal.

Os cavalos saltavam. Grandes aves vermelhas passavam no alto, as colheireiras, Missunga pegou da espingarda e atirou. Pelos campos um movimento, um alarido, um estridor excitavam cada vez mais as manadas e os homens.

Mais tarde, os vaqueiros o levaram para ver o chão das malhadas coberto de cascavéis esmagadas pelo rebanho.

Missunga atravessava os campos.

Campos do seu pai; a grande propriedade ao longo da ilha, cercas de arame, currais, lagos, malhadas, Chaves, Anajás, Soure, Cachoeira. Nas palhoças de vaqueiros, perdidas aqui e ali nos descampados, as tristes mulheres espiavam. Meninos nus e ariscos fomeavam no quarto escuro onde o amor, a miséria e a morte se confundiam. Não, pensava Missunga, muitas vezes naquele escuro quarto havia também o Coronel Coutinho, seu pai, para quem [208] o gemido das moças defloradas tem o segredo de conservar-lhe a velhice e o pegadio às fazendas. Alaíde, devia ver os búfalos, o chão de cascavéis.

Os vaqueiros gostavam dele: um branco muito dado. Não se metia a besta, sabia brincar, selar e montar um cavalo, beber com toda gente, e aprendia a atirar nos patos voando, dava gorjetas, pagava festas, comia em cima da porteira a carne frita na própria gordura que as mulheres lhe traziam.

Regressava para ouvir Ramiro, o tocador de chula havia de tornar, com efeito, menos pesada aquela noite.

— Como vai esse campeão dos violinistas do Arari?

Ramiro soltou sua lenta e grossa gargalhada, deitou o violino no braço para executar a música. Tocava de orelha. Gaçaba dizia que ele tinha a mão curada para tirar tudo que queria dos instrumentos.

— Viola com ele diz por que geme ou diz por que não geme.

Gaçaba, velho companheiro de serenatas nas margens do Arari, trouxe a garrafa de cachaça que Missunga mandara buscar. Ficaram no pátio da casa da fazenda, esperando a lua nascer quando então a festa começaria. Ramiro fechava os olhos ao tocar o violino. Depois do violino, solou violão, e inventava chulas, as chulas corriam os campos, batiam bem fundo no coração do povo. Cantou a chula do Raimundo Sérgio que, para chamar a namorada, imitava o mugido da vaca na porteira do curral. Os vaqueiros em torno, fedendo a sela e a cavalo, bebiam atentos e risonhos.

Ramiro não tinha emprego certo nas fazendas. Quando a necessidade era muita, a ponto de não ter mais uma camisa curta, ia ajudar os seleiros. Tido como bom curtidor, armando bem um celim. Sangrava bois velhos pras matalotagens do Coronel Coutinho e gostava de se vingar também dos fazendeiros ruins — boas vacas gordas esfaqueava nos encobertos. Não era ladrão de gado, não tinha sangue para essa aventura, se vingava, dizia ele, do tempo em que era feitor mal pago e das vezes em que sua mulher, ainda viva nesse tempo, tinha que reagir contra o desrespeito dos patrões. Despedido, uma grossa dívida a pagar, deixava na fazenda um rendimento de gado que era uma admiração. A mulher, [209] uma tarde, andando no pirizal foi mordida pela jararaca. Isabel não durou três dias. Depois os dois filhos comidos pelos vermes e pelas febres na beira do Anajás. De volta do enterro do último filho, uma tarde, olhou o que havia dentro de sua mala e os tarecos das barracas. Na parede restava o violão, uma viola sem cordas, o saco do violino, as perneiras de couro cru. Desarmou a rede, largou pros centros, sua família era o mundo.

Missunga atolava-se naquela dança com as caboclas, no chão duro do rancho. A poeira, sob a fumaça das lamparinas, subia daqueles corpos suados e também fumegantes que se empurravam no quebra-peito bárbaro.

De passagem, sem ser visto, pode ouvir um resto de conversa de dois velhos vaqueiros que fumavam, sentados num tamborete na sombra do genipapeiro.

— Manelão saiu da fazenda do Araújo com um gadão. Ora, vendia uma frasqueira de cachaça por um boi. Fazendeiro que não faz isto acaba como o velho Guarin. Perde tudo e vira ladrão porco.

Trepados nos currais, nas porteiras, nos galhos baixos das árvores, os vaqueiros comiam em cuias e pratos de barro as gordas carnes mal assadas. Era assim quando Missunga demorava no Rosano. E os quartos de carne recordavam Felicidade, Alaíde virando o

filé de espeto nas brasas... sabia que o administrador coçava a cabeça e rosnava:

— Esse menino bota um dia a fortuna do pai no meio da rua. Sua passagem aqui no Arari me tira o resto da vida. É ele e a minha asma.

Nas moitas do campo, nas “ilhas”, ao bafo quente dos currais, perto das reses que abanavam os rabos contra os maruins e os carapanãs, os vaqueiros bebiam, comiam e esperavam as mulheres.

A caminho do descampado, para a palhoça onde um menino gemia com o corpo em carne viva de tanta ferida, Missunga acompanhava aquela rapariga, pelo simples desejo de caminhar no campo. A mulher ia calada e molhada de suor a que se misturava um cheiro de talco, sarro e couro cru.

Pulava vaga-lume nas moitas.

[210] Tocou no braço úmido da rapariga, a mão deu com um anel

— Quem te deu este anel, ó... como e bem teu nome?

— Hum...

Um resmungo e a mulher continuou muda com os seus pés de homem, topando a terroada.

— Quem te arrumou, então, aquele filho?

Ela apressou o andar. Missunga cuspiu numa espécie de inércia íntima, sem pensamentos, sem desejos, — uma cara desconhecida e maliciosa com o dedo do silêncio na boca, olhava-o lá do fundo de si mesmo — cansado, por certo. Quis voltar, hesitou um pouco, ao flanquearem uma pequena “ilha”, decidiu-se.

— Te deixo aqui. Vai que mãe de fogo não te perde. E vem buscar a pomada do teu filho. Trata do pobre, mãe desalmada.

Disse com ar de troça. Não pôde esquecer o silêncio dela, parada, cabeça baixa, o riso curto, desapareceu, correndo e saltando as toičas.

30

Missunga largou a espingarda nas mãos do vaqueiro.

— Puxa. Nem capivara há mais nestes campos vasqueiros?

— O senhor que veio da Diamantina deve ter visto por lá fartura...

— Mas o Arari não é o rio do pirarucu, do peixe boi, do tambaqui e das capivaras? E as grandes pescadas?

O vaqueiro sorrindo apontou para o rio. Missunga debruçou-se no parapeito do alpendre. Canoas geleiras passavam, levando peixe fresco para Belém.

— Tarrafeam em tempo da desova. Vão bater tamuatá na ninhada do peixe. Só pode acabar...

Missunga ouvia sempre as mesmas histórias. Marajó devastado, as lagunas secas, os campos vazios de caça, adeus fartura. Para onde foram as marrecas, o pato brabo, passarões da beira do Arari? Só o lago Arari era que se enchia de redes e tarrafas com os pescadores aos gritos, cercando os peixes.

As geleiras desciam o Arari, muito lentas, esperando reboque. Breve, a lancha apitaria. Lembrava-se Missunga que no seu tempo de menino os donos das canoas e os tripulantes eram quase todos pescadores e barqueiros de Portugal. Canoas de convés corrido, vigilengas, não respeitavam o mau tempo na baía de Marajó, tinham de atravessar para chegar cedo a Belém. As geleiras desciam abarrotadas de peixe e os pescadores nas beiradas faziam adeus com os chapéus de carnaúba e com as saias que as mulheres estendiam nas cordas de cipó.

Missunga chegara ao fim da safra. De setembro a janeiro, [212 po|vo de Cachoeira, Anajás, Baixo Arari, Soure, Ponta de Pedras, arma barracas nas margens do Arari e do lago. São as feitorias. Missunga prepara-se para assistir a tarrafeação, a lanceação, o

encontro do peixe no rio. Contam-lhe que os pescadores do lugar não gostam muito daquele povo de arribação.

No toldo das canoas e nos trapiches, os donos dos peixes não eram os que vinham das águas, molhados, rotos e sujos, mordidos de piranha, ferrados de arraia, lanhados pela tarrafa e pelas pedras do fundo, moídos pelas longas horas dentro d'água nas madrugadas e nos meios-dias. Não. Eram aqueles tão poucos, contavam maços de dinheiro, davam ordens, mandavam desembarcar sacos de sal, caixas de sabão, frascas de cachaça, peças de pano, alqueires de farinha, material de pesca. Mandavam desembarcar também um padre para batizar os curumins que nasciam nas palhoças como vermes. Vestiam pijamas, calçavam chinelos, escovavam os dentes na janela do barracão, liam jornais, discutiam política.

Missunga viu que um deles, o Sinhuca Arregalado, lhe acenava com muitos gestos. Um compadre de seu pai, gordo e rumoroso negociante da beira do lago. Tinha um balcão, um borrador e o pulso de todos os pescadores do lago. Durante seis meses no inverno, sem peixe, sem caça, sem roupa, sem boa palha para a cumeeira da barraca, o pescador perdia o fôlego no balcão do Sinhuca Arregalado. Os seis meses duros de pescaria no verão não chegavam para pagar a metade da dívida.

Missunga olhava para as mulheres nas feitorias, faziam fogo, iam estender novamente as saias jogadas ao chão pelo vento e pelos pescadores.

Sinhuca Arregalado sobe o trapiche e o abraça no alpendre.

— Estava lhe chamando para bebermos um vinho juntos. Por que não foi comer um peixe com coco em nossa casa? Fazendeiro grande é assim mesmo, come sardinhas de Portugal em pleno Arari. Você chegou ainda no restinho da safra.

Falou depois de certa campanha nos jornais de Belém contra os fazendeiros e os comerciantes de peixe e louvou a medida do Coronel sobre a beirada.

[213] — Que medida? indagou Missunga.

— Então não sabe? Proibindo que os pescadores armem feitorias na beirada do rio que passa pelas suas fazendas.

— Mas é legal?

— Como? A propriedade é de seu pai... E para lidar com essa gente é necessário isto. Mão de ferro no pessoal. Reservei para você uma daquelas pescadas grandes do bom tempo. E quer ir à festa de Santa Cruz? Lá tem até padre, banda de música, pequenas. Está uma vila. Tem casas de sorte no arraial... Que diabo, trabalhamos pra melhorar a terra. Sempre tenho feito alguma coisa por este lugar. Eu sou o pai de todos... Agora com o inverno na porta, vou sofrer com pescadores batendo no meu balcão pedindo fiado. Por outro lado é o roubo do gado, a ingratidão. Não soltaram o Guarin? Está velho mas ali há um ladrão de raça, meu amigo. Justiça nesta terra é muito mansa. Seu pai não tem conta do que padece. Os patifes matam reses, porcos, flecham tudo, uns índios. Voltam a ser índios, como diz bem seu pai. Mas meu compadre vai bem de saúde?

Missunga não anima a conversa. Sinhuca investe contra os jornalistas.

— Imagine que eu mal desembarco em Belém e logo vem um jornalista, dono de um jornal muito borrado, da mais pura cavação, trazendo a notícia de minha chegada. Tenho que pagar, tenho que dar cinquenta. É aniversário, é tudo, pergunta quando fazem anos os meus filhos... Você conhece, o Marcelino. Retrato de Coronel Coutinho não tem conta na “A Imprensa”. Ora, isto não se ajeita. Neste Brasil tudo vai para o pior. Fique certo de uma coisa, meu caro, só uma ditadura militar é que pode endireitar este país. Só uma ditadura militar.

À noite, Missunga vai ver a salga de peixe nas feitorias. Pensa logo num entreposto moderno, maquinismos importados dos Estados Unidos, ele mesmo iria buscá-los. Uma fábrica de conserva de peixe. Exportar tamuatás em conserva, ovas de pescada, pacus. Gaçaba levou-o para comer um tucunaré assado na feitoria onde Ramiro

cantava chula. Gostou de ouvir o barulho das tarrafas caindo n'água. Comeu pão dormido das geleiras e admirou mais uma vez o rumor das tarrafeações.

[214] Horas depois, Ramiro parou de cantar, toda a beirada acordava. As mulheres começaram a gritar na feitoria, os pescadores paravam o trabalho.

Missunga viu os fachos acesos no meio do rio. Os cachorros ladravam. O filho de Manoel Camaleão havia se atirado n'água para arrancar do fundo a tarrafa atravessada num toco ou nas pedras. Não se lembrou da piranha, do jacaré. Precisava salvar a tarrafa. No sexto mergulho, era uma hora da manhã. Os gritos continuavam.

O cadáver boiou na enchente do rio ao pino do sol.

Missunga mãos na cabeça olha a beirada. Sua mãe não gostava que ele pusesse as mãos assim. Seria mesmo a fatalidade? Aquele rapaz teria de morrer... Inútil lutar contra aquele rio de peixe e lama. A pedra no fundo d'água. A morte estava naquele fundo de lama e pedras onde as tarrafas se deixavam prender. O desconhecido era aquele sexto mergulho à uma hora da manhã. Pensou nas mãos do cego do Arapiná, o escuro nos olhos fechados, o desejo de experimentar a sensação da morte próxima no fundo do rio. Saiu com aqueles soluços da mulher do afogado. A mãe dele chamava-se Pureza, amassava açaí em Cachoeira, morreu em cima do alguidar. O pai, de uma família de pescadores, o velho Manuel Camaleão, não mandava ensinar os filhos a assinar o nome porque pescador que aprende a ler fica panema, sem sorte nenhuma para a pesca. Os dois filhos do afogado tão pequenos, só podiam pilotar o casco, os dois ao mesmo tempo, enquanto o pai na proa jogava a tarrafa.

Os tarrafeadores passam no rio, acompanhando o enterro. O caixão na montaria, e atrás a canoa das mulheres. Na popa dos cascos vão os “cadetes”, os filhos dos pescadores, pilotando. Meninos herniados, nus ou com um calção roto, tingido na casca do mucuri.

Missunga olha o enterro. Ao seu lado, com o violão no saco, Ramiro amassa, em silêncio, o seu carnaúba.

Missunga ouve o pai argumentando contra os pescadores. A beirada pertence às suas fazendas. Mandara vender boi velho aos geleiros, ordenara que os vigias guardassem, de rifle em punho, [215] os lagos e igarapés nas suas terras. Mandaria desarmar ou queimar as barracas sem licença.

— Mas a Marinha...

— A Marinha não foi feita para permitir abusos. E depois o que mais indigna é a pouca vergonha.

— Como?

— Há até o caso do pai amigado com a filha. Não há respeito. Uma prostituição dos diabos.

— Prostituição?

Coronel Coutinho calou-se. Missunga queria lhe falar do afogado, da morte daquela mulher de parto. Um dos vigias surgira nas “Pedras”, a primeira feitoria de pesca ao subir o rio, amedrontando todo mundo, de rifle em punho. Uma mulher de parto morre de susto. Coronel manda chamar o delegado, o administrador, manda destruir feitorias, aquela pescaria tem de acabar.

— O nosso vigia assustou a mulher e matou...

— Meu filho, embarque, embarque para Belém. Siga para a América do Norte, contanto que saia daqui. Não chega o que fez com Paricatuba?

Missunga desceu o alpendre e montou o cavalo.

Não iria comer a pescada com vinho do Sinhuca Arregalado. Queria conversar com o “ladão de raça”, o Guarin, que havia sido pequeno fazendeiro. Cumprira a pena e vivia na beira do lago, preguiçando, sem pescar, vivendo de consertar tarrafas, fazer um relho.

Galopou nos campos. Teria forças para lutar com o pai? Para que inquietar-se, afinal? O cavalo tinha um galope firme. No campo

sob a vaga claridade do dia morto, algumas reses assustaram-se. Seu pai queria o aumento do preço da carne em Belém. Resolvera obter um tenente de polícia para iniciar uma repressão, em regra, contra os ladrões de gado. Velho Guarin se defendesse, fugisse. Os vigias escolhidos por Manuel Raimundo guardavam os lagos, onde o peixe é sagrado. Sim, os vigias guardavam os lagos para Missunga sentir-lhes a poesia ao crepúsculo.

Passavam rio acima as geleiras de vela arriada. Uma lancha apitou. Missunga se lembrou que os caboclos dantes imitavam a [216] fala dos geleiros portugueses, gritando nos toldos, na beira do rio, bebendo nos trapiches, cortando peixe, estendendo redes e tarrafas.

Guarin lhe deu um mocho e espiou o tempo.

Falaram sobre a morte do pescador. Para que chorar, afinal? Deus quis. Sim, que deixou mulher, grávida por sinal, dois meninos... Na verdade, Aristides era alegre, cantador, sempre lhe trazia um peixe, farinha, sal e pão da geleira. Em Santa Cruz fez, o ano passado, o papel de vaqueiro real do boi bumbá.

— Mas lembro deste verso que ele cantava bem mesmo:

*Este boi é da branca
Este boi é da mulata
Tem paciência, cafuza,
O que Deus promete
não falta...*

Guarin cantou bem baixo, desentoadado e sorriu. Gostaria que Missunga lhe desse um cigarro, algum milho pro tabaco. E como Missunga lhe falasse em caçadas, na falta de capivara, dos patos brabos, velho Guarin contou de seu tempo de pequeno fazendeiro. Quanta marreca em Santo Agostinho. As marrecas iam tomar banho no lago quente ao meio-dia. Ficavam depenadas, cada pena pra voar? Amontoavam-se à beira do lago sob o solzão. Então os vaqueiros

apareciam e abatiam o bando a pauladas. As vezes rodeavam o lago, enxotavam as marrecas pelo campo até o curral onde eram metidas nos paneiros... E o velho deixou escapar um gemido:

— Hoje...

Missunga ia montar, Guarin terminou:

— Hoje é aquele turco logrando vaqueiro por estes campos. Ele vem aqui pra casa. Me pediu agasalho enquanto estivesse por aqui.

Missunga foi ao encontro do sírio que cruzava os campos queimados com seus dois bois cargueiros e um caboclo atras.

— Mas tu, Tenório, como vieste parar aqui, rapaz?

Examinou a carga que os bois traziam, peças de morim, alfacinha, chita, retalhos de seda, miudezas, brilhantina e talco [217] Pais|sandu, um garrafão de cachaça. Trata-se de um regatão dos campos, disse Missunga, que se pôs também a examinar o sírio. Era chupado e triste, acorundado, a voz servil. Negociava de fazenda a fazenda, a troco de uma vaca velha, um boi quebrado nas ferras, carne salgada, capivara, peixe e ouro velho.

Missunga acompanhou-o até a barraca de Guarin e mandou Tenório fazer um café.

— Você, Guarin, não tem mulher. Não tem quem faça um triste café nesta barraca, O sírio tem café. E açúcar?

O sírio ofereceu-se para comprar açúcar no Sinhuca Arregalado, um pouco longe, não importava. Tinha diante de si o filho do dono de tudo aquilo, o filho do Coronel Coutinho. Tenório se dispôs a rachar um pau de lenha para o fogo. Vendo-o, Missunga pensou violentamente em Orminda. Onde estaria? Ouvira vagamente que andava pelo Arari.

— Então, Tenório, sarou?

— Isto nunca que sara.

Missunga quis saber da história do Elias, se obtivera licença para negociar nas fazendas, como descobriu Tenório. Guarin falou que o sírio se queixava muito da ma sorte.

— As lábias dele. O sírio faz negócio e bem.

Amolador em Belém, vendedor de cachorro quente, cafeteiro no Ver-o-Peso, comprador de lenha em Barcarena. Chegando ao Pará pensava voltar muito cedo à Síria na primeira classe de um daqueles transatlânticos que vira no porto do Recife. Ouviu falar em diamante de Marabá, pérolas do Tocantins, ouro em Oiapoque.

Volta do Oiapoque com beribéri. Em Marabá, sem diamante, naufraga nas cachoeiras e em Tocantins perde todas as mercadorias numa alagação. Estava seco, aflito, caminhando pelo subúrbio de Belém a gritar com a sua fala de sírio:

— Compra ouro quebrado!

Preso uma noite como receptador de furto, erguia os braços a Deus, implorando um bom negócio. Não teria cobiça. E esqueceria os diamantes, os filões, as pérolas. Seu sonho agora era um pequeno hotel em Belém.

[218] Ao sair da prisão, sentiu que Deus lhe indicava o caminho. Contavam-lhe que em Marajó os vaqueiros eram doidos por miçangas, sedas que reluziam, talco, extrato, fitas para os chapéus de carnaúba. Velhas mulheres fazendeiras guardavam trancelins, anéis, voltas de ouro, brincos e muito cobre havia. Deus de misericórdia, o caminho para o hotel.

Até com ladrões de gado fazia negócio. Vaqueiro queria vestir bonito, dar cartão postal, pulseira, miçanga, cetineta pros xodós? Arriscasse o laço no meio da malhada, à noite, apanhasse boi manso e velho, enterrasse o couro para esconder a marca dos patrões, vendesse a carne salgada ao Elias. Tenório, seu empregado, carregava os troços, tratava dos bois, salgava a carne e a enfardava no traseiro dos animais. Ajudava algumas vezes a enterrar o couro das reses furtadas. Cozinhava, e nas horas menos amargas, ia contratar alguma mulher para o patrão. Tenório queria juntar dinheiro para comprar um Santo Ivo. Havia de fazer uma tiração de esmolos e dar uma grande festa de Santo Ivo. Uma vaga esperança, quase certo de juntar dinheiro para

comprar um Santo Ivo, nem furtando.

Veio o café, a conversa tomou rumo ao falarem numa mulher sacudida, olhos de limo, que sorria para Elias. Por que, indagara o sírio a si mesmo, uma mulher tão bonita com aquele talho no rosto? No braço uma ferida cicatrizando. Ela contemplava os troços montados no boi, perguntou se havia seda estampada. Comprazia-se em repuxar a saia, correndo os dedos pelo cós como se fosse desatá-la e oferecer-se em troca da seda que Elias infelizmente não tinha. O talho no rosto não fora profundo, atingira de leve a face, mais visível, mais empolado no pescoço. Queriam degolá-la com certeza. Um pescoço firme, por isto resistira. Aquela cicatriz para sempre no rosto lhe imprimia uma graça mais preciosa, um ar de perigosa beleza.

Viera no rebojo da pororoca que rebenta no Moirim e sobe o Arari até as feitorias de pesca. Um abaeteuara a trouxera em sua canoa entre potes de mel, farinha, cachaça, bilhas de barro e molhos de tabaco. Desembarcou com um pote de mel, um paneiro de farinha, uma garrafa de cachaça e indagou pela [219] D. Leonardina. O abaeteuara lhe deu também uma bilha com a palavra Saudade gravada em verde entre folhas vermelhas.

Elias ficou pensando nos diamantes de Marabá, nas pérolas do Tocantins, no ouro do Oiapoque, enterrados naquele corpo, o corpo de Orminda. Esqueceria para sempre as cachoeiras, a alagação, o beribéri, a cadeia, se Orminda o quisesse por um dia só. Ele tinha uma colcha de florões e duas peças de renda fina. Tinha uma caixa de meias, um vidro de água de colônia e muitos cartões postais. Não trazia seda estampada mas cetim encarnado tão reluzindo, uma maravilha no corpo de Orminda. Tinha uma volta...

Missunga voltou, galopando largo. — Guíta teria o mesmo destino? Não recusou a pescada e o vinho do Sinhuca Arregalado.

Ao chegar à barraca da Madrinha Leonardina, Ormindá quis lavar o corpo com cachaça para tirar a morrinha e a catinga do abaeteuara. Depois foi que leu para Leonardina a carta de Abaeté. A pajé ouviu atenta, cachimbo pendente da boca. Ormindá leu a assinatura — Joana das Mercês — devagarinho e olhou fixamente a feiticeira.

Primeiro sentiu receio mas a velha a recebera tão bem, logo teve vontade de lhe dizer: Tome conta de minha vida, me bote nas feitiçarias, me faça feiticeira também. Queria saber por que os peixes flecham os pescadores, por que ficava tão liso o corpo de seu irmão Marcelino e por que deu para ladrão.

Leonardina olhava-a sorrindo e perguntou que talho era aquele no rosto e no braço.

— Madrinha, feliz não sou no mundo. Nem parece que fui batizada na pia. Parece que ainda sou pagoa. Minha mãe não me deu mais a bênção. Tenho a marca daquele homem na minha cara. Perdi um irmão que só hoje sei a estimação que tinha por ele. Não soube?

— Ouvi falar, sim. Tu é aquela menina do caso de Paricatuba?

— Tá falando com ela mesma, madrinha. E lhe peço um agasalho conforme fala a Joana das Mercês na carta. Ofende?

Ormindá passou a mão no rosto, o olhar risonho:

— Madrinha Leonardina, um fazendeiro cheião pra mim... Ofende?

A feiticeira deu uma risada. Citou o nome do filho do Coronel Coutinho. Ormindá fez muxoxo. Lembrou-se de Alaíde, ah! [221] se pudesse trazê-la pros campos... Jogou os cabelos para trás. A pajé se aproximou dela, lhe pegou o queixo, de leve, observou o golpe no rosto. O olhar de Ormindá ficou parado, o limo de bubuia naquela água funda e parada. Madrinha Leonardina desceu as mãos pelo braço, pelos quartos, examinou-lhe o cordão do pescoço, parecia de ouro e voltou a sorrir, misteriosamente. Achava que aquele golpe a tornava mais provocante. Um corpo, uns olhos, uns modos de fêmea

nascida para virar o mundo.

— Vem cá, mea filha, entra pro quarto.

O cheiro das raízes, da defumação, a obscuridade, tudo deu a Ormindá a sensação da feitiçaria. Veio-lhe a visão de João e Maria, de que falava Antônia com suas histórias no Campinho nas noites sem lua. A velha feiticeira engordava as crianças num caixote para comê-las depois.

— Te despe um instante, mea filha. Como está a Joana das Mercês, como tu conheceu ela?

Leonardina abriu o baú, apanhou o rabo de ararauara e espanou o corpo de Ormindá. Acendeu o taquari, soprou a fumaça nos claros seios da mulher, aos poucos envolveu-a toda no fumo. Ormindá tossiu, balançou a cabeça, meio sufocada, sacudiu os cabelos, os braços cruzaram-se sobre o ventre na sombra, os seios boiavam, oleosos e puros. Compreendeu que aquilo devia ser assim mesmo, o caruana lhe fechava o corpo contra a desgraça. O fumo a sufocava. A pajé abanou-a com o rabo de ararauara.

— Mea filha, nunca fiz isto com ninguém, tu me alembrou... Teu irmão era flechado? Ficava liso como peixe? Seu corpo podia ficar também com ataque. Mas, benza Deus, onde tu foi buscar um corpo assim, mea filha. Foi feito na forma do violão...

Ormindá riu alto e respondeu como num lamento: — Caçoando, já, do meu corpo...

Seus olhos se tornaram mais graúdos.

— Te veste, mea filha. Então tu pede um fazendeiro, não? Tens um jeito de bem sem cabeça. Mea filha tu não veio pro mundo pra ser de um só homem. Não vejo sossego no teu corpo. E é uma pena, te juro. Tu gostou de alguma pessoa, já?

— Não existe mais. Pessoa que não esqueço. Ofende?

[222] Ormindá respondeu mansa num ar de vago desalento e principiou a vestir-se. Os olhos ardiam, a velha sacudiu a cabeça, o cachimbo fumaçava.

— Pois bem, te atira, te assanha por estes campos, mea filha.

E apagou o taquari.

— Então não posso ser feliz, nem um dia, Madrinha Leonardina? Ofende?

Orminda perguntava com voz resignada, quase distraída, e engoliu a pergunta que ia fazer a respeito de Missunga.

— Isso não sei adivinhar, mea filha. É pras ciganas que lêem a mão. Agora que tu vai fazer danação por estas beiradas é o que eu sei.

Orminda fez uma careta e a velha gracejou: Ramiro havia de cantar uma chula nos ranchos e no toldo das geleiras, falando de uma mulher .de Marajoçu, mundiadeira de homens, contando mortes na sua história, com marca de faca no rosto. Orminda tapou o riso com a mão e foi abrir o baú. Tirou o vestido encarnado, indagou a si mesma: a velha teria ferro de engomar? Oferece um peixe de chocolate à feiticeira e se pôs a falar de tanto mel, cachaça, farinha e pobres pedindo esmola no porto de Abaeté. Contou da viagem, a vela rasgara na travessia, o medo, depois, da pororoca no Moirim.

Sentia-se bem agasalhada na barraca de Leonardina, a flor dos pajés dos campos e dos lagos do Arari. Queria ser sua afilhada de verdade, haviam por isso de passar fogueira no S. João. Teria uma madrinha poderosa para lhe afugentar a má sorte e ensinar-lhe a andar entre homens tão traiçoeiros e ruins. Soubera da fama de Leonardina em Abaeté numa conversa com Joana das Mercas quando ajudava uma porção de moças a ralar coco para os doces de um casamento. Melhor do que ela só mesmo o Mestre Jesuíno do Murucá, lhe dissera Joana e isto já sabia há muito tempo, tanto que seu desejo era levar Marcelino ao famoso curandeiro.

Joana das Mercas lhe contou: Leonardina benzia o gado do Coronel Coutinho, defumava as marcas da propriedade, os malhos da castração, cordas, selas, relhos, porteiras e pedia à “ave” que aumentasse os rebanhos, a saúde, a riqueza do Coronel, não [223] deixasse as mulheres agarrar o branco com puçanga. Coronel não

escondia o seu temor diante da fama de sua amiga, lhe trazia presentes da cidade, carne de gado, rede de varanda rendada, cachimbo novo, palha para a barraca.

Noutra noite, Orminda via a feiticeira na sua função. Tremia o maracá espanado com rabo de ararauara. Nua, com a cinta no corpo ligeiro e batido, fumava o taquari sagrado e lançava o rolo de fumaça sobre os assistentes. Vinha a cachaça para acordar a vidência e Orminda pensou em Manuel Rodrigues, o sono da primeira embriaguez, o encontro com Lafaiete na escada do trapiche, a desapareição de Santo Ivo, os ataques de Marcelino, a reza de sua mãe quando caía a trovada. Por onde andava Benedito? Teria feito aquilo por que gostava dela?

O maracá chocalhava estranho como cobra cascavel. A meia-noite desceu, se derramou, com a ronda dos bacuraus sobre o sono dos campos. Madrinha Leonardina dançava e cantava, evocando caruana, a alma do fundo d’água que esconde no lago os bois encantados e as vacas rainhas do pastoreio:

Pretinho bunitinho
Dinlindandan
anda na beira da praia
Dinlandandan
O meu arco é bunitinho
Dinlindandan
Minha flecha é bunitinha
Dinlandandan

Orminda enxugou o suor do rosto, dinlindandan, ardiam-lhe os olhos com o fumo, um cheiro de raízes queimadas e cachaça dominou a penumbra. Alguém lhe estendeu uma cuia com bebida que ela apenas provou. Curvada, olhou de soslaio a feiticeira que ofegava numa espécie de delírio, os olhos cerrados, a boca retorcida, como uma

parturiente no transe. A ave, a pessoa, atuada pelo caruana, cantou numa voz fanhosa. Orminda, com arrepios, olhou em torno os rostos dos assistentes mergulhados na sombra densa de fumo.

Caripirá mureureua
 atin-nan
 qui nu má andú vuando
 atin-nanan
 meio morto meio vivo
 atin-nan
 minha arma por ti penando
 atin-nan

A pajé enrolou-se toda no fumação que traz a misteriosa força do fundo. Era o mundo do caruana onde estariam os vaqueiros e pescadores afogados, apanhados pelas sucurs e jacarés, as meninas desaparecidas, as mulheres que pariram filhos de bichos, a explicação da feitiçaria. O mundo das tribos mortas onde, nas agaças, os velhos pajés se encantaram.

A noite desdobra o silêncio em que a voz de Leonardina caminhou para os longes, uma voz de criança e de louca.

Quiriru berrou no campo
 cum fama de boi voqueiro
 traz o arco traz a frecha
 prá matá o fiticera.

No rio, os pescadores gritaram longe, era a maré, os peixes subiam. Madrinha Leonardina ia acabar o serviço:

Vamo acabá passarinho do dia
 Vamo acabá passarinho do dia
 evem evem
 o claro do dia
 evem evem
 o claro do dia

Orminda foi ver o céu e cantarolou: evem, evem o claro do dia. E lhe nasceu, de repente, com um travor no coração, a saudade do coro da Igreja, as noites do dia da festa em que sua voz descia sobre os fiéis e vestia de adoração a Padroeira.

Acendeu o fogão, dinlindandan, trouxe num bule sem tampa [225] o café aos presentes. Só havia três xícaras, de beijo roído, na bandeja, no que eram devolvidas, Orminda ia enchendo sem lavá-las.

Atrás da barraca assavam peixe, alguém ria. Um galo cantou clara madrugada sobre o rio. Orminda foi ver quem fazia fogo perto daquele rolo de cipós que Madrinha Leonardina mandara tirar na véspera. A lenha crepitava, eram vaqueiros e uma cabocla de cabelos assanhados, sem dentes, virava o peixe nas brasas.

— Veio no cheiro do peixe? — perguntou um dos vaqueiros.

— Foi, respondeu ela procurando acocorar-se em torno do fogão.

— Então vai comer com a gente. Que tal o serviço da Madrinha?

Como Orminda não respondesse tentando melhor acomodar-se diante do fogo, o vaqueiro pôs-se a contar algumas proezas da feiticeira. Via ali, ao pé do fogo, uma mulher desconhecida, o rosto na madrugada parecia orvalhado, era alta, tinha um perfume igual ao daqueles que vira, verão passado, em Belém, entrando numa casa onde bandos de homens permaneciam em torno de roletas grandes e redondas mesas de baralho. Reparou também que a cabocla desdentada olhava-a demoradamente.

— Quem primeiro conheceu Madrinha Leonardina foi o boto.

— Conheceu?

À pergunta de Orminda, a cabocla soltou uma curta risada, cuspiu e meteu a saia cor de terra entre as coxas. Os vaqueiros riram.

— Sim, conheceu, quem primeiro fez vivença com ela foi o boto.

— Deixem de graça. Assem esse peixe logo. Ofende? — retrucou Orminda fazendo-se íntima e isto animou os homens.

O vaqueiro prosseguiu: Leonardina amarrou o casco na aninga perto do Moirim e esperou pororoca estourar nas pedras. Em vez de pororoca veio o boto que soprava para a lua minguante. Madrinha Leonardina fez vivença com o bicho debaixo das pedras onde nasce a pororoca. Daí o poder que ela tem.

— Ela foi esposarana do bicho um verão inteiro, confirmou a cabocla rindo, a virar o peixe nas brasas e continuou:

[226] Madrinha Leonardina, mulher de acabar festa nas fazendas, usava faca americana, dava em homem, O corpo era cheio de tanta curva quanta curva tem o rio Arari. Um dos vaqueiros acrescentou que aqueles campos conheceram a marca, a forma do corpo de Leonardina, ela não escolhia lugar para servir amor ao homem.

— Aquela beirada... — A cabocla advertiu:

— Olha, fala... Brinca e vê...

Orminda ergueu-se para apanhar a cuia de farinha. Os vaqueiros olhavam-na ao primeiro clarão mais vivo do amanhecer. Uns olhos serenados caindo nos homens. De onde viera? Seu vestido encarnado tornava-a pálida e os cabelos soltos ondulavam ao vento leve. Talvez viesse para se tratar com a curandeira, sabe lá de que, geralmente essas mulheres são cheirosas e vistosas na aparência. Orminda lhes parecia forte, disposta, andava firme. A cabocla via naquela fêmea alguma coisa de ruim e de belo que temia e invejava.

Ela voltou e ofereceu farinha. Avisou que trouxera mel ainda da viagem e se queriam. Quis saber mais histórias de Leonardina e um

vaqueiro de voz grossa e lenta lhe contou o caso de Ramiro, tocador de viola, violino e violão. Ramiro era também homem de esperar o salto da onça com o terçado na mão. Nos fuzuês do rancho botava o violino de lado, passava a rasteira nos rivais que se acabavam no chão duro e ficava com a mulher que queria. Se ela se recusava a sair com ele, não duvidasse, ele a levava a força até que a “vaca braba amansasse”. Findavam a noite trepados na porteira dos currais, comendo pirarucu com leite, esperando que o sol se levantasse do fundo dos campos. Um dia reinou que havia de acabar com a fama de Madrinha Leonardina.

— Dou-lhe só no pé do ouvido na sessão. Tiro o encanto duma vez...

Na sessão, Leonardina, que soubera das intenções do vaqueiro, foi dançando para a ilharga dele, com a faixa atravessada no corpo, o maracá, o taquari fumaçando. Ramiro, meio bêbado, se ergueu e atirou o braço... A velha, ágil, desviou a bofetada, tocou o corpo do vaqueiro com o maracá e soprou-lhe a fumaça bem no rosto. Ramiro só deu foi grito, grito feio, o pessoal acudiu. Tombou mole aquele como peixe moído.

[227] — Me emendei de uma vez pra sempre, e só fiquei bom mesmo depois que ela me fumentou, me tratou.

Orminda fitou Ramiro que sorriu e se curvou a fim de abrir a barriga do peixe para ela. O clarão das brasas lhe mostrava a cara de um verdadeiro caboclo já maduro, queimada e larga, o bigode ralo.

— Você agora deve ter o corpo fechado pela Madrinha, não?

Ela se voltou, com o olhar surpreendido em que Ramiro via os perigos do mundo de onde ela viera: dois vultos aproximaram-se do fogo e dos vaqueiros que saudavam o sol comendo aracu assado com cachaça. Era Elias, e Orminda ergueu-se rapidamente para abraçar Tenório, tentando evitar que as suas mãos sujas de peixe tocassem na rota e fedorenta blusa do conterrâneo.

— Mas meu mano. Por aqui... Me conta... E que andam fazendo

a estas horas? Vieram de algum “quarto”?

Tenório deu um “bom dia a todos”. Tinham acordado naquela hora, viram a luz, ouviram partir lenha, calcularam que fosse a sessão. Elias queria falar com Madrinha Leonardina. Soubera que ela fez matar todo o gado do Major Milico no atoleiro porque Major havia prometido amarrá-la nos chifres dum garrote brabo. Elias, efetivamente, não podia fazer negócio naqueles campos sem a proteção da feiticeira.

Os vaqueiros e as duas mulheres ofereceram o peixe e permaneceram em silêncio, comendo. Tenório esperou que Orminda bebesse a cachaça, Ramiro lhe dava numa cuja. Ela hesitou um pouco, devolveu a bebida sem prová-la.

— Orminda, quero uma particular contigo, disse então Tenório com voz rouca.

Ramiro, tirando as espinhas da banda do peixe, mostrou-se impaciente. Afastada de todos, ouvindo o particular que Tenório lhe cochichava, Orminda permaneceu silenciosa, a cabeça inclinada, e os vaqueiros consideraram sua beleza. Elias esperava.

Ela voltou para o grupo e examinou, da cabeça aos pés, o sírio que se aproximara: era seco, bigodudo, sujo. E a sua risada caiu sobre Elias e se espalhou alegremente pela manhã. Riu, riu, esquecia as mãos sujas repuxando a blusa de Tenório que a [227] olha|va espantado. Os vaqueiros tentavam compreender. A rapariga sem dentes jogava a mão cheia de farinha direto na boca, com os olhos postos nos dentes de Orminda.

— Tenório, não invejo a sua sorte, meu mano...

A manhã trazia os pescadores para o rio. Orminda mais pálida sem nenhuma pintura com os olhos fundos cheios de fadiga e zombaria ao mesmo tempo.

— Como é, Tenório? Uma colcha com florão? Ofende? Elias, então, meio assustado chamou Tenório e os dois saíram em silêncio. Ao vê-los já distantes, tão infelizes naquele amanhecer, Orminda se

tomou de repentina compaixão, nascia de sua vaidade mesma, quis chamá-los para lhes dizer qualquer coisa, recusar sem ofenda-los. Perguntar a Tenório que fim levava a Alaíde, se Benedito... Um grito do rio e outros subiram:

— Ó da saia encarnada, tu não voa? Tu não é guará?

Orminda tentava imitar a arte perfeita daquela rapariga em jogar a mão cheia de farinha dentro da boca.

Ramiro disse que ia selar um cavalo e levantou-se. Tocou o braço de Orminda, viu-lhe a marca do rosto: a senhora morre de tanto rir, num súbito atrevimento cochichou:

— Quero falar consigo, daqui com pouco.

E logo ao defrontar Leonardina que surgia com o fumo de seu cachimbo, falou alto:

— A dona aí está se rindo mas é de sono, não, Madrinha?

32

Deteve o galope, a boiada cruzava o rio. Reluziam ao sol as cordas ensebadas e retesas, as reses ofegantes, as selas, os rostos escuros. Montarias e varas, os bois guias à frente e o grito dos vaqueiros: Vêra! Vêra! enchiam o rio barrento.

Regressara do Mutum onde passara a noite dançando e bebendo. Ramiro, depois de marcar uma quadrilha que foi um sucesso, saiu com seu par, a Orminda, na garupa de um cavalo cardão já pela madrugada. Missunga voltara só, sem soluções para Guíta, esfalfado.

Transpôs os currais, apeou e entrou. Na varanda em passos miúdos, as mãos atrás, o queixo espichado, com o seu dólmã cáqui aberto ao peito, sob o receio de próximo acesso de asma, Manuel Raimundo não escondia sua cólera. Os Passarões, donos do Mutum, vizinhos de cerca, andavam brigando com o Coronel por via de uma matança de porcos ordenado por Manuel Raimundo. Coronel há tempos os furtara numa ruidosa demarcação de terras. No Arari se

sabia que o orgulho dos Passarões era não deixar que Coronel Ihes tomasse o Mutum.

O administrador fingiu ignorar que Missunga havia dançado no Mutum. Sabia exhibir seus truques e suas manhas, numa irritação constante com que impunha a “sua responsabilidade” como administrador. Isso representava toda a sua vida, o fim de sua carreira de seringueiro do Acre, fugindo do seringal para escapar à escravidão das dívidas, guarda-costa dos Seriemas no Anajás, soldado de polícia, feitor, compadre do Coronel, e, por fim, administrador do maior fazendeiro do Arari. Saber administrar [230] cinqüenta ou oitenta fazendas não era para quem soubesse apenas ler e escrever, ou entender de gado. Analfabeto, mandando que os filhos lessem as notas de conta, uma ou outra página da Bíblia, Manuel Raimundo agia com o desembaraço e a firmeza de quem sabe o que quer. Administrando as fazendas, considerava-se um pouco dono delas também e assim como pôde obter a confiança cega do patrão, saberia confundir Missunga, mostrar que a disciplina de uma propriedade deve ser uma questão do administrador e não do filho do proprietário. Vaidoso do cargo e da confiança do Coronel, sabia que sem ele as fazendas não prosperariam como prosperavam. Muitas vezes, quando mandava ferrar ou assinalar e embarcar dez ou vinte reses por sua conta, para pagar os dentes de ouro dos filhos ou aumentar o *seu* rebanho, dizia a si mesmo: — Ninguém é necessário neste mundo mas imagine, seu Manuel, se tu desaparecesses, quantas cabeças de gado sumiriam, que seria do pai e do filho?

— Sabiam, continuava ele dum lado a outro na varanda, que estava proibido passar para as terras dos Passarões. Pouco importava que a festa fosse de empregados. E você, seu Elizário...

Missunga olhou para os dois vaqueiros encostados à parede onde pendia um Sagrado Coração de Jesus. O administrador sentou-se na rede com falta de ar.

— Vou dar ordens pra meu filho fazer as suas contas. Não

guardou obediência, rua. E você, seu Almerindo, me pedir para viver com a senhora D. Rita, respeitoso pedido... Não sabia que ir à festa no Mutum era desrespeitar minhas ordens, fazer pouco do patrão, ofender os Coutinhos?

Os Coutinhos? Missunga sorriu e acendeu o cigarro. Os Coutinhos. Guilherme Coutinho furtando o surdo-mudo. Antônio Coutinho, ladrão de porcos no Camará, jogando no meio da baía o inventário da sobrinha. Coronel Coutinho, assassino, ladrão de gado, nu e ensaboado no banheiro mandando prostituir a filha do Amâncio. Os Coutinhos! Missunga se pôs a fumar, subitamente divertido com tudo que o administrador falava. Talvez daí tirasse, concluiu sorrindo, qualquer solução para Guíta e para as suas confusas indagações.

[231] — Está proibido amigamento nas fazendas. Seu Almerindo não tem um real de saldo. Deve os olhos da cara. Devia trabalhar um ano de graça para saldar a conta. E o compadre me prometeu acabar com festas também. Festa só faz é cansar cavalo. E depois a proeza de seu Ramiro com uma tal de Ormindá, uma rapariga que até morte já provocou. Não se podia deixar entrar qualquer rapariga nas fazendas. E até seu Pedro, pai de sete moças, metido no Mutum. Esse, afinal, ainda se agüenta...

O administrador deitou-se na rede e deu um curto embalo. Missunga pensou: se perguntar que conheço Ormindá, direi... M se limitou a dizer:

— Agüenta o seu Pedro porque tem sete filhas moças, não Manuel Raimundo?

O administrador não respondeu, aquietou-se na rede. Sete moças que podiam ser suas irmãs, seria a resposta, disse o velho, mentalmente, certo de que daqui a pouco tombaria com nova crise de asma.

Missunga viu os vaqueiros descerem a escada, despedidos. Manuel Raimundo se embalava. Lá fora, o grito dos que passavam o gado no rio.

— Não sabe do velho, em, Manuel Raimundo?

— Saiu cedo para o Menino Deus.

Outro cigarro e as coalhadas de D. Rosália surgiram na mesa da varanda, no Menino Deus. Uma grande rede da cor das coalhadas para a sesta do pai. A roliça D. Rosália não tivera um filho com Coronel. Criava afilhados e fazia coalhadas. E todos os anos, em Menino Deus, dava uma festa por devoção a S. Francisco das Chagas.

— Manuel Raimundo, você bem sabe que estive no Mutum, que dancei lá... Dancei com Ormindia também, Ramiro é um grande marcador de quadrilha. E também conheci uma garota sua... Como vê...

O administrador, deitado na rede, respondeu com o olhar no teto:

— Meu filho; você é muito moço para compreender o que é uma responsabilidade. Aqui deve haver ordem, senão eles [2232] mon|tam em nosso cangote. Seu pai sabe. São meus zelos de compadre e amigo também. Você amanhã vai saber. Se você me desmoralizar uma ordem, a disciplina está perdida. Você foi ao Mutum porque não sabia. Não lhe avisaram. Senão não ia. Ainda não mediu o que é uma responsabilidade.

Manuel Raimundo desenvolveu a sua lógica de administrador, repetindo: — Responsabilidade, zelo! Responsabilidades, zelos... E afundou-se na rede, sem ar. Tentou erguer-se. Chamou pela filha que apareceu de boca aberta, cheia de dentes de ouro.

— Papai não fale tanto. Se aquiete um pouco.

Missunga examinou os remédios contra a asma, o maço de receitas que estava no oratório. Numa redoma de vidro cheia d'água a pequena imagem.

— Nossa Senhora dos Navegantes, lhe explicou a filha do administrador.

— Já gosta de santo, Manuel Raimundo. Você não era crente? Manuel Raimundo ergueu-se, suas mãos tremiam, e caiu ansioso na

rede.

— Não se pode contrariar uma coisa que vem do princípio do mundo, meu filho. Aonde anda o Antônio pra vir me dar a injeção? A injeção é o que me alivia. Não sei o que faço com esta doença. Comprei os remédios mais caros. Veja como estou com a carne dura de injeções, dura, inchada. E, meu filho, não se meta com os vaqueiros. Sabe a responsabilidade. Não se meta. Vem do princípio do mundo. A humanidade é ruim, meu filho. Isto tem na Escritura. Não há salvação para tanta gente.

— Manuel Raimundo, você não desculpa o erro alheio?

— Mas uma coisa é desculpar o erro alheio e outra é administrar. Você se admira porque tenho santo no oratório. Não é por medo. Foi porque senti que é preciso ter. A fé é do princípio do mundo. E da Escritura.

Missunga voltou a sorrir e ao ouvir a palavra Escritura, se lembrou de Lafaiete.

Acudiu o velho na crise, chamou o filho que deu a injeção, a filha dos dentes de ouro trouxe um leque e abanava o pai, com a mesma boca aberta, as argolas de ouro pesando nas orelhas.

A imagem na redoma d'água tinha os olhos abertos de um peixe.

[223] Voltou para a fazenda.

Junto ao alpendre o cata-vento gemia, escorrendo sol nas folhas da bananeira. Os vaqueiros conduziam o gado, na outra margem, pros campos largos. Depois as folhas da bananeira murcharam. Os currais pareciam negros. O Arari era o rio que atraçoara Aristides. O cata-vento gemia no silêncio do sinuoso e escuro rio da morte de Mariana.

Seco e parado, o Arari fedia a lama e a peixe podre, fumegante no mormaço. A queixa, longe, de um boi mugindo. Uma ave, perto, num vôo tonto, parece atraída pelo cata-vento que deixara de gemer. A noite era Nossa Senhora dos Navegantes afogada e os seios de Mariana boiando na água podre.

Missunga viu dois vultos na beira do rio. Foi a pé saber quem eram. Reconheceu Almerindo e uma mulher. Voltou ao alpendre e ficou cochilando na cadeira de pele de jacaré. Tinha a impressão de que no sono o jacaré o devorava.

Almerindo olhou os campos largos por onde o gado sumiu. Duas estrelas bem em cima de sua cabeça. Passou a mão pelos cabelos e perguntou à mulher:

— Mas ele também fez contigo?

Ela não respondeu.

— Fala, anda, Rita, fez? Contigo mesmo, Rita? Foi? Teu tio soube?

— Como não haveria de saber...

— Teu tio? Ele te mandou, te fez ir? Mentira... Foi ele?

— Me fez, sim. Me apontou a porta do xadrez, disse coisa, tive de ir...

— Mas depois do que aconteceu entre nós, Rita? Te levou e tu foste, Rita? Mas quando mulher não quer, nem amarrada. Não chora, não chora, é asneira... Mas tu não te lembra da Lúcia que o Júlio Ferreira matou na beirada? O cadáver dela era de uma mulher que não se deu. Morreu fechada. Ele não abusou, se abusou foi em cima de um cadáver. Podias ver a posição dela quando foi achada morta. Era uma mulher fechada, morreu mas o companheiro dela pode hoje se orgulhar de ter tido uma mulher como poucas... Não chora...

[234] Passou de novo a mão pelos cabelos, atrapalhado. Por cima as duas estrelas eram a limpidez mesma da noite.

— Estou despedido. Tu não pode viver comigo. Asneira. Asneira. Tudo uma asneira. Eu não estava exigindo tua morte.

Calaram-se. Almerindo via o cadáver de Rita ensangüentado, retorcido, inchado, inviolável, na atitude de defesa, as coxas juntas, as mãos crispadas, a garganta roxa, os sinais negros da longa e desesperada luta no corpo inteiro, como vira em Lúcia. Pensou no velho Manuel Raimundo sob o ataque de asma e Rita com ele na rede,

no tio que a vendeu. Rita agora podia partir de uma vez, podia desaparecer. Estava perdida como o emprego, só lhe restava era o ódio ao tio dela, ao administrador. Rita lhe pertencera — era ainda uma moça — desde aquela noite nos tabocais. Noite em que esqueceu os duros trabalhos, os poldros que amansava, os igapós que rompia a cavalo com um dente de jacaré como amuleto na bainha da calça ou no pescoço do animal. Nessa noite foi preciso pôr a sela na montaria para não estragá-la — era do patrão — como as travessias a nado de cavalo pelos campos inundados. Chegara cansado e faminto, mal provou um rabo de peixe assado e logo foi esperar a Rita nos tabocais. Perto, apanhado por uma cobra, o sapo pedia socorro.

Agora era Manuel Raimundo, era o tio que a jogava nos braços de quem pagasse melhor. Lúcia não se deu a Júlio Ferreira, um homem que não gostava. Lutou, lutou, podia se dar a dez vaqueiros da redondeza mas a Júlio Ferreira, não. E Lúcia caiu no terreiro, esfaqueada, estrangulada, as coxas cruzadas fundidas em ferro, morta como uma santa.

— Vai-te, Rita. Vai-te embora. Asneira. Ninguém pode. Eu me sumo. Não quero estar pra um dia reinar contigo e te dar uma facada dormindo só em pensar que te deste. Afinal tu também foste uma ordinária.

Um desespero contra Rita, ódio e pena de a deixar, suas lágrimas a tornavam tão inocente e culpada ao mesmo tempo. Lúcia, sim. As coxas de Lúcia, cruzadas, rígidas, de ferro e as coxas de Rita como lama na qual se mete o pé até o fundo. Lama. Ele pariria procura do novo emprego. Rita podia ficar como lama que se abre a todo pé.

[235] Poucas luzes na beirada. Ramiro cantava na popa da montagem encalhada e Ormindia ao seu lado, lhe pedia pra cantar a chula do rei que não gostava que o pescador dissesse “se Deus quiser”. Ele cantou depois a chula do preto Epaminondas.

Almerindo deu as costas para Rita e disse com voz abafada:

— Te some da minha vista, ordinária. Que a asma do velho te

persiga. O gogo do velho é o teu remorso, assim espero.

Quis dizer: — Também da filha de um ladrão não se espera outra coisa. Saiu correndo com pena de dizer-lo e com o medo de que ela o chamasse para mentir-lhe que nada daquilo havia acontecido.

Rita chorava manso, sem revolta, sem consolo. Se não tivesse confessado, teria Almerindo junto dela, mesmo despedido. Não quis mentir. Ele não sabia o que foi aquela noite, sempre teria de cuspir ao pensar no gogo do velho que lhe impregnara a garganta, a língua, o peito. Sempre terá medo de acordar sem ar, ansiada. Almerindo queria que ela tivesse a força, a dureza de Lúcia. Ele nem sabia que lutara, seu tio lhe armara uma cilada. Negou o corpo, se fechou, alegou que estava doente, chorou. Pensou mesmo confessar que estava grávida, o que era certo. Almerindo nem sabia, só o saberá muito mais tarde e dirá que o filho não é dele. Podia mostrar a marca do esforço que fez, contar que gritou surdamente, mordeu os beiços, podia dominar o velho que ofegava. Através da parede do quarto, ouviu o tio expectorar, atento ao que ocorria. Amoleceu, o calor sufocava, estava escuro, era medo, caiu-lhe a raiva do coração, das mãos e dos dentes que mordiam, com um soluço e o pensamento em Almerindo. Faltara-lhe a raiva de Lúcia, a força dos dentes e das mãos de Lúcia que lanharam e tiraram sangue de Júlio Ferreira. Sentiu-se toda naquele catarro, pensou em sua mãe, e todo o seu corpo se imobilizou como uma tábua sob aquela velhice convulsa, enquanto lá fora o tio expectorava. Almerindo não sabia, não deu tempo para ela contar, ao menos contar que estava grávida. Foi melhor, ele mio acreditaria, “o velho é o pai” diria com certeza. Nem toda mulher tem a garra de Lúcia. O que protegeu Lúcia foi a força da morte, lhe fechou o corpo a sete chaves, cruzou-lhe as coxas, lhe deu pureza e venceu Júlio Ferreira que de raiva a estrangulou.

[236] Sentada na beira do rio, ouvindo a voz de Ramiro, Rita pensava em sua mãe morta há seis meses e nos irmãos espalhados pelo mundo. O pai penou na cadeia como ladrão de gado, voltou com

beribéri, morreu depois, de uma ferida, cheio de bicho. Podia mostrar a Almerindo a marca do esforço que fez. Não foi ela que se deu, foi medo, seu corpo uma tábua, uma pedra. Ao ouvir, de novo, a voz de Almerindo aquela pedra tornava a dar sangue, a ser mulher, a ter coração. Não havia mais remédio para a sua vida. A filha de um ladrão de gado tinha a sorte marcada. O tio mandava nela. Não podia escapar. Almerindo iria atrás de outra que fosse como Lúcia. Ela concordaria com o tio em dizer que o filho era mesmo do velho.

— Ah, mea vida, mea vida, disse suspirando, com as mãos na terra, o cabelo caindo pelos olhos. E mais uma vez a lembrança daquela tarde, há tanto tempo, lhe pesou no coração, a tarde em que seu pai, despedido da fazenda, saíra de S. Marçal com a família. Tinha quatro filhos. Sua conta no rancho passava de dois alqueires de farinha, três barras de sabão, dois quartilhos de querosene, dois metros de morim e tudo isso aumentaria com quatro filhos que comiam e vestiam como pessoas grandes. O patrão, por isso, mandava-o embora da fazenda. Vaqueiro não podia aumentar a família, desfalcava o rancho.

Na hora da partida, o pai — lembra-se bem, era uma menina de barriga inchada — parou na escada da casa grande, cabeça baixa, cara encardida, os pés rachados, um talho de estrepada na perna. Quatro filhos! A voz de Manuel Raimundo ainda rolava dentro de seu ouvido como água: “Vaqueiro não pode ter familhão”. Subia-lhe confusamente um desejo de se livrar da metade dos meninos. Quatro filhos sem falar em dois que estão no céu. Parafuso queria sacudir do ouvido as palavras do administrador. Quantos anos vaqueirando. Chovesse ou fizesse sol, era ali, queimando chifre de gado para defumar os currais, procura vaca parida pelos campos, quando não amansa poldro, rodeava, ia correr pelo mato e igapó atrás do gado arisco, desatolar bezerro nos lagos podres. Chifradas, postemas, febres, moição do corpo, tudo isso se curava na natureza ou com a fomentação da Madrinha Leonardina. O Parafuso andava todo podre

por dentro, sentia a espinhela caída sem poder mandar benzer lá nas Cuieiras onde tinham uma benzedeira de espinhela de mão cheia. Sua mulher não passava de uma vara, de tão magra. Os filhos, aqueles moleques cheios de perebas, aquela Ritinha magra, inchada, os pés pretos de lama, já trabalhando, pescando, mariscando, correndo atrás dos bezerros. E por desgraça a mulher lhe tinha dito que desconfiava de outro...

— Outro o que, então, Jovenila?

De que valia o conselho de uma senhora de Santa Cruz: não comesse ova de peixe para não ter muito filho?

Rita via o pai andando devagar em direção do rancho, como cavalo cansado. Mais tarde a caminhada.

Ouvira ainda a mãe dizer a Parafuso:

— Que tu disseste?

— Te arruma é que é.

A mãe hesitante, olhando para o companheiro, sem mostra nenhuma de espanto ou tristeza no rosto velho, ossudo, sujo. Parafuso deu um passo.

— Mas Antônio, tu...

— Jovenila, não conversa. Vamo embora.

— Mas pra onde, com toda essa gente, pra onde, então?

Ritinha via a raiva vermelhando nos olhos do pai. Para onde iam? Que lonjura era essa que amedrontava a mãe? Ouvira falar na casa do tio Crispim, tão longe. Teriam de atravessar campo mais campo, tio Crispim gostava de espancar menina.

— Vamos, Jovenila, Ritinha...

Com a trouxa na costa e os filhos na frente, saíram da fazenda. Ritinha nem tomou a bênção dos mais velhos, olhou a leitoa que criava, coçou-lhe a barriga, deixou-a dormindo, pensava que fosse sua, tão gordinha estava. Ela e seu mano mais velho correram pelo campo como bezerros que acabassem de mamar. A mulher escanchou o guri nailharga. Parafuso olhou em torno, os currais, a casa grande.

Ah, possível, foi a sua exclamação surda e contemplou por algum tempo a velha casa do rancho. Para que Deus lhe dera tanto inocente? Ao passar por um lote de reses perto do último curral, a mãe alisou os cabelos. Deteve-se. Viu [238] algu|mas reses conhecidas, o boi Querubim, velho boi marrequeiro. Era boi de canga no inverno, puxava os “jacarés”, cascos e montarias carregados de frechais, farinha, carne e couro de búfalos rebocados pelos bois que rompiam o aguaçal. Boi Querubim aparecia também nos fins de tarde na fazenda carregado de marrecas. Via as vacas a que dera nome: Saudade, Estrela da Meia Noite, Borboleta, Ananaí. Ritinha gritava:

— Olhe, papai, a Ananaí. A Saudade. Me monte no Querubim, ande.

— Cala a boca e vamos, diabo.

Não queria olhar aqueles campos em que perdera a mocidade, tivera camaradas. As vacas ergueram a cabeça e o contemplaram. Eram como mulheres amadas. E a raiva o levava para adiante. Não contra Manuel Raimundo, contra o patrão, a lei, contra os filhos, a mulher. Raiva apenas. No seu tempo de rapaz levava a vida como queria. Vivia aqui e ali remanseando numa malhada, trepado na caieira, ajudando a embarcar gado, carregando andor de santo em Cachoeira. Na vez que conheceu Coronel Coutinho, esticava uma corda no alpendre da casa do Menino Jesus.

— Quem tu és?

— Sou o Antônio. De apelido Parafuso.

— Ah, és o tal de Parafuso. E malandro. Não serve pras minhas fazendas. Não cria amor ao gado, à fazenda. Aposto que es um folião, em?

Parafuso riu e sentiu de perto o quanto era poderoso aquele branco. Se tivesse quem lhe valesse, não perderia tempo para passar ali mesmo, como nas velhas brigas de corpo com os vaqueiros, uma das suas rasteiras naquele patrão, só para ficar com nome pelos campos. Curtiria xadrez, apanharia mas teria gosto de ouvir sempre

da boca dos desconhecidos: — Õ aquele, foi você que uma vez derrubou o Coronel Coutinho com uma rasteira no alpendre do Menino Jesus? Curtia sua cachaça sem barulho, meio embalando o corpo, soltando uma ou outra palavra à toa, então falando no que mais sabia dizer: suas proezas de vaqueiragem. Que era nascido para vaqueiro, isso era. Trabalhava quando lhe dava na cabeça. Viera do Anajás, das fazendas lá de cima. Diz que [239] fulgiu por ter feito mal a uma pequena. A pequena ensinada para levantar o aleive. Sumiu-se. Virou pescador de lago, ajudava tirar ovo de camaleão sem ter medo de cascavel dormindo na toca do camaleão.

Molequinho ainda, Parafuso se atrevera com o pai, quis vara-lo com um terçado. Uma notícia que correu o Anajás todo. O pai também Lhe dava de corda de quatro voltas. Não escolhia lugar do corpo do filho para sentar o relho. Um dia, Parafuso se queimou. Mais do que a cordoada na costa e na cara, ardeu nele uma raiva. Apanhara demais e desde criança de peito era assim, apanhando, apanhando, não tinha mãe, já se via. Seu pai bebia como um sem alma. E ensinou o filho a beber:

— Toma, aprende. Desde moleque a gente aprende a ser macho. Bebe, corninho, anda!

O pai escapou de uma terçadada do filho. Dai em diante as pancadas cessaram. Parafuso crescia bebendo os seus goles com o pai, morrendo no trabalho e na cachaça. Já taludo, encilhava cavalo, sentava sela, ensebava corda, encurtava rédea, botava as marcas no fogo em tempo de ferra, se atirava pros campos e lagoas, farras, embarques e pescarias. Com os outros ia atrás das éguas cansadas, das vacas velhas tão mansas naqueles encobertos. E gritavam:

— Esta é por tenção da Maria de Lourdes.

— Lá vai o Manduca atrás da negra Laura.

Se atirava na rede, sonhava com a vaca lhe metendo o chifre no peito e jacaré lhe devorando a perna, lento, como onça devora rabo de jacaré. Nas beiradas, toldos dos barcos, banco de montaria, fundo dos

cascos, em cima de cavalo ou de pernas abertas no chão, Parafuso bebia e malandrava. Entrava fundo no mata-bicho. Meter a cara no serviço, isto não, via muito bem como os outros caíam arrebetados e podres. A vida macia e solta com as velhas éguas, as mansas bezerras e o chamego de uma ou outra rapariga de acaso era do que Parafuso apreciava, sobretudo quando tempo de peixe, quando apareciam os estudantes, acadêmicos e ginasianos, filhos de fazendeiros. Vinham amar a poesia dos campos. Um boêmio falava nisso num soneto dedicado ao Coronel Coutinho, [240] e o próprio Coronel recitava para os rapazes o verso de Castro Alves:

“O Campo, amigo, é o ninho do poeta”.

Parafuso se aproximava dos estudantes, ganhava camisas velhas, lenços de seda, gravatas, um palinha, um pente quebrado, um cinturão. Generosas lembranças dos meninos fazendeiros.

No lago Arari, acima do Igarapé Fundo encontra a filha do pescador Zacarias, a Jovenila, mal nascendo os peitos, baixa, troncuda, as pernas musculosas, olhos achinesados, um cacho de murta no cabelo. Enfeitava a salinha da barraca com flor-trombeta. Tinha uma voz pausada de quem está sempre consolando. Uma voz terna, diziam os vaqueiros que a conheciam. Sempre risonha, uma risada úmida e macia, seus dentes satisfeitos.

Se falaram, criaram amizade um pelo outro, olhando os tarrafeadores que chegavam do lago. O vento levantava as palhas da barraca. As águas do lago, águas dum mar na ventania da tarde. Isso se deu em agosto, quando os tamuatás apareciam, os foliões de Cachoeira se preparavam para a tiração de esmolos, os vaqueiros iam para as contra-ferras e as açuceneiras davam flor. Como Jovenila era doida por uma açucena e por uma fita amarela na cabeça!

Quando a filha do velho Zacarias lhe passou a mão pelo cabelo duro, cabelo de espeta, ele disse adeus à vida macia. A voz dela era vagarosa, seu riso tão fácil, os dentes brilhavam, úmidos e claros, como a maresia do lago nas águas do inverno. Longas noites no jirau

da barraquinha, olhavam o lago se mexendo e gemendo na escuridão. Os pescadores gritavam e cantavam, os vaqueiros se recolhiam aos ranchos, os cavalos se abanavam contra as morossocas. As lamparinas piscavam nas palhoças. O lago era um poço de onde a noite saía. Depois, uma noite, no toldo duma geleira um pinho gemeu, uma voz cantou, um bando de marrecas passou rapidamente. E o Coronel Brandízio, suplente de juiz, fez o casamento, num sábado, com as primeiras chuvas, com o velho Zacarias que não mais se sentia de tão bêbado. Ia ser homem daí em diante. E acabou com quatro filhos e Jovenila, uma vara de magra, jogados no meio do campo sem ter para onde ir.

[241] Rita, já em pleno campo, sentiu que podia ser novamente ameaçada como fora dias antes. O canoeiro viu a menina:

— Vocês me dão que eu levo ela pra Belém. Conheço quem precisa de uma menina assim.

Pai e mãe se entreolharam.

— Que tu diz, Jovenila.

A menina olhou de lado, esfregando as mãos, se encolheu na saia da mãe. Esta, com a cabeça baixa, sem responder, cuspiando a masca do tabaco. Limpou a boca com a ponta da saia e olhou a menina.

Lembrara-se do parto. A criança se mexia na esteira, a mãe notara-lhe o choro estranho, e viu que a menina se esvaía em sangue. A parteira não apertara bem o nó do umbigo da Ritinha. Quanto sangue perdeu!

Jovenila esfregou o pé numa toíça de capim e de cabeça baixa:

— Está aí a menina. Por mim...

Então Parafuso disse ao abaeteuara:

— Pode levar, o nome dela é Rita.

Rita olhou o pai, a mãe, o beijo tremeu, começou a chorar. Passou a mão no rosto sujo e se agarrou na saia da mãe.

— Não quero ir. Mamãe me pegue. Não! Não!

— Vai, diabo. Que então tu fica fazendo aqui?

Ritinha ergue os olhos suplicantes, uns olhos miúdos e molhados.

— Em, papai? Eu vou? Não? Não?

Parafuso, cara fechada, cheia de manchas, os beiços roxos. A mãe, de cabeça baixa.

— Então a menina vai, ou não vai?

A menina correu e agarrou as pernas do pai, gritando, com os olhos pulados. Aquele homem era capaz de levá-la, botá-la debaixo do toldo como uma manta de capivara. A mãe entre duas cusparadas, pegou o braço, sacudiu-a:

— Quieta, diabo. Te aquieta, demoninho.

— E asneira, seu Teodoro, ela não quer — Parafuso disse, afinal, sem olhar o canoeiro.

A mãe ergueu a cabeça. Ritinha caída no chão, com os olhos parados. O canoeiro deu de ombros.

[242] Jovenila se lembrou daquela menina levada aos gritos numa canoa para Belém. A menina esperneava, rouca de gritar. Pôs a mão no ombro da filha:

— Traz aquele balde, anda, vamos. E grita, então! Quem te bateu já?

Despedido da fazenda, Parafuso se arrependia de não ter dado a filha. Ritinha sentia medo. Possível naquela situação que outro homem viesse buscá-la.

A família caminhava. As poucas árvores se enchiam de cinza, amarelavam no campo ardido. O fogo lavrara aqui e ali. A terra negra e queimada, fumegando. Caminhavam meio sufocados, com as labaredas, o mormaço, o vento levantava a cinza negra e envolvia-os. A criancinha aos berros, tinha desmancho, se vazando toda.

Para onde foi o gado? Para que queimavam as pastagens?

As labaredas corriam pelo descampado como grandes lagartos devorando o mato ralo, a pastagem seca. Todos sentiam os pés em

brasa. Não haviam trazido um fiapo de carne e os filhos queriam janta. Ficara a carne do rancho, a carne assada na brasa. Parafuso sentia um gosto de capim queimado, de terra queimada, o gosto da raiva. A mulher limpava o doentinho com a ponta da saia ou com a mão.

Sentaram no chão morno debaixo de uma copuda murcha. Parafuso se estirou na terra e pensou: ah, boi Querubim, te quero bem mas nesta hora, tu entrava... Era sempre uma janta.

A criancinha pendurava-se no seio de Jovenila. Cada leite? A criança pulava, berrava e chupava com desespero os peitos vazios. Ritinha com o medo de ser levada pelo canoeiro, começou a chorar.

— Até tu também? Olha, ela também quer o peito, a jitinha... te cala já!

Seria levada para longe, metida no toldo da canoa como um filho de capivara. Parafuso pensava. Perdera a raiva. Chegariam de madrugada na casa do irmão. Crispim os receberia resmungando, danado, “não podia com o peso

Ritinha via a noite descer, o medo aumentar, longe mugia o gado, o campo sob o fogo crepitava. Parafuso, então, levantou-se, saltou para a noite sob o espanto da mulher e dos meninos. [243] Ritinha correu para ver o que era. O pai desaparecera. O curumim dormia no peito de Jovenila. O sopro do mormaço queimava o rosto da mulher. Ritinha espiava a noite. Longe o fogo se alteando nos campos. Ritinha esperava.

Não esquece nunca mais a volta do pai, com o terçado, a calça manchada de sangue, um pedaço gordo de carne na mão. O olhar da mãe brilhou na sombra, os meninos se aproximaram, Ritinha parecia atordoada, passando o braço nos olhos e vendo o pai limpando o sangue das mãos no tronco da árvore.

— Mas com o couro, Antonio?

Jovenila nada mais perguntou, arriou o filho no chão, pegou a carne e olhou o fogo do campo.

Depois foi o tio lhe dizendo sempre:

— Teu pai é o culpado do que aconteceu a vocês. Um ladrão de gado. Um ladrão. Vocês não podem prestar.

Rita foi caminhando pela beirada. Ramiro deixou de cantar. O tio a esperava. Sou a filha dum ladrão de gado, por isso Almerindo não me quis mais. Uma lancha apitou. Rumor de velas baixando, chegava um barco. Ah, se ela fosse se embora...

Ramiro contou mas foi muita história para Orminda. Orminda queria mais. Por fim, Ramiro contou uma do Coronel Coutinho:

Coronel dera por falta da Miranda, uma vaca manina, novilhona bonita, mãe da malhada. Vinha sempre à frente do gado do Menino Jesus. Os vaqueiros diziam que a estimação do Coronel pela novilha era como por uma mulher. Chama o feitor.

— Que contas me dá da Miranda, seu José?

— Cismo do Gervásio, Coronel. Gervásio foi despedido do Alegre por desconfiarem dele.

Levaram-no para o Coronel, com o rosto fundo, cabeludo, o peito aberto, suado e cansado do serviço — uma peiação de mamotes no curral.

A carne da Miranda que a mulher do Honório, grávida, desejara provar, enchia duas tinas na barraca de dois pescadores companheiros de Gervásio. Gorda que metia usura.

Ramiro falou mais baixo, embora estivessem sós na beirada.

— Coronel leva Gervásio para uma ilha de mato no campo [244] e com a marca em fogo, gritou: — Todo mundo vai saber que foste ferrado com a minha marca, seu ladrão... Miranda está vingada. Castigo de ladrão é ferro em brasa.

Foi na mocidade do Coronel. Quando eu soube, quis fazer uma chula. Castigo de ladrão é ferro em brasa, mas meu sentimento não deu. Conheci Gervásio, já velho, eu gostava do Gervásio. Coitado, não tinha jeito de ladrão, ficou foi com pena da mulher do Honório que desejara. O desgosto arrastou com ele pros confins da Monguba.

Engraçado, o filho da mulher nasceu e aleijou depois com mordida de surucucu. Pra você ver a pessimidade desses brancos. Ferro em brasa no lombo. Enquanto fazia isso, mandava assinalar gado alheio, tomava conta das fazendas nacionais, botava criadores pequenos na miséria. Os filhos dos fazendeiros se fazem doutores à custa de gado alheio. Da noite para o dia os pequenos fazendeiros, como o Guarin, perdiam todo o seu gadinho. Ferro em brasa é só para pobre como nós.

— Tu agüentava ferro no lombo, Ramiro?

— Nem quero pensar nisso, mulher.

Orminda riu-se. Lembrou-se de Marcelino, ladrão de cinco mil réis, de dúzias de ovos para vender a troco de espelinhos e pão torrado no Ver-o-Peso. Os dois subiram a beirada, Orminda, então, pediu a Ramiro:

— Me faz então uma chula assim: quem merece o castigo de ferro em brasa? E o meu pedido. Ofende?

Dias depois, os vaqueiros da beirada, os pescadores no toldo das geleiras, as lavadeiras, conheciam a chula nova de Ramiro. Por isso Manuel Raimundo o expulsou das fazendas. A notícia correu. As festas iam perder o sal, aquela animação que só Ramiro sabia dar. Manuel Raimundo por medo, dizia Gaçaba, não queria Ramiro nas fazendas do Coronel Coutinho. Medo da língua e da música de Ramiro, seus instrumentos lhe davam aquela liberdade, aquela cadência, aquela franqueza que os brancos temiam. As chulas de Ramiro falavam dos vaqueiros, visagens, assombrações, podres dos brancos, davam vida. Nas fazendas dos Coutinhos, as festas ficariam mortas, adeus chulas e toadas do mestre Ramiro, adeus, festas no Rosário, gargalhadas na beira do rio, cachaça e [245] peixe assado na proa das geleiras, porres de madrugada, quadrilha marcada a rigor. Adeus Orminda, na certa irá com ele, ei mulherão de cabelo na costa, na garupa do cavalo cardão. Gaçaba via nos olhos de Ramiro o juramento de que havia de fazer uma chula contra Manuel Raimundo.

Os vaqueiros se despediam dele silenciosamente. As pequenas diziam na beirada:

— Ora, fique, seu Ramiro. Aquilo é mais bobagem do seu Mané Raimundo. Fique pra esperar o Divino.

— Só se ele ficar debaixo da saia de vocês, suas éguas, murmurou Gaçaba, irritado. E aconselhou Ramiro a ficar pelas fazendas vizinhas, pela beirada do Capitão Guilherme. Levaria Orminda? Então Ramiro esperou mais uns dias em Santa Cruz, no lago, e olhando tantas e tantas vezes para Orminda, desfiando aqueles cabelos, dormindo naquele colo, curando o baque da perna naquelas mãos, principiou a chula contra Manuel Raimundo.

Uma noite, Missunga ouviu Orminda cantando a chula entre as mulheres da beira do lago que salgavam tamuatás.

33

[246] Ramiro e Gaçaba foram para o embarque de gado do Capitão Guilherme, primo do Coronel e tio de Missunga, que passava o verão na casa grande dos anjos à margem do Arari, perto do lago. Currais em torno da casa, Cavalaria escolhida. Tijucal onde os porcos e os urubus se confundiam. Varas compridas para o coradouro das roupas. E o pequeno pátio, onde Capitão Guilherme cachimbava sossegadamente, olhando o rio que se enfia pelo silêncio das noites, ou, quando muito cedo acordava, para ver o sol nascendo.

Ramiro contava à Orminda:

— Capitão Guilherme chegou a ser turuna na política, no roubo de gado e de terras. Sempre questionando com os fazendeiros vizinhos, sobretudo com o primo. Seu maior desejo: o Arari inteiro na sua mão, Coutinho não consentia. Coronel Coutinho não escondia em Belém, Cachoeira ou Ponta de Pedras que o seu primo comia a fortuna do surdo-mudo, era dissimulado como uma arraia, não queria matalotagem nas terras nem nos embarques de gado. Na sua lancha e

barcos os tripulantes comiam peixe podre ou ardido. Só peixe seco o rancho nas fazendas. Num tempo de crise de farinha, Primo Guilherme fornece aos vaqueiros farelo de arroz. Perguntaram-lhe então:

— Mas, Capitão, como os vaqueiros podiam comer farelo de arroz em vez de farinha?

Capitão Guilherme esfregou as mãos e ajeitou o punho da camisa:

— Ora, podia ser... Tudo pode acontecer no mundo, [247] acres|centava, tudo começa com uma experiência. Capitão Guilherme criava porcos de meia com os vaqueiros. Numa fazenda dele lá pros centros, levou seus empregados para os duros trabalhos mastigando em seco, o dia inteiro. Pela boca da noite, voltaram, esfalfados e famintos. Na escada da casa grande, Capitão Guilherme desabotoando a camiseta, voltou-se para os seus empregados:

— Agora pessoal, vamos ver se a gente faz uma pescariazinha no lago pra arrumar a janta...

Tinha mais de quinze mil reses, mil e cem contos no banco e uma crescente renda de prédios em Belém. Gostava da camisa curta, calça de mescla azul e um rebenque. Em Ponta de Pedras passava semanas, gostava do ar da vila. Sua família morava em Belém com freqüentes estações no Rio e em Minas. Quis uma vez ir a Europa, na hora do embarque, pensou seriamente que seria obrigado a comprar roupa contra o frio e vendeu a passagem. Se procurador era um sobrinho que fazia discurso nos clubes dos br cos, calvo, baixo, vestindo-se sempre de branco, impaciente por não ter logo fixado residência em São Paulo, “aquilo sim, era o Brasil”, pregava a colonização alemã. Capitão Guilherme cultivava uma babosa admiração pelo sobrinho. Podia ver os seus vaqueiros sem sela, comendo vinagreira com farinha podre, inchados de opilação, malária e cachaça, que não lhe tocava os nervos, isso dizia Coronel em Belém, aos amigos. Mas falassem mal do sobrinho, como era costume

de Missunga e seu pai. Tinha orgulho daquele sobrinho, calvo e tão elegantemente aborrecido e daquela filha que se educara na Inglaterra e guiava um automóvel de ouro em Belém.

Montarias se amontoavam na beirada. Os moleques se dependuravam nas porteiras, nos cavalos cansados, nos genipapeiros. As baetas vermelhavam ao sol, as cordas giravam no ar, as marcas esbraseavam na fogueira, o gado mugia e bufava aos montes nos currais poeirando. A vaqueirada entrava no serviço, com quatro dedos de cachaça para espertar. Sustento essa gente com cachaça. É a inteligência deles, O povo quer beber enquanto trabalha — dizia Capitão Guilherme.

Gaçaba combinava com os vaqueiros: o coirão velho nos [248] pa|ga. Quebra, sem pena. Uma rês quebrada é rês sangrada, é mata-lotagem forçada, e Gaçaba ria. Capitão Guilherme assanhava os cabelos. Os urros dos animais com a marca do ferro em brasa pareciam aumentar-lhe o desespero.

— Eita, novilha de minha devoção! gritava Gaçaba.

Explodiam as risadas. Crescia o cheiro do couro queimado, o calor apertava, a poeira e o estrume do gado escureciam o ar quente. Os vaqueiros abriam a boca, arquejantes, farejando cachaça e carne. Gaçaba de mão virada lançava uma novilha. Seus companheiros rodearam a rês. Gaçaba desceu do cavalo e foi peiar [sic] a bruta. Atira-lhe o relho nos traseiros, a rês espinoteia e cai com os vaqueiros em cima.

— Quebrou! Quebrou!

Capitão Guilherme, gorducho e vermelho, largou todas as suas obscenidades contra os vaqueiros. Mais uma novilha quebrada!

— Suspendo o serviço. Meto eles todos no xadrez.

Carnes sangrentas chiavam no braseiro, os homens comiam filé com pirão de leite. As velhas limpavam o bucho com gosto, babando o cachimbo, cuspidando pro lado. E os guris apedrejavam os urubus e jogavam bola com as bexigas.

O fazendeiro deu ordem para recolher a carne das reses quebradas. Os vaqueiros, as mulheres; os meninos, os convidados para o adjutório, trataram, então, de esconder carne e miúdos. O feitor fazia vista grossa. Em torno da carne cerrou-se uma rápida e vigilante solidariedade.

Passavam reses pelo rio. Bufando, na água barrenta, os animais nadavam pesadamente, sem atropelo, na pressa de ganhar a beirada.

Missunga, ali também presente, viu Ramiro meter a marca na fogueira e erguer a cabeça, como um touro, para a outra margem onde algumas mulheres acenavam pedindo embarcação. Num instante Ramiro correu para o portinho, tomou um casco e trouxe Orminda, descalça, vestido de florão, um cacho de jasmim nos cabelos soltos. Os vaqueiros tocando as reses brabas gritavam como saudando a chegada da mulher.

Ramiro apanhou a marca em brasa e avançou sobre um [249] novi[lho peiado [sic]. Orminda pôs a mão na boca, num vago susto em que havia mais faceirice. Ramiro ferrou o animal com garbo para que ela visse, não esquecesse nunca mais o que é marca de boi na mão de Ramiro. No urro do animal ferrado, a tarde morria.

Missunga despediu-se do tio que não o Convidou para jantar e saiu a galope. Longe, ouvia ainda o urro do gado e os eias dos vaqueiros. Atravessou um balcedo, bandos de patos selvagens passavam. Puxou a espingarda da cilha e atirou. Os patos subiram e outros bandos passaram rápidos num vôo mais alto. Missunga voltou a atirar para o céu até o último tiro e a noite tombou vagarosa, sangrando ainda do crepúsculo, como uma garça ferida:

A noite, Ramiro tocou e cantou para Orminda. O serviço só terminaria no dia seguinte. Assavam carne nas moitas do campo, na beirada, mulheres riam e fumavam, vaqueiros bebiam e caíam bêbados na lama.

Orminda pôs o cacho dos jasmims já murchos dentro do violão de Ramiro, e os dois saíram pela beirada. Ela encostou a cabeça no

peito do vaqueiro e cantarolou:

Cavaleiro do meu pai
Dá-me um jarrito d'água

O acalanto de sua mãe. Aquele acalanto era bonito também na voz da Das Dores. Tanta carne e sua mãe talvez com fome em Ponta de Pedras. Mais do que aquele ferro em brasa no couro do animal, foi o mal que fez à sua mãe, aquela súbita vergonha e mágoa de si mesma, Ramiro solava a velha valsa que os campos conheciam. Orminda desejou fechar-se no quarto e chorar muito, muito. Levaria carne para a mie, pensou na mangueira que ameaçava a barraca, na sua almofada, a renda ficara pela metade. Também desejou beber um pouco de cachaça, a recordação de Paricatuba varreu-lhe o desejo e continuou a caminhar apoiada a Ramiro ao longo da beiragem.

Que ele terminou de tocar, ela enxugou o suor do pescoço do amigo com os seus cabelos. Beijou-o.

Fedendo a couro e cachaça, não?

Ele riu alto. Deu um tom no violão. As vacas mugiam como [250] mães junto ao curral dos bezerros. Adiante, numa palhoça, uma criança chorava infinitamente. Os homens comiam e salgavam carne atrás dos capinzais. No rio, uma vaca bravia atravessava para margem de onde viera. Um cavalo relinchava curto e angustioso na escuridão.

De madrugada, Orminda e Ramiro dirigiram-se para o chiqueiro dos bezerros. Um vaqueiro falou:

— Querem, Ramiro, fazer uma fé aqui? Experimente esta vaca. A dona não gosta de leite?

— Por que isto? Capitão Guilherme deixou?

— Creio que de raiva. Depois precisa amansar algumas vacas pra quando a filha der na cabeça de aparecer, ter leite.

— Ah... por isso!, exclamou Ramiro num riso zombeteiro, apanhando uma cuia no chão.

Orminda, perto, esperava. Vendo-o, na vaga claridade, tirar o leite com vagar, enchendo a cuia que espumava. Subia da terra orvalhada o bafo noturno dos animais e das bostas do curral. Os bicos do ubre [sic] esguichavam na cuia, molhavam os dedos de Ramiro. As mãos ásperas e escuras se tornavam delicadas e carinhosas, mugindo a vaca mansa. Ramiro ergueu-se, Lento, com a cuia na mão. Solto o bezerro. Sem uma palavra deu a cuia a Orminda que primeiro fitou, hesitante, o companheiro. Este, sorrindo fez sinal com a cabeça para que provasse. Ela provou e logo bebeu num longo sorvo. Quando ergueu a cabeça, a espuma lhe alvejava nos lábios.

— E o bigode, disse Ramiro.

Orminda passou a mão nos lábios e foi, por faceirice ou distração, encostar-se na cerca, ia dizer qualquer coisa, tropeçou numa estaca e com um grito caiu de costas, a cuia do leite espumante sobre o peito e o cabelo solto.

Ramiro apanhou-a e fê-la montar no cavalo. Foram galopando pela beirada para surpreender o lago no clarear do dia.

Aparearam-se diante do lago e dos campos que a luz descobria. Viram os garrotes erguerem e acariciarem as belas novilhas. Não se ouviam mais as vozes dos pescadores na lanceação. As virgens [251] novilhas estavam amorosas e belas e o dia parecia nascer do fundo do lago. Os garrotes, babando, escuros e lentos avançaram e cobriram as novilhas espantadas. No dia subindo, um vôo de garça tentava purificar a paisagem.

Um rumor de mulheres se aproxima. Vêm encher água do lago. Trazem no amanhecer os peitos inocentes. Trazem o cheiro do peixe que abriam e salgavam durante a noite e seus cabelos estão pretos como as redes da lanceação.

As moças vem como se pela primeira vez surgissem da madrugada e viessem ver os garrotes que amam. Os peitos e os sexos crescem à força do vento, do sol nascendo, sob aquele cheiro de peixe e bosta de gado. Elas, e Orminda também, contemplam com uma

quase deslumbrada curiosidade, com uma inocente malícia as novilhas ainda ariscas do amor que os garrotes lhes dão. E as meninas, com os baldes na mão e rindo pela praia, como se tornam moças de repente. Ramiro e Orminda montam e o cavalo galopa a caminho dos Anjos.

As moças voltam do lago e da madrugada, com a lata e os potes no ombro, como se voltassem também do amor daqueles touros.

Orminda voltou a assistir à ferra e o embarque e viu Gaçaba suando, a cabeça empinada, o carão tostado, crespo de espinhas, os beijos de boi, saltados. Falava grosso, lentamente. Os olhos vermelhos diminuía com a fadiga e a cachaça. Orminda ria dos grossos nomes que ele mandava pros bois e os companheiros.

— Eu maltrato eles — referia-se aos bois — eles me chifram, me apostemam, me pisam. Mas quando embarcam, vão pro curro, eu sinto. E mea gente.

Rangiam as talhas e os bois se empinavam no ar, oscilavam e caíam debatendo-se no porão. Quando as reses espinoteavam no ar, a algazarra era maior. Pegavam no rabo do animal e arriavam os cabos. Orminda via ali um mundo desconhecido e admirava Ramiro, a mão leve para o violão e a teta da vaca, dura para os bois ariscos.

Ouviu-se um grito na margem adiante. Um boi teimoso e bravio mergulhara na água lodenta, obrigando alguns vaqueiros a persegui-lo no casco pelo rio.

— Eh, Gaçaba, atalha por ali!

Gaçaba se desbruçava na borda do casco para apanhar os chifres do boi fera. Com baque nas costas, mal posto no casco, tombou n'água sob a vaia da vaqueirama.

— Acudam!, gritou Orminda. Alguém lhe respondeu também gritando:

— Gaçaba mergulhou, foi boiar atrás do caranãzal, se escondeu lá.

Os vaqueiros esperavam um momento. Os bois enchiam a

caíçara, atropelados e arquejantes. Capitão Guilherme, do toldo do barco, exclamou:

— Tempo se escoia, gente. Gaçaba foi curtir o porre no caranãzal. Já viram piranha morrer afogada?

Próximo à beira, ondulava o caranãzal maciço.

O embarque continuou. Ormindá viu aquele boi grande laranja suspenso pelos cabos, ficou num momento, junto ao mastro do barco, imenso e largado. Somente os olhos saltados pareciam vivos como os de um homem. Naquele instante no alto a cabeça apertada nos cabos, a baba escorrendo, imóvel e mudo, o boi falava com aquele olhar lúcido e triste em que se refletia um pedaço de nuvem e de azul do céu que lhe trazia a saudade verde dos campos, velhos currais distantes, as primeiras carreiras de garrote entre as novilhas suas noivas e cordas, muitas cordas, o golpe do laço o arrancara do chão e o levava para o ar. O boi ficou com o olhar fixo para o alto, fixo e profundo como se quisesse absorver o céu, tivesse compreendido o seu destino.

O embarque continuou. Quando se ultimaram os trabalhos, Ormindá veio correndo e gritou para os homens:

— Procurem ele. Ele não aparece, gente. Por amor de Deus! Então com as caras suadas e queimadas, silenciosos e espantados, os vaqueiros se dirigiram para o caranãzal.

Atiram tarrafas, espetam vara no leito do rio, lançam a linha dos anzóis, apalpam todo o fundo. As velhas aconselharam a vela de cera dentro de uma cuja que flutuou no rio. Onde parasse, ali estava o corpo do afogado. As montarias vêm e vão com a noite caindo.

[253] Uma hora depois, acima do caranãzal, Ramiro sente um peso na tarrafa, quer saltar n'água, mergulhar.

— Tás doido, Ramiro. Olha piranha.

A montaria avança, Ramiro joga a tarrafa, outras tarrafas se espalham no rio e Ormindá ouve o xoá! da lúgubre tarrafeação, sentada com outras mulheres na beira.

De repente, Ramiro gritou:

— Pára, pára a montaria. Larga os anzóis. Agüentem a montaria na vara.

— Não foi na tarrafa. Foi na linha. Puxa devagar. Devagar. Assim.

— Ele?

— Devagar. Calma, mano. Nossa Senhora! Gaçaba, velho...

— Ele, companheiro...

As montarias se aproximavam e todos vêm surgir, devagar, à luz da lamparina, físgado pelo anzol e trazido pela tarrafa, o tronco todo comido. O sexo é um buraco. As coxas intactas. Logo no meio dos fios rotos da tarrafa, a cabeça sem os cabelos, descascada. As piranhas penduravam-se no esqueleto, pingando sangue. Alguém gritou para as margens. De lá, faróis e lamparinas erguidas na escuridão do rio. Ramiro, com o remo, bate as piranhas que popocam n'água, bêbadas de sangue.

Naquela noite mesma, Capitão Guilherme partia com seus barcos cheios de gado.

Ramiro encarregou-se do enterro, foi uma procissão. Voltaram do cemitério para passar o dia em companhia da velha mãe de Gaçaba, que, por cuidado de Ormindá, não viu os restos do filho.

Ormindá entrou na palhoça, passou para o quarto e viu no fundo da rede, assoando-se, a velhinha que lhe abençoou. Em torno, silenciosamente, algumas mulheres olhavam. Ormindá distinguiu na sombra a madrinha Leonardina, e Rita, sentada na mala velha, lhe parecia tão cabisbaixa e sozinha como uma viúva.

Demorou-se pouco e foi sentar na salazinha. Ramiro então lhe falou de Gaçaba quando matava jacaré nos lagos pelo verão. O primeiro a cair na água lamacenta e fumegante para estourar [254] com o machado ou arpoar com o ferrão a cabeça dos monstros. Laçava-os e os arrastava para a terra, torando-lhes a cauda.

— Hoje os jacarés estão de festa.

— Ele me prometeu um couro. Me disse: deixe estar que vou lhe levar numa matança e faço você montar num jacaré-açu — contou Orminda.

Ramiro ergueu-se e examinou o chapéu de carnaúba do morto, dobrado na frente, roído nas pontas, queimado do sol, mofado pelo suor e pela chuva, em cima do velho baú de tampa amarrotada. Como que sentia a morte de seu dono. Viu a baeta rasgada, um pedaço de corda, a inseparável garrafinha de cachaça, os almanaques que não lia e que fazia questão de ter, os registros da festa de Nossa Senhora da Conceição em Cachoeira, a enfiada dos dentes de jacaré... Tudo aquilo se engrandecia como se tivesse recolhido a vida que seu dono perdeu.

Entrou um velho vaqueiro, foi ao quarto, logo voltou, a voz pigarrenta:

— Fiz questão de carregar a rede em que ia meu companheiro. Ele sempre ajudou enterro de pobre. Enterrou meu filho.

E depois de um silêncio:

— E que vaqueiro! Era uma graça quando dizia que não gostava do zebu. Zebu não urrava, dizia, escarrava. Queria era ouvir o urro do gado antigo, saudoso, urro dobrado que dava alegria no campo.

— E acabou-se um rezador. Poucos como ele no Arari para fazer um coro de ladainha — acrescentou Ramiro.

O velho confirmou, lento. Orminda deixou cair a cabeça sobre o peito, abatida pela fadiga e pelo sono. Ficaram tão silenciosos e recolhidos que não viram alguém entrar e perguntar em voz baixa e apressada:

— E a velhinha? Como vai? De que precisa?

— Ela está bem, doutor — respondeu Ramiro.

O velho ergueu-se. Missunga encarou Ramiro lembrando-se do ato de Manuel Raimundo que o expulsava das fazendas e ao recordar a cantiga do vaqueiro ferrado, teve uma rapidíssima impressão, não totalmente lúcida, de que o instrumento de castigo, [255] de que se

servira o pai, não fora a marca em fogo mas a própria inércia do filho. Orminda permaneceu, durante o primeiro momento, de cabeça baixa, fingindo indiferença, como receosa de mostrar-se ou encabulada. Quando ele a tocou nos cabelos, ela subitamente encarou-o com ansiedade como se ele a surpreendesse mergulhada naquela suposição da mãe enferma, com os restos do terror e de maus pressentimentos que a morte de Gaçaba lhe comunicara. Missunga viu no olhar de Orminda qualquer coisa de uma acusação, o obrigava a confessar-se a si mesmo, como culpado também. Ambos estavam vexados. Orminda, pela condição de mulher de beirada, o rosto marcado, andando à toa. Missunga porque não a pegava pelo braço e não a levava dali. Se lhe dissesse, mesmo sem certeza: — Sabes, Orminda, que sou teu irmão? ela recuaria espantada. Seria talvez pior ao vê-la confusa, abatida, fugindo-lhe, como uma culpada. E o ladrão, o Marcelino? Missunga fez um gesto de impaciência, coçou a cabeça, e deu alguns passos pela salazinha. Conversou com ela a respeito da velha e espiou, depois, quase tímido, na porta do quartinho onde em torno da rede as mulheres continuavam imóveis e silenciosas.

Voltou a olhar para Orminda recostada na janela. Ramiro e o velho conversavam de rosto no chão. Orminda adquiria um ar de pensativa humildade, desaparecia a marca do golpe, os olhos em si mesmos, os cabelos na iminência de caírem soltos. Distinguia em Orminda alguns traços, logo desfeitos, de sua mãe — e rostos como o de Alaíde, Guíta, Helena, — naquele rosto se fundiam e se enchiam da mesma pureza e da mesma sede de felicidade e de amor e outros mais desesperados e batidos pelo vício e pela miséria, como o de Laura e de Maria Lúcia e de Adelaide, envenenada ou bêbada. Ali estava um rosto que encarnava a beleza perdida, o amor perdido, a ternura que a pobreza arruinava e substituía. A morte de Gaçaba fazia-o também vê-la cheia de um abandono e de um sofrimento que só vira em certas mães que olham, já sem lágrimas, o filho morto. Naquela hora ele quis avançar e beijá-la. No mesmo impulso

fraternal, poderia beijar-lhe a boca, e sentiu mais receio de si mesmo do que do escândalo ou da reação de Ramiro. Orminda podia adivinhar que nele se [255] desenrolava essa luta? Logo, imprevisivelmente, subiu-lhe esta pergunta:

Que necessidade havia de falar ao pai a respeito de Guíta? Por que complicara o que era tão simples e tão justo? Salvar Orminda, voltar para Guíta, e como resolver o problema de Alaíde abandonada? Para atingir a uma solução era preciso despojar-se de si mesmo, não, não, esperaria outros tempos, talvez para resistir melhor e isto o fez sorrir, sentindo-se mais cínico e mais infeliz do que supunha.

— Orminda, até mais.

Quando ia acompanhá-lo até a porta, os cabelos soltaram-se e ela os apanhou cruzando as mãos sobre a nuca. Ramiro fitou-a com surpresa e teve, como nunca, um pressentimento de que em breve ela, sem uma palavra, o deixaria.

— Sabe, Ramiro, estou é com sono. Ofende? Se eu pudesse dormia.

Não quis revelar-lhe a crescente apreensão de que sua mãe estava doente e sem ninguém em Ponta de Pedras. Deveria partir, ver sua mãe, largar-se pelo mundo, nascera para caminhar, fugir dos homens, até parar de tão insatisfeita e infeliz no ombro de um.

— Ramiro, meu preto, tenho que passar esta noite com a velha.

Gostaria de Ramiro? Gostaria algum dia verdadeiramente de um homem? O amado morto era uma medalha sobre o peito. Muitas vezes o via nos sonhos, acreditava na sua aparição em noites escuras, espiando-a.

Prendeu os cabelos, voltou a sentar-se, descansando o braço no ombro de Ramiro.

A beirada do rio parecia morta. Missunga continuou caminhando. Quando menino, gostava de patinar na lama, como um porco, no tijuco, era, agora, o que acontecia com a tentativa de conhecer-se melhor e tomar uma decisão. Num vôo baixo e tão vagaroso sobre os

caranãzais e mururés murchos, como se os despertasse e os fecundasse, aquela garça era a mãe da beirada. Missunga acompanhava aquele vôo claro e pensativo sobre o alagadiço e a solidão.

Anoitecia. Deixou-se levar a pé pela beirada, entre árvores, até aos campos que ficavam mais impressionantes e fundos, a lua boiava. A garça, tão branca, num vôo fantasma.

[257] De repente, os tetéus assustados gritaram no alagadiço, em de bandada. A garça precipitava-se e queimava-se no poente. Num teso, olhando o rio, algumas reses ergueram as cabeças. Ficaram estáticas na última claridade, e grandes e atentas, dominaram os campos, o rio, a lua, como animais que a noite fazia surgir dos seus misteriosos lagos.

34

[258] Nhã Leonardina cinge o corpo com a faixa, invoca baixinho o caruana e corre em direção do lago.

Anda pelo campo, apanha flor de batatarana, ouve o grito do sapo apanhado pela cobra e olha fixamente o gado. A pajé sentou à beira do lago, as mãos murchas e trêmulas, a voz tão cansada.

À noite Orminda encontra a Nhá Leonardina no chão, brincando feito criança, cantando baixinho:

Atin-nan-nan
Dinlindandan

A pajé perdia o poder da invocação. Aquelas palavras não tinham mais significação para o caruana com quem a velha Leonardina tivera uma vivência tão longa e tão misteriosa. E em vão Orminda tentava levantá-la e conduzi-la para a barraca.

Aquelas palavras, queixa ou súplica, onde o poder das palavras? Quem cortou a língua de feiticeira que os donos do mundo temiam?

Corria ao longo da praia. Perdeu a voz, perdeu a memória dos encantamentos, o fumo do cachimbo perdeu o dom do mistério. Para onde o fumo que enche as almas, acompanha os destinos embalsama os feitiços, ronda em torno das sessões da meia-noite, puxa dos poços e dos lagos as vozes da vidência? onde estás, Cavalo Marinho? Onde perdi meu corpo bonito, mais bonito que o de Ormindá? Por que dei meu corpo para a pororoca, por que perdi, bichos do fundo, a minha força de enfeitiçar e de fechar os corpos contra o alheio enfeitiçamento?

[259] Só era a simples lembrança da toada:

Mureruereua
Atin-nan-nan

Os pescadores estendiam as largas redes de lanceação em pleno lago. Dentro d'água cercavam os peixes como vaqueiros na malhada. Seus gritos significavam que a safra da lanceação era compensadora. A noite clara parecia inimiga dos peixes e do lago.

Os caruanas não voltavam. Nhá Leonardina olhava o céu, as águas e tremia. As redes avançaram sobre o cardume dos peixes. O vento aumentou. Os campos caminhavam sem fim com a marcha das estrelas.

Com a ponta da faixa arrastando no chão, as mãos apalpando a sombra, a feiticeira corria, os cabelos espalhando-se na noite, como o vento e as vozes dos pescadores.

O lago a endoidecia. Ormindá pedia socorro. Na boca do lago, junto a um bote encalhado na lama, três homens bebiam, silenciosamente. Não escutavam os pescadores do lago, os bacuraus nem o grito de socorro de Ormindá.

Nhá Leonardina estacou. Caiu na terra, principiou a brincar com

imaginárias bruxas, cantou um acalanto. Desaparece o Cavalo Marinho, o cachimbo, o reino da feitiçaria. Em seus olhos, e sua voz, em seus gestos o ar da infância que voltava. Suas lágrimas caíam lentas pela faixa e pelas coxas sujas de terra. Esse acalanto Ormindá desconhecia. Vinha da infância cheia de verme, solitária, vivida num jirau sobre a lama onde as cobras deslizavam.

35

[260] Vieram as grandes chuvas.

Com as primeiras águas, os regos borbulhavam, peixes subindo para os campos.

Rios e lagos engrossavam a voz na trovoadá, no ronco dos jacarés que desciam das cabeceiras. De madrugada, os vaqueiros saíam a galope para salvar os bezerros atolados. Dezenas de reses morriam na inundação. Os búfalos soprando n'água, imóveis e negros, assustavam os jacarés. Sucuriçu ia apanhar os patos e rondar as crianças nos jiraus das fazendas.

Com a vontade de ir pros longe, ouvir o vagido das nascentes, o pulso do rio enchendo, Missunga andou a cavalo durante o dia.

Deu dois tiros sobre o pequeno lago atrás do bamburral de onde, com alarido, debandaram colhereiras vermelhas, um tuiutu, marrecas e um altíssimo e grave maguari.

Os socós voltaram a cochilar mais adiante, arrepiados.

Missunga distinguiu, na lonjura, os vaqueiros a galope rompendo o aguaçal, atravessando as lagunas, tocando os rebanhos para os raros tesos. A luta para salvar o gado se tornava mais difícil. Trabalhavam nos atoleiros, famintos, estropiados, doentes. Os jacarés, os sucuriçus, as arraias tocaiavam.

No Lago Arari, Ormindá viu de repente a água crescer em torno da palhoça e em toda a beirada. Via seu rosto refletido, ondulando, naquela água de inundação, seu corpo, seus cabelos pareciam mururés e olhava tanto para as águas que Ramiro falou:

— Eh, pequena, tu acaba flechada.

[261] O lago se espalhou pelos campos, comeu as lonjuras, ilhou as palhoças, bateu de leve debaixo dos jiraus, espiando o sono dos pobres. Caiu então um silêncio de princípio de mundo em que os homens se misturavam com os bichos deslizando nas águas e na lama, na espuma das enxurradas e na folha dos mururés.

O peixe, em abril, se esconde, vai desovar nas baixas e nos lagos mais distantes. Os tripulantes das geleiras gritavam “até o fim do ano” aos pescadores, e estes iam deixar o resto de suas vidas no balcão de Sinhuca Arregalado. Os botes pegam porfia no lago.

Orminda vê da janelinha da palhoça as piranhas na água transparente. Talvez as mesmas que haviam comido Gaçaba. Atravesavam a imagem de seu corpo, deslizavam sobre os olhos e sumiam pelos cabelos.

Noites e noites, ouvia a água crescendo na voz da chuva. De madrugada, o cabuculino piava, a saracura fazia trochop! na água, a algazarra das marrecas e dos periquitos acordava o lago. Orminda olhava o dia pesado, longo, a solidão aumentava. Ramiro andava longe. Começava a perguntar aos pescadores pelos pirarucus que rabeavam na popa da montaria, como lhe contavam em Ponta de Pedras, pelos tambaquis arpoados na correnteza. Aonde andavam que não apareciam?

Foi-se, lhe dissera Ramiro, o tempo em que pescar â flecha fazia gosto. Os caboclos desciam da montaria ou do cavalo e cercavam os cardumes, saltando, muitas vezes, sob a pontada elétrica do puraqué.

Nos lagos próximos onde há peixe, o rifle dos fazendeiros está na mão do vigia atento.

Recolhia a linha de anzóis com isca de pitomba e nem um aracu, um apapá. Os donos do rio não eram mais os peixes nem as cobras grandes, mas Coronel Coutinho, Capitão Guilherme, Sinhuca Arregalado.

Também na fazenda, Missunga via no fundo da água o rosto de Aristides, as piranhas devorando Gaçaba e Mariana de coxas molhadas e lisas em que o menino escorregava à beira do igarapé. Aquelas chuvas e a enchente lhe davam um novo torpor, a suspensão da vida, a solidão da água. Tudo voltava ao lodo primitivo.

[262] Decidiu regressar, talvez Guíta fosse mesmo a solução menos ruim.

Antes de descer para Ponta de Pedras, Coronel Coutinho fez as últimas recomendações ao administrador, embora certo que Mamei Raimundo faria tudo bem nas fazendas.

— Cuidado com a matança dos passarões, com a desova dos peixes, com a febre no gado. Vigiar os bezerros contra os jacarés e as onças. Nenhuma pena desses ladrões de gado. Ia providenciar para a criação de uma subdelegacia de polícia no lago. Precisava acabar com os ladrões que esfolam porco e boi no meio da água. Energia com o pessoal. Poupar o mais que puder os ranchos. Energia com vaqueiro que não podia tirar mercadorias mais do que permitia o ordenado. Manter sempre vigia armado no lago e nos igarapés.

Ao sentar-se na rede armada na lancha, viu, surpreendido, a Orminda entre outras mulheres que passavam numa montaria remando. E exclamou, gracejando, imitando voz do caboclo:

— Suco, por Deus! Que então aquela anda fazendo por aqui?

Manuel Raimundo pigarreou e riu. Missunga, na escada do trapiche, acompanhava com o olhar a montaria desaparecendo na curva do rio cheio. E muito tempo ficou, sentado ali, tentando escrever na água, com um caniço, a palavra Dagmar, o verdadeiro nome de Guíta.

[263] No novo porto de Calilo, que se transferira para o Mutá onde se casou e enviuvou — a sofra fora obrigada a mudar-se, — Elias desabotoou a camisa:

— Olha, Calilo.

— Mas como?

— Os filhos do administrador do Coronel, Calilo.

O sírio chorava, a costa marcada de chicote. Ainda estava trêmulo e espantado. Os filhos do administrador no Arari lhe pegaram duramente no braço:

— Quem lhe mandou tirar peixe dos lagos? Quem lhe deu ordem para andar vendendo seus troços nas fazendas? Por que anda comprando carne de rês furtada, seu patife? Pois vai provar da nossa muxinga.

Calilo abanou a cabeça. Considerou a miséria do patrício e intimamente lutou contra a piedade, que aquele homem lhe inspirava, no conforto e segurança em que vivia no Mutá, o fumo no braço pela vivez tão cedo, os haveres crescendo.

— Elias, pensa bem, você nunca procurou agradar Coronel.

Fazia uma cara de lástima, traçou um gesto de contrariedade paternal:

— E a mercadoria? Tiraram tudo?

— Tudo, tudo. Até minha roupa tiraram, Calilo. Me deixaram de cueca no batelão, foi preciso que uma mulher me arranjasse uma calça na beirada.

E Elias, sujo e chorando, viu Orminda, na beirada, com a mão na boca para não soltar o riso, diante daquele quadro no batelão: [264] ele, com a costa sangrando e de cuecas, Tenório com o sal tentando curar-lhe as feridas. Ela desceu, acenou para Tenório que lhe contou o sucedido e correu para a barraca. Trouxe uma calça, um unguento e saltou no batelão. Mandou que o sírio experimentasse a calça, que serviu, e examinou a costa do homem. Tratou das feridas, ensinou Tenório a usar o unguento e ao partir sentiu, sem o querer, que, como

consolação, podia levar o sírio para passar uma noite com ela. Por isso caiu numa grande risada, ando é doida-doida, como dizia o Capitão Lafaiete: meu Deus, me dê um tantinho assim de juízo, não sei se o que faço é mesmo por destino ou porque sou má de natureza. O sírio, cabisbaixo, sentia o unguento fresco nas feridas, sentia as mãos dela, Deus meu, é uma santa, lhe beijaria os pés. Atrás daquela risada se escondia a bondade de uma santa. Tenório desatracou o batelão e começou a empurrá-lo à vara no rio raso.

— Pois, meu caro, Coronel e meu amigo. Devo tudo a ele. Você não agradou o Coronel. Não bateu de mansinho na costa dele. Abusou, comprando carne furtada nas fazendas. Pelo amor de Deus, não me comprometo. Não posso lhe fazer nada. Não posso estar lhe defendendo. Vá.

Elias desfiava a bigodeira, olhou o batelão. Dentro do batelão apenas um resto de mercadoria avariada. Tenório queria um mata-bicho. Nem jeito tinha de pedir a Elias. Pediria a Hemetério que, no balcão, exibia o seu riso e um cigarro aceso entre os dedos? E o ouro?, indagou o remeiro a si mesmo e concluiu: esse Hemetério é, é um bom do malazarte.

— Calilo, não tenho sorte. Não tenho sorte.

Gritou na língua dele umas pragas rápidas, umas imprecações, os olhos furiosos, as feridas lhe doendo, a vontade de se atirar sobre Calilo e matá-lo. Ódio daquela prosperidade de Calilo. Calilo falava em abuso e quem senão Calilo embarcava gado alheio no Mutá, altas horas da noite? Abateu-se sobre o balcão, soluçando e foi uma longa lamentação, 6 vale de lágrimas, 6 infinita misericórdia divina, que maldição foi esta que pesou nos meus ombros e me desgraçou para sempre! Calilo pesava o sal, a velha reclamava furto na pesagem. Sim, na verdade, pensava ele, indiferente à [265] reclamação da mulher, Coronel Coutinho lhe havia pedido informações a respeito de Eh as. Disse apenas que não poderia responder por ele. Afinal, Elias seria um competidor na amizade e proteção do Coronel. Não chegou a

afirmar que Elias era um patife, não. Deu a entender que era? Por que comprou carne furtada? Por que vinha se lamentar no seu balcão a ponto de comprometê-lo?

Não o convidou para o almoço. Elias compreendeu. Sua voz se embrulhava na garganta. O peito tremia. Desceu em silêncio e caiu no batelão como um corpo numa cova. Tenório empurrou a embarcação para o meio do rio. Começou a remar, seco por um cigarro, suspirou num gemido: ó vida cansada...

37

[266] Naquela manhã de domingo, Guíta amassava o açaí para cedo levar a comida a seu pai e irmãos que trabalhavam no mato. Andavam caçando novas árvores para a canoa veleira que o Coronel Coutinho mandara fazer, exigindo pressa. Uma canoa veleira a capricho para encher o pano no geral da baía Marajoara. Coronel não abandonava essa mania. Era dono de grandes barcos, novos, que conduziam gado, um lanchão a vapor, dois motores. Canoas como a que mestre Amâncio ia construir, ele as tivera em penca e vendera. Lafaiete gostava de dizer:

— Compadre é versátil em barcos. Em matéria de iates e canoas e um D. João.

O tabelião repetia essa espécie de pilhéria no cartório com uma profunda convicção de que sabia ter espírito e conhecimento de certas palavras desconhecidas em Ponta de Pedras. Isso feria a curiosidade e inspirava uma vaga inveja, uma passiva inveja, em seu Nélson. Ao mesmo tempo, o Lafaiete ao referir-se a D. João insinuava um pouco a sua história de antigo conquistador, de “versátil em mulheres”, de que tinha orgulho. Apenas verificou que o seu donjuanismo estava morto quando não pôde conquistar Orminda. Esta lhe escapou das mãos como o tempo, a vida, o segredo de sua arteirice. O tabelião ouvia do seu compadre:

— Mestre Amâncio tem que arranjar uma boa madeira para armar a futura “Pérola do Marajoçu”. Embora tenha que me enjoar meses depois e vender. Depois o mestre me deve uma conta enorme. Dou-lhe trabalho para ver se diminui a dívida. Mas qual! Aumenta. Comem muito. A filha gosta muito de vestidos. E uma pena que ela seja bonita.

[267] — Por que, compadre?

— Acho que bonitas só devem ser as mulheres ricas. As pobres, não. Sei por experiência. Uma menina como a filha do mestre Amâncio pode ser um perigo para si mesma e para os outros.

— Que outros?

Coronel Coutinho não disse mais nada, esqueceu-se que o tabelião estava mais ou menos a par do assunto. Percebeu Lafaiete que Coronel, seu velho e tão seguro compadre, encontrava-se indeciso, podia, pela primeira vez na vida, ter um problema de consciência. Talvez compreendesse que estava em jogo além da do filho, não a sorte de Guíta mas a de Orminda. Uma expiação poderia desabar sobre o homem poderoso e tudo dependia de um gesto do filho ou de um gesto desesperado de Guíta. Teve ímpetos de ir a casa da moça e insinuar, indagar, fazer o possível contra os Coutinhos. Mas temia a simplicidade da moça, a visível repugnância ou temor com que ela o tratava.

Guíta não amassava o açaí cantarolando, como era seu hábito.

Escrevera a ele um bilhete a lápis, em envelope fechado a lacre do mato e por mão segura, com estas palavras: “Vou ser mãe”. E estava um pouco apaziguada por ter escrito. Não recebeu resposta, nem uma linha das fazendas. Compreendeu de maneira quase definitiva, ele fugia dela, preparava a sua ausência para sempre. Não lhe escrevia uma longa carta porque se envergonhava da má letra e da péssima ortografia. Aquele bilhete havia sido escrito muitas vezes, longo, breve, rude, terno, desesperado e sereno, cheio de humildade e de orgulho. E o último melhor expressava talvez a decisão de ser mãe

e a esperança de que ele voltasse.

Resolutamente o prenderia sob única condição, a do casamento. Como Alaíde, como as amantes do Coronel, não, nunca. Não soubera falar diante dele nem escrever como era preciso. Ao seu lado permanecia silenciosa, intimidada, cheia de contraditórios pressentimentos. Encostar a cabeça no seu ombro, pedir-lhe que a levasse, confessar-lhe que o amava desde o tempo de menina, mentir-lhe mesmo, falar-lhe com um soluço, estaria perdida sem ele — um desejo e um cálculo que não ousara realizar. Terá ele recebido o bilhete?

[268] Parou de amassar o açaí. O pior não era o pai cortar-lhe a cara a muxinga, bater-lhe muito, enxotá-la de casa. Nem a reação violenta dos irmãos. Seria o olhar do velho menos indignado que aflito, de quem tanto confiava nela — minha filha tem o juízo da mãe, é uma dona de casa. O espanto dos irmãos, a tratavam tão bem como poucos irmãos neste mundo. Quando precisamente o momento em que não mais poderia ocultar ao pai e em que nenhuma esperança mais teria de Missunga? Uma confiança dominou-a e ficou, por isto, acreditando na lealdade dele. Ele não podia, de um jato, lançar toda a lama em seu coração, todo o desespero do mundo em seu amor, o seu amor era naquele instante razão mesma de sua honra, a sua única e verdadeira honra. Não fosse amada por ele, teria de ficar desonrada e não por causa de sua virgindade mas pela impossibilidade de tornar a amar a alguém. Seria uma pobre mulher cuspida e solta no meio de uma trovoada dentro da mata. Uma vez, no porto da vila, observava de perto as Azevedos, moças fazendeiras vinham para a festa da Conceição. Tão diferentes dela, tão de cima, como seus vestidos as engrandeciam, as separavam do povo. Eram brancas como modelos de figurinos, contemplavam o povo com uma ruidosa indiferença, um esquisito e até simpático desdém. No meio delas, Missunga, tão simples, tão à vontade, fazendo-as rir com as suas graças. Por que só aquelas nasceram para ele, por que Missunga lhes pertencia? Se uma

delas aparecesse de filho tudo ficaria em família, eram brancas. Mas ele teria falado a elas sobre o seu tempo de menino, que havia de comum entre elas e aquele moço branco preocupado em recordar a sua vida aos oito, aos dez anos, reocupado em tudo que lhe falava de mãe, dos brinquedos, de Mariana, como se quisesse ser feliz de uma maneira diferente dos da sua igualha? Ao refletir assim, Guíta decidiu que havia de criar o filho, não diria o nome do pai, e uma desesperada saudade a levou para as passadas noites de dezembro quando arrumava o terreiro, era moça, livre, enfeitava o Menino. E começou a amassar o açaí, devagarinho, sem forças, como se amassasse a própria angústia.

Preparou o balaio de comida, mudou de roupa, lhe deu de [269] vestir aquele vestido branco, lhe recordava o baile da Intendência, e vestiu. Olhou-se no espelho: estou uma noiva, benza-te Deus. Pela primeira vez dançava com ele e a princípio tremia quando seu rosto tocava no dele como se fosse pela primeira vez. No baile, como que se tornara tão pura e tão virgem, assim idealizara o primeiro encontro com o amado. Com aquela valsa, sim, queria que começasse o que começou e se precipitou à beira do poço, na sombra, sob o medo e a solidão. De madrugada, era a quadrilha mal dançada e mal dirigida, repetida e sempre alegremente confusa. A música e a dança restituíam-lhe a namorada que ela desejara e sonhara ser quando pela primeira vez gostasse de um rapaz.

Foi ver as cartas na almofada.

Sorrindo, amarrou de novo, com a fita, o embrulho de cartas e ficou um instante pensativa e hesitante.

— Sim, é preciso.

Disse e desamarrando o embrulho, dirigiu-se ao fogão, soprou as brasas e foi queimando, uma a uma, as cartas que lhe falavam da infância, de D. Branca, de seus olhos, queimando as palavras, a letra miúda e gentil do amado perdido. Sem uma lágrima, apanhou o balaio, mexeu com o papagaio: — Vou ali com o meu namorado e já

volto, ouviu, meu louro? E saiu vestida de branco, e fita branca no cabelo, um ramo de jasmins no peito e descalça.

Tomou a direção da mata, teria de caminhar hora e meia, mais ou menos. Seu pai e os manos estavam realmente longe. Como queria a canoa o mais cedo possível, Coronel pediu que trabalhassem naquele domingo. Teriam de cortar a árvore, arrastar a madeira para a vila pelo igarapé.

Mais forte, como nunca, o cheiro das árvores, de chão queimado, resinas e raízes esmagadas, água estagnada e frutos brabos que apodreciam. Sua maternidade se fundia com a da natureza, comunicavam-se com os cheiros, os desejos, a moleza e o torpor que havia na mulher e na terra.

Caminhava distraída, o balaio na mão, o caminho apertava nas espessuras e os japiins balançavam os ninhos. Parecia mais cansada — ah, se estivesse tão amorosamente cansada como no baile, como ele dançava bem e não perdia uma parte sequer. Depois [269] foram à janela, tinha as costas molhadas, os braços, o ar da noite envolveu-a como um banho. Ele não dizia palavra e ela queria que ele repetisse tudo o que mandara dizer nas cartas e tal era a vontade de ouvi-lo que bruscamente saiu da janela e foi ao toalete fingir que ia se empoar, emprestar um leque, conversar com as companheiras. Não, estava só, só no baile. O amor era uma solidão.

O desânimo lhe vinha da insônia, do desejo de fuga, daquela impregnação de terra e seiva que lhe poderia provocar um desmaio. Toma um atalho — os tucumãzeiros amarelavam os cachos, gostaria de tomar o vinho daqueles tucumãs meio verdes ou roê-los. Pelo atalho chegaria mais cedo, surpreenderia os três... Ouvia chuva vindo longe ainda no mato.

O balaio pesava, as pernas doíam, o atalho cerrado e lamacento. A chuarada se aproximava.

Avançou correndo, já ouvia o bater dos machados confundindo-se no estrondo crescente da trovoadas. Nesse instante, Guíta, excitada,

decidiu lutar pelo filho, também por seu pai, tudo faria para casar-se com ele, ninguém melhor do que ela.

Tropeçava, fugindo sem temor, habituada àqueles aguaceiros com ventania de repente.

A mata se agitou num surdo desabamento. Guíta corria acreditando em sua força, ele voltaria, o filho o prenderia, casaria sem véu nem grinalda?

Subitamente escureceu para a moça, o atalho, a chuva, o salão do baile, a lua na caixa de fósforos, a árvore tombava e a envolveu numa rajada.

38

[271] Missunga avançou para a casa grande.

Ao subir o trapiche, olha os fundos da casa grande, a varanda sobre o rio. Estava segura de que não casaria, aquele bilhete era um desafio, um domínio sobre a paixão e as ilusões. Como diante dessas palavras era ridículo o seu remorso, mesquinha a sua acusação ao pai. O pai mandara Amâncio trabalhar no domingo para apressar a construção de uma canoa inútil. Argumento falso. Tropeçava nesse terreno inconsistente e viscoso. A acusação ao destino, a si mesmo, aos elementos da natureza, trovoadas, chuva e árvore, reduzia-se a lento desespero.

Voltou a reconstituir os dias de ausência no campo, em que ia perdendo a saudade dela, ganhando a convicção de que seu pai, com a recusa, o conhecia mais intimamente do que pensava, o desgosto de tê-la arrastado àquele extremo, a certeza de que ela ocultaria tudo e algum escrúpulo, de resto. Mas foi só naquele trajeto do trapiche, o bilhete e a notícia o despertaram, e se agitou aquele pântano que era a sua consciência.

Ao entrar no quarto, as mãos na cabeça, fez um balanço instantâneo de sua vida. Sem querer achou-o cômico. A árvore tombava

vagarosamente no pântano, o rosto de uma pobre moça aterrorizada e condenada emergia da lama. Compreendeu, com fria e passiva lucidez, o seu egoísmo vulgar e sem remédio, a gratuidade de seus atos, a deleitação com que explorava e envenenava a dor alheia, a humildade, a ternura e assim, num momento, pensou que se casando — vivendo, logo emendou — com Alaíde, poderia devolver ao pântano a sua paz. Não seria possível, [272] através desse esboço de remorso, arrancar uma nova vida, ter o pungente heroísmo de olhar fixamente para dentro de si mesmo e retirar a face da morta como o primeiro gesto de reconciliação com o mundo e de aceitação do sofrimento? Com Orminda fracassara. Orminda, a exuberância solta do povo.

Seria possível estender a mão para Orminda através daquela morte?

Verdadeiramente desejou um grande amor pela morta, que o fizesse romper com o pai e salvar Orminda, recolher todos os seus irmãos dispersos. Riu, afinal, dessa nova solução. A realidade era a morte da moça, lhe fixara, num relâmpago, toda a sua condição de homem opressor e infeliz. Romperia com o pai, não chegava ainda a pensar se podia romper consigo mesmo.

O pai bateu na porta do quarto e entrou. Na escassa claridade, os dois homens defrontaram-se, em silêncio. — Quando você embarca para Belém?

A fácil pergunta, a voz tranqüila. Nada sucederia naquele instante àquele homem? Tentou compreender que devia lutar contra o pai, diretamente, para dominar a solidão, recuperar a melhor lembrança de sua mãe, e esse desejo, novo ainda, impreciso, que o comovia, de servir à vida, merecer aquele amor desaparecido.

— Não sabe quando embarca?

Naquelas palavras havia o hábito de uma rude, tranqüila e doméstica persuasão. O pai e o tio Guilherme eram tão seguros de seu poder, de sua vontade e de sua inocência ante a injustiça e o

sofrimento, que pareciam crianças. Não havia neles receio, dúvida — só, muitas vezes, o medo da morte e dos fantasmas no pai — nenhuma necessidade de consciência e de mudança. Velhos ganhões felizes, multiplicavam aquele sujo e desgraçado rebanho em que se viu apanhado, por acaso, entre Guíta e Alaíde, e Orminda segurando a feiticeira louca. Pai e tio eram o que eram porque os bois o queriam. Só distinguiam a carne das vacas da carne das mulheres porque as vacas valiam mais no matadouro. No entanto ao pai e ao tio sua vida pertencia, era parte do latifúndio, o rebanho lhe seria entregue como herança.

Durante o silêncio em que se debruçara nessa obscura [273] análise, da qual também se surpreendeu, olhou o pai curvado sobre a pequena estante onde se entevia na sombra o retrato de D. Branca. — Meu filho, isso passa.

Ah, exclamou a si mesmo Missunga, quase aliviado. Não sabia ao certo que o pai, além do primeiro susto, pouco se impressionou com as conseqüências do desenlace. Sorte era sorte, foi a explicação. Quis apenas com essa desculpa afastar o filho daquela morte como o afastou do casamento. Missunga começou achar possível torturar o pai, utilizando-se da fraqueza e da emoção que viu nas palavras do velho e por isso fingia maior revolta e desespero. Então concluiu que, em lugar do remorso ou pena de si mesmo ou da vontade de reagir, aquela cadeia de emoções e de pensamentos havia de passar. Certeza de que era um homem pior do que pensava e não tinha salvação. Novamente, o rosto de Guíta emergia do fundo do pântano, a boca derreada, os punhos esmagados entre as folhas. Isto lhe deu ao mesmo tempo um ímpeto de vergonha, o impulso de esbofetear o pai.

O velho deu alguns passos, circulou o olhar em torno do quarto e saiu. Voltou para dizer:

— Venha jantar.

39

[274] Ciloca repetia as palavras de nhá Clara. Sangue de menino era puro. Mordesse a carne de um menino bem no sovaco e visse. Ficaria curado.

Nisto passa um menino, esverdeado e lento como um bicho--tapuru. Outros meninos passam, magrinhos e velhos, os seus moleques amigos, ouvintes de histórias na esquina. Nem que fosse um menino sadio, uma criança rosada, não morderia. Velha ordinária a nhá Clara. Tão ordinária como Úrsulo que o intimara por ordem do Coronel Coutinho, a recolher-se ao leprosário.

Saiu caminhando, a chuva o apanhou no Campinho, voltou molhado e faminto. Ao chegar a casa encontrou o tenente Úrsulo.

— Já arrumou a bagagem? E amanhã, a noite.

Diante de sua lepra e de seu silêncio, a autoridade, as olheiras de lástima e nojo do Úrsulo: as orelhas muito grandes do delegado. Como que se moviam. Grandes. Ciloca olhou suas mãos já deformadas, resmungou:

— Está bem, tenente. Em que embarcação eu vou? Muitos não me aceitam levar.

— Tenho embarcação. É amanhã sem falta. Vai você, o Neves... ate amanhã, Ciloca.

Ficou na porta de sua casa em ruínas, velha armação derreada cheia de ninhos de cabas. Só restava o quarto esburacado onde dormia.

Sentou na rede, fumava os últimos cigarros, ergueu-se para remexer alguns livros velhos e poeirentos num caixote, folheou um catálogo de relógios, pensou então saber as horas. As corujas piavam.

[275] Deu-lhe um impulso de sair, deixar seus troços na porta do mercado e fazer uma necessidade na porta da igreja. Servir-se das grandes orelhas de Úrsulo. E morreria mordendo timbó, as entranhas em fogo e Sinhazinha nos braços. Morreria cusindo em todos os

poços da vila.

Pôs a roupa num saco de lona, apanhou o livro de S. Cipriano e sentiu saudade dos meninos para quem contava histórias, ensinava feitiço, pornografia e as proibidas descrições do amor. Sentia carinho por eles, era a sua família no serão da esquina, com o lampião apagado, onde soltava a imaginação, a sua desforra contra os adultos sãos, o seu passado de padeiro e o seu conhecimento escabroso do mundo. Começava a lembrar os meninos, um a um, Alcides, Pedrinho, Irval, curiosos dele, que não tinham medo, atentos e fascinados pelo que ele contava, e os pervertia. Contou vez uma história inteira das Mil e Uma Noites. Lera-a nas madrugadas da padaria, o livro era de Sinhazinha. Voltou nessa noite pelo braço de Scheerazade, ou de Sinhazinha? E caiu na rede, chorando. Porque isto recordasse, o desespero o dominou.

— Oh, por que eu choro...

Ódio, ódio de chorar. Os meninos dormiam. Os meninos sonhavam e o procurariam na noite seguinte. Choviam no sonho os pães-de-ló que os bruxos comiam, carruagens de ou flamejando dentro d'água, nomes feios e orações de S. Cipriano. Dissera-lhes uma vez:

— Se me perguntassem o que eu queria ser na vida, responderia: ser Pedro Malazarte mas um Pedro que também tivesse o poder do pajé sacaca que anda pelo fundo d'água.

Os meninos riram, caçoaram, um deles lhe deu uma goiaba doce, lembra-se bem, doce-doce. Calcou o peito como para esmagar os soluços. Por que chorar se deveria cuspir, morde devagar o sovaquinho das crianças, as crianças criadas a leite e maizena [sic] do juiz, do promotor, do Úrsulo, cuspir na face dos meninos, na pia da igreja, na mão hirta e gasta daquele Santo Antônio da casa do Nabor? Úrsulo não o apanharia mais. Desapareceria. Que a desgraça o leve para os sucurijus, para as onças, as febres lentas e negras no fundo dos igapós. Que seria dos meninos que ouviam [276] as histórias

coçando as feridas, daqueles comedores de terra sem Pedro Malazarte, a Bela Adormecida, os jantares na casa do rei que duravam a noite inteira?

Pegou o saco de lona, ergueu a cabeça como para aspirar o sono dos pequenos amigos que sonhavam, fez um gesto para lhes dizer adeus e caminhou.

40

[277] Já no caminho da Mangabeira, sob a chuva miúda, as árvores gotejando na escuridão, Ciloca avistou a luz de um farol, logo desapareceu numa curva. Uma tosse o atacou tão violentamente que o fez deter-se, curvo e arquejante. Gostaria de seguir a luz e correu para alcançá-la, com o saco escorrendo no ombro, os rotos sapatos encharcados.

Era um pequeno farol e na curta claridade duas sombras se movendo na espessa folhagem que se abatia sobre o caminho. De repente, o farol parou e as duas sombras em torno cresceram. Voltou Ciloca a correr, atolou-se numa poça de onde saltou um sapo, tropeçou e caiu. Seguiu-se novo e longo ataque de tosse. Ergueu-se com as forças que podia ainda reunir e avançou sobre o farol. E perto, a luz descobriu, como num passe de aparição, o rosto assustado de Alaíde, acabava de enrolar o cabelo para trás e se cobria com um pano de saca e o olhar de Missunga que erguia o farol sobre o leproso.

— Boa noite.

— Você gritou?

— Gritei, mentiu Ciloca, estava demais escuro.

— Aonde vai?

— Pra casa de um tio meu no Jaguarajó, novamente mentiu.

— Também doente?

Ciloca não respondeu.

— Sabe quem é esta ave de linda plumagem?, gracejou o rapaz,

como para desculpar-se.

— Então não sei? Não vi Alaíde em Paricatuba?

[278] A lembrança desse nome foi desagradável ao leproso. Era a sua cólera contra Missunga, a bebedeira no rio, o encontro com Guíta. Evitou falar na moça nem quis perguntar para onde, naquela hora, ia Missunga arrastando a cabocla. A chuva miúda continuava, Missunga numa baeta vermelha, a calça arregaçada, as reiúnas rangendo no atoleiro, a maleta na mão. Mandara buscar Alaíde naquela mesma noite sem lhe explicar nada, levando-a consigo para Mangabeira, para o rumo que depois escolheria. Não e sentia aliviado e vexado ficou com a presença do leproso.

— Se lembra da Nossa Senhora andando de madrugada por este caminho?

— Sim. Mariana já me falava. E como vai o livro de S. Cipriano?

— Queimei, mentiu o leproso, precisava me livrar daquele pesadelo. Pra falar a verdade, Missunga, nunca levei a sério aquele livro. Eu acreditei mais nas previsões do Nostradamus. Falava dele por bobagem. Mas essa gente miserável de Ponta de Pedras é capaz de tudo. Foram dizer, por exemplo, a seu pai que eu devia sair da vila porque andava empestando tudo. Ora, depois que conheci minha doença, e eu trabalhava na padaria, deixei de frequentar a sociedade. Afastei as banalidades de minha vida. Penso que você me viu farreando, bebendo, sabe o que houve comigo e Sinhazinha. Aquela, sim, soube gostar de um homem. E é o que existe no mundo para mim.

— Ela?

— E quem mais?

— Acha que as mulheres assim são poucas?

— E não é a verdade?

— S. Cipriano ensina isso?

— Lá vem você falar em S. Cipriano nesta hora, Missunga.

Você mete medo na Alaíde.

— Está enganado. Alaíde não tem medo. Tens, Alaíde?

A moça, que se detivera para descalçar-se, preferindo levar os sapatos na mão, mentiu:

— Não.

O leproso não lhe causava tanto medo pela doença, pelo seu [279] físico mas pelo que começava a falar e por certo iria contar de visagens, dos gritos que se ouviam na estrada da Mangabeira, a que se juntava o grito de Guíta. Não sabia compreender o que levava Missunga a fazer aquela viagem na chuva e a pé para Mangabeira. Desgosto pela morte de Guíta, remorso? Não havia tempo para avaliar se era esse o motivo. Teria ele gostado mesmo de Guíta? Acompanhava-o, enfim, com a docilidade de sempre, o mesmo abandono satisfeito. O medo da morte, medo de vingança ou da simples aparição do fantasma, assaltava-a.

— Me dá tua mão, Alaíde.

Ciloca fez um gesto para pedir o farol e se conteve.

— Ciloca, quem está fazendo pão, agora, na vila?

— Ora, quem mais, o Zeferino. E mal. O pão sai azedo.

— Por cima, a farinha não vale nada.

— Como tudo neste tempo. Tudo falsificado. É farinha, é gente, é tudo. Trabalhei com farinha boa no meu tempo. Joguei muito entrudo no carnaval com farinha Gold Medal. Me lembro de uma comadre minha que fiz engolir trigo pela boca e pelo nariz. Eu estava fantasiado de marquês. Em vez de confete usava saquinhos de trigo. E saber que hoje às vezes não tenho com que comprar um pão.

Alaíde riu-se. Era do que gostava muito, de pão, que só veio provar em Ponta de Pedras, já bem crescida. Levava no balainho a tiracolo um embrulho de pão torrado.

— Também se faz muito pouco pão em Ponta de Pedras. A pobreza é doida-doida por pão. Mas Nossa Senhora quer mesmo os pobres no céu. Nossa Senhora castiga mais que abençoa. Por isso

talvez é que o povo crê e teme. Eu, da minha parte, temo Nossa Senhora. E você, Missunga?

Missunga apertou a mão de Alaíde e suspendeu o farol. O caminho fechou-se num cerradal. Faltava um terçado. Um súbito receio sentiu Missunga ao supor que Ciloca poderia atacá-lo, arrebatá-lo a mulher. Só simples tocá-lo, para defender-se, deixava-o quase impotente.

— Mas, Ciloca, por que lhe deu na cabeça vir neste tempo?

— A mesma pergunta lhe faço eu, Missunga. Fugindo?

[280] Missunga para disfarçar o receio crescente, riu-se e passou a mão na cintura de Alaíde como para amparar-se. Aquele corpo junto ao seu, caminhando na lama, lhe transmitia um calor quase maternal, casto e sossegado. A cabocla avançava com aqueles pés acostumados ao chão, às caminhadas no mato, com aquele peito na blusa entreaberta, aquela respiração serena. Na escuridão, abaixada no cerrado, no rastro da luz, cautelosa e tranqüila, era uma índia e isto o ajudava a aceitar a presença de Ciloca, aquela viagem cômica e já extenuante, com a baeta ensopada, a maleta pesando, os sapatos frouxos, o ridículo e as acomodações da consciência.

Entraram numa clareira, Alaíde soltou-se dele e pediu baixinho um cigarro.

— Viciou-se, não?

— Me deu na vontade. Ofende?

Sua mãe não fumava? Suas conhecidas também não fumavam e mascavam tabaco? E os primeiros cigarros quem lhe deu? Não foi Ormindá?

— Sabe notícia de Ormindá no Arari?

— Não, Alaíde, não sei. Tome.

Acendeu o cigarro, deu um trago e pôs na boca de Alaíde.

— A propósito — falou Ciloca aceitando o cigarro que Missunga lhe oferecia —, sabem o que estão dizendo de Ormindá, do que ela anda praticando em Cachoeira?

— En-en, respondeu Alaíde, ansiosa.

— Em Cachoeira viram ela uma noite subir a torre da igreja com o próprio sacristão. Noutro dia, o mestre Cândido que anda fazendo obras na igreja, encontrou a marca do corpo dela no soalho da torre.

Alaíde deixou escapar uma exclamação. Missunga atento ao resto da história.

— Não digo que Nossa Senhora quando castiga, castiga mesmo? Pois mestre Cândido botou a boca no mundo, chamou povo, muita gente subiu a torre e viu a sombra do corpo da rapariga marcada, justinho o corpo dela deitado, de costas, até os cabelos espalhados, sabe, não e...

— Mas minha Nossa Senhora, seu Ciloca! Quem que então [281] anda contando isso?

Alaíde passou a mão no rosto molhado.

— Gente que chegou ontem de lá. No mercado ficou cheio. Nossa Senhora de Cachoeira tem cabelo na venta. Trastejou com ela, está no castigo. Ela também anda a passeio, vai pelo campo, vira uma moça, de vestido branco, o cabelo solto. A barra do vestido amanhece no altar, sujo do capim molhado. Um sujeito, lá em Cachoeira, meteu na cabeça de saber quem era a moça passeando no campo altas horas da noite. De revólver em punho foi ver de perto. Seguiu ela, seguiu ela, até que viu ela entrar pela porta da igreja e fechar-se por dentro. Pois o desgraçado do homem não se emendou, quis forçar a porta e foi só fazer força, deu um grito. Tinha quebrado os dois braços. Os dois braços. E agora há pouco aconteceu outro caso contado pelo Estevão que não é homem de contar lorota. A D. Águeda, não sei se conhecem, uma senhora que veio ano passado a Ponta de Pedras, cumprir uma promessa com o Santo Antônio do Nabor, trata das vestes da Senhora da Conceição. Um dia achou de levar a filha para ajudar a mudar a roupa da imagem. A pequena viu e foi contar pras amigas as intimidades do corpo da santa. Pois três dias depois a moça

não morreu louca? Louca-louca.

Caminharam silenciosos, o farol lambia a água empoçada, uma cobra saltou fugindo, as folhagens gotejavam, a chuva diminua e um vento agitou as árvores negras e fundidas no céu. Alaíde, mordendo os beiços, via Orminda estirada na torre e a filha de D. Águeda, louca-louca.

Quando chegaram a Mangabeira, Ciloca se deixou ficar para trás, ganhou um atalho. E gritou:

— Bom dia, Missunga. Bom dia, Alaíde. Já é madrugada. Veja o que você vai fazer com essa outra irmãgava, Missunga. Vão procurar Santo Ivo?

A tosse sufocou-lhe a risada e Alaíde estremeceu, olhou o céu e um fio de cinzenta aurora desprendia-se do grosso novelo das nuvens da noite.

41

[282] Missunga aluga uma curicaca, pequena embarcação a vela, contrata o piloto Pedro Mala Real e manda soltar o pano naquela noite.

O rio, uma cobra de prata, se desenrolava na sombra e ia urrar na baía. A curicaca deslizava no visgo da cobra de prata, a maré enchendo trazia o bafo áspero de mato podre e de bichos. O estirão foi se distanciando, com ele o medo daquelas trovoadas que arremessavam árvore contra os homens, reduziram Guíta àquele bagaço de cabelo e sangue e àquele redemoinho na consciência. Vinha a saudade dela, seus cabelos sobre o poço, o pranto silencioso no seu ombro, a quentura da noite sobre a nua mulher no chão como um caroço de manga, resto da infância e da virgem.

Alaíde, num inesperado gesto, abriu os olhos de Missunga para ver, disse, se os olhos dela estavam lá dentro. A escuridão não deixava. Ele, por isto, desejou casar-se com ela, para torturar o pai,

para torturar-se a si mesmo, o olhar de Guíta boiava aceso na água morta de seus olhos. A curicaca empinou, uma onda passou alta, Mala Real firmou a cana do leme. A vela debateu-se, a noite ondulou, o mato desapareceu e um primitivo mar surgia, botos sopravam, seguiu-se a esparsa murmuração da água espumando nas pedras de Lavandeiras.

Tinha na boca o gosto da maresia, do camarão frito, da cabaça e da ausência de Guíta. A cachaça lhe dava um perdão sem fim. Alaíde encheu-lhe a cuja e daí a um pouco estava bêbado. Pediu comida. A água molhara a farinha. Mala Real parecia sumi-lo na popa. A curicaca jogava. Missunga gritou:

— Cadê a farinha? Isto não é a terra da promessa? Está aqui!

[283] Fez um convulso gesto obsceno, caiu extenuado no fundo da curicaca. Alaíde temeu então que ele se atirasse, de repente, n'água. O mar engrossava, lodo, limo, sementes, pedaços de ilhas desmanchadas, vômito das cobras grandes que rabeiam nos poços fundos. Estranha e alegremente, curvou-se para o bêbado e dava-lhes beijos como farinha. Na popa, era o mudo homem domando a vela, o vento e o lodoso mar dos pesados rios da Amazônia. Apoiando a cabeça no braço de Alaíde, Missunga viu renascer, no calor que vinha dela, o corpo esmagado de Guíta. E adormeceu.

Depois, muitas estrelas apontaram, a água oleosa se estendeu macia e Alaíde viu correr no alto uma estrela cadente. Como as velhas ensinavam, pediu uma graça.

— Estamos defronte do S. Francisco do Malato — boiou a voz funda do piloto. — Para onde vamos que o doutor não disse? Dormiu?

— Quando amanhecer nós sabe — falou Alaíde.

S. Francisco do Malato, murmurou, o santo de fama. Santo do tempo da Cabanagem. Os cabanos entraram no Malato e picaram o corpo da imagem, principiou o piloto contando para Alaíde. Não se sabe quantos homens eram e quiseram arrastar o santo para a praia.

Mas não podiam com a imagem. Os pés se enterraram, os ombros vergaram, as mãos sangraram. Não puderam com a força do S. Francisco. E assim ficou na sua capela. Quando ia a Ponta de Pedras para encarnar, era com festas que o povo o recebia. Doutor Florêncio, o Calafate, negava que fossem os cabanos. Os brancos fizeram aquilo e botaram a culpa em cima dos caboclos. S. Francisco, de maneira alguma, podia estar ao lado dos brancos. Seu lugar de santo era ao lado do povo, ao lado dos cabanos. Os brancos eram como os frades no Arari que amarravam os escravos de seus engenhos e fazendas no tronco espinhento do tucumãzeiro e caçavam índio como se caça onça. Mas se foram os cabanos mesmo, alguma razão eles tinham, algum motivo o povo tinha para picar de faca a imagem de S. Francisco. Talvez o santo ficasse ao lado dos brancos, andasse favorecendo os portugueses contra a Cabanagem ou, quem sabe se o demônio, naqueles dias de luta, não se metera no corpo da imagem? Talvez fossem os [284] pró|prios cabanos que tiraram o cão do corpo do santo, tiraram o cão a faca, e doutor Calafate ria, ah!, era preciso, como dizia nhá Felismina, uma nova Cabanagem, uma grande Cabanagem no mundo. Mala Real imitava a voz do Calafate.

S. Francisco tinha ainda a marca das feridas. Os barcos ancoravam defronte, os marítimos atiravam libras de cera na água ou levavam pessoalmente as promessas ao pé da imagem. Espalhavam sua fama pelos rios, furos, ilhas, vilas, barracões. E a baía, lá fora, rezava durante a noite uma longa ladainha para o santo.

Missunga acordou, perguntou onde estavam, mandou que Mala Real atravessasse a baía. Alaíde apertou o cabo de bijarruna [sic]. As águas brincavam em torno da curicaca, como meninos em ciranda. Marajó ia se esbatendo, se afundando na noite, morno, misterioso, escuro como jacaré encalhado num balcedo. Do outro lado, subindo nas águas em que a curicaca se embalava, a terra geral, a terra grande, ressonando na lonjura, país de ouro enterrado. Alaíde se ergueu, vencendo o sono, olhou rapidamente a noite, voltou-se para

Missunga:

— Não. Volte. Está em tempo de se voltar. Se tiver de viajar vamo pra banda do Camará, de Soure. Que doidícia a sua, já passou a tonteira? Que remorso você anda curtindo, em? Credo! Mala Real, com a minha ordem, dobre.

Missunga, surpreso e dócil, beliscou de leve o queixo de Alaíde e fez o tom caboclo:

— Comandante, já...

Ambos riram. Então Mala Real explicou que teriam de atravessar só de manha com a maré. E o resto da noite os levou para o aningal da margem onde fundearam e esperaram o dia. Alaíde baixou a bijarruna e escorregou para o fundo da curicaca, no mesmo instante adormeceu, alguém gritava dependurado num galho do pau amarelo. Ciloca vestido de Judas com Santo Ivo debaixo do braço avançava sobre ela, Missunga, na janela de uma torre de igreja, chamava o povo para ver uma mulher se debatendo no chão com o corpo pregado, era Orminda ou era ela? Mais parecia Dona Ermelinda.

Acordou, banhou demoradamente o rosto na borda da curicaca. Missunga ressonava, Mala Real migava o fumo.

42

[285] Costearam Jaguarajó, depois a boca do Arari com a Ilha das Pombas que virava navio fantasma navegando meia-noite pela bala. Viajaram, viajaram e viram ilhas azulando na manhã um farol no alto, a igreja, as pedras de um barranco e canoas bolinando no largo.

Joanes.

Mala Real encalhou a curicaca na praia. Missunga e Alaíde rolaram na areia como ondas cansadas. Que pobre e ridícula aventura, murmurou. Lhe vinha o consolo de que seu pai sofria e isso era bom, indispensável a seu pai. Naquela viagem talvez ele mesmo encontrasse uma solução inesperada. Talvez viesse de Alaíde ou do

Mala Real. E correria para Cachoeira para apagar a sombra de Orminda na torre da igreja e dar liberdade a Ramiro nas fazendas. Alaíde chamou-o, viram grandes pedras esculpidas pelo vento e pelo mar. Certos blocos, trabalhados pelas ondas na enchente, estampavam nas pedras a agonia e o terror dos naufragos, a alegria e o espasmo dos peixes no amor, o desespero dos temporais e a máscara dos ansiosos horizontes. Certas paisagens só podiam existir no fundo do mar ou no fundo das consciências. Deixaram-se ficar ali o resto do dia e a noite. E ao amanhecer estavam colados na areia, sem animo para continuar a viagem. Mala Real mais adiante parecia dormir. O sol era um olho de boto vermelhando nas águas crescentes. Sob as pedras um esconderijo de areia como um pequeno túmulo. Ali naquela hora Missunga estirou Alaíde.

Ninguém passava na praia. Mala Real trouxe ajurus, comeram peixe assado e decidiram continuar a viagem.

[286] A curicaca não parou na boca do Paracauari. Os coqueiros de Salvaterra acenavam, Os ajuruzeiros da praia, a palhoça de pa-xiúba, as montarias de pesca, não, não havia coisa alguma ainda que abafasse a voz de Guíta, apagasse o olhar, aquele tão imaginado olhar no instante em que a árvore...

Mala Real não compreendia, mas satisfeito de participar e orientar aquela viagem. Havia depois de contar uma história. Alaíde sorria.

Na praia de Araruna onde a areia engolia as palhoças e os coqueiros, os viajantes comeram, com tão ingênua e rude delícia, a tainha assada do velho Chico Maria, comissário fiscal municipal e negociante de pesca. Apreciaram um cantor que andava divertindo o povo das praias nas grandes pescarias do ano. Alaíde ficou quase preta do sol. Tinha um cheiro de duna ao sol, de rede de pesca enxugando. Os búzios das canoas chamavam o vento e para Missunga chamavam também a voz de Guíta. As longas redes de pesca secavam e mulheres lavavam e estendiam roupa ao longo da praia. Os

coqueiros ao vento dentro das areias que cresciam, como se debatiam para salvar-se. E os olhos de Alaíde eram aquela areia e solidão, redes escuras, palhoças desfazendo-se e coqueiros mergulhando na areia como mastros desaparecendo nos últimos instantes do naufrágio.

Missunga cavou coco de dentro da areia em que se enterravam os coqueiros carregados. Depois pediu a Mala Real que o levasse até a ilha dos Machados onde os caboclos ainda não conheciam dinheiro. Mala Real achou arriscado. Dali melhor voltar ou ir a Cajuúna. Alaíde ia apanhando caranguejo soiá, caranguejos que andam sobre a lama. Ela não sabia tirá-los dos buracos como o povo do Salgado. E Mala Real ficava migando tabaco na curicaca que no Araruna recebia o nome de Tapuruquara.

No Cajuúna, Missunga lembrou Felicidade. A febre e os vermes das crianças. As mulheres magras espiavam. Os homens, soturnos, na venda, bebiam vagarosamente como condenados. Missunga sentiu aumentar o seu desassossego. Chamou Mala Real:

— Mas isto é uma viagem maluca. Sabe Mala Real, eu ando doente.

[287] Mala Real abanou a cabeça. Alaíde mexeu:

— Doença de branco é saúde do pobre.

E seu olhar caçoava.

E no Pesqueiro, quando a maré enchia, as vagas luzes do povoado se apagavam e as canoas no igarapé ficavam mortas na sombra, subiu o pano da curicaca. Então Alaíde desejou vagamente ficar numa barraca, no Araruna, entre as redes e as dunas que engoliam os coqueiros e as palhoças. Bonito ver a praia, pescadores vinham do Toré, do Cambú [sic], da lonjura. Aqueles não tinham o luxo de uma aventura, pensava Missunga, suas aventuras eram de todo dia, por força do destino, tão necessário e como a areia do Araruna. Alaíde voltava acreditando que a viagem acabaria numa alagação na costa de Soure e do Camará. Missunga, para adiar a viagem, se metera no relancinho na venda do Pesqueiro. Voltava depenado. O dinheiro que

restava, Alaíde guardara na bautinha de folha.

— Tá em tempo de ir embora. Seu pai lhe espera.

Alaíde mergulhou os olhos dentro da noite, as mãos frias e submissas no ombro do companheiro. E seu pensamento: Ele pensa agora na morte de Guíta? Tudo isto é mesmo porque ela morreu daquela forma? Será que Guíta estava de filho também? O filho dela era melhor que o meu? Coitada, morreu, não devo pensar nada, nada contra ela. Era também uma pobre. Sua alma pode me perseguir. E este homem está perfeito do seu juízo?

E assim se atreveu:

— Você fez malineza na finada e me pegou de consolação pra esta viagem. Me deixe numa praia dessa, é que é! Quem me consola de perder meu filho?

Missunga, de olhos cerrados no fundo da curicaca, tão imóvel na sombra, que Alaíde lhe tocou quase violentamente com as mãos molhadas de lágrimas. Uma onda avançou e banhou-lhe o rosto, os cabelos, Mala Real gritou:

— Molhou?

— Ora não brinque, seu Mala Real. No meu cabelo.

Falou baixinho a Missunga:

— Mas uma coisa lhe digo...

[288] Outra onda lavou a curicaca. Alaíde ergueu-se:

— Isto é fora de propósito, não maline, seu Pedro Mala Real. Me molhou toda. Não está defendendo a canoa da mareta.

Como se conservasse silenciosa, espremendo a barra do vestido, Missunga estendeu a mão para tocá-la:

— Diga o que ia dizer, comandante, ande...

— Esqueci já.

— Então era mentira.

— Era.

— Era, Alaíde?

— Sua boca não está dizendo que era?

43

[289] Entraram no rio da Fábrica, Mala Real os agasalhou numa barraquinha escondida atrás dum açazal. Aí ficaram. Alaíde pescava, acompanhava-o nas imaginárias caçadas.

Ele voltara do aturiá, exausto, bebia a tiquira que comprara em viagem. Alaíde aprendia a atirar com a sua espingarda. Um dia matou uma mucura. Ele perguntava a Alaíde se havia liamba no rio da Fábrica. Queria fumar liamba para um sonho no fundo d'água. Liamba?, indagou-se a si mesma a cabocla. E lhe vinha a lembrança da planta, o fumo trazia visões e o esquecimento tão suave “do que havia de mais péssimo neste mundo”. Sua mãe contava de certo Bento Triste que de tanto fumar liamba teve um repente, atirou-se na maré com um grito nem nunca mais.

— Mas é por isto mesmo que quero, Alaíde.

— Pois se atire logo na maré, ora esta. Não precisa liamba. Se atire que lhe prometo procurar seu corpo e tratar de sua sepultura.

— Onde é o cemitério neste rio?

— Basta que eu saiba. Se você se afogar e se a gente achar o afogado, esteja certo de que se sabe o caminho do cemitério.

Alaíde, num saiote áspero e grosso, fazia a peconha com que amarrava os pés para subir no açazeiro. Com a faca nos dentes, para cortar o cacho subia ligeira. A faca fíncava na terra e ela deslizava pela palmeira com o cacho na mão. Amassava o açai, depois de amolecido ao sol, grosso e escuro, vinho manso da terra. Seus pressentimentos aumentavam. Em breve ele sai bêbado e não volta mais. Em breve se cansará. A tiquira que o embriagava, a [290] liamba que desejava, era Guíta, era passageiro ressentimento com o pai, era enjôo e desprezo dela. Mas no mato e no rio, nua, como um peixe, no banho, estendendo os cabelos para enxugá-los ao sol, Alaíde deixava-se viver, um pouco mais calada, um pouco mudada. Onde

estaria Orminda? Que fim levava todo aquele povo de Paricatuba? Nunca se esquece daqueles adeuses tristes-tristes, daqueles gritos no igarapé, daquelas mãos, os olhos crescidos na carne, mulheres grávidas lambiam o beijo diante dos quartos sangrentos pendurados na árvore. E seu filho estaria crescidinho. Ofendia?

Deu ordem à salinha da barraca, conseguiu um caixote, dois banquinhos, tapou o quarto, colou a fotografia de revista em que pastava um rebanho de ovelhas num campo dourado, programa de Nossa Senhora de Nazaré, a gravura de relógio e aquele homem de cabeleira tocando violino. O seu S. Jorge matando o dragão se rasgara e molhara durante a viagem. E sorriu ao comparar, num repente, que o dragão era Missunga mas S. Jorge quem era? Levou horas tentando compreender porque lhe veio essa comparação e quis contar a Missunga, acreditou que ele não gostaria. Via em tudo isso o próximo abandono dele, ele fugiria sem despedir-se, era um branco. Por que a procurou? Por que fez dela uma boba, por que fez dela um resto, por que curtia o seu remorso, a sua tristeza, a sua cachaça se agarrando nela, lhe dizendo coisas incompreensíveis? No pequeno alguidar espumava o açai, sangue das palmeiras. Missunga limpava a espingarda. Ela assava no chão o peixe, o camarão, o pedaço de caça que Mala Real trazia.

Alaíde lhe contava alguns segredos de caça, de pescaria, da vida do rio da Fábrica onde ela nasceu e iam, às vezes, em montaria, vagorosamente, até Mangabeira, ver a baía ou colher atas na Ponta.

Uma noite a trovada desabou, os troncos inchavam, convulsos, na escuridão. Missunga ouvia, sob o clamor da mata chicoteada o fantasma, o soluço de Guíta que lhe falava da lua desfazendo-se no poço e dos machados faiscando na trovada, como relâmpagos, abatendo incessantemente as árvores e os amantes. Era possível que a trovada arremessasse aquele corpo esmagado [291] sobre a palhoça, caindo, podre e verde, na rede. A barraca sob um redemoinho, os ventos arrancavam os cabelos de Guíta, os seios dela penduravam-se

no teto. De uma confusão de gritos surgia Ormindá, nuamente, escorrendo óleo, os braços estendidos, e os ventos lhe cortando a face como facas.

Como da embriaguez e do sono, acordasse, extenuado e assustado e visse Alaíde observando-o com um olhar malicioso, gritou com ela, avançou para a cabocla e bateu-lhe no rosto. Ela recuou, quase sem surpresa, o olhar seco, encostou-se à parede de jaçara [sic] e esperou.

— Por que estava me olhando, ei, ein?

E escorregou na esteira como se fosse Alaíde que lhe tivesse ê esbofetado, pedindo que ela lhe desse café, chá, caribé, um abraço, perdão, vergonha, paz, a sua pureza. Ela permaneceu encostada, o olhar no chão. O rosto, pálido, tremia.

Na manhã seguinte, Alaíde, que saíra muito cedo, voltou com uma braçada de cravos amarelos e parou diante de Missunga adormecido, roncando, um fio de baba lhe escorrendo pelo canto da boca entreaberta. Devagarinho, foi espalhando os cravos sobre a rede, sobre o peito dele, a cabeça. Ele acordou num salto:

— Mas que é isso, Alaíde? Doida? Cravos? Me enfeitando com cravos. Mas então já sou defunto? Eu morri? Queres que eu morra? Me fazendo acordar com este cheiro de defunto, este fedor de cemitério, que lembranças, ein, Alaíde? Eu então estou morto, Alaíde?

Vendo-o sacudir a rede, Alaíde ria, silenciosamente, o rosto quente do sol, os cabelos retorcidos num pitó esquisito com uma rosa em botão. Os cravos espalhavam em toda a barraca o cheiro de morte, o cheiro de Guíta.

44

Alaíde correu para dentro chamando:

— Missunga, se não me engano aquele que vem ali é seu pai.

Minha Nossa Senhora! E é ele, meu mano.

Missunga pulou da rede. Aquela visita poderia desarmá-lo da disposição de “ir mais embora”, pegar o caminho de Marabá, se esconder sob o barulho das cachoeiras do Araguaia, era o diabo. Ao se encontrar assim tão imprevisivelmente com o velho, voltaria a ser o filho, perderia aquele esboço de caráter que principiava a nascer com tanta indecisão. Foge, esconde-se ou cai nos braços do pai?

— Ele está na porta. Vai receber seu pai.

— E quem mais vem?

— Um é o seu Lafaiete, outro não sei.

— Vai receber.

— Eu não, Missunga, me envergonho. Que é que ele pode cismar...

Alaíde se apoiou na rede, curvada.

— Alaíde, eu te peço. Por tua mãe. Pense bem na minha situação. Vá, por favor.

Alaíde saiu arrastando os pés. Tudo acabava numa grossa patiscada. Ela pediu a benção. O pai olhou severo para a cabocla:

— Que fim levou o homem, está aí?

Missunga permaneceu no meio do quarto, as mãos no bolso, escutando.

A voz do pai lhe parecia tão tranqüila e lhe entrava no coração com súbita doçura. Era a voz das fazendas, de Paricatuba, dos [293] bezerros chorando, de sua mãe, a voz de Belém chamando. Guíta se atravessava naquela voz como num largo e pacífico rio, as águas envenenadas de um afluente.

Coronel na salinha abanou a cabeça. Olhou as palhas, a esteira, o baú, a cabeleira do violinista e o rosto calmo de Alaíde. O cheiro de terra em tudo parecia vir da cabocla que tinha as mãos tintas de açaí.

Lafaiete e o senhor desconhecido entraram. Lafaiete fungava. O desconhecido ria um riso contínuo e silencioso, duplas dentaduras lhe entupiam a boca. Ficaram esperando que Missunga aparecesse.

Coronel não quis entrar no quarto. Alaíde apoiada na janela, esfregava o braço na parede, silenciosa. As suas mãos pareciam ensangüentadas. Coronel pensou em mãos de mocó, dosavam a composição dos feitiços, viravam a cabeça do filho. Lafaiete cochichara a viagem inteira, e foi estimulado no barracão do Ângelo pela mulher deste, que a culpa toda recaía em Alaíde. Espírita, cartomante, pajé, todos afirmavam. Coronel voltou a olhar a cabocla que continuava a esfregar o braço na parede, cabeça baixa, os cabelos despenteados, a palidez, a saia de alfacinha com um remendo grande nas costas. Tinha um jeito de culpada. Coronel estava disposto a fazer o negócio com ela. Dinheiro era tudo. Ou tudo acontecia pela cabeça dele? Herdara os repentinos sentimentais da mãe. Enfim, era filho, e voltaria. Depois, viera buscá-lo com uma amargura funda, um despeito surdo, a rude necessidade de contar-lhe o que se passara em Paricatuba. E teve espanto quando o viu:

— Mas, meu filho, como tu estás, que fizeram contigo?

Alaíde levantou a cabeça como criança assustada.

— Toma a benção, meu maluco.

Missunga, envergonhado, coberto de ridículo, fingiu um ar de filho pródigo, já em conflito com a falsa atitude que assumia, estende a mão e o velho puxou-o pelo braço, abraçou-o, apertando-o vivamente ao peito, beijando-lhe a testa. Ficou chorando com o filho no braço. Missunga então se conteve e tudo faria para evitar o olhar de Alaíde. Lafaiete enxugou os olhos com um lenço amarelo e o desconhecido ria, silenciosamente, com aquelas [294] dentadu|ras de fantasma. Alaíde debruçou-se na janelita do lado, não quis ver a cena. Chorava. Ele enfim voltava. Coronel ficou olhando o filho. Exagerava a mudança, via-o liquidando-se no mato. Sentia os compridos e duros dias de solidão, de álcool, de insônia, de desespero e doença sob o domínio daquela cabocla. Contavam que Alaíde ia tirar raiz de liamba no mato e fazia o cigarro para Missunga fumar, endoidecer aos bocadinhos, era o que se falava no barracão do Ângelo. Coronel,

depois de tudo que aconteceu, e ante a iminente solução feliz “daquela loucura”, sentia certo orgulho pelo caráter do filho. Era homem de sentimento, afinal quem pode impedir que um rapaz da sua natureza não se deixe impressionar pela morte daquela moça, sua amiga de infância, que o amava, talvez? Compreendia a atitude do filho. Sim, agora compreendia. Missunga relanceou o olhar para Alaíde, dos cabelos dela descia uma inocência e uma paz que se misturavam com o cheiro de terra. Coronel pensou que não brigaria com a mulher, seria pior, dava boa quantia, precisava ajustar bem o preço. E até mesmo encontrara no filho um arrependimento e uma mansidão que não suspeitava, o que tornava menos difícil a transação e decerto menos dispendiosa.

— Meu filho. Venho buscá-lo.

— E, Missunga. Ouça o seu pai.

— O quê?

Missunga com os olhos no Lafaiete. Alaíde estava como tirando um peso de suas costas. Ninguém mais que ela pedira a Deus, fizera promessa para Missunga voltar. Agora, sim.

— Vamos, O motor está no barracão do Ângelo.

Coronel esteve olhando o chão, hesitando. Ergueu o olhar para Alaíde e voltou-se para Missunga.

— Sabe o que foi que aconteceu em Paricatuba?

Missunga olhou atento.

— Ermelinda está com o Nelsinho, o teu primo, o filho do Néilson, meu sobrinho. Veio do Rio e está metido com a cachorra.

Alaíde recordou o sonho na curicaca: mais parecia Dona Ermelinda e não Orminda a mulher marcada na torre da igreja. Via um leve tremor nas mãos e nos lábios do velho. Missunga [295] perma|neceu de vista baixa. Teve ímpeto de dizer: vamos. Lafaiete fez, de repente, um gesto teatral, e aponta para Alaíde:

— Cúmulo de todos os males para a família, essa vampiro te leva para o abismo. Sim, Coronel, uma vampiro. Já ouviu falar que a

mulher pega um homem dando-lhe um café... o resto ela confessará ao tenente Úrsulo...

Alaíde deu um passo, tartamudeou um não, não!, a boca tremia. Seus olhos cresceram sobre Missunga. Caiu, brusco, um silêncio. Missunga então encarou o pai:

— Olhe, meu pai, eu ia. Já estava mais ou menos decidido. A crise já passou. Alaíde veio porque eu lhe pedi. E você, seu canalha, seu patife, seu Capitão Lafaiete da mãe que o pariu, suma-se daqui. Só se foi da sua mãe, de sua mulher, que eu bebi, cão ordinário. Agora mostro que sou...

Ia concluir: um homem, emudeceu. Alaíde avançou e o segurou pelo braço.

— Não. Por mim, não. Por um aleive desse é que você não deixa de ir. Leve ele, padrinho.

Missunga fugiu para o quarto. Coronel mandou, com um gesto, que Lafaiete se retirasse. Com um minuto de vacilação entrou no quarto, a voz do filho o recebeu:

— E inútil, meu pai. Fique com o seu amigo Capitão Lafaiete. Amargue sua dor com ele.

— Foi o que você aprendeu. Foi o que você aprendeu. Agora, assim, acredito que aqui há moamba. Um Coutinho metido nisso. Meu filho. Meu único filho. A que chega uma degeneração. Meus, meus últimos anos de vida se acabando em desgosto em cima de desgosto. Pois fique aí e hás de te arrepender da desobediência. Pensa que não te posso deserdar? Acreditas que não posso deixar meus bens...

Ofegante, interrompeu-se, articulava dificilmente as palavras. Procurou a portinha da barraca.

Missunga no quarto teve ímpetos de correr, abraçá-lo e ir com ele. Uma enorme confusão na vontade. Ódio daquele Lafaiete não talvez pela acusação mas porque o obrigara àquela atitude. Achou tão gratuito aquele aro como o de ter escrito a primeira carta para [296]

Guíta. E sem querer deixou-se rir da cena ridícula. O esboço de caráter dissipara-se naquela tentativa e se levantou da rede, já decidido a partir. Deu com Alaíde na porta e não os viu mais:

— Ainda não chegaram no porto. Corra que você pega. Ande. Ele passou a mão pela cabeça da companheira, os lisos cabelos acariciavam-lhe os dedos.

— Sabes, Alaíde, que não vou.

E voltou, de supetão, para o quarto.

Alaíde correu para ver se apanhava os três homens em caminho. Alcançou o fazendeiro e tomou-lhe a frente:

— Padrinho meu, leve ele.

Coronel, recuou, rapidamente, com espanto e logo com repulsa daquela cabocla, aquelas mãos ensangüentadas, aqueles cabelos que se desmanchavam pelas costas. Alaíde, ou pela timidez, ou pressa em que ia, deu um passo e tropeçou junto aos pés do fazendeiro que saltou para trás, os dois amigos acudiam com os punhos fechados e aos gritos.

— Sua cabocla audaciosa! Feiticeira do diabo! Como te atreves?

Alaíde levantou-se rapidamente e os encarou. Uns doidos, foi o seu pensamento. Ouviu em silêncio, uns doidos, como tu te atreves, feiticeira? O velho pensou que ela ia cair-lhe aos pés, chorar? Como estonteada, quis correr atrás de Lafaiete e cuspir-lhe a cara. Voltou devagar, que tinha mais a fazer naquela barraca, como podia aparecer depois daquela vergonha? Missunga seria o primeiro a acreditar. E entrou na barraca, o rosto crispado. Durante o jantar silencioso, Missunga lhe beijava os cabelos.

45

Alaíde, no delírio, via a mata flutuar nas águas cor de sol, os bichos verdes abrindo a boca.

— Eu sinto... meu filho. Se mexendo. Me apalpa. Tu não sente ele se mexendo?

Missunga segurava-lhe as mãos, também agitado e com esta pergunta: por que aquela decisão de ficar? Como tratar a doente, contratar no barracão do Ângelo uma mulher para ajudá-lo, depois do que se espalhou no rio pela boca do Lafaiete e da mulher do comerciante? Ridículo ter ficado sem mais nem menos, naquela palhoça, com os carapanãs e o paludismo, atolado no desalento, na diária verificação de que a cabocla era melhor do que ele. Seria afinal vergonhoso ficar? Temia a opinião, que se espalhava, de que estava mesmo “pegado” e era degradante discuti-la quanto mais aceitá-la. Ao mesmo tempo receava confiar demasiado em Alaíde.

A chuva da madrugada deixava a terra nascendo de novo sem a febre. Mas toda a febre se refugiara no corpo de Alaíde. Com a baía ali adiante, ventos, pássaros, palmeiras, a morte espiava por entre as palhas da barraca. Alaíde, no delírio, escutava o choro do filho, os olhos do curumim boiavam entre as sementes do igarapé. Como levá-la?

Foi ao porto olhar o rio para reanimar-se, no mesmo instante voltou, deteve-se mirando a espingarda que desarmou, entrou no quarto, contemplou a mulher. Alaíde, na rede, o rosto ardendo, os olhos cerrados, os braços como a segurar a criança, os seios altos escapulindo-se da camisa aberta como se quisessem amamentar. Então se lembrava das últimas tardes em que a via um pouco [298] triste banhando-se no rio. Primeiro fazia mapoonga — que era abrir os braços batendo n’água para espantar os bichos — mergulhava, sentava o corpo bem na lama do fundo e de súbito boiava junto à estiva de miriti soprando água, viva como uma ariranha. Já com a febre, tratava de nadar no rio, o que fazia Missunga gritar:

— Tu um dia estupora, mulher!

Alaíde revirou-se e suas nádegas cresceram na rede, os cabelos amontoaram-se como um negro travesseiro, o gemido, que era o

chamado do filho, não se distinguia mais do curto e quase doloroso gemido das últimas noites de amor. A febre penetrara-lhe o corpo e no delírio lhe deu um filho. Missunga apalpava-lhe a testa escaldante, os mornos joelhos, seu olhar queimava.

— Onde você está...

— Aqui, mea preta. Se aquiete, ande.

Parecia estranhamente mais jovem com o cheiro das carnes quentes e machucadas como frutas no sol escorrendo doçura. Missunga limpou o suor do peito e o desejo. Não, não, coitada de Alaíde. Tentou embalar a rede, que pesava, deu-lhe um pouco de água. Os olhos dela se abriam e brilharam como acordados pela mesma ansiedade:

— E meu filho? Nhá Clara me espremeu. Cheirando alfazema... E bunito [sic], ele?

Um cachorro desconhecido, molhado e tiritante, veio espiar no quarto. Uma borboleta pousou na rede e caiu depois nos cabelos da doente. Missunga teve um sinal de esperança. A borboleta era muito bonita. Alaíde lhe pedira uma vez um pente-travessa com a forma de borboleta.

— Vi uma borboleta.. E meu filho?

— Alaíde, fique sossegada. Vou ao barracão, chamar uma mulher lá, sim?

— Não. Me principiou uma dor aqui no lado. É ele. Meu filhinho.

A borboleta azul e negra faiscava nos cabelos. Era possível que a febre a queimasse. A enferma abria os braços, um rio vermelho subia pelo barranco, o filho bateu as asinhas de borboleta, a mãe despencava do açazeiro, deu um grito.

[299] — Que foi, Alaíde, por que gritou?

Ela sentou-se, a camisa descia-lhe pelo corpo, solta. Ele a fez deitar-se novamente, roçando-se naqueles seios abrasados, naquele ventre faminto de criação.

Diante dela, perplexo e falhado, diante daquela força de natureza que se desencadeava no delírio. Voltou-lhe o impulso de abandoná-la nas mãos de uma mulher e partir. Alaíde, com a febre aumentando, poderia correr atrás dele, aos gritos, desvairada. Estava imóvel, os olhos fixos nas palhas do teto. E tudo aquilo o abatia, humilhava, era absurdo. Não tinha paciência para cuidá-la nem mosquiteiro para evitar aquela mesma febre, e o igual e muito breve delírio. Aquele sono no fundo d'água, espelho de sonho e morte de seu pensamento, encarnava-se em Alaíde. Ela estava fora do rio, da terra, das palmas dos açaizeiros, do seu amor como fora das águas uma canoa de borco na lama da praia. Uma vontade de chorar, chamar pela mãe e pela Mariana como fazia em menino, romper com todo o mundo e meter-se com ela numa canoa, salvá-la, dar-lhe um filho depois, dar-lhe dez filhos. E correu para o porto, uma montaria passava no meio do rio, gritou.

Fez sinal aos remeiros que desistia da passagem. No quarto deitou o rosto no punho da rede. Imaginou-a meia roxa dos pisões da febre estendida em dois bancos juntos, emprestados do barracão do Ângelo, forrados por aquele lençol velho, as velas à cabeceira. Não subiria mais daqueles braços senão o cheiro gelado da morte. Cobriria o rosto da morta com um lenço, o de linho marcado com o nome dele que ela tanto gostava. Como aconteceu com sua mãe quando morreu em Paricatuba, uma velha colocaria o pires de sal sobre o cadáver para que Alaíde, enquanto não fosse enterrada, coitadinha, não fedesse. Aqui teve um sobressalto, se esboçava em sua direção o desejo de vê-la morta. Libertar-se da história do enfeitiçamento, abandoná-la ou levá-la sempre às costas, arrastando também o corpo esmagado de Guíta. Como enfrentar a curiosidade de todo aquele rio diante da morta, a mulher do Angelo, aquelas figuras de índios espiando? Sentiu que uma cara lasciva e pustelante era o que Alaíde via nele, com aquele olhar alarmado pelo delírio. Surgiu-lhe, então, daquela noite a caminho da Mangabeira a visão de Ciloca, rindo.

[300] A borboleta voava pelo quarto, pousou nos cabelos dela. Ele apanhou-a e mostrou à doente.

— Solte ela.

Aquela voz calma anunciava o fim do delírio, a febre passava. A borboleta faiscou na sombra e Alaíde a viu grande e escura, era a esperança.

— Agora durma um pouco.

— Pensou que eu morresse?

— Que pergunta.

— Que pena, não? Tou lhe dando tanta consumição. Mas vasilha ruim não quebra, era o que dizia Orminda. Me viu morrendo, não? Se ofendeu?

Missunga se deitou na esteira, a febre a borboleta levava. Aquele poder de vida, mesmo no sono, em Alaíde, o deixava extenuado e tão amargo como se fosse ele o doente, voltando do delírio.

46

[301] Releu a carta um pouco trêmulo, murmurou um “bem” que nada dizia e reviu a cara do pai quando lhe disse que Ermelinda fugira. Voltava a ler, mais calmo e disse mais se admirava. O pior fora aquela despedida em que sentiu mais do que nunca o conflito entre a sua vontade e a estima ao pai, o ridículo e a vergonha diante das acusações de Lafaiete e a dúvida acerca das coisas misteriosas e inexplicáveis atribuídas a Alaíde. Antes via nela uma simples cabocla, mansa e inculpável, via-a agora obscura e possuída de astúcia e mandinga. Voltou a reler trechos da carta, morte que pressentia e o surpreendia mais do que pensava. Um colapso. Não podia entender bem. Culpou o destino, o desgosto não o matara, aquele encontro, a obsessão de ver o filho arrastado por uma mulher que o enfeitiçara? Ia tentando descobrir no morto qualidades, sentimentos, feições que até

então desconhecia e admirava-lhe, antes de tudo, o fôlego de búfalo, o que matou, por certo, a sua mie. Isto, não foi adiante. Em face de novos problemas, por “força da fatalidade”, deixaria os velhos de lado.

Olhou para o caixeiro de marchantaria que lhe trazia a notícia. O motor no portinho. O mesmo portador entregou-lhe outra carta tarjada.

“Não sei exprimir o meu profundo pesar, caro amigo. Nosso provecto amigo, compadre e chefe finou-se quando a nossa terra mais precisava de seus serviços, de sua vida toda dedicada à causa pública, de seu nobre caráter que se aliava a um coração de ouro. Deus o levou. Os páramos celestes o receberam...”

[302] Saltou trechos e parou aqui:

“Ignoro qual será o destino do nosso município. Bem sei ou suponho que meu caro amigo não pretende seguir a política nem tenciona substituir seu pai na Intendência. Coronel me havia prometido indicar-me para substituí-lo. Mas os caprichos da política são como os caprichos da Parca”.

E adiante:

“Espero que meu amigo enterre sempre as divergências do passado e aceite esta amizade velha, sincera e esta dedicação de velho tabelião e tarimbeiro da vida. Ela faz parte do inventário de seu pai. Você é herdeiro dela”.

LAFAIETE

Até com a carta do Capitão Lafaiete, se comovera e isso completava a reconciliação com o seu mundo. Ao dirigir-se para a barraca, o caixeiro, timidamente, lhe tocou no braço e olhou-o. Ali estava o novo patrão, bom e naquele momento pedir-lhe uma promoção na marchantaria, aumento de ordenado, aproveitar o ensejo de uma proteção mais rendosa e duradoura... Balbuciou com ares de confidência e cumplicidade:

— Dr... É difícil lhe dizer. Mas...

Uma pergunta lhe subiu pela garganta e aí se debateu, ácida, teimosa. A respeito da fortuna? A ameaça de deserdá-lo. Seria legal? Lafaiete decerto o saberia. Ou não? E para quem a fortuna? Seu pai a deixava complicada e em perigo? Dívidas? Também Coronel Diquinho, fazendeirão Chaves e Mexiana, deixara aos filhos, que de nada sabiam, um montão de dívidas e hipotecas, a ruína enfim. Não pôde reprimir a inquietação, a realidade da herança era mais poderosa que a morte do pai.

— Pode falar...

— E que a morte de seu pai foi em circunstâncias que não podem ser conhecidas pelo público. Um colapso...

Mas, quando foi para Soure, não andava bem? O médico não permitiu?, perguntou com alívio.

— Exatamente, naquela casa da praia em Soure ele passou bem uma semana lá. Na noite de anteontem... Uma pequena embrulhada num lençol saiu gritando do quarto e até hoje parece transtornada.

[303] Missunga tinha a garganta seca. Apesar do alívio — aquela súbita sensação de ruína iminente — viu a moça desgrenhada despojando-se daquele subitamente cadáver, velho e gordo, que pesou sobre ela. Um fim conveniente a um Coutinho. A morte o apanhara em flagrante, o búfalo morrera por força da própria vitalidade. Aquele fim os aproximava cada vez mais, os fundia e, como fascinado, embora lutando contra a fascinação, se deixara envolver pelo único

sentimento real e total, o da posse universal da herança poupada e tranqüila.

Caminhou para a barraca ao lado do caixeiro.

Romperia de uma vez para sempre com as emoções. O morto o chamava pela boca do testamento. Chegava a acreditar, diante do absurdo de sua aventura que Alaíde tentara alguma coisa insinuava... ou... A suspeita não atingia propriamente a mulher e sim a ele. Queria livrar-se da maneira mais limpa e sossegada. Tudo era possível no terreno da feitiçaria e do sobrenatural, dizia o pai quando lhe falavam nas extravagâncias da política e na existência das almas. Levaria Alaíde? Deixaria ela em Ponta de Pedras? Melhor mandá-la buscar. Não podia aparecer com ela na vila. Tinha de seguir aquela rotina do luto, não queria ser visto *ao lado* da cabocla. Como explicar à Alaíde?

Ela o esperava na porta da barraca.

— Alaíde, meu pai morreu.

Disse, brusco, sem olhá-la, não pôde conter as lágrimas. Ela o pegou pelo braço e alisou a mão, de leve, muda e atenta, vendo-o chorar e pender a cabeça ao seu ombro, soluçando.

Durante aqueles minutos longos, sentados no banquinho, Alaíde compreendeu que ele teria de partir mesmo e abandoná-la nada fizera para prendê-lo. Aqui lisonjeava-se. Se os brancos falavam em feitiço, naquela coisa cuspida por Lafaiete, era que viam nela uma mulher com forças de cativá-lo — as forças mesmas dela e não da pajelança — de separá-lo do mundo de onde viera, deixando mulheres lindas, brancas, de mãos finas como plumas, ornadas de brincos, pulseiras, broches de ouro, meias de seda, morando em palácios, sentadas em cadeiras estofadas, enfiadas naqueles vestidos do grande figurino que Orminda lhe trouxera, uma vez. Ele [304] ficara ali durante meses e por quê? Guíta? Guíta, sim mas estava morta. Não tinha mais direito de acusá-la nem a ele porque a amou e sentiu de verdade a morte dela. Ele a escolheu para acompanhá-lo naquele sentimento, um sentimento que só ela conheceu bem de perto, talvez as brancas não sabiam sentir

nem entender. Afinal Guíta não era das brancas, era da igualha dela. E Alaíde, neste ponto, se arrependia e culpava pelo juízo que fizera da morta. Agora a queria como a uma irmã, sua igual, talvez fosse melhor ter morrido para não padecer, como padeceria, nas mãos de Missunga. Não levaria fama de feiticeira.

Nos meses em que ela viveu com ele, os brancos falavam e caluniavam, não o queriam perder, a ele estavam ligados pelo visgo da fortuna. O pai morrera, o filho chorava, de certo modo aquele branco soluçando ao seu ombro lhe dava suficiência e orgulho, triunfo sobre o mundo inimigo. Tinha pena do filho e isto também a lisonjeava, nenhuma do pai dele, o que achava esquisito. Aquelas moças brancas perdiam assim aquele momento, não sabiam consolá-lo nem aceitar as suas lágrimas como ela as aceitava.

Segurou-lhe o queixo, falou baixo.

— Tenho de seguir.

Cabisbaixa, ela concordou com um gesto, Missunga a viu tão desamparada e como se estivesse sentindo mais a morte do pai do que ele.

— Vou no motor. Preciso estar em Belém, amanhã. Deixo-lhe dinheiro e mando o quinino. Precisa se tratar.

Agora falava solto, sem a língua pesada, dono de seus nervos.

— Mando o quinino e tome logo duas cápsulas. Irá a Ponta de Pedras. Fica lá. O motor vem lhe buscar amanhã. Mando-lhe buscar. Você vai morar na vila. Mando fazer uma casinha. Lá ou em Belém. Quem sabe? Estou, meu Deus, com um mundo de coisas a fazer.

Alaíde nada respondeu e foi caminhando, vagarosa, para o quarto. Ele seguiu-a, viu-a cair na rede, escondeu o rosto no lençol e ouviu-a, então, falar como se falasse de muito longe, de dentro das águas, abafadamente.

— Não, não me mande buscar. Não sou nada pra você, nada, nada. Você é das suas brancas. Agora até o sentimento que você tinha por Guíta se acabou. Se este se acabou que sentimento pode ter por

mim? Não me mande buscar.

Continuava a morder o lençol, a abafar a voz e ele, de pé, imóvel, na tentativa de acariciá-la, chorar ou romper de uma vez com aquilo para apressar a partida.

Ficaram em silêncio. Ele concordou que nada havia entre as brancas de melhor ou igual àquela mulher. Começou a fazer desfilar as mulheres de seu mundo, primas, colegas, a prima Esmeralda, filha do tio Guilherme, a do automóvel de ouro, uma boneca de gesso. Vinham as mulheres dos fazendeiros, iam a Minas, acompanhavam os maridos deputados federais ao Rio, a D. Lourença, estúpida e avara, a mulher do Gondim, flácida e enfeitada, as Medeiros, polidas, viajadas e chatas, a mulher do Coronel Lizandro, com a mania da ostentação, entulhando a casa de móveis, tapetes e criadas; suas filhas, rol de mulheres mesquinhas e pedantes. outras afetavam religião e elegância, moças apenas fêmeas, ansiosas de farras e de amantes, animais bem nutridos e bem vestidos se ofereciam naquele zôo provinciano ao primeiro aventureiro, ao primeiro cadete, ao primeiro calhorda que exhibisse roupas, audácia e maestria no tango na Assembléia. Claro que havia boas mães, tão domésticas e bobas esposas, sabiam cerzir uma cueca e mocinhas sofríveis, ávidas por um casamento no sul. Alaíde era melhor que todas, melhor, não havia dúvida, e não sabia levá-la. Acabaria casando com Elizabeth que oxigenava os cabelos e sonhava ser raptada num avião, Ou Hilda, a que lhe escrevia e o tratava por “darling”.

Alaíde descobriu um pouco o rosto suado, os beijos tremiam, os olhos sem lágrimas. Com uma voz que Missunga achou parecida com a de uma menina, disse:

— Sabe que sua gente pensa que lhe enfeitei. E você ficou acredita-não-acredita. Não quero chegar na vila com o nome de feiticeira. Também não pense que eu queria que você ficasse. Por isto vá logo. Prove que você é que manda na sua vontade e que não veio por meu feitiço. Mostre que o enredo do Capitão Lafaiete é um aleive

que ele há de pagar. Eu sigo a minha sorte.

Na confusão e no espanto, Missunga não teve outras palavras:

— Afinal agora não é ocasião para a gente estar falando nisto. Estou com a notícia da morte de meu pai, Alaíde.

Como a cabocla não respondesse, Missunga tomou a ofensiva e quis mostrar a si mesmo e aos outros que não estava dominado por nenhuma força alheia à sua vontade. De qualquer forma prevenia-se com o que havia nas palavras dela, astúcia, ou sortilégio, o que fosse, o fluido para uma provável capitulação. Aquela atitude inesperada dela podia enfraquecê-lo, por isto convinha reagir.

— Fale, Alaíde, vai ou não?

— Pergunta por perguntar. Vá sossegado.

— Alaíde, afinal...

Ia falar o Coutinho, o branco, para devolvê-la ao que era ela na verdade e tentou por cima especular com a morte do pai. Recuou a tempo meio desesperado. Queria sair dali limpo de emoções e de ressentimentos, de todas as moscas que lhe esvoaçavam na consciência e eis que sobre o cadáver de seu pai e a herança saltava daquela cria de quintal um maracajá brabo.

— Bem, Alaíde, decida como quiser. Mando o motor. Tenho de pensar na morte de meu pai nesta hora. Você vai ficar por aí, fazendo o quê? Não pense que acreditei no que disse Lafaiete. Não pense.

Alaíde desembaraçou-se do lençol e sentou-se na rede. Apanhou os cabelos, prendeu-os, e falou:

— Deixe aí o dinheiro mas vá embora e me deixe. Dê lembranças aos seus brancos, pras suas brancas. Case com uma delas e me mande um doce. Ao menos um botão da grinalda...

— Alaíde, cale-se.

— Eh, que foi que eu disse?

Missunga procurou apanhar-lhe a mão para despedir-se. Mas correu lá fora e gritou para o porto que rodassem o motor. Voltou e encontrou Alaíde sorrindo, os braços cruzados:

— Bem, mando o motor.

— Se quer mandar, mande, só lhe garanto que ele não me encontra mais aqui.

[307] Ele fez que não ouviu e quis beijá-la. Alaíde recuou mordendo os lábios e estendeu-lhe a mão.

Ficou atenta ao barulho do motor que aumentou, aumentou como se fosse dentro da barraca e logo foi se distanciando, diminuindo, desaparecendo até que somente ouvia o lento rumor da folhagem como um soluço. A tarde tombou no rio. Veio-lhe o grito de um tucano, um raspão do vento nas palhas, a noite.

47

[308] Depois de examinar as contas da marchantaria conversou longamente com o advogado, o gerente, os caixeiros e com Manuel Raimundo. Respirou alegremente cansado, e afirmou que aquele dia era, em verdade, o seu primeiro dia de trabalho em toda vida.

— E o meu primeiro dia de criação.

Quarenta mil reses redondas, bravias e mansas, búfalos, a melhor cavalaria de Marajó, terras, barcos, lojas, lanchas, depósitos nos bancos, servos, cartórios, juízes, irmãos naturais e contas a receber. Renunciou à Intendência de Ponta de Pedras, indicando o seu tio Guilherme. Pela primeira vez ao reler as últimas cartas de Lafaiete que lhe pedira a Intendência, recordou com delícia os seus dias em Paricatuba, a viagem na curicaca, as suas complicações imaginárias e insolúveis e via Alaíde subindo no açazeiro, o vento levantava-lhe o saiote, o açazeiro vergava e balançava com ela, os cabelos se confundiam com os cachos e as palmas, todo o seu corpo ficava solto, se mostrava de cima abaixo, um cacho de miriti se abrindo do croatá. Aquele corpo lhe pesava no desejo como a recordação de um vício morto. Era preciso expulsar os fantasmas e pensar na doença de Manuel Raimundo, a asma progredia e isto constituía perigo para a

administração das fazendas.

No segundo dia de criação decidiu visitar o seu domínio com o administrador.

A lancha partiu de Belém, rebocando o Pérola de Marajoaçu, que largou na baía, com uma grande vela azul fina de talhe e de velocidade, a mão de mestre do velho Amâncio se fazia sentir da proa à popa, os tripulantes saudavam a lancha que avançava nas ondas, fumaçando.

[309] Não encostou em Cachoeira, subia o Alto Arari.

Durante a viagem, subindo o rio, interessou-se pela asma, pelos filhos e netos do administrador. Conversou a respeito das malhadas, dos impostos sobre a exportação do gado, dos embarques para a Guiana Francesa, da febre aftosa e da importação de zebus. O administrador lhe falara dos novinhos gyr vistos na vacaria do Jaboti em Belém, concordou que seria necessário mais zebu nos rebanhos. Não deixou de insistir que o administrador necessitava ir ao Rio, consultar uma sumidade, aludiu a uma leitura sobre asma, concluiu melancolicamente que a ciência nada adiantara ainda sobre certas doenças tão comuns e o administrador recordou que o Coronel Coutinho se queixava sempre de erisipela.

O velho administrador exibiu, observou o fazendeiro, além da asma, outra doença, a do pesar pela morte de seu compadre e patrão. Aquele sentimento de luto a toda hora pesava em suas palavras, gestos, silêncio, suspiros, evasivas, alusões sobre a vida do Coronel. Por isso sentia que não era para o velho um patrão da envergadura do pai. Não merecia confiança e Logo Lhe vinha o despeito contra Manuel Raimundo como também raiva, com que lhe podia perguntar: quem era finalmente o dono? Agora tinha que lutar com o administrador? Este era-lhe indispensável e a quem havia de se impor como patrão, um Coutinho, à maneira do pai com aquela cumplicidade, aquele entendimento que tanto unia os compadres. Romper com Manuel Raimundo era começar de novo, rompendo com

o pai. O mundo velho permanecia, cabia dentro dele o administrador.

A lancha apitava em cada curva do rio.

— Afinal, Manuel Raimundo, você deve ir também a Minas, limpar o fígado. Vai primeiro ao Rio, passa um mês, consulta o sábio e sobe as montanhas.

— E quem fica à testa de tudo isto? Agora é que é preciso estar de olho aberto. Temos que fazer o inventário, a contagem. É preciso estar de olho em cima. Mostrar a essa canalha que nada vai mudar, que o filho herda do pai a qualidade de bom patrão, cuidando do que lhe pertence. O inventário vai ser trabalhoso. Temos que olhar bem os serviços da própria marchantaria. Vejo [310] lá uma porção de coisas para acabar. Não acha que há alguns caixeiros que podem ser substituídos? Não. Não posso sair agora. Onde se viu uma administração sem a cabeça? Agora é que a responsabilidade se tornou maior. Temos que mostrar que a casa não caiu. Que outro esteio foi ficado.

Então o fazendeiro, divertido, pilheriou:

— O rei morreu, viva o rei.

O administrador não compreendeu a pilhéria, balançou a cabeça afirmativamente num ar risonho de entendido.

A lancha subia mais vagarosa, os dois homens embalavam-se nas redes. A tarde desceu maciamente, lisa e com gritos de tetéus.

— Manuel Raimundo, que você pensa sobre o aumento do preço da carne? Não achou justo que eu assinasse o memorial dos fazendeiros ao governo?

— Era o que seu pai fazia. A lealdade de seu pai à sua classe de fazendeiros foi sempre uma coisa que admirei nele e seus amigos louvaram. Esse povo de Belém pensa que pode comer carne de graça. Não sabe o quanto custa lidar com o boi, com vaqueiros, com enchentes, com verão estorricante, não sabe quanto custa. E atacam os fazendeiros. A inveja é um dos maiores pecados da humanidade, dizia o meu compadre.

— Achei razoável o memorial...

O administrador, na rede, levou as mãos no ar, o olhar no alto e exclamou:

— Graças a Deus, graças a Deus. Minha mulher fez promessa. Deus tira um Coutinho, põe no mesmo lugar um mesmo Coutinho.

O administrador parecia exaltado, respirava mal, a asma não o apanhasse naquela hora.

A lancha entrou numa curva, desembocou nos largos campos de ambas as margens. O administrador então ergueu-se e indicou:

— Aqui principia a propriedade.

O proprietário levantou-se e ficaram os dois, apoiados no balaústre da lancha que avançava arquejante, olhavam, silenciosos e graves, a extensão derramada dos campos, desenrolando-se, [311] galdo pastando, ilhas aqui e ali, trechos de uma paz úmida e verde, uma ou outra barraca como nódoas, de onde cresciam, nas portas, tristes barrigas de crianças, mulheres na beirada lavando roupa, garças voando, a égua relinchou alto com imponência, os campos passavam, passavam, um búfalo olhou a lancha, imenso e desafiador. Os campos passavam. A contemplação foi demorada e como fascinante para o fazendeiro.

Voltaram às suas redes e os campos continuavam. O administrador pigarreou e disse rouco:

— Ainda tem mais campo, eh, são duas horas e pico de lancha. Mundão.

E fez um gesto como se tudo aquilo fosse dele, tivesse amansado e conquistado e agora oferecia a um filho e por isto olhava, com indiferente intimidade, os campos, campos e campos.

O fazendeiro, sob o arquejo da máquina, continuava olhando, as beiradas passavam lentas, o mundo sólido e bárbaro que precisava conservar.

— Mas, que me permita, por que não se forma? Sempre foi vontade de meu compadre lhe ver doutor.

— Vou ao Rio com essa intenção, Manuel Raimundo. Terminarei o curso. Gostaria de me especializar em veterinária, por exemplo. Ser mais útil às minhas fazendas, ao meu gado. Em zootecnia. Tenho uns projetos. Desejo estudar um plano de drenagem contra as alagações nos campos. Vou pensar bem nisto. Estou com mil projetos. Até mesmo uma charqueada. Que acha você?

— Ponha estes projetos de lado e consiga o seu diploma, menino. Em Marajó quem manda é a providência. Isso só melhora quando Deus mandar. No princípio do mundo não foi o dilúvio? Você perdia dinheiro e não fazia nada. Não acredito em doutores de gado. Já ouvi falar na engenharia na Holanda mas isto é lá para os holandeses. O que Deus lhe dá basta, menino. O gado não cresce e não se multiplica? Coronel era homem sem projetos. Fazia o que a lei da natureza mandava e deu-se muito bem. Só uma coisa ele trouxe pra cá, foi o zebu. O resto deixou que tudo viesse com o tempo. E não deixou uma grande fortuna? Trate de formar-se e esqueça os projetos.

— E uma coisa tenho que acabar, Manuel Raimundo, é este meu apelido: tenho que voltar e todos me deverão chamar Manuel Coutinho, meu nome próprio...

— Dr. Manuel, meu filho, Dr. Manuel.

Acendeu o cigarro e olhou sorrindo para Manuel Raimundo.

— Veja você, Manuel Raimundo, e eu que dizia as piores coisas contra o bacharel, o doutor.

— Isto é juízo que chegou, é juízo. Graças a Deus. Graças a Deus.

— E como é? E sua moléstia? Irá ao Rio, combinado não é?

— Não. Não vou me consultar no Rio. Viaja-se muito, gasta-se e nada se consegue. Vou consultar mestre Jesuíno.

— Mestre Jesuíno, em Soure? Mas um pajé?

— Que você sabe a respeito dos pajés, que sabe sobre a força do desconhecido?

— Então acredita?

— E por que não? Vou porque meu coração me pede e minhas filhas.

O fazendeiro considerou a ausência do administrador, se partisse para o Rio a fim de consultar as sumidades. Manuel Raimundo conhecia a fundo os seus campos, deixá-los naquela hora era, com efeito, arriscado.

— Pois vou Levar você ao mestre Jesuíno.

O administrador voltou-se vivamente entre surpreso e agradecido:

— Não, não. Minhas filhas me levam. Que vai fazer? Não precisa tanto incômodo. Não deve ir.

— Vou, meu caro, quero levar você. Não vai mais me dizer não. Claro que é meu dever. Sou também responsável pela sua saúde. Papai se fosse vivo lhe levaria.

Na primeira fazenda, encontra-se diante de um vaqueiro ferido por uma onça no rodeador dos centros. Mandou levá-lo, na Lancha, para o hospital em Belém e ficou com o couro da onça sem deixar de exclamar diante do vaqueiro que se estorcia de dor:

— Que belo couro, em, Manuel Raimundo. Um dia hei de matar uma onça.

[313] Uma família apareceu no alpendre de São Pedro, querendo lhe falar. Era o vaqueiro Francisco, estava despedido e exibiu a filharada, a mulher grávida e um cão.

— Isso agora é com o administrador. Vamos ver o que se faz.

Chamou Manuel Raimundo, mandou fornecer um paneiro de farinha, roupa, carne, e quando quis revogar a ordem do administrador, este pôs a mão na cabeça, falou na anarquia geral que tal ato provocaria em todas as fazendas.

— Não podemos, não podemos. Estes homens, deste modo, tomam conta disto tudo. Para que foram arranjar tanto filho? Isto é falta do que fazer. O patrão que tenha obrigação de sustentar. Que agüente os familhões. Uma anarquia. Assim sem responsabilidade

não é possível. Ó meu Deus, esta humanidade não tem cura. Pensam que isto aqui mudou. Pensam que compadre morreu, tudo ficou em reboliço.

Queriam explorar a boa fé do moço, falou em viver uma vida mais tranqüila, estava velho, muito aborrecido que o doutor desculpasse.

— O que me mata não é a asma mas a velhice.

— Papai não fale tanto. Deixe...

A filha armou a rede, trouxe-lhe um travesseiro, chamou o mano para a injeção e procurou um leque. O fazendeiro desceu o alpendre, alcançou a família que se encaminhava para a beirada. Falou com o pai:

— Você quer me dar as três crianças mais velhas?

— Dou sim, doutor.

— Pois fale ao comandante da lancha. Espere, eu falo. A lancha leva elas. Vão acabar de se criar com as empregadas lá de casa em Belém. E tome. Empregue este dinheiro numa barraca. Evite mais filho. Mas, olhe, não espalhe a notícia. Senão é um nunca acabar de ficar com filho alheio.

Exasperado, as suas próprias palavras o golpeavam com uma aguda violência, multidão de irmãos o assaltavam, Alaíde via o filho no delírio. Guíta rodopiava na trovoada. E tratou mal a um vaqueiro, gritou com o comandante da lancha, olhou com indiferença as crianças que o pai lhe trouxera para lhe tomar a benção. [314] À noite uma tristeza abrandou-o, passou uma hora lendo um velho Carlos Magno encontrado na gaveta da mesa de jantar. Noutro dia amanheceu lépido, disposto a regressar e teve que enfrentar o ladrão de gado preso quando esfolava um boi no igapó. Queria porque queria falar com o patrão.

— Doutor, eu esfolei o boi, o boi estava morto, morto de febre. Eu aproveitava a carne.

Reconheceu Almerindo. O administrador acudiu com um grito:

— Vocês matam o moço. Vocês matam o moço. Não sabem que ele ainda está de sentimento do pai, não sabem? Quem mandou trazer este ladrão na presença do moço? Quem mandou? Não mandei embarcar ele preso pra Cachoeira?

Manuel Coutinho acompanhou o homem até o barco:

— Não roubou mesmo? Estava morto?

— Por tudo quanto é mais sagrado que estava morto, doutor. De febre. Eu aproveitava a carne. Doutor me livre.

O fazendeiro lhe disse então baixo:

— E preciso não quebrar a ordem nas fazendas. Você afinal de contas tirou carne que não era sua. A lei era deixar apodrecer no igapó. Vou mandar dizer em Cachoeira para lhe soltar logo que chegar. Mas não me apareça mais por aqui. Procure o mundo. Trata de ser um homem de bem. Você de Cachoeira a rio abaixo é livre. Vá.

Dissera as últimas palavras, com um súbito desprezo de si mesmo, uma vaga inveja daquele homem que ele julgava livre. E abraçou o ladrão, deu-lhe uma quantia, recomendou ao piloto, sentiu-se no fim aliviado, mas sombrio.

— Arre! Soprou fortemente as emoções e as moscas da consciência. Coitados. Coitados, repetiu murmurando, e caiu, exausto, na rede em que se embalou, se embalou até que adormeceu.

48

[315] Alaíde, no barracão do Ângelo, soube notícia de Tenório. Elias o despedira. Achara que Tenório era a sua asa negra. E o caboclo resolveu ficar até um dia, talvez para sempre, naquele braço de rio onde Alaíde o encontrou.

Uns restos de palha escura e puída cobriam a palhocinha. O quarto esburacado, de paxiúba podre e o jirau. Uma rede cerzida e remendada, atirada num pedaço de tábua no chão de juçara velha. Uns trapos sujos, juntos a dois baldes de cuja, fediam. Atrás da

barraquinha tocos caídos, uma escadinha pedindo que ninguém subisse nela. A toíça de açazeiro ornamentava aquela miséria.

Tenório mirou os velhos paris de apanhar camarão. Aquilo não prestava mais para nada. De que valia? No portinho, outro jirau se arriava todo com um pé de arruda, um tajá aranha rica e uma roseira toda em botões. Uma canoíta, muito velha, apodrecia emborcada na lama. Esqueleto de montaria. Sobre a barraquinha, a solidão.

Ouviam-se as cigarras nos siriubais vizinhos. Os japiins mais de longe teimavam disfarçar aquela solidão grande que espremia da terra aqueles rios de miséria e febres caminhando para a baía.

Tenório arrumara uma sem ninguém no Marajoaçu. Ela apareceu na abertura do quarto, visagem de febre e de fome. Os taxizeiros vermelhavam pegando fogo no sol que caía no poente como um guará.

Veio a sombra avançando sobre o rio. O mato foi se enrolando na escuridão como se a noite, uma jibóia, o devorasse. A mulher desceu e encheu os dois baldes de água. Subiu, foi espertar [316] as brasas do fogão para ferver um chá, a dor no ventre era como uma ferrada de bicho. Não havia mais fogo. Nem um fósforo mais. Parou o olhar nas brasas mortas, coçou as costas, o cabelo, e cuspiu. Ah, uma migada de tabaco!

— Tu não tem, Tenório?

Tenório resmungou qualquer coisa.

Magra e amarela, naquela saia de trapos, a mulher coçava a perna, os cabelos abandonados nas costas. Suspirou fundo. Seus olhos, como os olhos de uma feiticeira, fixaram-se nalguma coisa incompreensível, distante. Perdera o filho há dias. Um gito de três anos apanhado numa noite de festa no Santo Inácio talvez com um tripulante da canoa veleira A Resolvida, que viera carregada de mel e cachaça de Abaeté. Um curumim inchadinho, feio, os olhos pisados, tremendo, à tarde, com o frio do paludismo. Caiu n'água numa lua cheia. Escorregou no jirau. A mãe deu um grito. Dois dias depois

Tenório achou o corpo do curumim num pé de barranco, roidinho pelos peixes. Ali mesmo, na raiz da samaumeira, à tardinha, — o curumim fedia por demais — enterrou o anjo. A companheira lhe fez duas ou três perguntas e um silêncio escorreu, escuro, em duas lágrimas que desciam na cara encardida da mulher. Lá fora os japiins.

— Só tenho uma pena que se afogasse.

A frase boiou no silêncio como um bicho morto inchando na maré. Um curumim crivado de corubas, chorando seco, a comer como um danado, roendo caroço, pau e torrão de terra. A barriga crescia que nem bacu.

Depois olharam para a trempe. Um tracuá cheio de cinza. Uma chocolateira amassada e sem asa. Duas panelas de barro viradas. O alguidar vazio e roxo de açai. A peneira rota no chão. Um espeto e um pedaço de terçado. Não havia mesmo com que distrair os cacos de dente. Tenório estava com aquela inchação na coxa tão mole, tão morto. Não pudera arranjar nada, nada. Nem cortar lenha para o barracão do Ângelo, ele pôde. Se estivesse com aquela coxa melhorzinha podia ainda furtar um. peixe do cacuri de seu Ângelo.

A mulher esfregou-se toda, sanhanhou [sic] o cabelo, os piolhos [317] lhe caíam pelo pescoço, desceu a escadinha quebra-não-quebra. Voltou a dor no ventre, a coceira na cabeça, a dor que a fez torcer-se sem soltar um gemido. Como estava bonito aquele pé de rajá aranha rica no jirau arriado. Ficou olhando o rio engolido pela escuridão. O gito caíra n'água quando o rio na lua cheia estava cheio também, escamoso de reflexos. Ela atirara-se a nadar. Foi inútil.

— Não tem mesmo um palito de fogo, Janica?

A mulher não respondeu. Ficou encostada no jirau, no meio daquela solidão. Como se não houvesse mais ninguém no mundo, só ela e Tenório naquela palhoça à beira do rio morto, com um curumim, roído pelos peixes, se delindo ao pé da sumaumeira.

Aí ficou Alaíde.

49

[319] Manuel Coutinho, Manuel Raimundo e as duas filhas aparearam. Um vaqueiro o guiava, levou os cavalos para o tabocal. Estavam no sítio do mestre Jesuíno, na estrada de Joanes para Condeixa, município de Soure. Das janelas do barracão, uma cabana grande de maloca, três mulheres espiavam. Uma negra ralava, vagorosamente, qualquer raiz na língua de pirarucu. Os viajantes se aproximaram e saudaram as mulheres que saíram para o terreiro, lentas e silenciosas, olhando de revés, como índias. Dentro, dois oratórios na sala grande não cabiam mais de tanta imagem. Num jirau de tábuas soltas, suspensas nas vigas sobre o copiar, armadas duas redes. O chão batido exalava cheiro de terra e raízes, impregnando os corpos suados, as imagens, as coisas todas. Nos quartos atrás, escuros e abafados, havia doentes, se amontoavam panelas e mão de milho.

— Mestre Jesuíno está?, perguntou o vaqueiro depois de um demorado silêncio. O patrão, o administrador e as filhas permaneciam mudas, como estafadas da viagem.

— Não, mas daqui com pouquinho ele chega.

Respondeu a negra e os visitantes sentaram nos bancos do terreiro, esperando.

O administrador temia um novo ataque de asma, o fazendeiro bocejava. Repetia, como um estribilho. Curar, curar o administrador.

Nas últimas semanas, Manuel Raimundo piorava e o patrão se cansara de ouvir as filhas do velho insistirem que os remédios estavam matando o pai e ali só mesmo o poder do mestre [319] Jesuíno. O fazendeiro queria partir para o sul. Aquilo o contrariava já além do limite a que se permitia contrariar. Ter uma propriedade exigia, com efeito, responsabilidade, imaginação prática, até mesmo dom, sobretudo o dom da paciência e de crer no milagre. Como desperdiçá-la ou distribuí-la, como desadministrá-la? Achava-a fatal como o destino de Guíta. Ou como a miséria de Tenório?, indagou de repente.

Ah, tinha que reagir contra aquele pensamento-puxa-pensamento infinito que o corrompia numa tortura miúda e tenaz. Deixava-se arrastar pelo fácil devaneio em que concluía para si mesmo: as fazendas tinham Deus, o tenente Úrsulo, o Divino Espírito Santo, nhá Leonardina que fora para o hospício brincando com suas bruxas de pano. Faltava mestre Jesuíno para completar a propriedade.

Ergueu-se para sacudir de si aqueles pensamentos como poeira. Não era o pajé que curava? Não era o mestre curador? Ouvia sua história, suas curas, seus milagres, o fumo de seu cachimbo secava as feridas, o som de sua voz abrandava as dores. Caçadores de onça no Salgado, roceiros de Joanes, pescadores de Salvaterra, mariscadores de Camará e brancos fazendeiros com a bexiga vazando como o capitão Onofre, oficiais de polícia com congestão cerebral como o pai do tenente Úrsulo, velho espancador de caboclos em dez municípios do Pará, advogados vinham consultar sobre o inventário e a impotência, vendedores de liamba, buscadores de ouro no Oiapoque, vaqueiros lanhados de onça, estropiados, rendidos e agonizantes, diabéticos e possesores, tísicos e senhoras finas carregando mau-olhado na alma e tumores no útero, gente bem apessoada ou maltrapilha de Belém, os desenganados dos médicos, iam buscar remédio com mestre Jesuíno. Comiam poeira ou a lava dos caminhos e dos campos de Condeixa e Jobim, montados a cavalo, em carroças, a pé, nas montarias pelos furos, em redes. O barracão, principalmente nas sextas-feiras, dia de sessão do pajé, não cabia de doentes e de desesperados.

Sentiu sono, o pajé tardava, ninguém puxava conversa, a tarde mais quente, as árvores, o campo, as fisionomias pareciam crestadas. Aos poucos o vento, descendo pelo tabocal, soprou nas palhas, passou os dedos de leve pelas árvores e foi tirar um fino [320] gemido, uma surdina, de dois paus de miriti, no topo do barracão, encordado.

— Que é aquilo?

— A viola do vento, disse o vaqueiro.

— Viola do vento?

— Foi o filho dele, o ceguinho, que armou os miritis ali e encordoou. Toca como música. É o divertimento dele.

Os miritis tocavam ninando crianças ausentes, passarinhos baleados, bezerro morto nos campos, os ceguinhos do mundo. O fazendeiro ouvia-os como sossegando o seu desejo de partir o mais cedo possível, o arrependimento de ter ido, sem convicção nem sinceridade, àquela paragem que sentia árida e constrangedora. Manuel Raimundo engolia o ronco da asma e ruminava a esperança. As duas filhas imóveis. A música dos miritis tinha uma tal inocência que todos não ousavam falar, talvez nem pensar que o pensamento, então, era impureza. O fazendeiro tentava compor uma cena íntima, reconstituir uma paisagem. Helena impotente diante do piano, lembrar trechos remotos de música, elegia ou choro de criança doente sem salvação, a inocência de Guíta com o balaio caminhando para a trovoada. A montanha sobre os tajás no chão das águas em que Alaíde tinha as mãos filtrando o sangue e a seiva do açaí e de seus lábios escapava um fio de cantiga e certas palavras como rescordância, falância, merecendência, ela sabia dizer com tanto sabor. Quando alguém achava um peixe gostoso, ela replicava: 'stoso nada... Não pôde fixar nenhum sentimento que correspondesse àquela música dos miritis, era como a essência daquela paisagem sulcada de sofrimento e magia, os ais dos desenganados e o silêncio dos que esperavam salvar-se.

— Demora muito mestre Jesuíno?, insistiu o fazendeiro, tossindo, dominado por um crescente mal-estar.

— Não. Daqui com pouquinho chega.

Apareceu um curumim roendo um caroço de fruta, atento à musica dos miritis que o vento afinava já com uma suavidade monótona.

— Toma a bença da gente mais velha, seu corninho — ralhou Manuel Raimundo.

[321] A criança assustou-se, deixou cair o caroço, não sabia se apanhava o caroço ou estendia a mãozinha melada, suja e tímida ao administrador que resmungou, abençoando-o:

— Santinho.

E o curumim ficou num olhar perplexo diante do fazendeiro, como alheio à música. O fazendeiro sorriu e fez um gesto como também para abençoá-lo ou lhe pedir a sua triste inocência.

Manuel Coutinho distanciou-se um pouco do terreiro, aproximou-se da barraca defronte, fechada. O vaqueiro apressou-se a acompanhá-lo.

— Aí mora uma senhora de juízo variado. Tem a mania de espiar pela fresta da porta. Desgosto. O marido, um comerciante, roubou uma moça em Joanes. Mestre Jesuíno trata dela.

Desta vez, a mulher abriu a janela e olhou. O fazendeiro recuou e contemplou-lhe a face longa e branca na luz da tarde amarela. Nada havia naquela senhora de agitado ou estranho. As mãos alvas lembravam as de sua mãe. Era um desses velhos e íntimos retratos de parede, de tia morta, avó quando moça, olhando em nos a infância que perdemos e que se reflete em seus olhos. Um gesto brusco desfez a aparição serena e a janela fechou sem ruído.

No terreiro, o ceguinho já estava deitado, ouvindo a sua viola, um cão lambia-lhe as pernas. Alguns caboclos chegavam com paneiros nos ombros. Vaqueiros vinham de longe a galope. Um homem mancando sentou numas tábuas perto do tabocal e principiou a encordoar um cavaquinho. No caminho um caboclo, alto, vinha, silenciosamente, enrolando em folha do mato um grosso cigarro.

— Aquilo é liamba, informou o vaqueiro e Manuel Coutinho atentou, vivamente, no caboclo, na maneira de enrolar o cigarro, na lentidão com que caminhava, no anteprezer com que preparava o fumo.

— E tu? Já fumaste?, indagou ao vaqueiro.

— Bem que já me deu na vontade mas me mete é medo.

— Por que então?

— A gente sonha por demais.

— Como sabe?

[322] — Falam. Ele então não conta? Disque vai matando aos bocadinhos. A gente vai secando, secando, de repente dá um grito cai maluquinho, maluquinho ou se atira n'água. Aquele é tabaco do diabo.

O caboclo parou no campo gravemente e puxou com dignidade o primeiro trago. O sol secava as coisas, os seres, tornava nítido aquele fumo, mais escura a sombra do homem que se alongou pelo caminho. O fumo subia. O vaqueiro olhava-o, fascinado.

Aos poucos a viola do vento foi calando e calou como uma criança que morre. O ceguinho levantou-se, inquieto, inclinando o ouvido, tinha o rosto velho e cheio de panos. E tudo se tornou tão em suspenso que o fazendeiro avançou em direção do caboclo parado para lhe pedir um trago quando o chamaram do terreiro. Mestre Jesuíno chegava.

Viu um homem avantajado, madurão, calça de mescla e camisa de crochê os olhos meio murchos, o bigode ralo escorria pelos cantos da boca caída, e sem dentes. Suas mãos, como se fossem curtidas, eram de uma obscura e rude beleza de terra. Com a mesma voz dos vaqueiros velhos e dos matadores de onça, saudou as pessoas presentes com um quase humilde e vagaroso “boa tarde”, inclinando de leve a cabeça. Explicou a demora. Tinha ido comprar meia garrafa de vinho para um remédio. Também tratara em Condeixa um vaqueiro batido. O fiscal da vila o prendeu para o almoço a fim de conversarem sobre eleições que pareciam próximas, era também cabo eleitoral da política dominante.

— Pois aqui tem mais um doente — explicou Manuel Raimundo, ansioso, e contou toda a história de sua asma. Mestre Jesuíno dizia apenas “sim, senhor”, manso, sem um gesto, alisando o chapéu de carnaúba, como desatento. Mandou o fazendeiro entrar, perguntou

pelo filho cego que não via.

— Foi indagorinha apanhar as ervas, respondeu uma mulher que baixo explicou: o ceguinho guiado por uma pessoa ia ao mato ou andava pelos campos apanhando ervas com que o pai tratava os doentes.

O crepúsculo desceu sobre o roceiros que voltavam, os gapuiadores, os que não puderam apanhar uma caça para seu fogão, [323] aquele fogão atrás da barraca, entre árvores, onde seria bom assar um quarto de paca, um peixe de espeto e fazer um café para se tomar com beiju feito na hora. Com o anoitecer, a plana e morena terra marajoara tinha um cheiro animal, excitante e amolecedor no último sopro do mormaço. Mestre Jesuíno ficou conversando molemente com Manuel Raimundo, de vez em quando dando uma ordem ou atendendo as mulheres. Junto aos oratórios, a negra continuava a ralar a raiz na língua de pirarucu. Manuel Coutinho se aproximou da conversa, quis falar em doenças, em remédios, nas possibilidades de cura da asma e resvalou para a lenda do lago Guajará com que, supunha, mestre Jesuíno deveria ter velhas e misteriosas ligações. Mestre Jesuíno desviou o assunto para a próxima ferra dos Siqueiras, o fazendeiro sentiu-se um ar de auto-suficiência, de orgulho naquela reserva. Guajará era um lago falado, a lenda enchia os campos. Os vaqueiros contavam: tinha comunicação com o mar, a maré enchia e vazava, boiavam quilhas de barcos, lemes, pedaços de velas, vozes de afogados, bois bufavam no fundo, ninguém ousava pescar ou atravessar à noite no lago Guajará.

E quando às dez horas da noite principiou a sessão, no copiar, sob aquele jirau onde as redes rangiam, o pajé deu ao fazendeiro a impressão mesma do lago. A voz recolhia subterraneamente o numero dos laços distantes, a agonia das lagunas morrendo no verão com as vacas e os bezerros atoladas, a queixa dos rios secando, o mar roncando, os viajantes do mar rezando no mau tempo, os ventos desfiando as velas, possuindo a floresta e dispersando as estrelas, o

miado longo das onças acuadas nas “ilhas”, os tambores do Espírito Santo batendo nos corações. A sombra do jupatizal caía no lago, subia o hálito do lodo e do mururé. A água parada, a mesma água do encantado que vem do mar, pelo fundo da terra, de todos os naufragos e de todas as lágrimas. O silêncio de Jesuíno era como sono. Aquele corpo parecia enorme como o lago abrindo as margens para os descampados tristes. Para ele os caminhos não vinham das águas do mar e dos campos mas das dores do homem. Com esses poderes o pajé ditava a receita e emplastava a esperança no peito do povo.

[324] A morte também chegava, mestre Jesuíno sorria quando os doentes demonstravam temor. Aquela incompreensão, aquele espanto, aquela covarde esperança misturavam-se com a lama dos campos encharcados, com o pó dos negros campos queimados, com tudo o que restava nos homens para teimar em viver. Mestre Jesuíno tudo recebia com um respeito, uma inocência, uma tranquilidade que só poderia ter ido buscar no misterioso Guajará. Por que não pescava no lago? Os peixes talvez tivessem nas escamas o limo que curava os epiléticos, os loucos, os desesperados do amor. Queria esse limo no coração para tornar-se capaz de procurar Alaíde e compreender o último olhar de Guíta.

Em torno, mulheres descalças e amarelas, a ponto de caírem na atuação como possessoras. Os doentes se amontoavam. Aquelas caras chupadas e às vezes inesperadamente belas, carregavam-se de contrição e silêncio suado na sala escura sob o fumo do taquari. Nos oratórios, os santos sufocavam. Esquecida deles, volvia-se para o pajé aquela humanidade marajoara com todos os cheiros suados de seu trabalho, de sua imundície e de sua pureza. Mestre Jesuíno fumava o seu cachimbo e o fumo espalhava o cheiro de alfazema e alecrim. Uma mulher ajuntou gravetos no meio da sala e fez um braseiro.

Mestre Jesuíno, com o seu calção, a faixa nas coxas, saltou no braseiro e o fogo não o queimou. Subia do braseiro a força que o alumia. Depois foi a toada triste, triste, de sua invocação, o

fazendeiro ouvira a voz do primitivo terror, do espanto do homem diante do primeiro fogo e da sua primeira imagem informe de Deus.

Saiu.

No terreiro alguns homens esperavam. Outros atrás do tabocal bebiam. O caboclo, alto e queimado, ouvindo os mirins, fumava o seu cigarro, esperando embriagar-se e rolar pelo terreiro do, como sempre acontecia. A mulher louca apareceu na janela.. A música dos miritis afinava o tédio e a superstição.

Aqueles homens saíam lentos e calados, desapareciam na noite imóvel nos campos como um pântano. Doentes gemiam e tossiam no jirau onde a luz encardida da lamparina dava uma claridade [325] quase espectral. No chão subia um bafo entorpecedor. E o movimento dos passos — gente sentando nos bancos, se levantando, esfregando os pés e as pernas, escarrando, tomando água, batendo os canecos na boca dos potes com um tinir arranhante, mulheres se abanando com panos, todo aquele movimento era de um vagar lúgubre.

Lá fora, a louca espiava pela janela e o homem alto, no ponto do sonho, correu para os campos. Os miritis tocavam a musica daquela embriaguez selvagem, sob a noite, fixa e lúcida como o olhar da coruja no galho do jupatizeiro. O ceguinho embrulhava-se na rede para não mais escutar aquelas vozes, não se lembrar da louca e do bêbado de liamba.

O fazendeiro ouvia pedaços de conversa no terreiro:

— Aconselhou leite de peito para o agonizante.

— Pra mim receitou poraquê seco pro corpo. E para a inchação da perna da Irecê ensinou banha de urubu.

A banha escorreu sobre os nervos do Manuel Coutinho. E tinha que passar a noite ali, oh, como era preferível partir imediatamente para Salvaterra, deixar o administrador nas mãos daquela gente por duas semanas como o próprio Jesuíno aconselhara. Voltou à sala onde o pajé ia ditando!

— É um implastro. Um purgante de mamona simples, maçã de

gado torrada, uma colher de chifre de veado galheiro moído, noz-moscada, clara de ovo e café torrado sem açúcar.

As receitas se misturavam e o fumo pesava na sala, aquela voz invariável derramava-se oleosa nas caras atentas, nos ouvidos atentos, na mão que escrevia.

— É uma fumentação. Banha de anta. Banha de tartaruga. Amêndoa doce. Alho cozido. Bate-se tudo junto pra afumentá e dar frio durante trinta dias. E para a dor.

Manuel Raimundo, na rede atrás, se embalando, já afomentado, sentia mistério e milagre naquele voz.

— Azeite doce, banha de para, banha de bode preto...

O fazendeiro ergueu-se e foi respirar no terreiro. Um grito ouviu adiante no campo.

Os homens correram e trouxeram a mulher carregada que gemia.

[326] — A noite me pegou no caminho — disse ofegante — desembarquei em Joanes. Vim de Belém. Ai, meu Deus, que viagem, calculava chegar... Ai, não posso mais. Mestre Jesuíno me acuda!

Mestre Jesuíno acudiu. A doente vomitava sangue. Mulheres acudiam num sussurro. A louca suspendeu uma lamparina na janela. Os miritis tocavam. Será que a louca vai tocar fogo nas vestes?, pensou o fazendeiro. A mulher continuava a vomitar sangue. Dêem leite de peito, dêem leite de peito, cochichou o patrão sem que ninguém ouvisse. Estava cansado e inútil. O fumador de liamba rolava no campo, espojando-se na poeira e no sonho. Onde e como dormir? A morte era aquela mulher louca espiando na janela com a lamparina na mão.

Armaram-lhe uma rede junto do tabocal. O sono desceu asa de urubu-rei, belo e sinistro, baixando na sombra, banha de urubu se misturava com liamba e música, os cabelos, os seios espocados de Guíta, e acordou com um grito como se estivesse se afogando no lago.

50

[327] Abriu a janela. Não era a madrugada, era o luar. Soure dormia embalada pelo vento, pela voz da baía, num leito de mangueiras. Esperava o barco motor para seguir até Belém e de Belém partiria para o Rio. Haveria de passar muito tempo para se libertar da morte de Guíta. Ela ficava solta na terra, seiva e silêncio subindo nas plantas selvagens. Os cabelos inocentes de Alaíde ficariam verdes entre as palmas e os mururés. Os miriis moles se desfaziam nas mãos dela como para agradá-la. Se mestre Jesuíno tivesse adivinhado a sua história? E por que tantos mortos no seu caminho?

Andava pela terceira rua de Soure. As mangueiras lhe ofereciam uma paz de orvalho e resina, se derramava dos frutos verdes e das folhas. Em ordem na rua, pesadas de sossego e mangas. Com que maternidade, com que força de criação a terra as sustentava e as deixava ao luar, na rua da pequena cidade marajoara. Essa maternidade era o que sentia em Alaíde, via-a na esteira ou no delírio, o ventre à espera, os seios da mãe leiteira. Os galos cantavam.

Ia andando.

Para aquela solidão e aquele pesadelo só uma realidade possível: a do dia amanhecendo com o barco motor. Desceu a Rua S. Pedro, e à beira do rio entre embarcações e botes de pesca encailhados, viu a vila de Salvaterra, noutra margem com os seus coqueiros, suas casas meio diluídas no luar como se dele nascessem feitas de fumo e de prata. Se naquele momento Alaíde lhe aparecesse estaria certo que ela lhe pediria para ficar ali em Salvaterra [328] plantando coqueiro, matando saúva, banhando os filhos na praia, despescando cacuri. Trariam enfiadas de camorim e curimatã, comeriam cabeça de gurijuba no tucupi, levariam os filhos para mestre Jesuíno benzer e fechar o corpo contra o mundo. Voltou-se para o

fundo de mangueiras em que Soure se deitava. Teve de repente, como um calafrio, a lembrança de sua mãe. Tentou reconstituir a cena da sua morte mas perdeu os traços essenciais daquela face, daquela voz, daquela expressão de sono, fadiga e desgosto que seus olhos deixaram. Salvaterra se misturava no luar e todas as coisas ali se tornavam virgens, elementares, cheias daquela inocência e daquele desfalecimento em Alaíde e Guíta quando sofriam ou se deixavam possuir sob as árvores na noite maciça, a maré espiando atrás dos paus caídos. De Alaíde, se lembrava bem, com a lua madura dentro da noite espoucando como uma semente. Tudo aquilo era que estava só, ali naquela povoação morta no sono. Os galos malucos voltaram a cantar. As mangueiras continuavam serenas como se quisessem sepultá-lo com as suas folhas tão inumeráveis como a terra que cobria Guíta, como as estrelas desfeitas ou sepultadas no céu, berço e cemitério de estrelas. Quem plantou as mangueiras que estavam ali em fila, misturando o luar nas seivas, colhendo a noite para a curiosidade de suas raízes? Contavam que foi velho Gonçalves. O velho por isso tinha as mãos eternas.

Deitou-se novamente. Veio-lhe a náusea da casa do mestre Jesuíno, os nervos sob agulhas, as pernas pesavam. Noite imunda aquela em que o pajé dançava no braseiro e as banhas chiavam no fogo dos sofrimentos. E com seu impetuoso desejo de partir, subiu-lhe o velho desalento de Paricatuba. Todos os fantasmas rodeavam-no, penduravam-se na rede. O sono precipitou-se, rio vertiginoso e vermelho onde boiava como um cadáver. Evidentemente estava morto, saía-lhe o sangue pelos cabelos, espumando. Estou morto, dizia. Por que os mortos não me reconhecem? Por que entre eles não vê Alaíde, não distingue a mãe e Guíta carregando um enorme tronco no ombro?

Acordou sobressaltado, teria mesmo dormido naqueles minutos? Ouviu ruídos, batiam roupas no barracão do mestre Jesuíno, esfriavam chás com a colher, arrastavam bancos. Espalhava-se o

[329] bafo a remédios e a pedaços de desespero, a terra pisada e cuspidada, os corpos besuntados de banhas selvagens, os fundos e longos roncões da aflição e do alívio nas afomentações.

Sentou-se na rede e olhou. Num canto do quarto, meio desfeito pela sombra, o oratório. Permanecia no quarto — a velha casa pertencia a uma parenta que sempre ia a Soure para aliviar o reumatismo — o cheiro dos sonhos, o silêncio das máscaras, dos gestos e dos balbucios dos que dormiam, dos que morreram naquele casarão. Quis ver os santos no oratório. Caminhou para lá, pé ante pé, para não acordá-los.

Os santos faziam como se tivessem voltado à primitiva condição da madeira e da massa informe em que foram moldados. Aos seus pés os resíduos das rezas, as ladainhas desfeitas e inúteis, o sussurro da penitência e do medo. Fria e inesgotável impiedade das imagens. Via-as através do meio-sonho e da sombra com que queria espreitá-las ou surpreendê-las nalgum ato inconfessável que, enfim, as humanizasse.

Por que eles o amedrontavam? Pensou nos santos de sua mãe, por serem dela, santos verdadeiramente. Quando ela morreu, subitamente se despiram de toda a santidade. Ficaram vazios e desamparados. Despojos de uma fé que não se podia arrancar daquela carne triste de mãe, daqueles nervos, enfim, parados. A madrugada. Um barulho ouviu como o do motor.

Sentou-se na rede, pensou no sonho. A luta para que os mortos o reconhecessem, o sangue fugindo-lhe pelos cabelos.

O barulho do motor invadiu o mundo, triturou o sonho, espalhou o dia, acordou a velha parenta, a negra Rosária que fez o café e trouxe o pão ainda quente, o moleque Januário carregou a maleta, e com um “Deus te guie, meu filho, tenha juízo e boa viagem, escreve”, o barco avançou rapidamente para a baía, Soure desapareceu.

[330] Ardiam os campos no fulvo esfumado do crepúsculo morno. O gado descia das lonjuras fugindo ao fogo das queimadas e ia beber no rio e no lago. Os vaqueiros caçavam búfalos e reses bravias no Mocoões onde também os caçadores de jacarés esperavam fazer uma grande matança.

Ramiro deu um tom longo no violão: Gaçaba morto, não ia matar jacarés sem ele. Orminda, sem lhe dizer adeus, partira. E ele que era um conhecedor de manha de bichos e de mulher! Dela ficou apenas a fita no chapéu de carnaúba e aquela solidão que os campos queimados aumentavam e tornavam mais negra, que o mugido dos bois agravava, ó louca Orminda. Gaçaba aparece à noite entre os jacarés ou fica de cima das nuvens olhando os seus velhos amigos matarem os monstros? Para Gaçaba preferível ter sido morto por um jacareaçu, búfalo, novilha brava ou lutando com onça nos Remédios. Orminda estava viva e era Orminda que fazia pensar, olhar os campos, sentir nunca sentidos pressentimentos, ó louca Orminda, que fizeste, que te deu na cabeça, que fogo te acendeu no sangue para fugires como uma égua nova da amansação? Tua companhia fez enlouquecer nhá Leonardina, até os garrotes te queriam, desgraçada, até os búfalos, os jacarés machões, os botos soprando no rio assanhados com teu cheiro que ficou também neste violão, no fundo deste chapéu que puseste na cabeça, aqui neste lenço que enxugou teu suor, a tua boca quando mordeste limão caiano, o teu dedo ferido no espinho de marajá. E o sangue, uma gota só, neste lenço não hei de lavar.

O tom mais longo do violão parecia acompanhar o vôo alto, [331] negro reluzente de um passarão. Louca Orminda. Ramiro desceu a escada da casa da fazenda, estava no Menino Deus, que embrulhada dá na gente quando mulher se atravessa no caminho. Por cima Manuel Raimundo mandou lhe dizer que não revogava a ordem: não trabalhava nem podia ficar nas fazendas.

Orminda partiu, sem uma palavra, sem uma razão. Havia deixado ela na barraca de nhá Leonardina, à beira do lago. A louca fora embora, levada na lancha — o povo todo chorava, a própria Orminda fez uma porção de bruxas de pano para entreter a loucura dela brincando com bonecas no chão. E de volta de Diamantina onde ajudou a curtir e fazer uma sela, foi encontrar a barraca fechada, e a falância correndo no lago e na beirada. Orminda dormiu com Arnaldo, andou com Pedro, passou a noite na feitoria com Anastácio, dançou efetivo com Boaventura toda a festa no S. Marçal, Deus do céu, viram Orminda em tolda de canoa geleira, entre os barqueiros na caçara, numa rede no rancho de S. Bento. Quando embarcava para descer o Arari, os homens gritavam: vai-te, danação, que a moléstia te roa até o osso! Foi vista se recolhendo ao toldo da canoa, chorando. As mulheres lançavam praga e ela só dizia “que aleive, que aleive”. Somente um menino pulou na canoa e foi se despedir dela. O Claudionor da Maria Maurícia. O menino ao descer enfrentou as mulheres:

— Ela me deu aquela pomada pra sarar esta ferida. Ofende? E mostrou a perna. A mãe calou. As mulheres se calaram.

Orminda, no toldo, contava o piloto, enxugou as lágrimas, penteou o cabelo, disse que havia esquecido o vidro de extrato e perguntou se podia usar a camarinha, estava com muito sono, mas um sonão...

Ramiro deu o tom que ela gostava, o tom dos violões às duas da madrugada, um tom que aquece o céu e ajuda a abrir as flores em botão. Louca Orminda.

O vaqueiro guardou o violão e montou o cavalo. O galope invadiu a solidão fulva dos campos. Nos centros próximos aos lagos ainda vivos, ninhais de carga branquejavam.

Ramiro galopa na terra rachada e queimada.

Viu em torno de um lago quase seco muito e muito animal [332] vindo de toda a parte, tuiuiú, passarão, a borboleta por cima da-

quelas podres águas lamacentas. Pousavam ali os bichos juntos, mansos, irmãos, bebendo. Havia passarinhos que não abandonavam nos ninhos distantes os pelados filhotes que morriam. E sobre aquele chão de terroadas onde pelos buracos as cobras se escondiam, Ramiro continuava a galopar. Sobre as palmeiras que o fogo devorava, as lagunas secas, as cobras que espiavam das rachas, a lua também queimada. Louca Orminda.

Na mesma hora galopou para que ninguém lhe falasse mais daquela história da torre da igreja. Nossa Senhora marcou a sombra de Orminda no chão sagrado que a perda profanou. Que desvario deu em Orminda? Malvadeza de nhá Leonardina? Malvadeza das mulheres da beirada? Ou tudo aquilo nascia de dentro dela, próprio dela como a resina do bacuri? As mulheres falavam, deitou aquele corpo no soalho da torre, aquele corpo havia de apodrecer em vida, caindo aos pedaços. Teria subido, bêbada, muniada pelo sacristão, teria sido por vontade da própria Nossa Senhora para melhor castigá-la? Mas o sacristão, jurava, não era o Manuel Ângelo. Manuel Ângelo até hoje nega. O demônio que levou Orminda. Nossa Senhora viu e marcou a linha daquele corpo, perfeição que só no seu a santa via. Que o diabo existia e andava pelo mundo. Ramiro acreditava. Ele, uma vez, contara à própria Orminda:

— Não sei. Mas parece que encontrei Satanás no campo e lutei com ele. Por isso é que tenho o corpo fechado.

Orminda abriu a boca diante do tão impossível e o seu espanto afrouxava num riso alto, que se espalhava pelo rosto, pelo rosto dos outros, pelos campos, como pássaros debandando. Ramiro teimava que, uma noite, encontrou um no campo e lutou com ele. Lutou com uma sombra, que não falava, parecia não ter olhos, só não cheirava a enxofre. O diabo sabe se disfarçar como quer.

— Eu dizia: com quem estou brigando? Que inimigo esse que me atacou? Fala, desgraçado. Ou me mata ou eu te mato. De repente sumiu. Minha mão me doía. Me sentei no chão de tão cansado, o

cabelo em pé, o corpo arrepiava.

Satanás carregou Orminda para a igreja. Ah, quando voltar [333] a Cachoeira não poderá ouvir os sinos daquela torre contando da noite em que o diabo feito sacristão levou a pobre e a deitou no soalho santo, aqueles cabelos cheirando por toda a igreja, os morcegos loucos por aquele sangue, os santos acordando e espiando aflitos, o hálito de Orminda queimando-lhes a face, acendendo os castiçais, as asas dos anjos, a cruz e as chagas de Nosso Senhor. Ramiro detinha-se sério para não rir do que imaginava.

Galopando, quer cantar baixinho a chula de Mãe Maria com o Pai Leão para esquecer. Mas não, impossível, não teria coragem para ver a marca do corpo de Orminda, a dele estaria ali também pois ficou marcado no dela. Os santos não desceriam do altar para ver também? Vá ver Nossa Senhora será obrigada a apagar o corpo de Orminda.

— Meu Deus, ando também leso. Maginando tanta coisa. Aca-bo me perdendo no campo.

O galope continuou. Aqueles campos eram de Manuel Coutinho, mas de coração os campos lhe pertenciam.

Em breve nas lonjuras o fogo-fátuo aceso, é a mãe do fogo, que perdia os viajantes no campo. Fingia luz dos Anjos e o viajante ia bater em S. Carlos, misturava as luzes das fazendas, levava os cavaleiros para o desconhecido, talvez para o lago Guajará, para as fazendas fantasmas onde têm fazendeiros, vaqueiros, gado, tudo fantasma. Ramiro pensou ir atrás de Orminda. Se lhe deixara aquela febre, só ela podia curá-la. O diabo andava sempre no seu caminho. Corpo fechado, nada, uma ilusão, Orminda o mordera com seus dentes e lhe entranhara o seu veneno. Como vivente naquelas fazendas, sempre dava para encontrar visagens, o demônio, o boi de quatro chifres, Orminda. Esta mesma lhe havia dito:

— Você nasceu pra ver visagens, coisa doutro mundo, por isto me encontrou.

E brincando:

— Sabe que não sou deste mundo. Sou da fazenda fantasma de que você me falou. Nasci lá. Tenho um cavalo que é uma beleza. Minha casa é um palácio. Vim lhe buscar para ser o meu cavaleiro num baile que vou dar. Vim lhe buscar.

[334] — Fecha essa boca, mulher, que tu tem jeito mesmo de pessoa mandada dos encantamentos. Quem te mandou pra nhá Leonardina?

— Meu pai, fazendeiro dos mais ricos, teve saudade dela e quer que eu leve ela para lá. Iu não acredita, Ramiro? Te juro! Pela fé da ilegível.

E caía na gargalhada. Oh, rapariga louca.

Agora como se ela estivesse ali presente na garupa dele, aqueles seios roçando na costa, aquele calor, como seria bom contar de novo a história do boi de quatro chifres. E ele recorda como a. contou: era uma lida aquela de pegar boi brabo à noite. Cada garrote apanhado valia três mil réis, uma vaca dois mil. Quando a boiada brava que à bouquinba da noite saía do cerradal para pastar sentiu aproximação de vaqueiro, abalou, os laços caíram no meio do rebanho. Ramiro laçou um boi. O laço fechou, a corda entesou na cilha, o boi parou e logo sentou terroadal, como boi de montaria. O vaqueiro desmontou e peou rápido o bicho. O touro tinha quatro chifres, as duas madeiras para trás e as outras duas para a frente. Não se mexeu mais) Ramiro desabotou a corda da cilha e partiu para o curral.

— Eh, gritaram os companheiros, então nem um boi laçado?

— Lacei foi um de quatro chifres.

Os vaqueiros foram e rodearam o touro. Era todo negro, os quatro chifres pontudos, a boca torta. Levaram-no para o curral. De noite, o gado preso fazia pião dentro da cerca e quando o touro carregava a cabeça, era medonho.

Noutro dia, porteira fechada, havia desaparecido. Ramiro fez uma chula simbolizando o Diabo no boi de quatro chifres:

Os vaqueiro arariuára
São pior que bala de rifle
São mesmo espertinhos
Peiam boi de quatro chifre

E dizia que Manuel Raimundo ao saber que haviam apanhado o boi de quatro chifres, acrescentava:

Se o boi é o Inimigo
E meu pai de criação.

Ramiro freou o galope. Seu faro de vaqueiro não enganou. Estava perto de ‘uma malhada.

Para aquelas ilhas de mato que escureciam mais os campos, era como um lago sombrio e parado aquela malhada enorme. Parecia adormecida. Subia o bafo áspero dos couros dos excrementos e das ruminações enchendo a noite. Ramiro sentiu-se tão manso e tão mole como cavalo de cabresto. Aquele cheiro de malhada lhe dava também fadiga, talvez sono, a caruara, que é a dor do quebranto. Trazia também Orminda, daquelas noites de garupa com ele aos galopes ou na rede armada entre as árvores da beira-rio. Ou andando pelo campo até que, nas trancas da porteira, ficassem olhando o gado, a noite crescer sobre o rio, na beirada onde havia amor, sono e peixe assado.

Ramiro viu de longe muitos cavalos caminharem, era o clarão da lua nascendo que os fazia acordar e caminhar. Hora em que os bois mal-assombrados boiavam nos lagos e se ouve à ronda das malhadas o grito dos vaqueiros mortos. Ouvirá o grito do Gaçaba? Quantas vezes com Gaçaba em vaquejadas ao luar, tocando e apartando gado, no chouto do rosilho, a baeta encarnada atirada ao ombro. Montavam em bois marrequeiros, amansavam os boiecos enfiando-lhes a serigola pelas narinas. Na casa traziam os bois carregados de marrecas. Levavam a pata mansa para os patos brabos na laguna. Soltavam a

pata e esperavam ocultos nos batataranais. O pato brabo descia. Gaçaba, à noite, preparava a caça com arroz. Manuel Raimundo proibiu caçadas nos lagos das fazendas.

Iam para a levantação e derrubada do mastro de S. Sebastião em Cachoeira. Em baderna escolhiam mastro entre as ucuubeiras no mato das Pindobas. Levavam cachaça, machados e ombros devotos para carregar o pau da ucuubeira. Bebendo e cantando folia, derrubavam, como numa cerimônia, a árvore escolhida e carregavam o tronco até a margem do rio. No rio ia o pau de bubuia, com os derrubadores em cima, comboiado pelas [335] montanhas. Chegavam troviscados — cachaça era muita — e entregavam o mastro aos diretores da festa que o enfeitavam com folhas, cachos de banana, o registro do santo no mastaréu. Quando S. Sebastião voltava dos campos o povo da vila ia encontrá-lo, já com o pau enfeitado e gingando, o Baliza na frente, Gaçaba no meio e Ramiro acompanhando, com o seu violino, a banda do Miranda.

A lua boiou e o seu clarão caiu na malhada enorme e escura, deitada no campo. Bonita malhada, disse Ramiro desprendendo o pé da balança da sela. E agora que vontade de cantar, tirar aquela tristeza, puxar o seu cavaquinho preso à ilharga da cilha e cantar com todo aquele gado na frente, dentro daqueles ermos em que a onça miava e a cascavel chocalhava. A malhada podia espantar-se e desembestar pelo descampado.

Ramiro reparou que, rodeando a malhada, os garrotes e os novilhos estavam de pés rondando, vigilantes. Cercavam o gado. Por certo sentiram aproximação de onça. As onças saíam para os campos vagarosamente. A malhada adivinhava. Silenciosos, raspando o chão, os garrotes erguiam a fortaleza de suas madeiras, muralha daqueles toutiços. As onças sabiam e se afastavam. Ramiro muitas vezes contemplou, nos grandes campos, aquela cinta de traves dos garrotes em torno da malhada. Com a lua, as onças se distanciavam, ficavam nos seus ninhos nas ilhas, miando nas lonjuras.

O vaqueiro sentiu que a sua viagem era como a daquele desertor de Maragogipe que se escondia no balcedo. Não havia meio de apanhá-lo. Era negro, irmão dos mondongos, andava nu e aparecia na casa da fazenda à noite a procurar comida, a dormir num quarto de rancho, em cima das selas velhas. Até hoje não se teve mais notícias dele. Agora, como o desertor, Ramiro se sentia perseguido, com aquele súbito ódio de querer queimar fazendas, fazendas em que tocava e cantava, onde encontrava Orminda. Aquela malhada era do Dr. Manuel Coutinho. Aqueles campos imensos também. Dono dos jacarés, das marrecas, das onças, das cascavéis, dos tracajás, das fazendas fantasmas. E de Orminda, quem sabia?

Caminhava se enchendo daquela solidão venenosa dos pântanos, dos aningais, ilhas de onça, ossadas de boi, das cobras. Ainda [337] lhe pesava a visão dos medonhos balcedos do Tartaruga. Como atravessá-los e desemborcar no mar da contra-costa? Ver os barcos passarem no grosso banzeiro do mar debaixo de ventania. Que pena para os barqueiros, quando olham a boca do Tartaruga, sem nela poderem entrar e fazer viagem mais fácil, fugindo do mar bravo, Os balcedos devoraram o rio, as águas sob aquela espessa e pesada vegetação, siriringando [sic] com os jacarés cor de lodo e sonolentos. Aqueles balcedos enchiam de terror o vaqueiro, ocultavam cobras nunca vistas, bichos desconhecidos.

Quando passou pela fazenda Santa Rita, o cavalo estacou. Não queria avançar. Uma força o prendia ao solo. Ramiro, inquieto, lambava o animal, logo ouviu saindo da terra aquela voz:

— Vai embora. Passa.

E seu cavalo passou como chicoteado.

Ramiro havia de jurar que ouviu a voz, uma história a mais na sua vida e uma chula. Uma lição para Orminda, se ela estivesse com ele, para acreditar de uma vez no que acontecia pelos campos. Ramiro apressou o galope.

Os touros voltaram-se para aquele tropel surdo, os bacuraus

voavam e a lua o acompanhava como se acompanhasse a tristeza daqueles campos, a visão do próprio destino de Ramiro sem rumo galopando, galopando. E se o seu galope fosse acabar no lago Guajará? Desejava embrulhar o cavaquinho nos cabelos cacheados da moça branca do lago Guajará, naqueles cachos que caíam pelos ombros dela como se os acariciassem. Queria ao menos trazer por toda a vida no cabo do violino um cacho daqueles cabelos encantados.

O caminho do Guajará mesmo? A novilha branca do lago Guajará aparecia nas malhadas. Atrás caminhava um lote de gado brabo. Uma vez foi trancada, como o boi de quatro chifres, no curral dos Anjos. Pela manhã não a encontraram mais. Então Ramiro quis fazer uma chula, não soube tirar da cabeça, não houve jeito de pôr em verso. Em seu pensamento a chula era bonita, Orminda copiaria e a guardaria dependurada na volta do pescoço. A chula perguntava pela novilha. Novilha branca do lago Guajará quem é que vai te desencantar? Contavam que Coronel, na força ainda da mocidade, fora montado num cavalo cardão e fogueiro, [338] desen|cantar a novilha. Mal chegou à beira do lago, garças voavam, as marrecas gritaram, o sangue esmoreceu. O cavalo murchou. Novilha branca que andas pelas malhadas, pastoreadores, com o lote de gado brabo. Novilha do lago, ninguém te tranca, ninguém te ferra, ninguém te desencanta, a tua marca onde está e teu dono quem é? Novilha, tu, Orminda?

Ramiro se afoitou no galope. Os campos passavam. O vento dobrava os tabocais. Estou ficando como nhá Leonardina, estou ficando como Eduardo que tanto leu livro de S. Cipriano. Bem Orminda lhe dissera:

— Eu faço tamanquaré¹ embalar tua rede e tu fica pateta-pateta. Ofende?

E a chula terminava que o vaqueiro havia de marcar aquela

novilha com a sua marca. Havia de tirar o corpo da moça de dentro daquela novilha branca, branca ver açucena. E o corpo dela sairia escorrendo sangue da novilha, cheirando a carne de animal. Os cabelos da moça cacheando.

Até que chegou, à tardinha, ao lago Guajará, os patos passavam, as garças desciam pelas campinas próximas. O lago, na distância, era uma ilha de aningal. Ramiro também esmoreceu, novilha branca podia surgir urrando, necessário ter topete para sangrá-la e assim desencantar a moça, e a família toda encantada também. Tinha de sangrar a novilha de maneira sem ferir a donzela. E bois cobertos de limo apareceriam urrando. A noite poderia cair mais depressa. Queria Orminda ali, queria ver se tinha tutano de rir, se tinha pulso para sangrar a novilha branca.

Podia ouvir vozes, o canto da moça, a queixa da moça, podia, Divino Espírito Santo, se encantar também. Galopou para o Arari.

Agora era tirar com sentimento uma chula para Orminda, defendendo a próxima do aleive da torre. Por mais que fosse certo, era preciso defendê-la, era do sentimento da chula fazê-la inocente. Parou no meio de um descampado escuro, riu alto se lembrando da chula do boi e do administrador. E retrocedeu para o lago. Que o cavalo se cansasse, o galope era um só, tinha que descer [339] o Arari, passar em Cachoeira, ver Orminda, mas onde? Teria de cantar, junto dela, no escuro para não se encabular, a chula que havia de a defender.

No cavalo cansado, Ramiro, faminto e sonolento, chegou a noitinha ao primeiro curral de Santa Cruz. Não havia luz nas feitorias? Assavam peixe. Um fiapo de lua se delindo sobre os campos. Alguns pescadores estavam com febre esperando a hora da pescaria. Mulheres teciam ou remendavam tarrafas à luz das lamparinas fumarentas, ouvindo histórias de nhá Diniquinha. Sombras se confundiam atrás das árvores ou no fundo das montarias encalhadas.

Nhá Diniquinha era uma velha de Cachoeira que costumava subir o rio no tempo de pescaria. No lago lavava roupa do pessoal que

¹ Lagarto.

vinha da vila, tomava conta de comida, remendava tarrafa, tingia roupa na casca do muruci, benzia. Ramiro lhe deu boa noite e às pessoas que se amontoavam na barraca. Nhá Diniquinha, remendendo a tarrafa, ia contando a história de Maria de Pau vestida de campo com todas as flores, vestida de mar com todos os peixinhos e vestida de céu com todas as estrelas. Os pescadores e as mulheres viam Maria de Pau fechada num tronco de árvore, de bubuia no mar. Foi achado por um rei que gostava muito de ir no mar pescar. Trouxe aquele tronco para o filho, o príncipe, recolheu ao seu quarto sem imaginar que dentro dele se escondia uma linda moça. E uma moça de rara beleza aparecia nos bailes do palácio real, ninguém sabia quem era e de que nobreza ou linhagem vinha. O príncipe se apaixonou por ela, seu par efetivo de valsa e *schottisch*. Ela dançava que nem uma fada. Quando batia meia-noite, a moça fazia um jeito, se escapulia do príncipe e sumia. Uma noite o príncipe descobriu, era Maria de Pau. Maria se desencantou, o príncipe casou com ela e houve tanta festa no reino que até hoje estão dançando e comendo, que até as fadas e os anjos entraram pelas janelas do palácio, foram dançar e comer também.

Ramiro sorriu. As mulheres ouviam como se vissem Maria de Pau dançando com o príncipe e os convidados comendo:

— Quanta comida, não, nhá Diniquinha?

[340] Orminda acrescentaria:

— Dancei tanto que criei calo no pé e comi tanto que minha barriga espocou e nhá Diniquinha costurou. Ofendia?

Orminda assim falava. Assim queria Orminda dentro do oco do pau boiando na baía de Marajó. Batia no pau: quem está aí? Uma princesa. De que reino? Do reino do rei Ramiro. Abre a porta do palácio real, princesa. Só se me fizer rainha do teu reino. Tua boca disse, será cumprido. E assim Orminda sairia e assim partiriam para o reino. Ramiro riu das suas bobagens.

Pediram que ele tocasse. Ele tocou e cantou. Comeu do peixe

assado. Ergueu-se muito triste, quis fumar, lhe deram cigarros, se espreguiçou com desalento. Ninguém lhe falou de Orminda.

E foi deixar aquela feitoria, encontrar o Raimundinho que lhe falou:

— Tu não sabe?

— O quê?

— Tu ainda não sabe?

— Fala, homem. O quê? Desembucha.

O Abaí fechado. Ordem do seu Manuel Raimundo. O povo recebeu proibição de pegar peixe. O administrador mandou armar dois vigias na boca e no meio do rio contra quem se atreva a pescar. E sabe ainda de outra?

— Se a desgraça é pouca, aumenta mais, companheiro.

— O arcebispo mandou recolher a Coroa do Divino Espirito Santo. Proibiu que saísse. A Coroa foi na Lobato pra Belém.

A Coroa perdida, os instrumentos do Divino mudos para sempre, ah!, possível, o ofício de folião se acabava.

— Até a fé eles tiram.

— E, Ramiro, a coroa era de prata. É uma fortuna.

— Meu Deus, o Abaí fechado, e meus parentes ali e aquela gente toda.

No Abaí, moravam tios, amigos, ali morava um povo que queria bem. Sem o Abaí, como passaria o povo? Tinha que desmanchar as barracas, largar os sítios, onde achar o peixe, onde armar novas barracas?

Ramiro esquece por um momento a sua postema. Orminda, [341] diante de seus olhos corre o pequeno rio. Na boca e no meio do rio, dentro das montarias, os vigias armados prontos para atira? no primeiro que lançasse a tarrafa ou a linha do anzol. E quanto peixe no rio! Lembra-se bem, de uma vez, que viu a tarrafa de velho Fulgêncio branqueando de pescada. E foi ali que nasceu, aprendeu a pescar, a tarrafear, a ter conhecimento com os peixes e suas manhas, preferir o

tucunaré, desprezar a traíra, medir o tamanho dos pacus na palma de sua mão, saber quando passa peixe-boi no rio, isca para pirarucu, passar horas tentando puxar naquela água tipitinga um daqueles tambaquis gordos que velho Fulgêncio, lá um dia, puxava. Era o rio de sua família, de sua nascença, nas suas margens aprendeu a tocar violão, fez a primeira serenata, conheceu a primeira rapariga, buliu com a filha do Anacleto que não quis casar com ele pra se casar com um canoeiro. Foi ali que viu, pela primeira vez, era ainda bem molequinho, fedendo a peixe, um cavalo e um boi de montaria. Agora o administrador fechava o rio, o rio pertencia ao filho do falecido Coronel, a água do Abaí era para os bois beberem. Que os peixes apodrecessem, a ordem era para os vigias atirarem com seus rifles se vissem o povo pescar.

Abaí o chamava.

O lago parado, um poço dentro da noite grande. Os pescadores lançavam as redes. Em breve, o patrão manda também fechar o lago. As geleiras mal se distinguem na sombra da beirada. As barracas se desfaziam na escuridão. As estrelas imóveis como olhos de cego. Nhá Diniquinha a contar história. Ramiro não queria mais saber daquelas histórias, queria outras, conhecia todas que a velha contava e recontava. A história do Abaí ninguém contava. Nhá Diniquinha não sabia ou tinha medo de contar. Orminda, sim, pediria:

— Anda, faz chula deste teu rio Abaí e lasca no seu Manuel Raimundo. Ofende?

Nhá Diniquinha não sabia. Nem Maria de Pau saberia abrir o rio, apanhar com as mãos tão brancas o peixe para as crianças do Abaí. Estas, cheias de febre e de vermes, se desfaziam como camaleões mortos. No Abaí não tinha príncipes, palácio, bailes, [342] peru de forno, fadas, bolo de noiva, princesas dançando de saia-balão.

Os pescadores gritavam, se ouvia, esfalhando-se [sic], o chuí das tarrafas no rio. Um choro de gado, longe, se arrastava pela solidão dos campos. Um urro de lamentação pela rês morta. Choravam como

criaturas humanas, O cheiro fresco do sangue. irmão lhes dava aquele desespero que enchia os campos. O urro parecia inchar no peito de Ramiro, na sua postema. Oh, por que aqueles animais não se calavam?

As aves da noite piavam com uma tristeza que lhe parecia espremer o coração. O urro do gado aumentava e diminuía. As vozes do lago e do gado eram como de homens que marchassem sobre o Abaí. As estrelas não tinham olhos para Abaí.

Se o administrador mandou, o Nicanor, que tomava conta do Abaí, era lá o comissário, dobrou a ordem. O povo se queixou. Então Nicanor mandou matar os porcos, campo não era cocho, queimou as roças, a terra era para as pastagens, prendeu gente, xadrez e faxina eram a criação e a lavoura dos que não sabiam obedecer a lei. Não bastava tudo isso, Nicanor dizia que Coronel Coutinho havia comprado o rio da Marinha, com a falta d'água nos campos o Abaí tinha de ser o bebedor do gado. O rio era dos bois, não era dos homens. Ramiro sentia que aquele povo podia se reunir, se ajuntar num só homem e abrir o rio. Povo desunido e com medo era como peixe apodrecendo num rio fechado. Era assim que Orminda diria, era assim que ele diria ao seu povo. e Orminda estivesse ao seu lado, eram dois que partiriam.

Avançou pela beirada e topou com dois vaqueiros, perto de ima canoa, bebiam.

— Ramirão, Ramirão. Vem lavar a tua postema.

Ramiro pediu um gole. Bebeu e suspirou como aliviado. Seu :oração queimava. Sua postema ardia.

— Hum, deixa ver mais um gole dessa desgraça.

— Ramirão, roubamos uma meia frásqueira do abaeteuara. Mas só nós dois ninguém agüenta. Nos ajuda.

A postema chupava o gole. O coração soprava fogo. Orminda num gole, entrando pela garganta, no peito, apagando o [343] cora|ção, fechando a negra postema, por baixo e por cima dele, os go-

les se sucediam. Os dois vaqueiros nunca tinham se visto com tanta cachaça a mão.

Não demorou, os dois vaqueiros invocavam o Cavalo-Marinho.

— Vai, Ramirão, roubar um tucunaré do Umberto.

— Ramirão, vai buscar teu bronze e tira uma chula. Nós vai preso amanhã mas que se esvaziou uma frasqueira vai ser uma fama. Tira a chula. Chora a tua postema, mano. Chora no bronze.

Aquelas três bocas buscavam no fundo do garrafão: Abaís abertos a todos os pescadores, Gaçaba em cima da porteira bebendo tipuca, quartos de carne sabrecados em grossos espetos na fogueira do curral, mulheres parindo nas esteiras bem forradas e travesseiros, carne de graça quando prenhas desejassem. Dentro da frasqueira se escondiam misteriosas felicidades, foliões do Divino rezando ladainhas sem a lei do Arcebispo. Orminda se embalando numa grande rede sobre o Abaí, barqueiros descarregando peças de pano e baeta, farinha, muita farinha. Viam Manuel Raimundo num tacho de fogo e o Diabo com uma colher de ferro mexendo o caldeirão. Um vaqueiro cambaleou e gritou:

— É o Divino. É o Divino. Vou na cidade tirar a Coroa das mãos do Bispo. A Coroa não é dos padre, é do povo.

Ramiro saltou, fumaçando, a postema era um veludo, o coração tinha saído como balão atrás de Orminda. Saltou fumaçando:

— Esse Manuel Raimundo eu mato.

Disse sem raiva, tudo lhe saía doce da boca e quis cantar uma chula contra a proibição do Arcebispo. A língua onde é que estava, a cabeça em que lugar tinha? O violão, cadê o violão? O Cavalo-Marinho vinha saindo do lago. O vaqueiro tirou do bolso uma tanga de barro, uma pequena tanga de índia do Pacoval. Ramiro apanha-a e quer colocar a tanga no corpo de Orminda que vê no ar, os peitos pulados, uma índia branca que ele carregaria para cima das canaranas, levaria ela para o Cavalo-Marinho. E levou minutos com a tanga no ar, cingindo o corpo de Orminda.

Cambaleando, tomaram o rumo da canoa geleira.

— Quero virar jacaré tinga. Quero comer Orminda no tijuco. Cairiam num perau onde viveriam como dois muçus. Ele [344] ves|tiria Orminda de lama como se fosse nascida do igapó e seus cabelos pesados de lodo seriam raízes sustentando aquele corpo no fundo do lago como uma planta, em volta os peixes se amassem, as graças se emplumassem, os jacarés viessem chocar suas ninhadas. Olharam a canoa. Junto à verga um cavaquinho pendurado. Parecia pedir às estrelas que descessem para tocá-lo como se elas fossem os dedos de prata da noite. Os dois bêbados lutavam para arrancar Ramiro da lama onde se debatia como tambaqui na linha.

O cemitério do Pacoval crescia nas águas do lago. Os índios mortos dançavam no fundo. Os morubixabas se espreguiçavam e subiam das igaçabas, jaçanãs acordavam e voavam sobre os jacarés, cujas bocas se abriam para engolir a noite. O lago rodava, rodava como um pião. As estrelas se afogavam no lago. Os peixes voavam do Abaí. E como num coro de sapos, os três bêbados gaguejavam:

— Atin nãã, murerureua.

As corujas respondiam. O lago era a orla giratória que Ramiro viu num círio em Belém. Os três bêbados despencam pela beirada, sangram nos paus e nas pedras, desabam na lama, e espalhando-se no rio, na noite, no sono, o chuá da tarrafeação.

De madrugada, na lama, batido, ensangüentado e roto, Ramiro saltou para o campo. Mudou de roupa na sua barraca. Furtou um cavalo, selado. Tirou uma baia da feitoria, amarrou o violão e o cavaquinho na cuba. O cavalo era castanho, afoito, com a marca dos Coutinhos.

Olhou o céu e se descobriu como diante de uma imagem. Pediu a proteção do Divino. Adeus, nhá Diniquinha.

— Vamo ver, Castanho, se tu não me deixar no Abaí, te sangro só no vazio.

O rio fumaçava no sereno da madrugada.

52

[345] De cócoras, em torno do turucúá, pequeno fogão rústico — as brasas estalavam — Alaíde, passando o café, apertava os olhos contra a fumaça. Seus joelhos diante das brasas avançaram e brilharam como se o fogo os queimasse. O rosto mais queimado, com a palidez das velhas febres, e, como o das índias, vigoroso e tranqüilo se enchendo de uma súbita beleza. O vagar com que coava o café, enchia a vasilha, espremia o saco, ajeitava o turucúá sem queimar a maio, era o do amanhecer na selva.

Ficou olhando à toa as brasas que murchavam. Passou a mão nos olhos ardidados, a lenha era ruim, fumaçando muito. Andava tão lesa que trazia pau verde para acender o seu zinho fogão, para fazer aquele tico de café que restava. Com a mão sobre os olhos, teve a lenta lembrança do seringal do Evangelista. Andara defumando borracha naquelas estradas. Uns poucos dias, precisão muita — não tinha mais uma muda de roupa. De qualquer modo havia de procurar serviço naqueles barracões arruinados do Muaná. Ninguém para lhe fiar um metro de alfacinha. Queriam dinheiro, algum gênero, borracha, semente oleaginosa, uma garrafa da andiroba, o seu corpo. Mas com este não negociava, só no extremo da fome e da nudez, só no último degrau da pior necessidade. Isto, não, seu corpo não alugava. Era dela, da terra que o havia de comer ou de quem gostasse.

Nem um metro de alfacinha. Quanta dificuldade vestir-se! Assim lhe veio um distraído pensamento: por que não andava nua? Era no mato, que mal fazia? Acabaria acostumando a vista dos homens. As índias necessitavam de morim, alfacinha, chita, [346] análgua? Um desejo de aparecer nos trapiches, jiraus, tolda de canoas, beira de barranco, ponte de miriti, popa da montaria, nas varandas, no alpendre dos barracões, debruçada no balcão, com uma folha de sororoca passada na cintura.

Na barraquinha, à beira do rio, nem azeite de andiroba havia mais. O murrão da lamparina seco-seco. Deodato, seu companheiro,

não voltava mais de sua comprida viagem nos rios de Breves. Deixara-lhe pouca coisa para tantos dias de demora que se tornou definitiva. Não voltava mais.

Encontrara aquele um no jirau da palhoça do Tenório. Saíram juntos na montaria para ajudar numa tapagem de igarapé. Ele falava pouco, sorria, deixando o sorriso cair para o canto da boca. Depois uma conversa no “quarto” da mulher do Tenório que se foi com aquela dor. Conversa esta emendou noutra e mais outra e uma noite foram na mesma montaria espiar uma festa no fim do estirão.

— Quer desenferrujar a perna, Alaíde?

Ela mordeu o sorriso, aceitou, silenciosa e dançou. No meio do chorinho — a flauta era fina e rebulideira, o soalho cheio de altos e baixos, paxiúba e acapú [sic] — a primeira lembrança foi Paricatuba, o olhar daquele homem — se ele subisse do rio e aparecesse, credo! Só mesmo como boto que vira moço bonito e vem desencaminhar moça. Deodato apertava de leve, muito, de leve, a sua mão, não como muitos que só faltavam quebrar os dedos da dama, partir as costelas, sufocá-las no aperto da cintura, esfregar a boca na testa, na face, na própria boca, um inferno. Deodato, não. Dançava delicado. Dançava pela dança. Gostaria dela? A flauta tocou o bis, deixou-se levar nos braços dele, mais triste e mais abandonada. Deodato lhe perguntou se queria mungunzá ou arroz doce que ela recusou, alegando fastio.

— Fastio ou paixão?

— Paixão não sei de que, já. Dance, não converse.

O caboclo, por não ter mais nada a conversar, apontou para o reflexo da lua que se estirava no rio e calado continuou dançando pela dança. Ela voltou pela madrugada, triste-triste, um cansaço no coração, um confuso sentimento de culpa ou saudade, alguma [347] mudança que a tornava desentendida, recolhida em si mesma. E um pequeno orgulho a fez decidir-se, enquanto Deodato continuou em silêncio, esperava que ela lhe desse bom dia ou mandasse entrar: aquele homem não há de saber que eu ando com qualquer. Não lhe

dou esse gosto.

— Então, Deodato, até. Aparece.

Deodato apareceu e lhe disse, sem fitá-la:

— Vou-me embora deste rio. Não faço falta a ninguém.

— Tu fala de barriga cheia, Deodato. Ora, Deodato.

— Vou-me embora, sim. Vou pra esse centro por aí. Não que quero este rio veja mea cara mais. Fiz um juramento.

— Amor contrariado? Agora sou eu que me vingo do tu que me disse na farra: paixão?

— Se tu pensa que é paixão, tu tem coragem de me consolar indo comigo, Alaíde?

— Hum, nasci para isto, meu mano. Consoladeira de paixão dos outros. Mas aceito o trato. Quer me levar?

— Não, não, Alaíde. Sou uma baúta de folha amassada e fundo furado pra guardar essa seda.

— Mas, Deodato, quem te ensinou isto, parece uma modinha, quem é seda? Eu? Eu, Deodato, ora qual, como se caçoa do próximo...

Ela riu e acrescentou, abotoando o peitilho da blusa cerzida:

— Falando sério, Deodato. Se é paixão, te consola comigo.

Da parte dela paixão não era, não era amor, gostava dele e nem que aquele viesse, lhe cobrisse de ouro, lhe cobrisse até com as lisonjas de um casamento, a Deodato ela seria fiel. De uma feita que dava a sua palavra, sabia cumprir. E seguiu com Deodato, dócil e tão querida por ele, até as febres passaram e os sentimentos se aquietaram como sementes perdidas num remanso.

No princípio, para ajudar Deodato, se metera uns dias no seringal. Sua cara se tornara velha, agoniada sob a defumação. Todo o corpo fumegava, os seios fumegavam. Só por um castigo voltaria àquele serviço. Não nascera para aquele fumaçal. Quando menina, no rio da Fábrica, vira seu pai defumar. Era lembrar a porta do inferno, como contava nhá Eugênia com as suas [348] histó|rias, com seu jeito

de contar que falou com o bicho folharal e com o mapinguari. Limpava poço, fazia louça de barro, cortava seringa, Lavrava pau, cortava palma de ubuçu, mariscava, uma vez ajudou a abrir a sepultura para um afogado, agüentava muitos trabalhos mas defumar borracha não era de seu feitio.

Já os homens tinham receio de trabalhar ao seu lado para não se desacreditarem. Seu braço era duro como cana de leme. Remar era com ela. Bem miudinha ainda, estava no igarapé, às voltas com remo, no casco ou na montaria. Uma tarde apanhara do pai com o próprio remo pela sua teimosia de sair sozinha para o meio do rio dentro da velha montaria da família. E depois — já graúda, quando aquele homem a reconheceu — que prazer andar estirões no jacumã, os pés de molho na água do fundo da pequena embarcação, chapéu de pano na cabeça, um miriti para roer. Preferia tirar lenha a defumar borracha. Na ausência de Deodato, saía com as companheiras. Ela, como era natural, guiando o grupo, atravessava o igapó, os cipoais, cortando lenha. Uma vez deu um grito, uma sucuriu enlaçou-a num bote, ela mordeu-a com tanta força e desespero que a cobra afrouxou o laço, enquanto as mulheres acudiam. Voltavam com a carga das achas no ombro, na cabeça, nas ilhargas, nos jamaxis presos às costas, rumo ao igarapé onde esperavam o batelão. Muitas vezes caminhava sem companhia nenhuma, apanhando tucumãs, mucajá, frutinhas do mato, catando baunilha, com uma pena de não possuir uma espingarda. Ter aquela arma lustrosa daquele homem no ombro, correr com os cachorros, tocaiar e esperar o veado e a cotia, um pato brabo e de súbito uma onça...

Alaíde provou o café. Teria mesmo medo se realmente viesse a onça? Sua mãe gostava de dizer que medo realmente existia somente em cima da pele. Com onça pela frente, não havia outro remédio senão criar firmeza. Sua mãe contava: ia ela e o companheiro num caminho feio lá pras bandas do Cupijó, uma onça malhada pulou em cima do homem. Ele, rápido, desvencilhou-se, ela nem soube como

fez, arrancou de supetão a saia do corpo e atirou sobre a fera. Esta, que se desatrapalhava da saia na cabeça, recebeu o tiro bem no peito. A mulher nua então apanhou a saia, [349] sacudiu-a e a enfiou. Sua mãe, contando, ria e acrescentava que medo chamava onça. Assanha a gula e a brabeza dos bichos, dizem os velhos caçadores. As feras tem o faro do homem medroso. E vão vagarosas atrás dele, caminhando horas e horas em busca daquela presa fácil, embiara como chamam os caboclos, carne amolecida e esfriada pelo terror que as feras devoram, expulsando o medo da floresta.

O medo dos homens é a desforra da floresta contra os madeiros que a devastam. As onças esperam longas e longas noites o rastro do medo.

Alaíde bebia o café, sorrindo com a história da saia sobre a onça. Era uma lição que não esquecia, não esqueceria se acontecesse o que aconteceu com sua mãe. Imagine aquele homem... Morreria de medo, a onça o apanharia pelos cabelos, brincaria com ele como gato faz com rato. Ela o salvaria com a saia como salvaria Deodato, como salvaria qualquer homem, primeiro a salvação do homem depois a sua vergonha, O cheiro das intimidades da mulher confundia as feras, por certo, tirava-lhes a segurança do salto e o ímpeto da ferocidade.

Alaíde caminhava pelo mato, silenciosa. Seus pés farejavam, olhavam, ouviam, apalpavam os caminhos entrançados na selva como os fios do mistério e da solidão. Pés com a memória das raízes e dos bichos, vagando de noite por baixo e por cima da terra. Muito caçador invejaria aqueles pés bem nascidos, ágeis e videntes, duros e belos pelo tamanho, pela resistência, deixando leve rastro, quase nenhum vestígio, pelos imbaubais e andirobais. As feras sentiam naquele rastro qualquer coisa que lhes era familiar e intrépido.

Sua voz era quase desconhecida na floresta. Para que falar? Seus pés agiam como donos de si mesmos, aranhas correndo sob as folhas que afofavam os caminhos atolentos. Todos os seus movimentos dispensavam as palavras. Olhou as suas pernas. Terra não

saia mais das suas pernas. Podia tirar no banho, o suor, o cheiro do mato, da lenha, do peixe e do homem, não a terra. Porque a terra vinha na água que a banhava e lhe cobria a pele de cabocla como os rios, enchendo, cobrem de lodo a várzea e as ilhas nascentes.

[350] O pensamento de Alaíde se avivou e cresceu para as terras do Bagre. Ontem que falta de ânimo até para acender a lamparina. Ficara com as pernas suspensas no jirau, esperando que escurecesse mais. Até que lhe deu vontade de ver a lua aparecendo, o mingunte se havia sumido à tarde e tudo escureceu. Maior a solidão e o tombo dos madeiros ao longe onde os homens não descansavam de abater as árvores. Aqueles homens derrubavam os troncos à noite, podiam gritar, comer, beber, fazer filhos. Tinham carne viva, borbotava-lhes o sangue no encontro dos paus que desciam pesadamente do trilho, com os tocos e as raízes. Deodato, não. Seu companheiro deixara de abater as árvores, não gritava mais. Os homens chamavam pelo companheiro. Seus gritos ressoavam noturnos e belos na floresta. Podiam levantar o machado e a seiva escorria-lhes pelos braços como se as árvores, feridas de morte, lhes perdoassem e ungissem os fatigados corpos. Podiam gemer quando recebessem a traiçoeira pancada de um madeiro, rolar nas valas, no atoleiro, sobre as sapupemas, no fundo das montarias, nas balsas, torcendo-se de dor. Tinham a carne viva, tinham sangue, um pobre sangue envenenado de paludismo, na verdade, mas sangue, afinal, de homem cortando e virando madeira, de homem vivendo, mexendo as mãos, mastigando, pedindo para as mulheres lhes benzerem a inchação, as feridas e a dor do peito. O do seu companheiro, há dois meses, havia secado, havia parado, a terra desfizera-lhe as carnes, talvez os cabelos continuassem os mesmos, os dentes, a camisa, contaram que vestia a calça que ela fizera na máquina de costura de D. Vicência. Estava desfeito, no Bagre, dentro da terra encharcada. Aqueles homens trabalhavam à noite e prosseguiram pelas manhãs, como se não dormissem, tinham algum crédito no barracão para a

farinha, o quartinho de querosene, o sal que as mulheres pediam. Ela quis trabalhar também na rotação das toras, os homens recusaram, era mulher. Como comprar, então, o luto de Deodato? Tinha que tingir aquele vestido velho, considerava-se viúva, nunca ele lhe bateu, lhe disse um nome, uma palavra mais alto, às vezes era mesmo como um irmão. E dele nem o filho se salvara. Com um mês, uma doença na garganta em duas noites o levou. Meu Deus, não nascera para [351] mãe, repetia chorando sobre o filho morto, com os seios duros de leite. Teve que amamentar muita criança do rio para aliviá-los, com que gosto e tristeza dava aqueles peitos infelizes para os nenês chorões e famintos do estirão. Que faria com a sua vida?

Morto Deodato, juntar-se com outro homem? Não tinha feito para isso. Aquele homem branco apanhara-a, agora compreendia — tinha agora a cabeça sentada — tão nova que mal distinguia o céu do mundo. Não estava arrependida, sina ou culpa sua, maldade de homem, fosse o que fosse, tinha passado. Não sabia ainda que queria dizer a palavra vampiro. Nunca a esquece, repetindo-a sempre. Vampiro, repetia, olhando, à toa, uma estrela, o peixe boiando, uma folha no ar, as letras dum jornal. Vampiro, quando queria ralar alegremente um gato ou quando tentava brincar com as conhecidas que lhe perguntavam, intrigadas: que tu disse, que ninguém entende? Vampiro, para a cachorrinha que atravessava o rio. Que seria vampiro? Feiticeira? Possuída do demônio? Desencaminhadeira de homens? Nome tirado daqueles livros grandes de seu Lafaiete? Sorria, meu Deus, como havia tanta falância no inundo, como a língua dos homens tinha mais veneno que as jararacas. Aos poucos a palavra, que era um espantalho e uma calúnia, foi se tornando inofensiva e acabava como objeto de troça de si mesma. Aquela mão de bêbado lhe doía no rosto inteiro, abria uma postema grande. Pobre das pobres, repetia a si mesma, infeliz das infelizes, triste das tristes... quem dizia isso? Ah, era Orminda brincando quando não tinha uma meia nova, não apanhava a manga que queria ou espetava o dedo na

agulha. Mas a vida sabia apagar tudo e eis que Deodato morria, eis que outro filho ia-se embora. Que faria naquele rio soturno e sem esperança?

Não seria mais como aquelas mulheres, nas palhoças úmidas com as remelentas e nuas crianças ao lado, esperando o tabaco para as resignadas e lentas cachimbadas, à beira do jirau olhando a maré e a solidão. Ou em torno de mortos, o pires de sal em cima dos cadáveres, a última cera derretendo-se e dentro do quarto um menino geme, de olho virado, o beijo roxo — mortos e doentes que já estavam aparecendo no rio com aquelas febres aumentando, sem alívio nem remédio.

[352] Maginou, maginou, dia inteiro. Decidiu partir, à noitinha. Tomou passagem numa canoa veleira e passou duas semanas no barracão da Casa Branca, servindo de ama, tratando de porcos, lavando umas redes. Depois foi lavar e gomar no barracão de um sírio. Fugiu uma noite porque o patrão foi mexer com ela no quarto. Ajudou um parto à beira de um rio, que alegria lavar, enxugar aquela coisinha vermelha e viva, aquela coisinha gritando miúdo, oh Virgem Mãe, quando tenho outro filho? Secou cacau e caiu doente de papeira, no barracão S. Félix onde encontra um lenheiro que a convidou para morar com ele nos centros. Ela disse a si mesma: vampiro, e falou como se lastimando e em que havia também um pouco de troça:

— Estou comprometida, seu Jaime, vou de encomenda para um homem. Ofende?

Riu-se muito, seu Jaime achou-a mesmo um pouco sem vergonha, ou meio maluca? E ela foi fazer comida num embarque de madeira para os carregadores de um navio muito grande ancorado no rio. Viu homens muito brancos e vermelhos falando língua estrangeira diferente da que falava Calilo. Viu vinhos, caixas de biscoitos, cortes de seda lindíssima, frascos de loção, capas de borracha, meias, ah, Orminda nesse navio! Ficou cozinhando um mês para uma professora estadual que teve de fugir da escola por causa

das febres e do alastrim. Com ela principiou a conhecer as letras. Trazia a cartilha na baúta e a quem soubesse pedia uma lição. Tinha de escrever, um dia, a palavra vampiro.

Reservada, falava o essencial para se dar com todos, ciosa de suas cismas, de seus sentimentos. Deodato era um luto calmo desbotando-se no fundo de sua resignação, na extenuação do trabalho e no desejo de chegar a Ponta de Pedras ou Belém. Pensar naquele homem branco consistia em distanciar-se cada vez mais de uma vida que não foi a dela, se confundia com sonho ou pesadelo. As palavras dele soavam tão distantes e defuntas, em certos momentos, chegava a indagar, ligeiramente: como foi que aconteceu?

Bateu chocolate em Muaná para um casamento, dormiu varias noites na montaria amarrada na aninga, ajudando os [353] remeiros a arrastarem a embarcação na lama, viajou por uns furos, trabalhou em tapagens com timbó, sua boca repetia nomes e nomes de rios e lugares que lhe ensinavam, sítios mortos, trapiches caindo, palhoças, ninhos, miséria e doença atados na selva que se abatia sobre as águas. Comeu cigana, comeu poraquê, comeu coruá.

Depois, com o corpo todo marcado de morossocas e carapanãs e dias de fome, chegou a um barracão onde se rezava ladainha de Nossa Senhora do Bom Parto. A viagem continuou, seguindo a luta, num barco regatão, com o piloto que tentara abraçá-la dormindo, o cuspo na cara do homem, o sangue nos lábios dela depois da bofetada, o grito: “Mande encostar o barco na beira sinão [sic] me atiro n água daqui mesmo de cima do toldo.

Os tripulantes não esconderam o seu espanto diante daquela mulher pálida, cor de terra, braços cruzados, que os encarava com um desprezo seco e os parecia comandar. Ficou num porto de lenha, embrutecida pela raiva, lutando contra a vergonha e o medo, entre desconhecidos. Viam nela uma louca ou fugida por algum furto praticado sabe lá onde.

Longos dias choveu naquele porto, nenhuma embarcação

passou descendo o rio. Alaíde, então, furtou um casco e remou um dia e uma noite para chegar ao Itupanema. Dali para o Marajoçu, em canoa a vela, era só uma maré.

53

[354] Tirou a baúta da toldinha da igarité, se despediu dos tripulantes e pisou a escada do trapiche. O corpo dormente, as pernas tremendo, anoitecia.

Descalça, o vestido preto, o cabelo por pentear, o coração apertando, diminuindo como o de uma criança. Distinguia a velha igreja, a porta parecia iluminada, o sobradinho do coronel Henrique, o mercado, as mangueiras negras, o coreto onde as corujinhas passavam a noite piando, conversando sobre maus agouros e visagens, os benjamins do largo crescidos e a casa grande com o muro alto. Caminhou no trapiche, temerosa, como estranha aquela vila estranha, apesar de todas aquelas coisas familiares que voltava a encontrar. Talvez as encontrasse em si mesma e não mais na vila. A Ponta de Pedras que via era a do seu tempo, não aquela que lhe surgia como abandonada e desconhecida. E para disfarçar a ansiedade e o indefinido temor, disse de si para si:

— A vampiro tá na terra...

Sorriu e medo maior assaltou-a: se a primeira criatura a encontrar fosse Lafaiete? Apoiou-se no parapeito do trapiche, as pernas continuavam a tremer, seus pés doíam. Pisavam o seu passado, a primeira viagem que fez à vila, o pão torrado e os rebouçados [sic] que comera, as rezas do Campinho, os peixes do cacuri, o limoeiro morto de Felicidade, as samambaias murchas, as lágrimas de Orminda com a face cortada e em sangue, o silêncio de Tenório quando descobriu o rosto de sua companheira morta, os piolhos caindo ainda pelo pescoço, os jasmims que pôs, tantos!, em seu cabelo e no de Orminda, os cheiros da terra no seu baú tanto [355] faziam cheirar a

roupa. Por isso seus pés pisavam de leve como se estivessem feridos, sangrando. E tudo lhe pareceu saindo de si mesma, aqueles banquinhos do largo da igreja onde cheiravam as bandejas de doces, os pudins enfeitados e os leitões de forno do leilão, os tajazeiros de ornamento que as famílias arrematavam para as suas salas, suas janelas e batentes, Orminda, com ela de braço dado, ouvindo a banda tocar. Meu Deus, encontro Orminda na vila? Encontro a pessoa que mais estimei com amizade sem interesse? Vou convidar Orminda para trabalharmos juntos em Toerá, na olaria, ou, por que não em Belém, na fábrica? A vila estava mais abandonada, ninguém no trapiche nem no largo. Os postes de carbureto, como sempre, apagados.

Lentamente espalhou-se na noite um canto que lhe apertou a garganta e todo o sofrimento e a saudade, temor e a alegria da chegada se fundiram em soluços, velhos prantos não chorados, antigas e novas lágrimas só ali pudera desabafar, tudo que nunca pudera chorar soluçava alto, como se dentro dela chorasse aquela menina, de há tanto tempo, quando viu a mãe caída e morta embaixo do açazeiro.

Rezavam e cantavam na igreja e Alaíde conservou o rosto no parapeito da ponte. Lembrou-se que estava no mês de Maria, O canto subia plácido e límpido como se fosse a noite cantando pela boca das estrelas. Guíta bem poderia estar ali cantando também. Orminda nascera para cantar no coro, oh!, por que elas, tão moças, sofreram tanto, por que não puderam cantar as novenas, brincar de jogo de bola, remar pelos estirões, namorar muitos rapazes, dançar com rosas no cabelo, sem que nenhuma delas se perdesse? E seu primeiro filho como já estaria crescido! Afinal tivera dois e eram um só naquelezinho mamando em seu peito. Daquele homem e do Deodato, filho do igarapé e do delírio, não, filho de duas pessoas que se queriam muito bem; filho de Deodato. Orminda teria tido filho? Como tudo naquela vila, ou no mundo inteiro lhe parecia infeliz, sem razão e sem esperança? E veio andando devagar com o resto dos

soluços, passando a mão pelo nariz e pelos olhos, sem saber, ao certo, para onde ia. Por onde andaria Orminda? Com que cara apareceria se ainda falasse naquilo que [356] lhe atribuíram, quem sabe se até prisão não a esperava? Se lembrou dos adeuses daquela gente saindo expulsa de Felicidade. Adeus, Alaíde, até um dia. Um dia tu volta.

Agora voltava. Compreenderiam todos eles a sua volta, veriam em seu rosto o quanto sofrera, o quanto trabalhara, a marca do aleive, que dois filhos perdera e suas pernas tremiam? A porta da igreja iluminada era a porta daquelas recordações e lutas de que queria se libertar. Parou defronte ao coreto. E se Orminda estivesse sob o castigo de ter feito aquilo na torre da igreja de Cachoeira? Hesitou, se devia espiar a novena ou logo seguir para o Campinho. Parou, arrumou os cabelos, abriu a baúta, tirou um lenço, tão velho! — com ele enxugou o sangue do rosto de Orminda, o suor daquele homem branco bêbado depois que lhe bateu. No lenço velho embrulhou os doces que Deodato lhe dera numa festa nas Ilhas, com o lenço amarrou a barriguinha de seu filho por causa do umbigo. Com ele, agora, enxugava as lágrimas mais livres que chorara em sua vida, secretas e bastantes lágrimas que só a noite sabia e Maria Santíssima. Novena as moças de Ponta de Pedras cantavam.

Passou defronte à igreja, surda àquele canto, cega àquela porta iluminada, dois castiçais acesos. no altar-mor, passou desta vez com as pernas firmes, o coração firme. Teria, sim, de encontrar Orminda. Sairia com ela de Ponta de Pedras no dia seguinte e todas as recordações, o lenço velho, a palavra vampiro, os filhos mortos, Deodato, Guíta e Ciloca aparecendo no caminho da Mangabeira, ali ficariam ou sumiriam com o canto da novena, com o toque dos sinos anunciando o fim da reza e ninguém se lembraria mais, em Ponta de Pedras, deste nome: Alaíde.

Ao aproximar-se da barraca de nhá Felismina, sentiu-se mais perturbada. Uma lamparina na salazinha, um cachorro pulou da porta. A mangueira imóvel guardava o que ela pensava ser o mistério

daquela barraca. Que tolíce meter na cabeça que Orminda voltou. Deveria estar no mundo, aquela beleza dela estaria penando. Mas, meu Deus, por que Orminda não aparece na janelinha?

A satisfação de ver a barraca, saber que ali poderia estar Orminda ou, pelo menos, certeza de que falaria com nhá Felismina, [357] dominou todos os seus sentimentos. Talvez para dar tempo de recompor-se e não aparecer tão abatida, resolveu antes espiar, quem que ali estava, que conversavam e se podia ver Orminda, para surpreendê-la, dando-lhe um susto, tapar-lhe a vista com as mãos e dizer com voz mudada: adivinhe quem é?

Deixou a baúta perto de uma casa de cupim na rua e correndo, escondendo-se atrás dos troncos, pôde chegar até a mangueira. Isso lhe deu prazer, era a menina que gostava de brincar de esconder entre os cajueiros do Paricatuba. Colou-se ao tronco da mangueira, a velha e grande mangueira de que nhá Felismina tinha tanto medo. Respirou, sorrindo, passou a mão pelos seios como para desafogar-se, as pernas voltaram a tremer, o cachorro ladrrou. Temeu que o cão a descobrisse. Não. Correu para o mato. Ela ficou sorrindo na escuridão, uma formiga mordeu-lhe o braço, outra lhe subiu pelo pescoço, uma súbita coceira no pé. Fixou o ouvido e ouviu indistintamente pedaços de conversações antigas em que ela tomara parte, em sítios, toldos de canoa, copiares sossegados fazendo goma de tapioca. Nenhuma risada, nem uma palavra de Orminda, nem uma vez a sua voz. Nada de aparecer alguém na janelita. Olhou a noite, estrela como farinha, um vento brando na mangueira, novas formigas e um vaga-lume piscou na moita de capim. O jeito era correr, agachada, ficar rente à janela e escutar.

Reconhecia a voz de Rafael. Como? Não estava na novena? Que aconteceu pra seu Rafael não está tirando a reza? Era Rafael mesmo falando em voz tão baixa:

— Me perguntou depois pelo presépio. Eu disse: não soube então? A trovoada botou a barraquinha embaixo. Eu e papai tivemos

que sair debaixo da chuva com as imagens no colo. Um caibro quase quebra o Menino Deus. Aí ele: “Mas Rafael, o presépio? E o que tu fizeste? Se mudou? Mandou levantar a casa de novo?” Eu respondi: com que então? Vejam só a pergunta dele.

Uma voz que Alaíde não reconheceu aparteu:

— Ora essa, por que ele não te deu o dinheiro? Parece até um debique...

— Sim, espera que ele faça o que tu queres, espera sentado.

[358] Bem, mas me deixem contar: contei que arranjei um cochicholo na rua do cemitério. E foi então que me indagou por que eu não me mudava de Ponta de Pedras. Me ofereceu um lugar na Limpeza Pública. Parece que lixeiro. O mesmo que Lafaiete me ofereceu e acabou não arranjando nada com o padre Lizandro. Ele disse que tinha resolvido mandar fechar a casa grande, ia vender o Paricatuba, não queria mais saber de Ponta de Pedras que Ponta de Pedras só lhe tinha dado desgosto. Era uma joça. Deixava a vila entregue ao primo Guilherme que sabia tratar essa gente. Por Deus, me criou uma raiva, me subiu, que parece que fiquei engasgado. Mas o engasgo passou e para que Deus me deu uma língua? Falei que ele era um branco, podia andar falando assim mas se lembrasse que a sua fortuna, de sua família, muito deve a Ponta de Pedras, a joça que ele dizia. Que o avô, o bisavô, seja lá que demônio fosse, quando veio de Portugal veio com o fundilho roto e aqui se achou. Veio se achar aqui. O pago era aquilo. Pois, gente, ele quis gritar comigo. Gritar comigo! Parece que doeu nele e mandou que me calasse. Rá! Mandeí que ele metesse toda a fortuna dele, com licença da palavra, donde ele sabia. Que a terra era infeliz justamente porque sempre teve homens, como pai dele e ele, tomando conta, e isto eu disse de uma só vez e dei as costas, sem me despedi.

— Isto mesmo...

— Mas não é? Vocês sabem como senti com o meu presépio perdido. Quando me lembro que era tudo que eu tinha na vida,

quando me lembro da festa, da minha finada afilhada varrendo o chão e enfeitando. Para que negar que chorei? E me vem um branco daquele achar que isto aqui não presta, que isto aqui... Estou morando num cochicholo perto do cemitério, vou fazer tudo para armar um presepinho lá. Não tem é... Que posso fazer num cochicholo daquele? Enfim estou mais perto do cemitério. Dali pra cova é um salto. É como diz seu Nélsion. A vida é pra Manuel Rodrigues que montou a banca de bicho na vila e rapa todo o miúdo dessa gente...

— Que homem esse Manuel Rodrigues, e toda a vila joga. Todo mundo sonha com bicho, amanhece e anoitece e só se fala na banca do bicho...

[359] — Hum, tratante da marca dele acaba delegado, acaba autoridade.

Alguém tossiu na cozinha. Um cheiro de remédio se espalhou. Como a conversa não continuasse, Alaíde foi buscar a baúta, deixou na raiz da mangueira. Ladeou a barraca, sempre rente à parede, até os fundos e ficou oculta atrás da laranjeira da terra que punha os galhos no parapeito de miriti da cozinha aberta sobre o terreno cheio de tajás e fruteiras. O fogão tinha fogo. Fervia um chá numa pequena lata. Achas de lenha. Uma garrafa de andiroba. Cheiro forte de raízes. Mucuracaá. Manjerona. Mamona. Alho. Um prato com uma papa de remédio, escura. O murrão da lamparina fumegava. Se naquele momento Orminda lhe aparecesse era fácil tapar-lhe a vista, ah, satisfação maior da vida. Meu Deus, aparece, Orminda. Meu coração me diz que estás, doida. Baixou a cabeça entre os galhos da laranjeira. Duas velhas, nhá Felismina, nhá Geralda, entraram e foram ver o chá. Felismina deixou-se ver bem ao clarão da lamparina. Ah, possível, o rosto dela de tal maneira triste e encovado. Alaíde quis logo aparecer, pedir-lhe a bença e perguntar como Orminda passava. Ainda necessitava retardar o instante desejado, o coração batendo como naquele dia em que se sentiu grávida de Deodato. Queria ouvir primeiro o que as velhas diziam. Tinha medo, como nhá Felismina a

receberia, não a culparia por tudo que aconteceu com Orminda? Depois de tirar o chá do fogo, Felismina falou:

— Eu, se pudesse, ainda levava ela para mestre Jesuíno. Que a senhora diz, comadre Geralda, foi mesmo...

— Comadre, tinha tanto inimigo. Aquele aleive de Cachoeira de que ela fala tanto. Parece que foi perseguição dela neste ano inteiro, que horror. Invejada como era, tinha que trazer todo o peso da inveja e esta aí... E as jóias dela?

— Ah, comadre Geralda. Nem vale a pena falar. Na semana passada, o seu Lafaiete veio com o motivo de saber como estava a doente e perguntou se as jóias ela ainda tinha, ele podia vender pras despesas da doença. Eu, a senhora sabe, ando com a cabeça assim. Não tenho homem em casa. Me fiei. Pois eu soube que ele vendeu e foi embora para Belém. Mandeí um recado na canoa [360] do Domingos dos Santos, ele disse pro Enéas que as jóias nada valiam e que a que valia era dele que Orminda tinha usado e ele muito padeceu por causa dela. Roubou as jóias, é o que digo. Ele é tabelião. E autoridade. Pra quem a gente vai se queixar?

— Mas, comadre, mas isto é por demais...

— E diziam que meu finado filho era ladrão.

— Roubar uma rapariga doente que só Deus sabe como ganhou as jóias... Credo! Ele acaba Intendente, comadre.

— Tive que vender aquela colcha que ela trouxe, a meia de seda, a mala, aquela combinação bonita, rendada, que ela tinha, sabe? Aquele sapato branco novinho? Vendemo. Hoje foi o último vestido. Tudo, tudo em remédio.

— E por que não escreveu... não mandou escrever... pra ele?

— Comadre Geralda, este segredo foi uma bobagem minha, tantas que haviam na mesma situação. Mas com ela fiz segredo, não sei. Então ela, se vendo sozinha no quarto comigo, me chamou e disse me olhando muito: “Mamã [sic], quem é meu pai? A senhora nunca me disse.” E eu não disse, não tive coragem, me senti tão culpada,

tudo, enfim, cai na costa do pobre... comadre Geralda. As lágrimas me vieram. Ela arregalou tanto os olhos e se virou pro outro lado. Sem insistir. Não me disse um tantinho assim. Mais tarde me chamou e falou que eu nem me lembrasse de pedir nada a ninguém. E fazia com a mão como afastando uma coisa de cima dela. Perguntou se eu acreditava na história da igreja e caiu em soluços... Comadre Geralda, minha filha! Deus te abençoe, te abençoe... A Alaíde...

Abraçada à Alaíde, que surgira de súbito, nhá Felismina estava como desfalecida. Alaíde acariciou-lhe a cabeça, apertou-a ao peito, com os olhos secos, uma tranqüilidade, de repente se apoderava dela e sentiu que dali em diante tomaria conta da barraca e do tratamento de Orminda. Nada disse e conseguiu acomodar a velha num banquinho, enxugou-lhe os olhos com a barra do seu vestido preto, beijou a mão de nhá Geralda que lhe abençoava. Ouvia-se a lenha estalar no fogão e a luz da lamparina subia direito, fumaçando. Então Alaíde dirigiu-se ao quatinho clareado por um pequeno candeeiro. Viu um enorme embrulho na [361] rede e, a um canto, sentado numa esteira, uma moça que logo não a reconheceu, ah, a Antônia. Esta lhe fez um gesto para que se aproximasse da rede e falasse com a doente. Alaíde hesitou e instantaneamente refletiu que antes não tivesse vindo vê-la assim.

Ajoelhou-se ao pé da rede, a mão pousou no lençol que retirou de cima da cabeça de Orminda. Os cabelos boiaram maciços e quentes com um negror e um desalinho, lembraram a Alaíde a sombra da marca na torre da igreja. O rosto afinara-se, sem cor. Os olhos como que diminuídos, olhos de avesso, não se sabia explicar. A boca arroxeadada. Conservava a sua beleza, concluiu Alaíde. Nem o pior castigo, ou doença, podia com aquela força e aquele dom de ser bonita. Via-lhe a cicatriz, quis beijar-lhe a testa e se deteve, ajoelhada, a contemplá-la demoradamente. De súbito um medo a dominou, o de sentir-se contaminada por aquele sentimento de culpa que a doente lhe comunicava, um desejo de fugir dali, de agarrar-se

desesperadamente à vida que a amiga parecia arrebatá-la. Nunca a morte lhe foi tão brusca e real como a que sentia naquele corpo adormecido, inchando sempre. Teve pena e vergonha, no íntimo certo alívio por não ter aquela culpa, aquela agonia, se sentir viva, não era possível evitar.

— Minha filha, veja o que fizeram dela, o que fizeram dela. O que fizeram...

Rafael surgiu na porta e retirou a velha que arquejava. Alaíde descobriu todo o corpo da amiga, teve um calafrio, muito pálida. Uma inchação tão disforme, tão baça, onde aquele corpo, mana, oh doença... Um braço da enferma se moveu e isso fez com que Alaíde sorrisse, ou por nervoso ou por considerar sempre qualquer sinal de vida em Orminda era já excessivo em outras criaturas. Antônia aproximou-se e cochichou:

— Não conhece mais ninguém.

— Nem eu?

Alaíde procurou a mão da amiga, acariciou-lhe os cabelos, cobriu-a devagarinho com o lençol, receando machucá-la, debruçou-se sobre ela e calma falou:

— Orminda, olha quem está aqui contigo, mana. Abre os olhos e não se assuste.

[362] A enferma se moveu um pouco, a boca se retorceu e veio uma voz sumida, interrompida num arquejo, uma voz que Alaíde quase desconheceu:

— Cata, prima, cata... Tenho... piolho...

— Quem vai te catar, mana, é Alaíde. Sou eu, a Alaíde.

Falava para a doente como se suas palavras fossem remédio. E tinha todo o cuidado para não lhe fazer um susto como quem dava o remédio, devagarinho, a uma criança.

— Cheguei agora, Orminda. Venho te buscar para ir comigo pra Belém. Tu te cura e nós vamos. Tu tem que me conhecer, Orminda, mana.

— Cata, prima... Estou na igreja. Me marcaram.

— Tu estás comigo, mana. Ninguém te faz mal. Estás comigo e eu te defendendo, mana. Mas me conhece. Olha, é a Alaíde. Me ouve!

Nhá Felismina voltou e falou alto:

— Minha filha, é a Alaíde que tu chamava tanto, minha filha.

A doente abriu os olhos, obscuramente via a torre da igreja, seu corpo marcado, o sacristão a levava, quando deu por si quis correr pela escada da torre, ele a segurou, era mesmo um demônio e ela tombou aterrorizada. Uma escuridão desceu, a torre pesava sobre o peito.

— Mamã [sic], cante... o acalanto.

A mãe curvou-se e cantou:

Cavaleiro do meu pai,
Me dá um jarrito d'água
Se te der água, Silvana
Tenho a cabeça degolada

O acalanto misturava-se às vozes de muita gente mostrando a marca do corpo na torre. Silvana prisioneira da torre. Ela e Silvana nas mesmas torres que se confundiam. Suas cabeças, como Santo Ivo, degoladas. O corpo agarrado no chão da torre. Sombras e ruídos, cavalos galopando surdamente e, logo em silêncio, suspensos sobre uma escada negra que oscilava entre morcegos e altares. Um véu já sem cor os envolveu e os arrastou entre vagos [363] rostos para uma lama espessa e total, para aquela matéria que inchava sempre e invadia o mundo.

Orminda tentou erguer a cabeça. As torres estavam negras, os cavaleiros passavam, o manto de Nossa Senhora era negro sobre o chão desabando.

— Um sono...

Alaíde amparou-a e os cabelos da enferma desmancharam e se

derramaram pela borda da rede.

Deitou-lhe a cabeça num rolo de panos, cantou o acalanto bem baixinho e murmurou:

— É Alaíde que está aqui, mana. Dorme que amanhã tu me conhece. Dorme... Mana...

Durante a noite, dali não se afastou, veio a manhã, Orminda continuou adormecida e já passava do meio-dia, Alaíde rapidamente apanhou a cera de cima do oratório, nhá Felismina chamando:

Orminda, mea filha. Orminda... — deixava cair as suas lágrimas pelo rosto da morta.